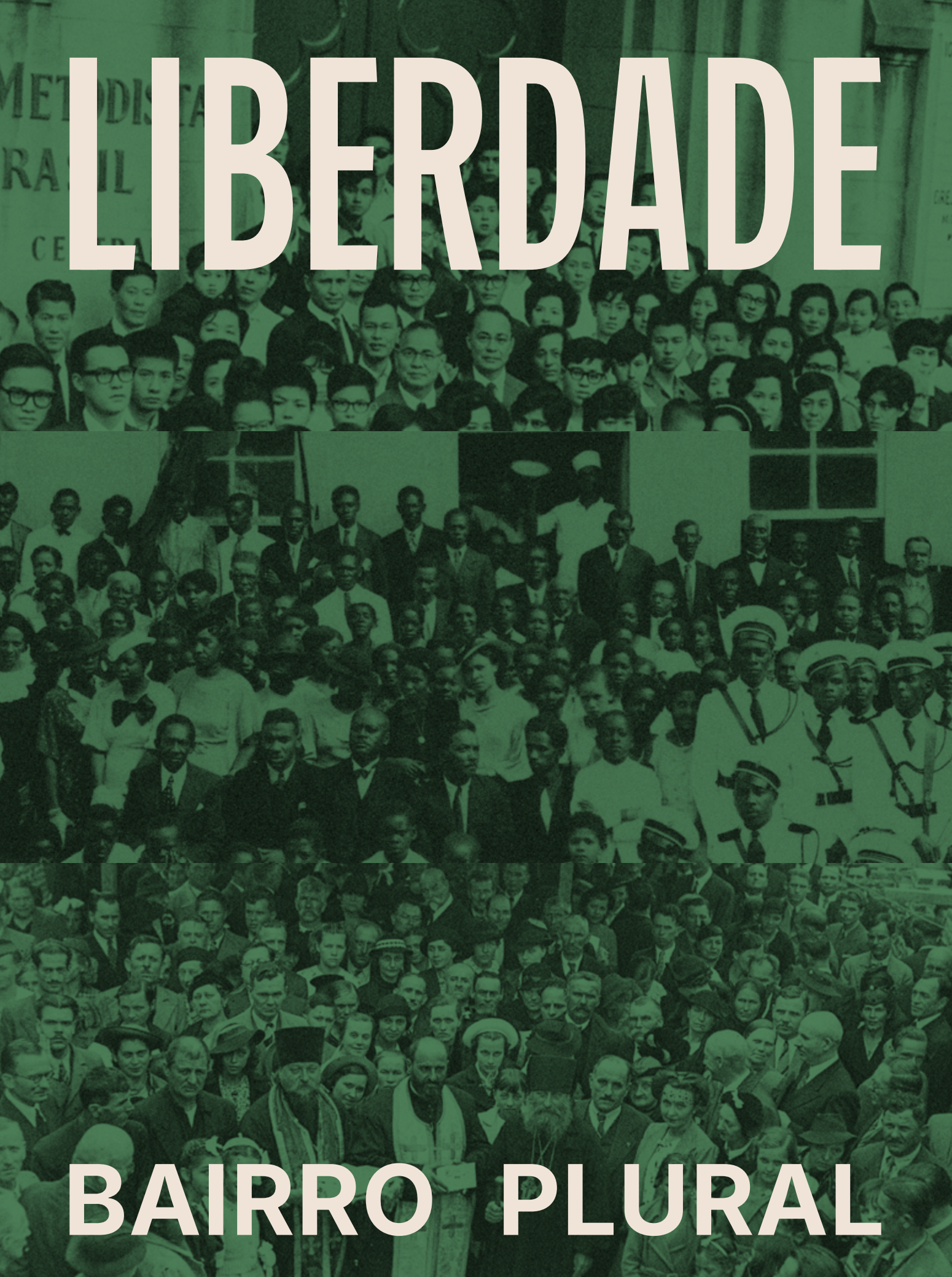




LIBERDADE

BAIRRO PLURAL

LIBERDADE

BAIRRO PLURAL

Ministério da Cultura apresenta

LIBERDADE

MUSEU
PAULISTA
— USP

FUNDAÇÃO DE
APOIO
AO
MUSEU
PAULISTA

O conteúdo deste catálogo
está disponível em audiolivro.
Acesse via código QR ou no site
do Museu Paulista da USP



SUMÁRIO

6 LIBERDADE, LIBERDADES
Prof. Dr. Paulo César Garcez Marins

8 TERRITÓRIO, PLURALIDADE E COMPROMISSO PÚBLICO
Mário Mazzilli

10 LIBERDADE: BAIRRO PLURAL
Paulo César Garcez Marins
Mônica Raisa Schpun

16 AS ORIGENS DO BAIRRO DA LIBERDADE
Francisco de Carvalho Dias de Andrade

26 UMA INTEGRAÇÃO SOCIAL QUE PÁSSA PELO ANCORAMENTO URBANO: A SINGULAR RELAÇÃO DOS NIPO-PAULISTANOS COM A LIBERDADE
Mônica Raisa Schpun

36 PAISAGEM TURISTIFICADA: PRESENCAS E OPACIDADES NO BAIRRO DA LIBERDADE
Paulo César Garcez Marins

44 LIBERDADE NEGRA: PRESENCAS E PERCURSOS AFRODIASPÓRICOS EM PERSPECTIVA
David William Aparecido Ribeiro
Aline Montenegro Magalhães

52 LIBERDADE: BAIRRO PLURAL

72 PRESENCAS

276 UM BAIRRO EM DISPUTA

312 ENGLISH VERSION

54 O que é um bairro?
55 Sobre a pluralidade
56 Origens do bairro da liberdade
68 Uma liberdade, muitos limites diferentes

74 Associação Okinawa Kenjin do Brasil 202 Igreja Nossa Senhora da Paz
84 Museu Histórico da Imigração Japonesa 220 Igreja de Nossa Senhora dos Remédios
94 Capela dos Aflitos 228 Centro Cultural de Taipei
100 Centro Cultural da Guiné 244 Templo Budista Busshinji
106 Casa de Portugal 252 Ocupação Jean-Jacques Dessalines
116 Catedral Maronita Nossa Senhora do Líbano 258 Frente Negra Brasileira
124 Catedral Metodista 270 Liga Itálica
140 Catedral Ortodoxa Russa 272 Igreja da Santa Cruz dos Enforcados e Casa de Velas Santa Rita
162 Exército de Salvação
178 Igreja Presbiteriana de Formosa
186 Sociedade Filarmônica Lyra

278 Onde era o Largo do Pelourinho? 292 A niponização da Liberdade
280 A expulsão dos japoneses 300 A praça e seus nomes
284 A expulsão dos alemães 304 O Cemitério dos Aflitos Redescoberto
288 A demolição da Igreja dos Remédios

LIBERDADE, LIBERDADES

Entre os principais desafios que orientam o Museu Paulista da USP está o alargamento de seu foco para a história dos múltiplos segmentos sociais que constituem a cidade de São Paulo e o próprio país.

Até 1989, ele esteve dedicado especialmente à memória das elites paulistas de origem colonial. Desde então, o Museu passou a abordar também os setores médios e populares, a vida de mulheres e crianças, bem como populações indígenas, afro-brasileiras, imigrantes e migrantes que constituíram e constituem o território paulista e nacional.

Dedicar uma exposição ao bairro paulistano da Liberdade é mais uma etapa nessa missão de compreender nossas trajetórias sociais a partir da pluralidade que caracteriza o Brasil. Estabelecida num território ocupado originalmente por populações indígenas que batizaram os rios que a contornam, a Liberdade foi configurada pela sucessão de populações que chegaram à cidade desde o século 18, quando suas ruas começaram a ser abertas, inclusive sobre antigos caminhos indígenas.

Tais presenças plurais não são, entretanto, igualmente lembradas no presente. Marcada por demolições, por expulsões ligadas à Segunda Guerra Mundial (1939-1945), por sua transformação em “bairro oriental” pela Prefeitura de São Paulo na década de 1970 e hoje também por remoções de moradores, a Liberdade sofreu processos que ocultaram os muitos sujeitos que a formaram. É também objetivo deste Museu abordar memórias lembradas desigualmente, que dificultam uma compreensão abrangente do passado da cidade, assim como de seu tempo presente.

Esta exposição contou com o apoio fundamental de 15 instituições situadas no bairro, que nos honraram com o empréstimo de acervos reunidos e mantidos cuidadosamente, como testemunhos dos muitos grupos sociais e étnicos que compuseram a Liberdade.

Para todos eles, a Liberdade, cujo nome remete à abdicação do imperador dom Pedro I em 1831, é também uma palavra que remete ao esforço de libertação que esses grupos constituíram na cidade, desde as lutas contra a escravidão até a conquista de oportunidades buscadas pelos imigrantes e migrantes que ali fizeram sua inscrição na metrópole paulistana.

TERRITÓRIO, PLURALIDADE E COMPROMISSO PÚBLICO

A história de territórios urbanos pode ser contada a partir das múltiplas formas de pertencimento, convivência e disputa que se acumulam ao longo do tempo. Poucos lugares em São Paulo (e talvez no próprio Brasil) expressam isso de maneira tão intensa quanto o bairro da Liberdade.

Suas ruas, instituições, seus comércios, templos religiosos e espaços de sociabilidade revelam como diferentes grupos sociais e étnicos atuaram simultaneamente e de maneira desigual para construir parte importante da experiência urbana paulistana, em um processo marcado por encontros e tensões, apagamentos e disputas de memória.

A exposição *Liberdade: bairro plural* reflete essa complexidade, além de se inserir em um movimento mais amplo do Museu Paulista da USP de aprofundar seu diálogo com a sociedade e com os diferentes públicos que a constituem. Ao olhar para a história do bairro a partir de suas múltiplas camadas sociais, culturais e migratórias, a exposição reafirma o compromisso do Museu e da FAAMP com uma compreensão plural da história brasileira, ancorada na pesquisa, mas permanentemente conectada às questões que atravessam o presente.

Esse movimento impacta igualmente a relação do Museu com seus públicos. O Museu do Ipiranga atua para transformar sua monumentalidade em encontro e pertencimento. Trata-se de um espaço capaz de acolher diferentes experiências, repertórios e formas de participação, aproximando-se de estudantes, professores, pesquisadores, famílias, pessoas com deficiência e públicos que historicamente estiveram distantes das instituições culturais.

É nesse contexto que se consolida uma agenda institucional compartilhada entre o Museu Paulista e FAAMP, agora em seu quarto ano de atuação conjunta. Mais do que viabilizar operações e projetos, como esta exposição, a Fundação atua para ampliar o impacto público do Museu, fortalecendo seu posicionamento e sua articulação com o setor privado, as instituições culturais e a sociedade civil. Essa parceria entre Museu e Fundação aproxima gestão, estratégia e compromisso público, ampliando a capacidade da instituição de produzir debates contemporâneos, sofisticados e relevantes, sempre a partir do rigor da pesquisa histórica.

Trata-se de um modelo de gestão comprometido com inovação, sustentabilidade e impacto social, orientado pela convicção de que eficiência administrativa e compromisso público não são dimensões opostas, mas complementares. Em um momento em que instituições culturais são desafiadas a ampliar sua relevância social, essa articulação entre gestão e interesse público torna-se parte central da própria missão do Museu.

Ao conectar território, pesquisa histórica e debate público, *Liberdade: bairro plural* reafirma o papel do Museu Paulista e da FAAMP na construção de uma instituição cada vez mais aberta à cidade, às pessoas e às questões do nosso tempo.

LIBERDADE: BAIRRO PLURAL

Narrar as experiências sociais e urbanas da cidade de São Paulo, do território paulista e também do brasileiro de maneira a destacar os múltiplos sujeitos que as compuseram tem sido um dos desafios que norteiam o Museu Paulista da USP nos últimos 35 anos. Desde a gestão de Ulpiano Toledo Bezerra da Meneses (1989-1994), a instituição foi sendo redirecionada para ampliar seu escopo científico de modo a compreender, a partir do estudo da cultura material, processos sociais pautados por segmentos sociais diversos, definidos pela pluralidade de classe, gênero ou etnicidades, cujos agentes estavam invisibilizados ou não presentes nas coleções museais.

Lugar de intensa complexidade étnica desde o período colonial, por estar em zona de fronteira entre grandes grupos macrolinguísticos indígenas, São Paulo foi povoada desde o século 16 (1501 a 1600) por levas sucessivas de portugueses de origem cristã e judaica, por espanhóis e por famílias de origem flamenga. A escravização de povos africanos trouxe compulsoriamente para o planalto paulistano homens e mulheres de incontáveis nações das costas ocidental e oriental da África, especialmente a partir do século 18. A partir do século 19, a imigração – estimulada pela demanda de mão de obra para a cafeicultura, pelo rápido transporte de navios a vapor e ferroviário e pela crescente urbanização da cidade – ampliou o rol de etnias que redefiniram continuamente a capital paulista com a chegada de imigrantes vindos da Europa, Oriente Médio e Extremo Oriente. As duas guerras mundiais e tantos outros conflitos ocorridos nas últimas duas décadas estimularam a chegada de novos fluxos vindos do Caribe, da América Hispânica, da África Ocidental, do Oriente Médio e mesmo do Leste Asiático, incluindo a cidade de São Paulo nas novas rotas migratórias mundiais.

Essa imensa diversidade, as práticas de convívio, as tensões e desigualdades e os papéis desempenhados por esses segmentos nas dinâmicas urbanas são, entretanto, ainda pouco presentes nas coleções do Museu, malgrado os esforços curatoriais das últimas três décadas. Repensar continuamente os acervos e projetos de pesquisa que norteiam a curadoria de coleções e de exposições é, portanto, uma estratégia que auxilia a instituição a reposicionar seus compromissos acadêmicos e éticos, visto que são marcadamente pautados, como em qualquer instituição análoga, por processos de lembrança, mas também de amnésia e de ocultamento.

Nesse sentido, tornar o bairro paulistano da Liberdade tema de uma exposição temporária no Museu do Ipiranga é um desafio para o Museu Paulista da USP enquanto instituição de reflexão sobre o passado e o presente da cidade e de seus agentes. Lembrada frequentemente como “bairro japonês” ou “bairro oriental”, por conta de sua paisagem humana, dos artefatos simbólicos que pontuam seus espaços públicos e de parte expressiva de seus comércios e restaurantes, a Liberdade é, entretanto, etnicamente complexa e fundamentalmente plural.

Enfrentar a complexidade desse bairro como tema impõe, portanto, tomar as presenças étnicas não apenas como justapostas ou sobrepostas, mas disputando uma paisagem tantas vezes refeita ao longo dos séculos. Tais presenças foram mobilizadas nesta exposição segundo um critério institucional, isto é, de entidades e associações, formais ou informais, que materializam tanto suas inscrições no bairro quanto os esforços empregados para perpetuá-las – inclusive nos casos de expulsões determinadas pelo Estado. Foram essas instituições que se responsabilizaram por preservar os acervos expostos que documentam a presença dos grupos étnicos na Liberdade. Fotografias, pinturas, plantas arquitetônicas, livros, objetos litúrgicos ou sagrados, móveis, suvenires, instrumentos musicais, emblemas e vestimentas foram selecionados muitas vezes em parceria com seus guardiães, que por vezes indicaram quais seriam os objetos mais testemunhais de sua presença no bairro e na cidade.

A abordagem do bairro visa, portanto, enfrentar a problemática das implantações étnicas ao longo do tempo em uma região central da cidade, o que permite evidenciar, ao mesmo tempo, a fragilidade e a resiliência do patrimônio das migrações diante da violência dos processos urbanos de São Paulo.

Abordar a Liberdade como um bairro plural passa, antes de tudo, pela noção complexa de “bairro étnico”, espaço que é recorrentemente marcado pelo movimento e pela instabilidade¹. Nesse sentido, um bairro étnico é o testemunho das migrações no espaço. Se nele pode ser lida a história das migrações, é porque elas ali deixam suas marcas, transformando-o continuamente em virtude das diversas chegadas, permanências e partidas ao longo do tempo. Além disso, o bairro étnico reúne, num espaço comum, os constrangimentos econômicos e as escolhas socioculturais feitas pelos grupos migrantes: ele é, de certo modo, um espelho das concentrações culturais e um trampolim para os processos de inserção na sociedade de acolhida, no tecido urbano e no mercado de trabalho. Isso graças à convivência, às trocas de informação, à ajuda mútua, formal e institucionalizada, ou informal, mas também à hospitalidade, às vizinhanças mais ou menos simpáticas, aos nichos profissionais disponíveis que tomam, muitas vezes, perfis étnicos.

Para que um bairro seja étnico, não é preciso que um grupo seja majoritário, basta que exista uma concentração significativa e

1 Sobre a definição de “bairro étnico” e as características elencadas aqui, ver: GREEN, Nancy L. “Le quartier ethnique en formation et transformation: histoires, historiographies”. In *Lucette Valensi à l’œuvre: une histoire anthropologique de l’Islam méditerranéen*, Paris: Éditions Bouchène, 2002, p. 175-193; DUFOIX, Stéphane & Valérie Foucher. “Les Petites Italies (et les autres...)”: éléments de réflexion sur la notion d’ethnoterritoire”. In BLANC-CHALÉARD, M.-C.; BECHELLONI, A.; DESCHAMPS, B.; DREYFUS, M.; VIAL, E. *Les Petites Italies dans le monde*, Rennes: PUR, 2007, p. 423-436.

2 Sobre concentrações étnicas ver: BLANC-CHALÉARD, Marie-Claude. *Les Italiens dans l’Est parisien. Une histoire d’intégration (années 1880-1960)*, Rome: École française de Rome, 2000.

3 Sobre a escolha de um ponto consensual para a inscrição institucional de um grupo étnico disperso na cidade, ver: ZECKER, Robert. “‘Where Everyone Goes to Meet Everyone Else’: the Translocal Creation of a Slovak Immigrant Community”, *Journal of Social History*, 38, 2, inverno de 2004, p. 423-453.

visível. A atmosfera toma então a dianteira em relação à demografia. Inclusive porque os espaços de concentração étnica funcionam como ímãs, atraindo os membros do grupo que não habitam o território, mas que o frequentam, pela proliferação de comércios e instituições representativas. A circulação étnica é, de fato, sempre maior do que a implantação residencial dos membros de um grupo, fenômeno no qual a Liberdade é exemplar. Embora muitas instituições centrais de grupos étnicos, como russos, alemães ou libaneses, ali se localizem, o bairro nunca foi para eles um espaço residencial privilegiado. A escolha de estabelecer suas instituições no bairro deu-se pela sua centralidade ou pelos preços de terrenos mais acessíveis.

O resultado de tantas inscrições étnicas são ambiências compostas pelas construções, por letreiros e vitrines, produtos e ingredientes alimentares, vestimentas e adereços, além de outros elementos mais ou menos sutis que ocupam o espaço pelo qual circulam moradores, frequentadores e transeuntes. E estes assistem, com o passar do tempo, às transformações físicas do bairro e do modo como é visto.

Objeto em constante mutação, o bairro étnico é também impreciso. Suas fronteiras dependem das percepções, não coincidindo, no mais das vezes, com perímetros administrativos. Elas também são porosas, pois o bairro étnico é aberto, comunicando-se constantemente com o exterior: grupos e indivíduos chegam, partem, atravessam o espaço, se atardando ou não, ali atuam, se encontram, se disputam, trabalham, se divertem, consomem. E, já que se trata de uma configuração complexa, as duas dimensões do bairro étnico – territorial e mental – podem ou não coincidir com as fronteiras que desenham a presença dos grupos étnicos nas cidades.

Todas essas características de inscrição étnica e fluidez geográfica que desenham o bairro étnico estão presentes na Liberdade, território paulistano plural por excelência, ontem e hoje. Nesse espaço, instalaram-se desde cedo grupos diversos que permaneceram mais ou menos longamente, que deram lugar a ou coabitaram com outros, que os seguiram, sucederam, substituíram, se avizinham e com os quais conviveram, nem sempre em harmonia.²

Nem todos elegeram o bairro como espaço de residência, nem todos desenharam ali uma concentração étnica. Mas sua extrema centralidade, a poucos metros da Sé, tornava a frequência acessível a todos. Assim, tais grupos estabeleceram instituições étnicas, culturais, de ajuda mútua.³ Essa miríade de organizações o caracteriza de modo particular: se outros tantos são, como a Liberdade, multiétnicos, nem todos apresentam tal variedade e tal enraizamento de representações institucionais, tal pluralidade.

Essa configuração pautada pela diversidade foi cedo percebida, já que alguns grupos optaram por se instalar no bairro, institucionalmente, para assistir ou cooptar membros de outros grupos,

compreendendo que, além da centralidade, tratava-se de fato de um território particular, *the place to be*. Assim, padres scalabrinianos, missionários metodistas e membros do Exército de Salvação estadunidenses, não por acaso, ali abriram suas portas.

A atração exercida pela Liberdade não cessou até hoje, pois sua centralidade é inseparável das estratégias de quem busca se inserir no mercado de trabalho, pelas ofertas de emprego formal ou informal, que ali são numerosas, e pela maior facilidade de circulação pela cidade. Além disso, a presença de edifícios malconservados, deteriorados, torna possível a moradia barata a populações pobres e vulneráveis: as ocupações contemporâneas são testemunhas dessa inteligência migratória, do apelo ainda vivo do bairro, de seu caráter – mais que centenário – de espaço ao mesmo tempo central e popular.

Entretanto, a harmonia não é um traço obrigatoriamente marcante do território. Reivindicado explícita ou implicitamente por aqueles que o ocupam há mais ou menos tempo, o bairro tornou-se nos últimos anos foco de uma disputa memorial entre representantes das populações afrodescendentes, ali presentes há tempos, como em tantos outros pontos da cidade, e dos nipo-paulistanos.⁴ As recentes mudanças do nome da praça da Liberdade – hoje Praça da Liberdade África-Japão – e da estação de metrô ali situada – atualmente Japão-Liberdade – são a expressão mais visível dessa querela do presente. A politização do espaço urbano não é jamais ausente nesses processos. E faz parte também da leitura que escolhemos apresentar do bairro, numa visada que recoloca o Museu Paulista e o Museu do Ipiranga como espaços institucionais para repensar a cidade, suas materialidades e seus sentidos, para muito além dos acervos que até hoje puderam ali ser reunidos.

4 Sobre a experiência dos imigrantes japoneses e seus descendentes na Liberdade, ver: SCHPUN, Mônica Raísa. “The Japanese Community of São Paulo, *Liberdade*, and Brazilian State Persecution (1937-45)”, *Verge: Studies in Global Asias*, 5 (1), 2019, 209-236. Disponível em: <https://doi.org/10.5749/vergstudglo-basia.5.1.0209>. Acesso em: 10 jun. 2026; SCHPUN, Mônica Raísa. “Discriminación étnica: los inmigrantes japoneses en São Paulo en los años 1930-1940”. In: GONZÁLEZ MARTÍNEZ, Elda; GONZÁLEZ LEANDRI, Ricardo (org.), *Migraciones transatlánticas. Desplazamientos, etnicidad y políticas*. Madrid: Editorial Catarata, 2015, p. 223-247; Marins, Paulo César Garcez. *Cem anos de imigração japonesa no Brasil: horizontes de convívio*. In: *Ol, Célia*; MARINS, Paulo César Garcez (org.). *O Japão em cada um de nós* (catálogo de exposição). São Paulo: Banco Real, 2008, p. 11-21.

AS ORIGENS DO BAIRRO DA LIBERDADE

Embora apresente hoje uma das faces mais cosmopolitas da região central da cidade de São Paulo, o bairro da Liberdade foi, durante séculos, uma zona pouco povoada. Considerando apenas o nome com que era comumente citada nos documentos coloniais, “campo da Força”, se infere a escassez de moradores e o vazio urbano que a marcaram durante a maior parte da história paulistana.

Era ali a parte mais alta da colina onde os jesuítas fundaram o colégio de São Paulo de Piratininga em 1554, elevado a vila seis anos mais tarde. Ao contrário das partes mais baixas, o topo da colina tinha o solo mais pedregoso e a vegetação mais rala, ajudando a dar destaque a um pequenino morro de cerca de cinco metros de altura, que serviu como uma das primeiras pedreiras da cidade – os primeiros calçamentos da vila foram feitos com pedras retiradas de lá, assim como as paredes mestras da segunda igreja construída pelos jesuítas, no século 17.¹

Mesmo sendo um arrabalde despovoado, a região já cumpria funções essenciais, cedo tendo se tornado a principal porta da vila por onde entravam mercadorias, transitavam gado e tropas de mulas. Foi uma decorrência direta de por ali passarem caminhos de importância fundamental para a vila e, depois, para a cidade de São Paulo. Até 1870, o largo da Liberdade era o ponto de estacionamento dos carros que abasteciam a cidade com madeiras de construção.

Nunca é demais lembrar a importância das encruzilhadas para o surgimento de núcleos urbanos. Não foi diferente no caso paulistano, cujo sítio urbano inicial foi determinado pelo ponto onde se encontravam dois caminhos indígenas de origem pré-cabralina. Um deles era a chamada “Trilha dos Tupiniquins”, que vinha do litoral e seguia para Pinheiros, adentrando cada vez mais pelo planalto. O outro era a trilha que ligava as aldeias de Piratininga e Ibirapuera – chefiadas pelos irmãos Tibiriçá e Caiubi, respectivamente, os principais caciques a se aliar aos jesuítas e aos primeiros colonos portugueses que aqui se estabeleceram.²

1 PINTO, Alfredo Moreira. *A cidade de São Paulo em 1900: impressões de viagem*. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1900, p. 18.

2 O local onde as duas vias se encontravam, segundo o rigoroso estudo de Eudes Campos, corresponde ao antigo Largo da Sé. Ver CAMPOS, Eudes. A vila de São Paulo do Campo e seus caminhos. *Revista do Arquivo Municipal*, São Paulo, n. 204, p. 14-22, 2006.

O caminho de Ibirapuera foi a origem das atuais avenidas da Liberdade e Vergueiro e tornou-se a principal via do futuro bairro. Como a maior parte dos caminhos indígenas, ele procurava seguir pelas cotas mais altas dos terrenos, evitando, sempre que possível, subidas e descidas mais íngremes. Assim, ele rumava para Ibirapuera pelo espigão da colina, ascendendo de modo regular até alcançar a avenida Paulista, de onde continuava pela rua para Santo Amaro, a região onde ficava a aldeia de Caiubi.³

O outro trajeto determinante para o surgimento do bairro foi a própria estrada de Santos – o Caminho do Mar, o primeiro aberto pelos portugueses –, que sempre foi a mais importante estrada paulistana.⁴ Foi também chamado de Caminho do Padre José, em referência à José de Anchieta, e deu origem às atuais rua da Glória e rua do Lavapés. Anteriormente, contudo, a estrada descia em direção ao Tamanduateí por um trilho de que não resta nenhum vestígio, mas está bem assinalado no *Mappa da Imperial Cidade de São Paulo*, feito em torno de 1790 (ver imagem 2 na p. 57). O trecho final da rua da Glória e o inicial da rua do Lavapés ainda não deviam existir e só a partir da década de 1840 começariam a aparecer nas plantas da cidade. No pequeno quadro pertencente ao Museu Paulista “Rua da Glória e largo de São Paulo”, é possível distinguir os dois acessos: no primeiro plano, vê-se o acesso mais antigo e, ao fundo, a rua da Glória (ver imagem 1 na p. 56).

Na segunda metade do século 18, a necessidade de conectar as diferentes saídas da cidade fez surgir um terceiro caminho que ligava a rua da Tabatinguera à outra margem do Anhangabaú, onde se abria uma nova estrada para Santo Amaro. Seu trajeto, ao contornar a pequena elevação que ali havia, acabou dando o contorno definitivo dos primeiros logradouros do futuro bairro, como o largo do Pelourinho (largo Sete de Setembro) as travessas da Glória (rua Conde do Pinhal) e da Santa Cruz (rua Álvaro Machado). Além deles, muitas das mais antigas ruas do bairro surgiram como meras travessas que conectavam diferentes pontos desses três caminhos principais.

No século 17, a região também passou a abrigar a força da vila, como se faz ver no termo feito pelo escrivão da Câmara Municipal, em 1635:

Certifico, eu, Ambrósio Pereira, escrivão da câmara desta vila de São Paulo, que é verdade que os oficiais da câmara deste ano presente mandaram levantar força no rebalde desta vila, a qual eu, escrivão da câmara, vi feita e armada este dito ano no rebalde desta vila, perto do caminho que vai para o mar.⁵

Foi ela o primeiro de uma série de equipamentos que ali seriam instalados a fim de mantê-los afastados do restante da povoação.⁶ Mesmo que fosse costumeiro erguer-se a força junto da estrada mais frequentada, como um macabro aviso para os forasteiros que chegavam, outro fator parece ter sido levado em

- 3 Seu trajeto é hoje bem conhecido e coincide com o que foi o chamado “caminho do carro de Santo Amaro. Cf. MONTEIRO, Zenon Fleury. *Reconstituição do caminho do carro para Santo Amaro*. São Paulo: Prefeitura Municipal de São Paulo, 1943.
- 4 A trilha dos Tupiniquins, ou Caminho do Mar Velho, foi muito pouco usada após a fundação da vila. Na verdade, a elevação do aldeamento jesuítico de Piratininga à condição de vila coincidiu com o início da abertura do novo caminho, o que foi um fator decisivo na sobrevivência da nova povoação.
- 5 SÃO PAULO (Município). *Actas da Câmara Municipal de São Paulo*. v. 4. São Paulo: Prefeitura Municipal, 1915, p. 272-273.
- 6 Entre o final do século 16 e início do século 17, foram erguidas forcas nas vizinhanças do convento do Carmo e também no atual bairro do Bexiga.

- 7 SÃO PAULO (Município). *Actas da Câmara Municipal de São Paulo*, vol. 16, 1920, p. 413.
- 8 SÃO PAULO (Município). *Actas da Câmara Municipal de São Paulo*, vol. 16, 1920, p. 425.
- 9 Cumpre lembrar que, à época, os enterramentos ocorriam principalmente no interior ou nos adros de igrejas e capelas, e sua importância era tanta que garantir o sepultamento esteve entre as principais razões da intensa atuação das irmandades religiosas na construção de novos templos.

consideração: nos arredores do morro da Forca, a colina começava a se estreitar em função do processo erosivo causado por pequenos córregos que ali existiam em maior número, como o Lavapés. Desse modo, mostravam-se ali terrenos mais íngremes e exíguos, cujo solo pedregoso e batido pelos ventos oferecia pouca atratividade para a ocupação urbana imediata. Tal condição tornava-os especialmente vantajosos para receber tais equipamentos, o que acabaria por definir o caráter malfazejo e insalubre pelo qual a região foi conhecida até meados do século 19.

A partir de 1765, quando a Coroa reconstituiu a capitania de São Paulo como unidade administrativa (em 1748, ela havia sido incorporada à capitania do Rio de Janeiro), houve um crescente cuidado dos novos governadores de dotar a cidade de São Paulo de equipamentos condizentes com o retorno de sua condição de capital. Tratava-se não apenas de uma preocupação urbanística, mas também tinha o claro objetivo político de reafirmar a autoridade da Coroa e de seus representantes.

É sobremodo revelador que um novo pelourinho e uma nova força tenham sido erguidos pelas autoridades paulistanas praticamente ao mesmo tempo: em 1775, a Câmara Municipal encomendou a obra de um novo pelourinho, a ser instalado no largo mais próximo à principal entrada da cidade, que, dali em diante, passou a ser conhecido como largo do Pelourinho.⁷ Alguns meses depois, a força foi outra vez levantada no topo da colina por determinação da Junta de Justiça, um recém-criado tribunal local cuja preocupação maior era julgar crimes cometidos por negros escravizados, libertos, mulatos livres e soldados.⁸ Antes que o ano acabasse, o Bispado inaugurou, em terreno próximo à força, o primeiro cemitério público da cidade, cujo nome descrevia perfeitamente os grupos sociais a quem era destinado: cemitério de Nossa Senhora dos Aflitos, ou simplesmente “cemitério dos Aflitos”.⁹ Até ser desativado em 1858, ano em que foi inaugurado o cemitério da Consolação, o cemitério dos Aflitos foi o único lugar para sepultar a população indigente da cidade, além de receber os cadáveres de mortos por doenças contagiosas e de escravizados e criminosos executados na força.

Um ano antes, em 1774, outra edificação ligada ao poder estatal também havia se instalado na região da atual Liberdade, a Casa da Pólvora, um depósito de material militar, cujo risco de explosão demandava um afastamento da zona permanentemente habitada – ela ficava depois da força, no local ainda hoje conhecido como largo da Pólvora.

Portanto, em um espaço de pouco menos de dois anos, esses novos equipamentos ligados à tortura, à violência, à pobreza e à morte instituíram um estigma social que perduraria por quase cem anos, sendo ainda revigorado na primeira metade do século 19, quando foram construídos um hospital e um matadouro nas redondezas. Nessa época, a legislação urbanística passou a incorporar os preceitos médicos que atribuíam a origem de doenças e

epidemias aos “ares infectos” e aos “miasmas” emanados de corpos e terrenos putrefatos. Desse modo, a presença de equipamentos como cemitérios, hospitais e matadouros começou a ser vista como uma ameaça à saúde pública, e eles passaram a ser construídos em áreas mais afastadas e pouco habitadas.

Em 1825, a Santa Casa de Misericórdia, buscando estar mais perto do cemitério, transferiu seu hospital para a chácara dos Ingleses, que ficava num promontório próximo à rua da Glória, ponto assinalado como o hospital “velho” em uma planta da cidade de 1841 e, possivelmente, registro original em que a pequena tela de José Wasth Rodrigues foi baseada (ver imagem 1 na p. 56). Em 1840, um novo hospital foi construído vizinho ao cemitério, na esquina da rua da Glória com a rua dos Estudantes.

Por fim, em 1852, foi inaugurado um matadouro na margem direita do Anhangabaú – um de seus acessos era feito por uma ladeira iniciada na rua da Liberdade, próxima à Casa de Pólvora. Esse foi o segundo matadouro criado pelo município, que ficou conhecido como matadouro¹⁰ de Humaitá devido à proximidade com a rua de mesmo nome, aberta já em fins do século 19. Os resíduos da matança e o descarte do gado tingiam o ribeiro de sangue, espalhando também um cheiro fétido que o acompanhava por um bom trecho.

Paradoxalmente, na década entre a construção do novo hospital e do novo matadouro, a população residente nas cercanias do campo da Força começou a aumentar, em um movimento denunciado pelos protestos contra as más condições de higiene e a presença desses equipamentos tão malquistos.

Em 1851, os habitantes “das imediações” solicitaram que o cemitério e a força fossem removidos para “outros lugares mais próprios que os atuais”. O pedido de remoção do cemitério foi justificado “pelos males que pode causar à saúde pública” e, da força, “por morarem em derredor dela muitas famílias, que muito sofrem quando se realizam aquelas execuções”.¹¹ Cabe lembrar que os executados na força eram, via de regra, escravizados condenados por crimes graves, como assassinatos de senhores ou capatazes. Os vereadores parecem ter anuído à solicitação feita, pois, além de se ter desativado o cemitério dos Aflitos, não se encontram mais referências à força na documentação oficial até 1856, quando uma carta de concessão de terras fez alusão “à extinta força”.

Alguns anos depois, em 1857, o fiscal da câmara pediu que os vereadores tomassem providências contra o costume das africanas livres a serviço do Quartel de Linha que atiravam o conteúdo das latrinas dos soldados no morro da Força, incomodando seus moradores. Durante a primeira metade do século 19, o morro foi comumente designado como um dos pontos autorizados para descarte de lixo.

10 O primeiro matadouro também ficava junto ao Anhangabaú, mas em um ponto mais abaixo, próximo ao atual largo da Bandeira.

11 SÃO PAULO (Município). *Actas da Câmara Municipal de São Paulo*, 1939, vol. 38, p. 220.

12 *Correio Paulistano*, São Paulo, 5 nov. 1862, p. 2.

Já em 1862, foi a vez de as queixas se dirigirem contra a Casa de Pólvora. Em artigo publicado no *Correio Paulistano* solicitando sua remoção, o autor foi claro em destacar o quanto o bairro já se povoava:

No tempo em que a cidade como que findava no largo da Força, não havia inconveniente algum de estar essa casa na situação em que se mantém até hoje.

Atualmente, não acontece isso; a cidade povoada prolongou-se de tal modo que a casa de Pólvora já se acha no foco de população.¹²

Mesmo que aqui “cidade povoada” não significasse área urbanizada, e a região mantivesse um aspecto periurbano, o sentido da observação estava mais do que correto: o campo da Força era agora um bairro paulistano. Não por acaso, a Câmara Municipal tomara uma primeira ação positiva para a sua valorização e, já 1858, alterara o nome do largo, o principal logradouro público do bairro, para largo da Liberdade, por ter ali sido instalado o chafariz de mesmo nome, que antes funcionava em frente ao convento de São Francisco.

Em 1865, os vereadores tomaram a mesma atitude em relação ao largo do Pelourinho e, por decreto, o rebatizaram com o nome que ainda mantém: largo Sete de Setembro. Com isso, apagavam a memória dos açoites públicos de escravizados, outrora tão comuns na cidade, mas que os ventos liberais da década tornavam cada vez mais escandalosa.

Um último indício que vale a pena citar sobre a rapidez com que o bairro se formava é o aumento nos pedidos de nivelamento das ruas e alinhamento dos lotes registrados nas cartas de concessão de terrenos expedidas pela Câmara, principalmente nos pontos em que a topografia era mais irregular, como nas proximidades do próprio largo (ver imagens 1 e 2 na p. 60). Assim, ao longo das décadas de 1850 e 1860, foram comuns pedidos em que os moradores se ofereciam para nivelar suas ruas em troca de acréscimos nos lotes concedidos ou da isenção de taxas.

Desse modo, ao findar de 1884, os equipamentos que tanto macularam o bairro já tinham todos desaparecido. Nesse ano se inauguraram o matadouro da Vila Mariana e o novo hospital da Santa Casa de Misericórdia, no Arouche, e, com isso, foram desativados o matadouro de Humaitá e o hospital da rua da Glória.

As décadas de estigma social e de escassez populacional, contudo, legaram enormes terrenos desocupados e chácaras ainda por se lotear. Em meio ao grande aumento da imigração estrangeira e à chegada da gente do interior que deixava as fazendas de café naqueles últimos anos de escravidão, a cidade de São Paulo crescia vertiginosamente, e o bairro da Liberdade logo passaria a receber uma parte muito representativa desses novos moradores.

A FORÇA E A MEMÓRIA LOCAL SOBRE O PASSADO COLONIAL

São várias as histórias sobre a antiga força do largo da Liberdade. Algumas delas estabelecem uma relação direta entre ela e a origem do nome do largo e do bairro. Todas giram em torno do malfadado enforcamento do cabo José Francisco das Chagas, líder de um motim militar em Santos, que foi executado em 21 de setembro de 1821, junto com o seu companheiro de armas, Joaquim Cotindiba.

Conforme a versão mais difundida, a multidão que acompanhava a execução de Francisco das Chagas, o Chaguinhas, teria começado a clamar “Liberdade!”, após ter ele subido ao patíbulo duas vezes para o cumprimento da sentença e, em ambas, escapado da morte pelo rompimento das cordas. Era costume que casos assim resultassem no perdão dos crimes do sentenciado, uma vez que eram interpretados como atos de salvação divina. Contudo, as autoridades coloniais assim não o entenderam e mandaram prosseguir com a execução, bem-sucedida na terceira tentativa. Seu corpo foi enterrado no cemitério dos Aflitos, e um pequeno cruzeiro de madeira teria sido erguido junto ao morro da Força para a disposição de velas e orações em sua memória. Segundo Affonso de Freitas, a primeira cruz teria sido erguida em um ponto mais distante da atual capela, mas, conforme progrediam os trabalhos de nivelamento do largo, foi sendo removida até atingir o lado oposto ao que estava originalmente¹³ (ver imagem 2 na p. 62).

Independentemente do lendário desenvolvido em torno do enforcamento de Chaguinhas, sua morte sempre foi considerada injusta, motivando o surgimento da devoção popular em sua memória. Em 1879, um artigo publicado no *Almanach Literário Paulista* atestava a existência do culto à sua alma e delimitava o local onde ocorria:

(...) ainda há pouco tempo, as velhas beatas iam ajoelhar-se no portão desse cemitério [dos Aflitos], acender ali algumas velas e rezar com verdadeira devoção pela alma do infeliz Chaguinhas, a quem sempre consideraram vítima inocente de um erro da justiça humana.¹⁴

O texto é revelador, pois deixa claro que o culto popular a Chaguinhas ocorria nos portões do antigo cemitério desativado, e não no largo da Liberdade, onde estivera a força e onde, desde pelo menos 1868, já se erguia um pequeno cruzeiro de madeira.¹⁵ Desse modo, é muito provável que o cruzeiro existente no largo pouco dissesse a respeito da memória de Chaguinhas, em nada se distinguindo dos muitos cruzeiros que sempre foram comumente erguidos às entradas de vilas e cidades brasileiras.

A partir do final da década de 1870, esse cruzeiro passou a abrigar as festas da “Santa Cruz do largo da Força”, promovidas

¹³ FREITAS, Affonso de. *Tradições e reminiscências paulistanas*. São Paulo: Monteiro Lobato & Cia., 1921, p. 18-19.

¹⁴ “Movimento popular em Santos a 29 de junho de 1821”. *Almanach Litterário de São Paulo para o anno de 1880*, São Paulo: Typ. da Província, 1879, p. 199-201.

¹⁵ Neste ano, o jornal *O Diário de S. Paulo* se refere ao ponto culminante da cidade como sendo o “largo de Santa Cruz, que fica além da igreja dos Remédios”. Cf. *O Diário de S. Paulo*, São Paulo, 22 fev. 1868, p. 2.

¹⁶ *O Estado de S. Paulo*, 28 jan. 1907.

pela irmandade de Nossa Senhora dos Remédios, então presidida pelo célebre abolicionista Antônio Bento de Souza e Castro (1843-1898). Não é de se admirar, portanto, que a primeira capela de Santa Cruz no largo tenha sido erguida entre 1887 e 1891 por Olegário Pedro Gonçalves, andador da irmandade dos Remédios, e por um Chico Cego, ex-escravo de Juca Frade, morador do largo da Liberdade.

Na verdade, tão forte era a ligação da pequena capela com os abolicionistas que os festejos de 13 de Maio acabavam se sobrepondo à comemoração do dia de Santa Cruz, realizada no dia 3 do mesmo mês. O programa das festas da Abolição não raro envolviam a realização de missas na capela de Santa Cruz, depois das quais discursavam os patronos em coreto armado e iluminado no largo da Liberdade, em frente à casa onde morava o próprio Antônio Bento (ver imagem 3 na p. 63); podendo ainda se seguir uma procissão da irmandade dos Remédios. Nas festas de maio de 1899, os degraus da capela de Santa Cruz serviam de base para o altar de uma grande missa campal em memória da Abolição, a primeira após a morte de Antônio Bento.

Diante desse contexto, parece mais acertado pensar que tanto as festas como a capela da “Santa Cruz dos Enforcados” fizessem referência aos escravizados que foram ali executados, em número muito maior do que o de homens livres, diga-se de passagem. Nos primeiros anos do século 20, o sentido coletivo da devoção da capela de Santa Cruz estaria ainda bastante claro, e as missas das segundas-feiras, dia dedicado às almas do purgatório, eram anunciadas em intenção das “almas das pessoas que foram enforcadas no antigo lugar em que está edificada a capela”.¹⁶

A figura de Chaguinhas, em tudo ausente nas menções encontradas a respeito dos anos iniciais da capela, parece ter sido a ela vinculada por obra de historiadores do Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo (IHGSP). Nos anos que antecederam o Centenário da Independência, a história do motim de 1821 voltou a ganhar relevância em livros, artigos e matérias de jornais, ajudando assim a dar contornos históricos ao santo popular e ligando o seu suplício em definitivo à origem da capela de Santa Cruz das Almas dos Enforcados.

BIBLIOGRAFIA E FONTES CONSULTADAS

Almanach litterário de São Paulo para o anno de 1880. São Paulo: Typographia da Província, 1879.

CAMPOS, Eudes. A vila de São Paulo do Campo e seus caminhos. *Revista do Arquivo Municipal*, São Paulo, n. 204, p. 11-34, 2006.

Correio Paulistano. São Paulo, 5 nov. 1862, p. 2.

FREITAS, Affonso de. *Tradições e reminiscências paulistanas*. São Paulo: Monteiro Lobato & Cia., 1921.

MONTEIRO, Zenon Fleury. *Reconstituição do caminho do carro para Santo Amaro*. São Paulo: Prefeitura Municipal de São Paulo, 1943.

O Diário de S. Paulo. São Paulo, 22 fev. 1868, p. 2.

O Estado de S. Paulo. São Paulo, 28 jan. 1907.

PINTO, Alfredo Moreira. *A cidade de São Paulo em 1900: impressões de viagem*. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1900.

SÃO PAULO (Município). *Actas da Câmara Municipal de São Paulo*. v. 4. São Paulo: Prefeitura Municipal, 1915.

SÃO PAULO (Município). *Actas da Câmara Municipal de São Paulo*. v. 16. São Paulo: Prefeitura Municipal, 1920.

SÃO PAULO (Município). *Actas da Câmara Municipal de São Paulo*. v. 38. São Paulo: Prefeitura Municipal, 1939.

FRANCISCO DE CARVALHO DIAS DE ANDRADE

Professor do Museu Paulista da Universidade de São Paulo (USP). É doutor em História pela Universidade Estadual de Campinas na área de História da Arte, tem se dedicado à preservação do patrimônio cultural brasileiro e realizado pesquisas sobre cultura material, história das técnicas e história da arquitetura e do urbanismo no Brasil.

UMA INTEGRAÇÃO SOCIAL QUE PÁSSA PELO ANCORAMENTO URBANO: A SINGULAR RELAÇÃO DOS NIPO-PAULISTANOS COM A LIBERDADE

Os imigrantes japoneses começaram a se instalar na Liberdade pouco depois da chegada, em 1908, do primeiro navio vindo de Kobe. Concentraram-se na rua Conde de Sarzedas, que logo passou a ser chamada de “rua dos japoneses”, e no seu entorno. Alguns desses pioneiros vendiam produtos agrícolas no mercado central da cidade. Outros eram artesãos (carpinteiros, pintores de paredes) ou operários.

Desde cedo, as primeiras pensões abriram suas portas no bairro, oferecendo aos agricultores de passagem pela cidade pernoite e refeições num ambiente japonês. Os jovens, cujas famílias em melhor situação financeira mandavam estudar na capital (ver imagem 2 na p. 89), também recorriam às pensões: a culinária e a língua permitiam a manutenção de um elo étnico-cultural. Nos porões dos casarões da Conde de Sarzedas, muitos dispuseram leitos para pensionistas ou abriram os primeiros armazéns, estocando mercadorias cultivadas para o abastecimento da cidade, além das barbearias, outra profissão que se proliferou.

Com a chegada progressiva de novos contingentes, o comércio local se expandiu, e surgiram quitandas e indústrias domésticas de produtos alimentícios, que faziam tanta falta ao paladar dos imigrantes: shoyu, tofu, doces. Lavanderias e tinturarias também eram inauguradas (ver imagem 3 na p. 89), além de escritórios de aplicação de dinheiro, nos quais a parca poupança dos imigrantes era administrada.

A crescente concentração populacional trouxe as primeiras instituições comunitárias para o bairro. O consulado se instalou ali em 1915 e, no mesmo ano, foi fundada a primeira escola japonesa (Taisho), justamente na Conde de Sarzedas. Vieram em seguida algumas associações e jornais e, mais tarde, o clube Nippon, que reunia a pequena elite do grupo. Em 1932, cerca de 2 mil japoneses viviam em São Paulo; cerca de 600 deles, na Liberdade (ver imagem 2 na p. 281).

Outras aglomerações existiam, como em Pinheiros. No entanto, nem toda concentração étnica se transforma em bairro étnico, fato que carrega um componente simbólico forte e depende dos olhares lançados sobre a cidade, tanto pela sociedade local, quanto pelo próprio grupo de imigrantes. A Liberdade foi vista desde muito cedo como um bairro étnico dos nipo-paulistanos – mesmo que nem todos os membros do grupo vivessem ali, e que nem todos que ali viviam pertencessem ao grupo. Afinal, como vemos nesta exposição, todo bairro étnico é sempre multiétnico, ainda que algumas presenças se destaquem, ainda que alguns grupos sejam historicamente identificados com certos territórios que, por seu lado, também são etnicamente identificados. Com sua forte concentração de comércios étnicos, fabriquetas de alimentos japoneses e sedes de instituições comunitárias, a Liberdade logo se impôs como a referência urbana por excelência para os nipo-paulistanos.

O PERIGO AMARELO EM PRAIAS BRASILEIRAS: A LEI DE COTAS E O ANTIJAPONISMO

Embora o antijaponismo tenha começado a se manifestar no Brasil muito cedo, desde as discussões visando à constituição da mão de obra livre, antes ainda da Abolição, foram os debates da Constituinte de 1933-34 que marcaram o período mais radical das demonstrações dessa forma de racismo. Brandindo o “perigo amarelo”, alguns deputados defenderam a introdução de uma lei de cotas na nova Constituição. Em seu projeto inicial, a nova lei mencionava explicitamente os japoneses, alvo principal da restrição migratória. Se a intervenção da diplomacia japonesa conseguiu evitar tal referência humilhante, falhou em seu objetivo principal: poupar o fluxo migratório desse freio legal. Uma lei de cotas foi de fato inscrita na nova Constituição, apesar de não nomear nenhum grupo étnico.

Dos grupos presentes em solo brasileiro na época, os japoneses foram os mais prejudicados pelas cotas. Os demais não estavam mais imigrando em quantidades significativas. A legislação estipulava que as cotas anuais seriam fixadas em 2% do total de entradas de cada grupo durante os últimos 50 anos. A imigração japonesa era muito recente e estava em seu período mais intenso: entre 1924 e 1935, 141.732 japoneses entraram no Brasil, contra 32.366 no período anterior (1908-23). Contudo, o total de japoneses vivendo no país era menor do que o de comunidades mais antigas. Com pequeno estoque demográfico, as cotas estabelecidas para o grupo também foram reduzidas (2.849,14 indivíduos/ano), constituindo um obstáculo fatal – e programado – ao fluxo migratório. Logo que a Constituição entrou em vigor, a imigração japonesa no país caiu bruscamente, de 21.230 entradas em 1934, para somente 9.611 no ano seguinte. Isso apesar de a lei só ter entrado em vigor em 1938; o efeito simbólico foi suficientemente forte.

A lei de cotas, os debates públicos que a precederam, o preconceito racial que a alimentou, e que veio à tona de forma extremamente violenta na época, atingiram, sobretudo, os candidatos à imigração, que jamais aportaram no país. Para quem estava no Brasil, outras iniciativas, tomadas pouco tempo depois, durante o Estado Novo (1937-45), foram muito mais prejudiciais.

ASSIMILAÇÃO A QUALQUER PREÇO: AS LEIS DE NACIONALIZAÇÃO

As chamadas leis de nacionalização impostas por Getúlio Vargas a partir de 1937 tiveram efeitos que também singularizam a relação do Estado brasileiro com os imigrantes japoneses. Elas proibiram notadamente as escolas e a imprensa em língua estrangeira. No caso dos japoneses, cuja grande maioria chegara havia muito pouco tempo e ainda estava pouco familiarizada com a língua e os costumes locais, a ruptura foi particularmente severa, bem mais do que para outros grupos, instalados há mais tempo no país.

Dos jornais comunitários japoneses existentes, só um, *Brasil Asahi*, optou por traduzir suas edições para o português a partir de agosto de 1941, quando isso passou a ser exigido; outros já tinham cessado suas atividades ou o fizeram naquele momento. Durante algum tempo, outro título, *Notícias do Brasil* (ver imagem 1 na p. 88), continuou circulando clandestinamente. Mas todos fecharam as portas no final de 1941, com o início da guerra no Pacífico, quando a importação de livros e revistas também foi interrompida. A distância cultural e linguística em relação à sociedade brasileira era extremamente forte, e essa legislação assimilacionista, em vez de contribuir com a integração do grupo, tornou mais agudo seu isolamento. Boa parte da comunidade foi privada de informação jornalística, por não conseguir ler em português.

No que toca ao ensino, a rede escolar japonesa, que dispunha de 476 estabelecimentos no estado de São Paulo, foi desmantelada. Nesse caso, a legislação enfrentou uma resistência imediata: a criação de escolas clandestinas que reuniam pequenos grupos nas casas das famílias. A polícia política (DEOPS), que falhava praticamente sempre em encontrar redes de espionagem e traição, descobria escolas clandestinas em casas, pensões e até em uma escola cuja diretora cedera salas de aula vagas para o ensino de japonês.

Essa resistência, esse apego à língua e à cultura de origem confirmavam, aos olhos dos dirigentes brasileiros – obnubilados pelo forte nacionalismo vigente, associado ao antijaponismo – que os japoneses eram inassimiláveis, sem qualquer disposição para se integrarem à brasilidade. Esse antijaponismo, já acentuado, radicalizou-se ainda mais durante a Segunda Guerra Mundial.

OS ANOS DA GUERRA: PERSEGUIÇÃO ÉTNICA

No início de 1942, quando o Brasil rompeu relações com o Eixo, as restrições impostas pelas leis de nacionalização estavam em curso, assim como as estratégias cotidianas, individuais e coletivas, de acomodação e resistência. Naquele momento, novas regras como a exigência de salvo-condutos para deslocamentos entre cidades, de autorização prévia para mudanças de endereço e reuniões de mais de três pessoas, além da proibição de falar línguas estrangeiras fora do espaço privado e do congelamento de bens, vieram piorar a situação.

No espaço público, o fenótipo dos japoneses impossibilitava-os de se misturar à população, anonimizando-se, e tornava-os presa mais fácil. Em São Paulo, se, em alguns casos, os alemães também foram objeto de vigilância, os italianos ficaram isentos da maior parte das medidas restritivas e, sobretudo, da vigilância zelosa

cotidianamente exercida pelo DEOPS. O bairro da Liberdade, visto pelas autoridades como um “quisto étnico” japonês, foi foco de vigilância e perseguição particulares.

A LIBERDADE SOB VIGILÂNCIA ANTINIPÔNICA

As concentrações étnicas funcionam como trampolins para a inserção dos imigrantes no seio da sociedade de acolhida, facilitando, pela ajuda mútua, pela convivência e troca de serviços e informações, uma transição linguística e cultural que, sem esse recurso, poderia ser muito mais longa e árdua. Essa alavanca funciona coletivamente, facilitando desde a entrada no mercado de trabalho e a estabilização profissional e residencial, até situações mais cotidianas, mas não menos significativas, implicando aprendizado e convívio com a nova sociedade. No caso da Liberdade, a concentração étnica que prometia ser um conforto e uma vantagem migratória, virou-se contra o grupo, facilitando a perseguição.

Logo após a entrada do Brasil na guerra, Vargas decretou “estado de guerra”, suspendendo diversas garantias previstas pela Constituição. O centro de São Paulo tornou-se zona de segurança nacional. Não somente a Liberdade estava incluída no perímetro de segurança nacional, por ser próxima à Sé, como a vigilância, na prática, alimentava-se do racismo antinipônico reavivado pelo novo contexto bélico.

Agentes do DEOPS rondavam o bairro à paisana vigiando casas e locais de trabalho de pessoas que suspeitavam de espionagem ou de desobediência às leis de exceção, responsabilizadas por atos tidos como antinacionais. As detenções de membros do grupo foram frequentes e estão documentadas em dossiês preenchidos pelos policiais. A concentração étnica aparecia aos agentes do DEOPS como um elemento-chave para desvendar conspirações e redes subversivas, cuja opacidade se devia, para além do “caráter” dos japoneses, que suscitava desconfiança, à própria aglomeração do grupo no bairro, à proximidade entre as famílias, sua circulação, suas relações, suas trocas, todas práticas sociais e urbanas que resistiam ao controle. Por outro lado, os habitantes de origem japonesa aparecem, por meio dos documentos produzidos pela polícia, em seu cotidiano de trabalho e, evidentemente, em redes de vizinhança e de sociabilidade étnica reivindicadas e valorizadas, que não se apagaram diante da repressão.

O ponto culminante da vigilância e da perseguição organizadas pela polícia política varguista foram as chamadas “expulsões” de moradores japoneses da Liberdade entre 1942 e 1943. Elas ocorreram segundo formas e seguindo um calendário difícil de estabelecer por causa da falta de fontes precisas, mas tiveram repercussões significativas na memória e na literatura especializada produzida sobre a imigração japonesa no Brasil. As expulsões, acontecimento paradigmático, são importantes para compreendermos a história da ocupação do espaço urbano paulistano pelos japoneses e sua relação com a cidade que ganha, através desse evento marcante, maior densidade, suscitando questões de outro modo invisíveis.

Perseguindo uma alemã suspeita de espionagem, e japoneses que se reuniam com ela clandestinamente, na rua Conde de Sarzedas 159, os

agentes do DEOPS se apresentaram no local, fazendo o grupo fugir. No relatório redigido após a batida policial (Dossiê 12-B-192), os agentes indicam que duas famílias, vivendo naquele endereço e no imóvel ao lado, “conseguiram escapar à ordem de mudança (...)”, quando se procurou espalhar pela cidade os ajuntamentos de nipônicos da rua Conde de Sarzedas e adjacências”. Trata-se de “ordens de mudança” que teriam ocorrido na região antes de março de 1943, data da batida policial. Contudo, elas não foram sistemáticas: algumas famílias conseguiram “escapar”, como as duas em questão, além de outras, visto que várias investigações de pessoas suspeitas eram levadas a cabo no bairro naqueles anos. Sem contar que, no âmbito dessa enquête extremamente desconhecida, que buscava localizar espiões ou quinta-colunas, os policiais visitaram uma pensão funcionando regularmente, em maio de 1943, na própria Conde de Sarzedas, sem manifestar sobre isso qualquer estranhamento. Ou seja, não somente uma pensão de proprietários nipônicos funcionava legalmente ali, num momento já bastante avançado do conflito mundial, como, sobretudo, funcionando, atraía clientes japoneses ou nipodescendentes, como era habitual, garantindo e prolongando uma frequência étnica no coração do bairro.

Mas voltemos às expulsões. Não somente elas não foram sistemáticas, como também foram administradas individualmente. As famílias atingidas recebiam ordens de despejo. De fato, não existe qualquer documento oficial na forma de decreto, resolução, circular, portaria ou outro, que estabelecesse coletivamente a obrigação, para os moradores da região, de deixarem suas moradias e comércios, regulando prazos e circunscrevendo um perímetro. E a imprensa não documentou essas iniciativas repressivas, contrariamente a outras, dirigidas aos nipo-brasileiros, inclusive a violenta expulsão de japoneses e alemães do litoral paulista. As evacuações da Liberdade teriam atingido menos pessoas, compondo um evento menor? Não temos meios de responder.

Dentre os meus entrevistados, apenas uma afirmou ter sido vítima das expulsões paulistanas. Dona Shizue nasceu em São Paulo em 1935, de pais japoneses (entrevista, 11/08/2011). Naquele ano, seus avós paternos adquiriram o hotel Assahi, na rua Conde do Pinhal 70, em pleno coração da Liberdade. O hotel foi fonte de subsistência para os avós, pais e irmãos de dona Shizue até que uma medida de expulsão determinou seu fechamento. A família mudou-se para a Vila Mariana. Antes da partida, os móveis do hotel foram levados ao quintal, nos fundos da casa, e queimados. A menina de então sete ou oito anos guardou as chamas na memória. No novo bairro, seu pai, pintor, trabalhava para uma loja de aviamentos, pintando motivos em telas de bordar. Sua mãe costurava roupas de crianças. Foram anos difíceis. Finda a guerra, a família voltou à Liberdade, onde a experiência no ramo da hotelaria prometia melhores ganhos, graças ao fluxo ainda constante de imigrantes japoneses vindos do campo ou do interior para pernoitar na capital, ou desejosos de enviar os filhos para estudar na cidade. Instalaram-se desta vez na Galvão Bueno, novo eixo da concentração étnica japonesa depois do conflito. A nova moradia contava com vários quartos de aluguel, funcionando, agora mais modestamente, como uma pensão familiar: a família vivia no térreo da casa e alugava os quartos do primeiro andar e do porão. Para a família de dona Shizue e para seus clientes, a ligação com a Liberdade não se extinguiu durante o (curto) intervalo da guerra.

Se os demais entrevistados não foram vítimas diretas das expulsões, alguns o foram indiretamente. Seu Akira nasceu em 1928, na rua Conde de Sarzedas 99 (entrevista, 25/08/2011). Desse local, onde viveu a infância, seu Akira guardava uma lembrança extremamente terna e, assim me pareceu, emocionada. Não por acaso, ao final da entrevista, propôs-me um passeio até ali. Na calçada em frente ao chamado “castelo”, as antigas casas populares, moradia de muitos japoneses que, naqueles anos, viviam e trabalhavam frequentemente nos mesmos lotes, foram todas demolidas. Porém, vi passar nos olhos de seu Akira a sequência de casas geminadas que conhecera na infância, e que foi descrevendo a partir dos ofícios exercidos pelos moradores: aqui o leiteiro, ali o padeiro, mais à frente a família tal... Junto com as lembranças e a nostalgia do antigo morador, fez-se presente a violência do processo de metropolização paulistano. Contudo, minha questão central continuava sendo o componente étnico dessa violência. Se seu Akira não guardara a imagem do incêndio dos móveis no quintal, ficara a sensação do desenraizamento durável que interrompera a convivência étnica própria àquele território. Segundo sua narrativa, seu pai não esperou qualquer ordem para partir: sentindo que o ambiente não era favorável aos japoneses, decidiu espontaneamente deixar o bairro. A família instalou-se no Sacomã. Para explicar a leitura dos fatos feita por seu pai na época, e os sinais que levaram a família a sair do bairro, seu Akira usou o exemplo das detenções de japoneses e seus descendentes no espaço público, por falarem em japonês. Além disso, contou-me que seus pais, originários da mesma província, recebiam em casa, praticamente todas as noites, um grupo de conterrâneos. Essa sociabilidade, praticada em japonês, tornara-se não somente suspeita, mas proibida. No Sacomã, a visibilidade acentuada dos japoneses no espaço público, que caracterizava a ocupação da Liberdade, cessou de trazer aborrecimentos e embaraços.

Diferentemente da família de dona Shizue, o pai de seu Akir não estava no ramo da hotelaria e dependia menos da clientela étnica para viver. Carpinteiro, fabricava móveis de madeira. Ao chegar ao Sacomã, aposentou-se e foi substituído pelos filhos mais velhos, que seguiram no ofício. A família nunca mais retornou à Liberdade para viver. Mas frequentava assiduamente as lojas de ingredientes japoneses e, com o fim da guerra, os cinemas. Seu Akira ainda ia regularmente ao bairro, onde me pareceu se sentir em casa.

Entretanto, nem todos foram expulsos do bairro, direta ou indiretamente. Longe disso. Os irmãos Therezinha e Makoto trouxeram lembranças divergentes sobre o assunto (entrevistas, 16 e 19/08/2013). A família instalou-se em São Paulo em 1932. Seu Makoto nasceu no Japão e tinha seis anos quando emigrou; dona Therezinha já nasceu na Liberdade. O pai de ambos era funileiro na Conde de Sarzedas e, segundo afirmaram, a família foi inicialmente acolhida por um conterrâneo em um porão no nº 35, até poderem alugar

- 1 Anuario do “Noticias do Brazil”, São Paulo, 1933 (em japonês) e Livros de emplacamento de ruas, Arquivo Histórico Municipal Washington Luís.
- 2 YAMADA, Tomohiko. Uma ponte. São Paulo: São Paulo Shimbun, 1996.

sua primeira morada no nº 67 da rua, onde teriam vivido mais tempo. A memória de dona Therezinha não falhou quanto a isso: segundo o levantamento feito pelo consulado japonês em 1932, a família de oito pessoas vivia de fato naquele endereço.¹ Os irmãos se lembraram ainda de terem vivido em um terceiro endereço, sempre na Conde de Sarzedas, ladeira abaixo, antes de se mudarem para a Conselheiro Furtado, ainda no coração do bairro. Foi quando a narrativa dos dois divergiu: dona Therezinha disse que foram vítimas das expulsões e se mudaram para o Ipiranga. Seu Makoto afirmou o contrário, insistindo que a mudança foi guiada pelo desejo de transferir o local da funilaria. A memória de ambos fixou esse intervalo como breve, pelo insucesso da empreitada, antes do retorno à Liberdade, agora para a rua Sinimbu, sempre em plena zona de concentração étnica. Com ou sem expulsão, a família manteve-se na Liberdade durante praticamente todo o período varguista.

No mesmo sentido, Nelli (entrevista, 11/08/2011), outra entrevistada, disse-me que houve problemas do lado dos seus avós paternos, mas os avós maternos tinham uma quitanda que nunca foi fechada: continuaram trabalhando e vivendo no bairro sem qualquer dificuldade, provavelmente por estarem fora do quadrilátero mais visado pela polícia, composto de modo impreciso pela rua Conde de Sarzedas e adjacências. Porém, se essa era mesmo a regra, foi aplicada de modo irregular: na rua Conselheiro Furtado, 80, no coração do bairro, funcionava um hotel, Kyushu Ryokan, fundado em 1934 por Junta Mizumoto. Seu saguão era um espaço conhecido de reunião e sociabilidade do grupo, e o estabelecimento permaneceu aberto durante todo o período da guerra.² Enfim, sabemos também que os pintores japoneses do grupo Seibi-kai não deixaram de frequentar o bairro, ainda que o fizessem discretamente, pois as reuniões entre imigrantes japoneses, públicas ou privadas, estavam condicionadas a autorização prévia da polícia. Mesmo assim, o grupo se reunia na Liberdade, em dois locais situados fora do núcleo central do bairro: uma pensão localizada na Rua Galvão Bueno, 83, de propriedade de um certo Higaki, e a casa do pai do pintor Flavio Shiró, membro do grupo, na rua Conselheiro Furtado, 1095 (entrevista, 25/04/2018).

CONCLUSÃO

O quadro esboçado aqui indica, ao mesmo tempo, a variedade das experiências e o fato de que a vida da comunidade japonesa na Liberdade não foi totalmente interrompida pela repressão varguista e, sobretudo, pelas expulsões. Um número impossível de estimar continuou vivendo ali ou, no dizer dos agentes do DEOPS, “escapou” às ordens de despejo. Sem contar as idas e vindas, ao final não impossíveis, como a da família dos irmãos Therezinha e Makoto, que se instalou por um curto período no Ipiranga, onde a funilaria não vingou, talvez por falta de clientes.

De todo modo, afirma-se, ao longo desses anos de restrições e de perseguição étnica, uma ligação durável e reivindicada pelos japoneses e por seus descendentes com a Liberdade. Ligação essa que se reavivou no pós-guerra, ainda que em nova dinâmica: o referencial étnico passa a ser representado pela forte presença de comércios, espaços de lazer (ver imagens 1, 2 e 3 na p. 92) e instituições comunitárias (ver imagens 1 e 2 na p. 86), mas cada vez menos pela concentração residencial.

Trata-se aqui de uma ocupação seletiva e reivindicada do espaço urbano, de uma forma de marcar o território, que os anos difíceis do Estado Novo e da guerra não puderam apagar. Os membros do grupo que ali viviam ou que continuaram frequentando casas de conhecidos, pensões e comércios respondiam coletivamente ao empenho do Estado varguista em dispersar “quistos” e cortar laços étnicos. Enraizando-se desse modo particularmente visível e durável no território urbano paulistano, o grupo encontrou meios de afirmar sua presença e sua diferença. No longo prazo.

MÔNICA RAISA SCHPUN

Historiadora, membro do laboratório Mondes Américains (Centre de recherches sur le Brésil colonial et contemporain – CRBC) da École des hautes études en sciences sociales (EHESS), Paris. Especialista da história das migrações, urbana e do gênero, é autora de *Justa: Aracy de Carvalho e o resgate de judeus* (Civilização Brasileira, 2011), publicado também em francês (Peter Lang, 2024) e inglês (Palgrave, 2025).

PAISAGEM TURISTIFICADA: PRESENCAS E OPACIDADES NO BAIRRO DA LIBERDADE

O exame da propaganda turística de São Paulo arquivada no Museu Histórico da Imigração Japonesa em São Paulo permite constatar uma reincidente marca iconográfica relativa à Liberdade desde a década de 1970. O processo de transformação dessa porção da capital em “bairro oriental” ou “bairro japonês”, inaugurado em 1974, foi muitíssimo eficaz em tornar as intervenções materiais da Prefeitura uma presença constante nas representações visuais relativas à Liberdade e, especialmente, em sua transformação em produto para o mercado de atrativos turísticos que se esboçava no Brasil naquela década. Desde então, o bairro esteve presente nas indicações divulgadas pelas agências públicas e privadas de promoção turística, chegando, em 2026, à indicação do site turístico Lonely Planet, que inseriu a Liberdade entre os 25 melhores destinos turísticos do mundo, destacando os legados nipo-brasileiros e negros do bairro.¹

Esse sucesso de escala internacional na promoção da Liberdade como um espaço de caracterização oriental merece diversas ponderações. A primeira delas é, afinal, o caráter eminentemente comercial e exógeno ao bairro de tal iniciativa. A criação do “bairro oriental” foi proposta às autoridades municipais em 1969, como frisa Lianne Sturgeon, por um jornalista de *O Estado de S. Paulo*, Randolpho Marques Lobato, que logrou convencer o primeiro secretário de Turismo municipal, Amadeu Papa, seu amigo pessoal, e posteriormente o prefeito Paulo Maluf a criar uma versão local das *Chinatowns* dos Estados Unidos.² Ainda que os comerciantes nipo-brasileiros, sob a liderança de Tsuyoshi Mizumoto, tenham rapidamente aderido ao projeto, a iniciativa não nasceu efetivamente de uma vontade *nikkei*.

¹ Disponível em: <https://www.lonelyplanet.com/best-in-travel#the-25-best-destinations-in-2026-liberdade-sao-paulo>. Acesso em: 10 jun. 2026.

² STURGEON, Lianne. A Prefeitura de São Paulo e a re-racialização do bairro da liberdade na identidade paulistana, 1969-1974. *Revista Hydra*, Guarulhos, vol. 6, n. 12, 2023.

O turismo despontava como uma dimensão econômica das mais importantes na passagem das décadas de 1960 e 1970, período em que a primeira crise do petróleo, em 1973, ainda não tinha causado seus efeitos nefastos para os deslocamentos nacionais e internacionais baseados em querosene de aviação. Até então, o turismo estava tornando-se um rápido e importantíssimo alento para cidades europeias que ainda buscavam recursos para a reconstrução econômica do pós-guerra e que passaram a receber quantidades cada vez maiores de visitantes. O surgimento dos aviões a jato *wide-body*, com grande autonomia de voo e maior capacidade de passageiros, substituía tanto os lentos turboélices de poucos e caríssimos lugares quanto os primeiros aviões a jato transcontinentais, que tinham poucos passageiros por fileira. O turismo europeu passou a ser um fenômeno econômico e cultural massificado, que gerava milhões de passageiros e para os quais era preciso gerar fatores de atração, processo esse que se tornou progressivamente global e multidirecional.

No contexto brasileiro, a Empresa Brasileira de Turismo (Embratur), criada em 1966, reativava os velhos símbolos identitários nacionais estabelecidos no Estado Novo, em que a natureza tropical e a sensualidade eram associadas a cidades marcadas pela arquitetura barroca e a festas como o Carnaval.³ Tais ícones de atratividade não eram aplicáveis a São Paulo, uma metrópole verticalizada, sem praias, cercada, mas dando as costas para suas florestas tropicais úmidas e com pouquíssimos vestígios do passado colonial. E ainda que seja um dos polos históricos do samba no país, seus desfiles de Carnaval eram então considerados irrisórios perto dos cariocas ou das festas populares das capitais nordestinas. Sua opulenta arquitetura da era cafeeira era desqualificada pelos órgãos de preservação federal e mesmo pelos historiadores da arquitetura, que não julgavam o ecletismo arquitetônico praticado na cidade durante a Primeira República como algo marcado por um *ethos* nacional que os distinguisse – e que fosse, no âmbito da apropriação turística, capaz de chamar a atenção de estrangeiros ou brasileiros. A capital paulista não era, portanto, classificável como “brasileira” sob os chavões das décadas de 1930 e 1940, reativados pela Embratur. Assumir a face cosmopolita e internacional da cidade, marcada por numerosos fluxos imigrantes desde fins do século 19, era uma possibilidade de torná-la atrativa – e a Liberdade foi, assim, percebida pelas autoridades municipais como um recurso para inserir São Paulo nos fluxos turísticos nacionais e internacionais.

A década de 1970 foi também o período em que as autoridades municipais se preocuparam em fazer investimentos na área central, de modo a refrear o esvaziamento de suas funções para as avenidas Paulista e Faria Lima, para os shoppings nascentes ou para os bairros que progressivamente assumiam funções de centralidade, como Pinheiros, Santana, Lapa ou Santo Amaro. A Empresa Municipal de Urbanização (Emurb), criada em 1971, passou a realizar diversos projetos de intervenção na área central

3 ALFONSO, Louise Prado. *EMBRATUR: formadora de imagens da nação brasileira*. Dissertação (Mestrado) – Unicamp, Campinas, 2006; AGUIAR, Leila Bianchi. Projetos nacionais de preservação do patrimônio: promoção, divulgação e turismo nos sítios urbanos patrimonializados durante a gestão de Rodrigo Mello Franco de Andrade. In: MAGALHÃES, Aline Montenegro; BEZERRA, Rafael Zamorano (org.). *90 anos do Museu Histórico Nacional*. Rio de Janeiro: Museu Histórico Nacional, 2014, p. 186-194; AGUIAR, Leila Bianchi. O Programa de Cidades Históricas, o turismo e a “viabilidade econômica” do patrimônio (1973-1979). *Anais do Museu Paulista: História e Cultura Material*, São Paulo, v. 24, n. 1, p. 137-149, 2016.

4 NEGAWA, Sachio. *Formação e transformação do bairro oriental: um aspecto da história da imigração asiática da cidade de São Paulo, 1915-2000*. Dissertação (Mestrado), FFLCH/USP, São Paulo, 2000.

5 MARINS, Paulo César Garcez. Cem anos de imigração japonesa no Brasil: horizontes de convívio. In: OI, Célia; MARINS, Paulo César Garcez (org.). *O Japão em cada um de nós* (catálogo de exposição). São Paulo: Banco Real, 2008, p. 18.

6 MARINS, Paulo César Garcez. Jardins japoneses e reelaboração cultural nipo-brasileira em São Paulo: desafios para identificação patrimonial e conservação. PESSOA, Ana (org.). *Jardins históricos, um patrimônio ambiental e cultural*. Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 2026.

visando sua “revitalização”, termo que procurava reverter a depreciação física de espaços públicos e privados e tentar conter o abandono das elites e classes médias em prol dos novos eixos de centralidade. Datam desse período a desapropriação e restauro do edifício Martinelli, o restauro do viaduto Santa Ifigênia e sua destinação para pedestres e ainda a criação dos chamados “calçadões”, que procurava replicar nos distritos da Sé e República projetos de requalificação urbana de áreas centrais na Europa. A implantação do metrô era outra ação estruturante que gerou desapropriações e intervenções imensas, como as que ocorreram na fusão das praças da Sé e Clóvis Bevilacqua e na própria praça da Liberdade, que foi transformada em um imenso buraco que eliminou monumentos e árvores que ali estavam até então.

Assumir a Liberdade como “bairro oriental” implica articular as expectativas de promotores privados a ações de intervenção física no bairro, à semelhança do que se fazia nos distritos centrais, que lhe são imediatos. Coube então à prefeitura intervir no bairro de diversas maneiras, de modo a garantir uma paisagem que lhe desse uma feição asiática em meio ao caos das obras do metrô ou do cânion que se abriu no coração do bairro devido à abertura da ligação Leste-Oeste, inaugurada em 1971.⁴ A rua Galvão Bueno foi ornamentada como um *torii* (inaugurado em 1974 e reconstruído em 2004), posicionado justamente no trecho de seu viaduto sobre essa ligação, o que lhe garantia tanto destaque na escala do bairro quanto visibilidade na grande artéria metropolitana. As ruas Galvão Bueno, da Glória, dos Estudantes, São Joaquim, Barão de Iguape, Fagundes e Thomaz Gonzaga foram algumas das que receberam postes de iluminação noturna de padrão *suzuranto*, em metal pintado de vermelho e globos de vidro em formato japonês. Calçadas foram revestidas com ladrilhos hidráulicos com um grafismo xintoísta – *mitsudomoe* –, e dois jardins foram criados nas ruas Galvão Bueno (ver imagem 4 na p. 297) e no largo da Pólvora (antigo sítio do arsenal colonial da cidade)⁵, em que as formas tradicionais do *kaiyū-shiki-teien*, ou jardim de passeio, especialmente daqueles do período Edo, são simplificadas com o uso de árvores com podas, pontes arqueadas ou lanternas de pedra (*tōrō*). Uma delas, de porte monumental e instalada em Tóquio em 1841, foi doada à cidade em 1955 e posicionada na praça da Liberdade, onde permaneceu até o início das obras do metrô. Reinstalada no jardim japonês do largo da Pólvora em 1978, ela fica bem em frente à avenida da Liberdade, sendo um dos mais emblemáticos artefatos do jardim de maior visibilidade do bairro, embora justaposta a um gradil que compromete sua ambiência.⁶

A opção por revestir o bairro com essa fisionomia “japonesa” não deve deixar de ser desconcertante, o que leva a uma segunda ponderação. Ainda que os comerciantes tenham rapidamente aderido à difusão de letreiros com ideogramas, organizado a feira oriental na praça da Liberdade, e as festas – Hana Matsuri (festival das flores), Tanabata Matsuri (festival das estrelas), Toyo Matsuri (festival oriental) e Mochitsuki Tai-kai (festival do

amassamento do arroz)⁷ – tenham se tornado frequentes, é importante ressaltar que rigorosamente nada dessas manifestações fazia parte do cotidiano nipo-brasileiro do bairro antes da sedução de transformá-lo em destino turístico. Ser nipo-brasileiro na Liberdade era algo completamente distante de uma vida marcada por uma cultura material de inspiração japonesa ostensiva. A presença de restaurantes, dos cinemas, que difundiam a cinematografia na cidade para japoneses e descendentes e para os progressivos cultores não *nikkeis* dessa produção,⁸ e de lojas de alimentos era discreta, assim como a de letreiros em japonês. A turistificação do bairro, em certo sentido, negou as práticas ali enraizadas desde a década de 1910, quando as primeiras levas se instalaram na rua Conde de Sarzedas e, após a Segunda Guerra, na parte mais alta do bairro, em torno da rua Galvão Bueno. O bairro nipo-brasileiro foi fantasiado de “bairro japonês”.

A opção orientalizante recaiu, como a intervenção municipal convencionou, sobre a presença nipo-brasileira no bairro, ainda que vestida à Quioto. Muito diferente foi o olhar governamental concedido à presença chinesa no bairro, já marcante nos anos 1970 e 1980. As ruas da Glória e Conselheiro Furtado eram o coração daquilo que se poderia considerar a Chinatown da cidade de São Paulo, visto que era, por exemplo, o destino de paulistanos quando queriam buscar restaurantes para saborear clássicos daquele período, como frango-xadrez. Não foi, entretanto, a presença chinesa, marcada por imigrantes continentais, especialmente cantoneses, ou insulares de Taiwan (a Formosa dos portugueses), aquela que foi celebrada pela intervenção municipal e pelo acordo com os comerciantes *nikkeis*. Lianne Sturgeon frisa como a imigração chinesa era desprestigiada naquele tempo, ao invés da imigração japonesa, que se beneficiava da rápida recuperação econômica do Império do Japão nas décadas de 1950 e 1960, que levaria ao triunfo mundial de suas tecnologias nas décadas de 1970 e 1980.⁹

O Brasil, como aponta Sachio Negawa, acolheu 193 novas empresas japonesas entre 1970 e 1979, tendo São Paulo como epicentro dessa concentração, o que injetou na capital muitos japoneses recém-chegados,¹⁰ que estimulavam uma dispersão de costumes japoneses na cidade, inclusive toda uma nova geração de restaurantes japoneses mais próximos da culinária insular do que das práticas alimentares dos nipo-descendentes nascidos no Brasil. O rápido sucesso da culinária japonesa nos Estados Unidos e na Europa, cujas maiores cidades foram pontuadas de estabelecimentos oferecendo pratos como sushi e sashimi, também estimularam sua difusão no Brasil.

O triunfo da economia japonesa nos anos 1970 e 1980 também ampliou o fascínio pela presença nipônica no Brasil, que finalmente se livrava do peso de ser um povo perseguido durante a Segunda Guerra Mundial no Brasil. Programas televisivos semanais como *Imagens do Japão*, iniciado em 1970, e *Japan Pop Show*, 1973,¹¹

7 Sobre as festas, como invenção de tradições, ver: NEGAWA, Sachio, 2006, pp. 113-116.

8 KISHIMOTO, Alexandre. *A experiência do cinema japonês no bairro da Liberdade*. Dissertação (Mestrado) – FFLCH/USP, São Paulo, 2009.

9 STURGEON, Lianne, 2023, p. 283 ss.

10 NEGAWA, Sachio, 2006, p. 49 ss.

11 NEGAWA, Sachio, 2006, p. 63-64.

12 CAMPOS, Eudes. E São Paulo perde mais um casarão. *Informativo – Arquivo Histórico Municipal*, São Paulo, ano 3, n.15, nov-dez 2007. Disponível em: <https://www.arquiamigos.org.br/info/info15/i-inter.htm>. Acesso: 10 jun. 2026.

13 LEMOS, Carlos A. C. *Alvenaria burguesa*, 2ª ed. São Paulo: Nobel, 1989, p. 111, 126, 167

14 MARINS, Paulo César Garcez. *Cem anos de imigração japonesa no Brasil: horizontes de convívio*, pp. 19-20.

auxiliaram na difusão de paisagens, músicas, danças e interações culturais com o Japão, o mesmo podendo se dizer da abertura da linha aérea transpácífica entre o Brasil e Japão pela Varig a partir de 1968, no ano da comemoração dos 60 anos da imigração.

A aproximação por tantas frentes com o império economicamente renascido deu à niponização da Liberdade tanto chancelas quanto estímulos a se buscar um distante Japão nas ruas de São Paulo. Portais, postes, ladrilhos, jardins, festivais, comércios e restaurantes – e ainda a inauguração do Museu Histórico da Imigração Japonesa em 1978 no Bunkyo – somaram-se à onda internacional, revestindo o bairro de uma persona exclusiva que ele sequer tinha no âmbito das populações asiáticas que ali já viviam, e a que se somariam alguns sul-coreanos que começaram a chegar especialmente nas décadas de 1980 e 1990.

A turistificação da paisagem nos leva, portanto, a uma terceira ponderação sobre o que, afinal, essa máscara, imposta pelas autoridades municipais e abraçada por membros da comunidade nipo-paulistana, encobriu da diversidade que constituiu o bairro desde seus primeiros arruamentos, no século 18. Para além da presença chinesa, taiwanesa e sul-coreana, a Liberdade foi sempre um destino para habitantes pobres ou vinculados às classes médias, pela presença de moradias baratas. Alguns poucos membros das elites da cidade construíram suas residências no bairro, como o imigrante italiano *cavaliere* Francesco Antonio Barra, que residia num imponente sobrado neoclássico na rua da Liberdade inaugurado em 1879;¹² os descendentes do Conde de Sarzedas, no chamado "Castelinho"; o engenheiro-arquiteto campineiro Francisco de Paula Ramos de Azevedo, em seu palacete eclético na rua Pirapitingui; o conde de Parnaíba, no palacete igualmente eclético, com padrão de *villa* europeia, na rua Tamandaré; o imenso palacete neomaneirista da rua da Glória em que teria residido Lins de Vasconcellos (que abriga o 1º Distrito Policial – Sé); ou o engenheiro-arquiteto português Ricardo Severo, no palacete neocolonial apelidado de “casa lusa” da rua Taguá.¹³ Mas o bairro nunca teve um perfil francamente elitizado. Desde o século 18, a Liberdade passou a concentrar lugares insalubres, marcados pela violência ou perigosos, como o Cemitério dos Aflitos, o hospital da Santa Casa, um matadouro, a forca, o pelourinho e a Casa de Pólvora, fazendo com que as moradias fossem desvalorizadas em relação a outros pontos da mancha urbanizada. Daí ter sido sempre o destino de populações diversas com poucos recursos, como africanos e afro-brasileiros durante o século 19, bem como imigrantes que passaram a chegar à Liberdade desde o último quartel dos Oitocentos.

Apontei anteriormente como a presença marcante de japoneses e nipo-brasileiros no bairro em diferentes etapas da história da Liberdade no século 20 foi simultânea às diversas outras presenças étnicas no bairro,¹⁴ inclusive de numerosas instituições cujos acervos foram mobilizados na exposição *Liberdade: bairro plural*.

Os preços baixos dos imóveis do bairro e sua grande centralidade, além da altura da colina, que a torna invulnerável a inundações, foram um ímã não apenas a moradores, mas às instituições que ali puderam erguer suas sedes. Uma das mais relevantes entidades afro-brasileiras do país, a Frente Negra Brasileira (FNB), esteve ali localizada até 1937, ano em que foi compulsoriamente fechada e extinta pelo Estado Novo, assim como a mais importante associação de imigrantes lusitanos na cidade, a Casa de Portugal, que sucedeu a FNB no mesmo endereço, a partir de 1955.

Igrejas com clara função associativa documentam o caráter multiétnico do bairro, como a Catedral Ortodoxa Russa, a Catedral Maronita Nossa Senhora do Líbano, a Igreja Presbiteriana de Formosa, a Catedral Metodista, fundada por missionários dos Estados Unidos, a Igreja Nossa Senhora da Paz dos padres italianos scalabrinianos, já na área alagadiça do Glicério, voltada à assistência dos imigrantes italianos (e hoje aos que chegam numerosos à cidade da Bolívia, da África Ocidental ou do Haiti), ou templos de diversas filiações asiáticas, como o Templo Busshinji, da comunidade budista Soto Zenshu, a Associação Brasil Soka Gakkai (ligado ao budismo de Nichiren Daishonin) e o templo taoísta Hon Dao Yen (atual Templo Lohan). E desde o século 18, a Capela dos Aflitos e, no século seguinte, a capela e depois Igreja da Santa Cruz dos Enforcados mantêm o culto aos mortos no bairro, partilhado tanto por cristãos como por seguidores de religiões afro-brasileiras.

Outras entidades associativas ou de assistência testemunham a pluralidade do bairro, inclusive quanto a origens asiáticas, como a muito conhecida Sociedade Brasileira de Cultura Japonesa e de Assistência Social, o Bunkyo, mas ainda a Associação Okinawa Kenjin do Brasil, ambas com museus, e as dezenas de outras associações ligadas às províncias japonesas (*kenjikai*) situadas na Liberdade, que evidenciam que, por trás de uma identidade nipo-brasileira, há muitas outras que preservam as tradições dos locais de origem no Japão. São várias também as associações ligadas a chineses continentais ou a taiwaneses, desde o mais antigo deles, o Centro Social Chinês, e também a Associação Geral dos Cantoneses do Brasil e a Associação Hakka, ligada a Taipei.

Ao menos uma entidade associativa testemunha a brutalidade da Segunda Guerra Mundial no bairro. Trata-se da Sociedade Filarmônica Lyra, antiga Deutscher Männergesangverein Lyra, fundada em 1884, cuja sede na Liberdade começou a ser construída em 1934. Desse local, a Lyra foi expulsa pelo governo nacional em 1945, deixando compulsoriamente sua construção em linhas *art déco*, decorada até hoje com uma lira geometrizada que resiste no alto da fachada (ver imagem na p. 187). Desde então, a sociedade tenta reverter a expropriação e retomar a posse e propriedade de sua antiga sede no bairro. No Campo Belo, onde se encontra atualmente, são preservados instrumentos, fotografias, objetos decorativos e cerimoniais vindos da Liberdade, lastreando a memória e a luta pela reparação que aguardam há 80 anos.

15 BIONDI, Luigi. Aventuras e desventuras da Sociedade Italiana de Socorro Mútuo “Lega Lombarda”. *Anais do XXVI Simpósio Nacional de História* – ANPUH, São Paulo, julho 2011.

16 MARINS, Paulo César Garcez. A memória sempre presente: fragmentos insuspeitos do patrimônio cultural paulistano. In: MAGNANI, José Guilherme Cantor; et al (org.). *Expedição São Paulo 450 anos: uma viagem por dentro da metrópole*. São Paulo: Prefeitura do Município de São Paulo/Secretaria Municipal de Cultura; Instituto Florestan Fernandes, 2004, p. 178.

Outras foram vítimas da mudança de vínculos ou do esvaziamento de novas gerações de associados, como foi o caso da Liga Itálica, a mais antiga entidade associativa de imigrantes italianos da cidade de São Paulo, que não estava localizada em bairros obviamente ligados à essa imigração – como Mooca, Brás, Bexiga ou Barra Funda –, mas na insuspeita Liberdade. Sua sede era depositária de diversos acervos ligados às suas entidades formadoras – a Società di Mutuo Socorro Lega Lombarda e a Muse Italice¹⁵ – inclusive uma coleção impressionante de instrumentos musicais que cheguei a conhecer em 2004.¹⁶ Sua sede foi vendida em 2016, o que pôs fim a uma parte fundamental da memória italiana da cidade, em pleno bairro que nos acostumamos a pensar “oriental”.

A paisagem turistificada ensejada pela intervenção municipal na década de 1970 não afetou profundamente nenhuma das instituições étnicas que permanecem no bairro, mas tornou-as menos memoráveis ou até mesmo menos perceptíveis, empalidecidas diante da multidão de luminárias *suzuranto* e do comércio e restaurantes, que hoje evocam não apenas o Japão, mas também presenças chinesas, taiwanesas e sul-coreanas. E foi essa a razão que motivou o pedido de retirada dessas luminárias da rua dos Aflitos em 2024, acolhida pela Prefeitura de São Paulo, visto que foram consideradas comprometedoras da ambiência da mais antiga edificação do bairro e também das heranças afro-brasileiras que ali se evocam. A Liberdade se redesenha mais uma vez – e ainda a partir das materialidades e memórias ali inscritas – na rede de ruas que contornam os velhos caminhos indígenas que nasceram tupis, e que ainda são percorridos por milhares de paulistanos todos os dias.

PAULO CÉSAR GARCEZ MARINS

Historiador, docente do Museu Paulista da USP, instituição em que exerce o mandato de Diretor entre 2024 e 2028. Docente dos Programas de Pós-Graduação em História Social, em Museologia e em Arquitetura e Urbanismo da USP. Foi co-curador da exposição *O Japão em cada um de nós*, comemorativa ao centenário da imigração japonesa ao Brasil, em 2008.

LIBERDADE NEGRA: PRESENCAS E PERCURSOS AFRODIÁSPÓRICOS EM PERSPECTIVA

¹ Disponível em: <https://prefeitura.sp.gov.br/web/cultura/w/inventario-memoriapaulistana>. Acesso em: 28 maio 2026.

Liberdade, 2018. No ano em que foram comemorados os 110 anos da imigração japonesa, a Câmara Municipal de São Paulo aprovou, e o então prefeito Bruno Covas (1980-2021) sancionou a alteração do nome da principal praça do bairro para “Praça da Liberdade-Japão”. Uma semana depois, a estação do Metrô de São Paulo, localizada nessa mesma praça, teve “Japão” acrescentado ao nome “Liberdade”. Os gestos dos poderes públicos municipal e estadual consolidavam, dessa maneira, o imaginário do bairro japonês, homenageando a comunidade que ali se instalou no início do século 20 e que, desde a década de 1970, estava fortemente representada pelos diversos signos nipônicos, como as luminárias *suzuranto*, os portais, as calçadas, as fachadas e os letreiros de estabelecimentos comerciais. Esse novo movimento, do qual tomaram parte o poder público e os comerciantes, dava mais um passo para tornar a Liberdade um bairro turístico oriental homogêneo, a exemplo de tantos outros pelo mundo, como Nova York, Londres e Buenos Aires.

Foi nesse mesmo ano, quando também se comemoravam os 130 anos da Lei 3.353, que aboliu a escravidão no Brasil, que o debate sobre as históricas presenças negras no bairro deixou de ficar circunscrito a pesquisadores e ativistas e passou a disputar publicamente a memória inscrita no território. Uma das primeiras iniciativas foi por meio do programa Inventário Memória Paulistana, criado e regulamentado pelo Conselho Municipal de Preservação do Patrimônio Histórico, Cultural e Ambiental da Cidade de São Paulo (Conpresp), em 2019. O programa “identifica e reconhece lugares e narrativas de grande relevância para a memória e identidade dos diversos grupos sociais de São Paulo”, instalando placas circulares e azuis, de ferro, com menções a eventos históricos, festas, espaços de sociabilidade e o vínculo com personalidades, por exemplo.¹ No mesmo ano, foram afixadas duas placas na Liberdade: uma no largo Sete de Setembro e outra na então “Praça da Liberdade-Japão”. A primeira indica o Pelourinho (ver imagem 4 na p. 279), que ali ficou instalado entre os séculos 18 e 19, como “local de castigo de negros escravizados”, conforme a placa. A segunda rememora o antigo nome da praça – Largo da Força –, onde ficava esse equipamento, também entre os séculos 18 e 19.

O pelourinho e a forca, símbolos materiais das punições violentas nos contextos colonial e imperial, foram removidos durante o processo de transformação da cidade em fins do século 19, momento em que a administração pública promoveu reformas que deixavam para trás aquilo que não caberia no novo modelo de cidade, seja por remontar a práticas então vistas como arcaicas, seja por remeter ao passado considerado modesto de um pequeno núcleo populacional. É bastante significativo que Militão Augusto de Azevedo (1837-1905), fotógrafo que registrou muitas dessas transformações e as compilou no *Álbum Comparativo da Cidade de São Paulo (1862-1887)*, não tenha fotografado o pelourinho, ainda que tivesse capturado a capela contígua, dedicada a Nossa Senhora dos Remédios, que acolhia as pessoas escravizadas que nele eram supliciadas.

O templo, inaugurado em 1725, invocava o culto à denominação mariana alusiva à libertação de escravizados na Idade Média e, no contexto paulistano, se relacionava aos cuidados oferecidos aos escravizados depois dos açoites. Era um templo de grande destaque na paisagem, um dos únicos com fachada revestida por azulejos no século 19. A perspectiva desse espaço como lugar de atendimento às necessidades de pessoas negras escravizadas, entretanto, vai além desse gesto inicial. A capela era também a sede de uma irmandade que, no final da década de 1870, elegeu como provedor o advogado abolicionista Antônio Bento de Souza e Castro (1843-1898), o que a tornou o principal reduto do abolicionismo paulistano. Ali atuavam os Caifazes, grupo responsável por apoiar e organizar a fuga de pessoas escravizadas de fazendas do interior paulista e conduzi-las em segurança para lugares de liberdade como o quilombo do Jabaquara, em Santos.

Antônio Bento residia perto da capela dos Remédios, no início da atual avenida da Liberdade (ver imagem 3 na p. 63). Uma placa foi colocada no muro do número 65, rememorando que, naquela quadra, o jurista tinha vivido e que sua residência tinha sido um “reduto da luta pelo fim da escravidão”. De acordo com o levantado por Marcelo Vitale da Silva, foi junto à casa de Antônio Bento que homens negros e mulheres negras celebraram os dois anos da abolição da escravidão, em 13 de maio de 1890. Na ocasião, o jornal *O Estado de S. Paulo* noticiou diversas manifestações festivas da população negra, situando-a na Liberdade, que tinha ocorrido “com dança e cantos característicos, batuques ensurdecadores, sons ásperos de chocalhos, umbigadas entusiásticas e convictas”.² A casa foi demolida em 1900, dois anos depois de sua morte.

A demolição também foi o desfecho da igreja de Nossa Senhora dos Remédios, afetada pelo Plano de Avenidas dos engenheiros Francisco Prestes Maia e João Ulhôa Cintra. Para a construção e ampliação de vias ao redor do centro da cidade, muitas edificações históricas foram derrubadas, reforçando a tônica que mais de cinquenta anos antes já havia “modernizado” São Paulo.

2 SILVA, Marcelo Vitale T. *Territórios negros em trânsito*: Penha de França – sociabilidades e redes negras na São Paulo do pós-abolição. Dissertação (Mestrado em Humanidades, Direitos e Outras Legitimidades), Universidade de São Paulo, São Paulo, 2018, p. 74.

3 BEZERRA, Rafael Zamorano. Traves da forca de Tiradentes. In: Paulo Knauss; Isabel Lenzi; Marize Malta. (org.). *A História do Rio em 45 objetos*. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 2019, p. 51.

4 A informação varia conforme a fonte. A mais divulgada é que a corda arrebentou três vezes, sendo reverberada pela oralidade. Cf. “Culto a Chaguinhas agora é patrimônio imaterial de SP”. *Guia Negro*. Disponível em: <https://guianegro.com.br/culto-a-chaguinhas-agora-e-patrimonio-imaterial-de-sp/>. Acesso em: 1º jun. 2026.

Em 1943, o templo foi demolido, a despeito de seu processo de tombamento estar em andamento junto ao Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (atual Iphan) e dos protestos públicos. Uma nova igreja foi construída entre o Cambuci e a Aclimação, para onde foi transferida a antiga imagem de Nossa Senhora dos Remédios. Fragmentos de arquitetura da capela, como talhas de madeira, azulejos (ver imagem na p. 227) e a portada de pedra, foram salvos e preservados por instituições públicas da cidade, entre elas o Museu Paulista. Mesmo ocupando outro lugar, a igreja reivindica e valoriza seu papel na história do abolicionismo e do bairro da Liberdade (ver imagem na p. 289).

Não muito distante do pelourinho ficava a forca, construída em 1775 a mando da Câmara Municipal de São Paulo para aplicação da pena de morte que vigorava no Brasil, segundo as Ordenações Filipinas, durante a Colônia e o Império.³ Daí, o nome do local ser “Largo da Forca”. O nome “Liberdade” surgiu para renomear um chafariz que se localizava no atual Largo São Francisco em celebração à abdicação de D. Pedro I em 1831. Transferido depois para o largo da Forca, o chafariz levou o novo nome ao local, que passou a ser chamado popularmente de largo da Liberdade. Em 1858, o nome do logradouro foi oficialmente alterado para praça da Liberdade.

Entretanto, existe outra versão corrente para essa denominação. Trata-se da história protagonizada pelo soldado Francisco José das Chagas, o Chaguinhas, que liderou uma revolta contra o atraso de soldos em Santos e, por isso, foi condenado à morte. No dia 20 de setembro de 1821, Chaguinhas foi levado à forca, mas a corda arrebentou duas ou três vezes,⁴ gerando comoção entre os que assistiam ao enforcamento e pediam clemência, gritando “Liberdade! Liberdade!” Apesar dos protestos, as autoridades o executaram.

Chaguinhas foi sacralizado. Sua história continua sendo lembrada em outro patrimônio afrodiaspórico sinalizado pelas placas da prefeitura, onde até hoje sua memória é cultuada. Trata-se da capela de Nossa Senhora dos Aflitos, erguida em 1779, no interior do cemitério dos Aflitos, criado em 1774, para o sepultamento de pessoas escravizadas, miseráveis, condenadas pela justiça e mortas na Santa Casa de Misericórdia, ali perto. A criação do cemitério pela Cúria foi uma forma de dar destino aos corpos que não tinham lugar no interior nem no entorno das igrejas, onde as sepulturas eram compradas para o enterramento dos que tinham posses e membros de irmandades. Na capela, eram realizados os rituais fúnebres e as orações aos que ali jaziam. A necrópole dos Aflitos deixou de receber sepultamentos em 1858, após a inauguração do cemitério da Consolação. Em 1886, sua área foi loteada para novas construções. A capela, que já abrigava a devoção popular a Chaguinhas, permaneceu em uso e foi tombada como patrimônio cultural estadual em 1978 e municipal em 1991.

A centralidade da força – e dos condenados à morte, sobretudo de Chaguinhas – para a história da Liberdade também se relaciona com outro templo católico do bairro: a capela de Santa Cruz das Almas dos Enforcados. Erguida em 1886, tratava-se de um modesto espaço de devoção, antecedido por um cruzeiro ali fincado. Cabe lembrar que esse era o topo de uma colina, uma das mais altas do núcleo urbano. O cruzeiro e a capela eram lugares de oração e de festas anuais, realizadas sempre no mês de maio e promovidas pela Irmandade de Nossa Senhora dos Remédios, cujo zelador liderou a construção da capela. Os templos dos Remédios e de Santa Cruz tinham em comum, portanto, um vínculo com as populações negras da cidade, uma vez que os escravizados também eram a maioria dos condenados à morte. O culto aos que morreram em extremo sofrimento, num ato que certamente impactava a sociedade que assistia às execuções, tornou esse um dos mais relevantes espaços de devoção às almas da área central de São Paulo, a ponto de, em 1934, ter surgido ao lado da capela a Casa de Velas Santa Rita, loja de artigos religiosos católicos e afro-brasileiros que perdurou até 2023 e fechou suas portas após a pandemia de covid-19.

A dor e a festa conviveram lado a lado no que hoje é o coração da Liberdade. Afinal, o culto aos mortos é o culto aos ancestrais e neles, sobretudo a partir das perspectivas cosmológicas africanas, celebrar a morte e a vida é indissociável. Como pontua Amailton Magno de Azevedo, “cultuam-se os espíritos ancestrais dançando e cantando”.⁵ Nesse sentido, as festas em louvor à Santa Cruz eram momentos fundamentais para a sociabilidade de populações negras e mestiças, paulistanas e caipiras, muitas das quais tinham suas residências ali.⁶

Essa rede de alegria e resistência tinha como alguns de seus principais pontos de referência duas das mais antigas escolas de samba de São Paulo: a Lavapés e a Paulistano da Glória. A Lavapés, fundada em 1937 por Deolinda Madre – mais conhecida como Madrinha Eunice (1909-1995) – tinha o seu reduto nas “Cinco Esquinas”, convergência entre as ruas do Lavapés, Glicério, Sinimbu, da Glória e Tamandaré. Ali os engraxates do centro da cidade se reuniam para as rodas de tiririca, brincadeira de rasteiras entremeada por batuques feitos com os instrumentos de trabalho.⁷

O cordão carnavalesco Paulistano da Glória também foi fundado por uma mulher, Augusta Geralda, e surgiu na década de 1940, a partir da articulação de um movimento de mulheres trabalhadoras domésticas do bairro que reivindicavam seus interesses. De acordo com Azevedo, o grupo não apenas tinha uma “participação maciça de pessoas negras” como também cantava histórias da população negra paulistana em seus carnavais. Augusta era mãe de um dos proeminentes nomes do samba paulista: Geraldo Filme (1927-1995). Em um de seus depoimentos sobre o Paulistano da Glória, o cantor e compositor relatou as tensões com outros moradores da Liberdade nos anos 1980,

5 AZEVEDO, Amailton Magno de. *Sambas, quintais e arranha-céus: as micro-áfricas em São Paulo*. 3ª ed. São Paulo: Dandara, 2025, p. 30. A esse respeito, ver também: SLENES, Robert. “Eu venho de muito longe, eu venho cavando”: jogueiros cumba na senzala Centro-Africana. In: LARA, Sílvia Hunold; PACHECO, Gustavo (org.). *Memória do Jongo: as gravações históricas de Stanley J. Stein*, Vassouras, 1949. Rio de Janeiro: Folha Seca; Campinas: Cecult, 2007.

6 WISSENBAACH, Maria Cristina Cortez. *Sonhos africanos, vivências ladinas: escravos e forros em São Paulo (1850-1888)*. São Paulo, Hucitec/ História Social, USP, 1998.

7 Sobre as sociabilidades em torno da tiririca e das rodas de samba paulistanas, ver SANTOS, André A. Oliveira. *‘Vai graxa ou samba, senhor?’: a música dos engraxates paulistanos entre 1920 e 1950*. Dissertação (Mestrado em História Social), Universidade de São Paulo, São Paulo, 2015.

8 AZEVEDO, Amailton Magno de, 2025, p. 62-64.

9 DOMINGUES, Petrônio. Um “templo de luz”: Frente Negra Brasileira (1931-1937) e a questão da educação. *Revista Brasileira de Educação*, v. 13, n. 39, set./dez. 2008. Ver também BARONE, Ana Claudia Castilho. Liberdade e Punição: O que se reivindica na disputa pela identidade racial no bairro da Liberdade? *Cadernos PROARQ* 36. Jun. 2021, p. 74-92.

quando comerciantes nipo-brasileiros e coreanos ofereciam “quantias em dinheiro para que os moradores negros deixassem o lugar”. As ofertas não eram aceitas, segundo o sambista, porque havia um forte sentido de preservação do lugar para a memória da agremiação.⁸ As Cinco Esquinas e a Lavapés têm seus locais sinalizados com as placas do Inventário Memória Paulistana desde 2021 e 2024, respectivamente.

Ainda sobre o contexto das articulações políticas da população negra do bairro da Liberdade, é importante lembrar a criação da Frente Negra Brasileira (FNB), primeira grande organização negra do país após a abolição da escravidão. A Frente foi criada em 1931 como uma associação para reivindicar direitos a que as pessoas negras tinham pouco ou nenhum acesso depois do fim da escravidão, como saúde, educação, emprego e seguridade social. Seu primeiro endereço foram duas salas em um edifício na praça da Sé, ocupando pouco tempo depois um imóvel na atual avenida da Liberdade. Além dos escritórios administrativos, a sede também dispunha de salão de beleza, salão de jogos, consultório dentário, bar, um local para festas e cerimônias oficiais, grupo de teatro, grupo de música e posto de alistamento eleitoral. A agremiação também editava o seu próprio jornal, *A Voz da Raça*, um dos principais periódicos da imprensa negra nacional, que circulou entre 1933 e 1937.⁹

A despeito dos diversos domínios de atuação, a Frente Negra Brasileira investiu na educação como o principal caminho para a conquista de direitos e para a ascensão social da população negra. Para tanto, foram criados uma escola e cursos profissionalizantes voltados para a erradicação do analfabetismo e para a qualificação para o mercado de trabalho. A organização cresceu e se irradiou, abrindo sedes em outros municípios do estado e do país, reunindo milhares de associados, chegando a ser reconhecida como partido político no ano de 1936. Sua trajetória foi interrompida, entretanto, após a instauração do Estado Novo (1937-1945) por Getúlio Vargas, quando a associação/partido foi declarada ilegal e teve as suas atividades encerradas. A única referência à existência do que outrora foi a Frente Negra Brasileira no território da cidade de São Paulo é uma das placas azuis do programa dedicado à memória paulistana, afixada em 2022, na parede da sede da Casa de Portugal, cujo edifício foi inaugurado no mesmo terreno, em 1955.

E a história afrodiaspórica segue se inscrevendo na Liberdade. Entre as ausências, o Pelourinho e a Frente Negra. Como persistências, destacamos a Capela dos Aflitos e a descoberta de remanescentes humanos e de vestígios arqueológicos em seu entorno, que tem mobilizado agentes diversos. É o caso da União dos Amigos da Capela dos Aflitos (UNAMCA), criada em 2018, que tem atuado pela preservação desse patrimônio e buscado dar visibilidade às memórias negras e indígenas na Liberdade. Além do programa Inventário Memória Paulistana, que permite a

identificação da presença negra no bairro, com um roteiro de placas informativas, vale mencionar a instalação da estátua em homenagem à Madrinha Eunice, em 2022, no centro da praça (ver imagem 2 na p. 301). A obra da artista Lídia Lisboa é mais um reconhecimento dessa Liberdade negra, que tem crescido com os fluxos migratórios recentes. Um exemplo é o Centro de Estudos Culturais Guineenses, criado com o propósito de estabelecer um polo de referência na valorização e difusão das culturas da África Ocidental, em interlocução com as culturas afro-brasileiras e as expressões da diáspora africana nas Américas e na Europa.

Criado em 2016 por Abou Sidibé, artista que imigrou da Guiné-Conacri para o Brasil, a sede do centro também é chamada de “Casa Liberdade”, nome que alude ao bairro para demonstrar o que a casa significa para muitos imigrantes de diversas nacionalidades que ali se abrigam temporariamente. Localizada na rua dos Estudantes, a casa se tornou um espaço para aulas e oficinas de dança e percussão, bem como para contação de histórias e para interações que fortaleçam os vínculos entre diferentes grupos migrantes contemporâneos. O Centro de Estudos Culturais Guineenses articula diversas ações no entorno por meio de parcerias com outros agentes e instituições, constituindo assim um espaço de acolhimento e integração sociocultural.

A imigração haitiana, motivada pela instabilidade política das últimas décadas e pelos efeitos profundos do terremoto de 2010, encontra apoio e espaço de sociabilidade na Igreja de Nossa Senhora da Paz. A sede da paróquia de mesmo nome, criada em 1940, na Liberdade, tem sido o local das celebrações religiosas da comunidade haitiana desde 2013. É onde também se encontra a Casa do Migrante, fundada na década de 1970, que oferece abrigo, cursos e assistência até o presente não apenas a pessoas do país caribenho, como também a congoleses, angolanos, nigerianos e de diversos outros países da África, da América Latina e do Oriente Médio. O Haiti também se fez presente na Ocupação Jean-Jacques Dessalines. Instalada no bairro em 2021, também conhecida como Ocupação dos Imigrantes, recebeu o nome de um herói da independência do Haiti. Muitos refugiados haitianos passaram por essa ocupação, que foi esvaziada pela polícia, por ordem judicial, em fevereiro de 2026.

O reconhecimento da presença histórica negra no bairro da Liberdade fez com que a nomeação da praça como Liberdade-Japão fosse questionada pelos movimentos negros. O novo nome, oficializado pela prefeitura da cidade de São Paulo em 2018, foi visto como uma forma de sobrepor a identidade japonesa do território a outras identidades que também tinham suas histórias marcadas no lugar, como a afrodiaspórica. Assim, como forma de reparação histórica, em 2020, os vereadores Paulo Reis (PT) e Luana Alves (PSOL) propuseram nova alteração do nome. O projeto de lei foi aprovado pela Câmara Municipal e sancionado pelo prefeito Ricardo Nunes, em maio de 2023, quando a Lei Municipal nº 17.954 tornou oficial o nome da praça *Liberdade-África-Japão* (ver imagem 1 na p. 300).¹⁰

¹⁰ Disponível em: <https://legislacao.prefeitura.sp.gov.br/lei-17954-de-31-de-maio-de-2023>. Acesso em: 1º jun. 2026.

DAVID WILLIAM APARECIDO RIBEIRO

Historiador, docente do Museu Paulista da USP e do Programa de Pós-Graduação Interunidades em Museologia (PPGMus/USP). Atua na área de história do Brasil, cultura material e museus: memórias identitárias e memórias traumáticas e é coeditor de *Anais do Museu Paulista: História e cultura material*, além de ser associado ao ICOM (Conselho Internacional de Museus), à Anpuh (Associação Nacional de História) e à Rebrapesc (Rede Brasileira de Pesquisadores de Sítios de Memória e Consciência).

ALINE MONTENEGRO MAGALHÃES

Historiadora, doutora em história com pós-doutorado em museologia. É docente do Museu Paulista da USP, onde atua como curadora-chefe da Divisão de Acervo e Curadoria e professora do Programa de Pós-Graduação Interunidades em Museologia (PPGMus/USP). Atuou como historiadora no Museu Histórico Nacional por mais de 20 anos, tendo assumido a direção como substituta por 5 meses, em 2022.

LIBERDADE, BAIRRO PLURAL

Situada imediatamente ao sul da praça da Sé e de sua Catedral, a Liberdade recebeu diferentes grupos étnicos ao longo do tempo. Esses grupos são formados por pessoas que compartilham uma mesma origem e cultura, com língua, costumes e tradições comuns. Eles se instalaram nesse território e construíram parte de suas identidades na capital. A colina delimitada pelos rios Tamanduateí e Itooró, assim chamados pelos indígenas Tupi que habitavam a região, foi sendo ocupada especialmente a partir de fins do século 18 (1701-1800). Ali se fixaram portugueses, caipiras, africanos e afro-brasileiros escravizados ou livres.

No século 19 (1801-1900), a Liberdade reunia a força, o pelourinho, o hospital da Santa Casa, o Cemitério dos Afritos e a Casa de Pólvora. Esses equipamentos tornavam o território insalubre e associado a memórias difíceis. Por isso, os imóveis perdiam o valor, e as moradias ficavam mais acessíveis.

A partir de 1880, diversos grupos imigrantes passaram a viver e frequentar o bairro. Entre eles, italianos, portugueses, alemães, japoneses, chineses, taiwaneses, russos, libaneses e estadunidenses. Essas comunidades se instalaram ali por meio de moradias, comércios e associações culturais ou religiosas. Nos últimos anos, a pluralidade da Liberdade tem aumentado e se renovado com a chegada de imigrantes da África, América Latina, do Oriente Médio e Caribe.

O catálogo da exposição convida você a observar esse bairro de outra forma. Sua diversidade convive com ocultamentos e disputas de memória que muitas vezes escondem sua pluralidade.

O QUE É UM BAIRRO

O que é um bairro? Para quem o administra, suas fronteiras são bem definidas. Para quem vive nele, frequenta ou percorre o bairro, essas fronteiras não são fixas. Elas são mais flexíveis e dependem do nosso mapa mental, ou seja, de como cada pessoa vê a cidade. O bairro é assim percebido, reconhecido e vivenciado.

E o que é um bairro étnico? Ele se forma quando membros de um grupo ali se instalam e transformam aquele território a partir da sua presença. Um bairro pode ser identificado com um grupo pela presença de associações, escolas, jornais e comércios, por diferenças físicas e de vestimentas, pelos sons de uma língua. Essa percepção não é ditada pelo número de habitantes, mas por uma atmosfera.

A concentração étnica pode acontecer por dificuldades econômicas, mas também por escolhas culturais. Estar perto de pessoas de mesma origem facilita manter laços, se apoiar e se integrar à nova sociedade e ao novo território. Mas o bairro étnico não é fixo, pois há sempre chegadas e partidas de novos grupos.

Um bairro étnico é sempre plural. É multiétnico por abrigar pessoas de diferentes origens e culturas. A convivência desses grupos muitas vezes não é harmônica, e a diversidade nem sempre é visível.



1



2

1 Maquete topográfica audiovisual do bairro da Liberdade

Estúdio Laborg
Helio Nobre, 2026
Fotografia digital
Acervo do Museu Paulista da USP
Escaneie o QR code para assistir ao vídeo



2 Vista da exposição Liberdade: bairro plural

Helio Nobre, 2026
Fotografia digital
Acervo do Museu Paulista da USP

SOBRE A PLURALIDADE

O bairro da Liberdade é plural. Essa pluralidade se construiu ao longo de sua história por diferentes grupos étnicos e sociais que ali se estabeleceram. Entre eles estão indígenas, portugueses, africanos e afrodescendentes, alemães, chineses, japoneses, italianos, russos, libaneses, estadunidenses, haitianos, bolivianos, guineenses, entre outros. O movimento de chegadas e partidas prossegue até hoje, com pessoas vindas de outras regiões do Brasil, de outros países e de diferentes partes da cidade. Essas presenças moldam o bairro como ele é hoje. Na Liberdade, há associações, templos de diferentes religiões, estabelecimentos comerciais e moradores de múltiplas origens. Alguns são mais visíveis, outros menos.

Entretanto, as pluralidades não são simplesmente a soma desses grupos e de seus membros. A vizinhança constitui uma convivência complexa e diversa, marcada por diálogos e trocas, mas também por conflitos, disputas e negociações.

ORIGENS DO BAIRRO DA LIBERDADE

O bairro da Liberdade fica na parte mais alta da colina onde São Paulo foi fundada. Essa área permaneceu pouco povoada até meados do século 19 (1801-1900). Nessa época, havia na região equipamentos urbanos ligados à violência, à morte e às doenças. Por isso, o lugar era malvisto. Ali ficavam a forca, que dominava a paisagem da região, o pelourinho, que marcava o início do bairro, o hospital da Santa Casa de Misericórdia, o Cemitério dos Aflitos, a Casa de Pólvora e um matadouro.

Além disso, por ser uma das saídas da cidade, suas ruas e seus largos eram muito utilizados como passagem e parada de tropas de mulas e carros de carga. Alguns desses caminhos do bairro reformularam antigas trilhas indígenas.

A partir da década de 1870, São Paulo começou a crescer. A Liberdade passou a atrair estrangeiros e caipiras que chegavam à capital. Como o bairro havia sido marcado por atividades traumáticas e perigosas no século 19, seus terrenos eram pouco valorizados. Isso permitia aos recém-chegados encontrar habitações de baixo custo. Essa característica de abrigar novos moradores com poucos recursos financeiros permanece até hoje.



2



1

1 Rua da Glória e largo de São Paulo
José Wasth Rodrigues
Década de 1920
Pintura a óleo sobre tela, 61 x 120 cm
Acervo do Museu Paulista da USP

A pintura representa a rua da Glória, a Capela dos Aflitos e o Cemitério dos Aflitos. Porém, ela foi feita na década de 1920, quando o cemitério já tinha sido desativado e destruído. A obra integra um conjunto de pinturas do Museu do Ipiranga elaboradas com objetivo de representar o passado colonial de São Paulo de forma idealizada e positiva, ocultando os conflitos daquele período.

2 Planta da Imperial cidade de São Paulo
Autoria desconhecida
1790
Desenho em nanquim e aquarela sobre papel canson telado
Acervo cartográfico do Arquivo Histórico do Exército/Museu Militar Conde de Linhares

Intervenção gráfica sobre reprodução digital



Carta da capital de São Paulo

José Jacques da Costa Ourique
1842
Papel
Acervo do Museu Paulista
da USP

Intervenção gráfica sobre
reprodução digital

As reproduções das páginas 57 a 59 destacam os caminhos que atravessavam a colina onde a cidade de São Paulo foi fundada. Em vermelho, foram marcados os equipamentos urbanos associados à morte, tortura e doença. A região onde aparecem nos mapas é o atual bairro da Liberdade.



1



2

- 1 Esboço da cidade de São Paulo, tomado de uma elevação à direita do caminho de Itu (SP)

Edmund Pink, 1823
Pintura em aquarela sobre papel
Comodato MASP B3 – Brasil,
Bolsa, Balcão, em homenagem
aos ex-conselheiros da BM&F e
Bovespa
Reprodução fotográfica

- 2 Esboço da cidade de São Paulo, tomado das imediações da Forca, à esquerda do caminho de Santos, na entrada da cidade (SP)

Edmund Pink, 1823
Pintura em aquarela sobre papel
Comodato MASP B3 – Brasil, Bolsa, Balcão,
em homenagem aos ex-conselheiros da
BM&F e Bovespa
Reprodução fotográfica

1 **Notícia da mudança do nome do largo da Forca para praça da Liberdade**

Correio Paulistano
3 de novembro de 1858
Papel impresso
Acervo da Hemeroteca Digital Brasileira – Biblioteca Nacional
Reprodução fotográfica

2 **Morro da forca em cerca de 1870 (visto das cercanias da rua Rodrigo Silva)**

Pedro Alexandrino
Reprodução fotográfica do livro *Tradições e reminiscências paulistanas*, de Afonso de Freitas, de 1921



1



2



3



4



5



6



7



8

O álbum de Afonso: a reforma de São Paulo

Livro organizado por Carlos Lemos e publicado em 2001
Autoria desconhecida
Fotografia
Reproduções fotográficas do livro

- 3 Rua da Liberdade, 17 (casa de Antonio Bento), 1906
- 4 Rua da Liberdade, esquina com rua Livre, 1906
- 5 Rua da Liberdade e Igreja dos Remédios ao fundo, 1906
- 6 Rua Bonita (atual rua Mituto Mizumoto), esquina com rua da Glória, 1908
- 7 Rua Bonita (atual rua Mituto Mizumoto), esquina com rua Barão de Iguape, 1908
- 8 Rua Bonita (atual rua Tomás de Lima), 1910



1



2

1 **Vista da rua da Glória**
 Autoria desconhecida, 1862
 Acervo do Museu Paulista da USP
 Reprodução fotográfica

2 **Rua da Glória (tirada do largo Sete de setembro)**
 Militão Augusto de Azevedo, 1887
 Fotografia, papel, albumina, saís de prata
 Acervo do Museu Paulista da USP
 Reprodução fotográfica



3



4

3 **Vista do começo da rua da Glória**
 Autoria desconhecida
 Século 20 (1901-2000)
 Fotografia
 Acervo do Museu Paulista da USP
 Reprodução fotográfica

4 **Vista contemporânea da rua da Glória (tirada do largo Sete de setembro)**
 José Rosael, 2026
 Fotografia digital
 Acervo do Museu Paulista da USP



1



2

1 **Nossa Casa na
rua Conselheiro Furtado**

Autoria desconhecida
1905-1909
Fotografia papel de
gelatino-bromuro
Acervo do Museu Paulista da USP
Reprodução fotográfica

2 **Interior de residência de
Tommaso Gaudenzio Bezzi,
no largo da Liberdade,
São Paulo**

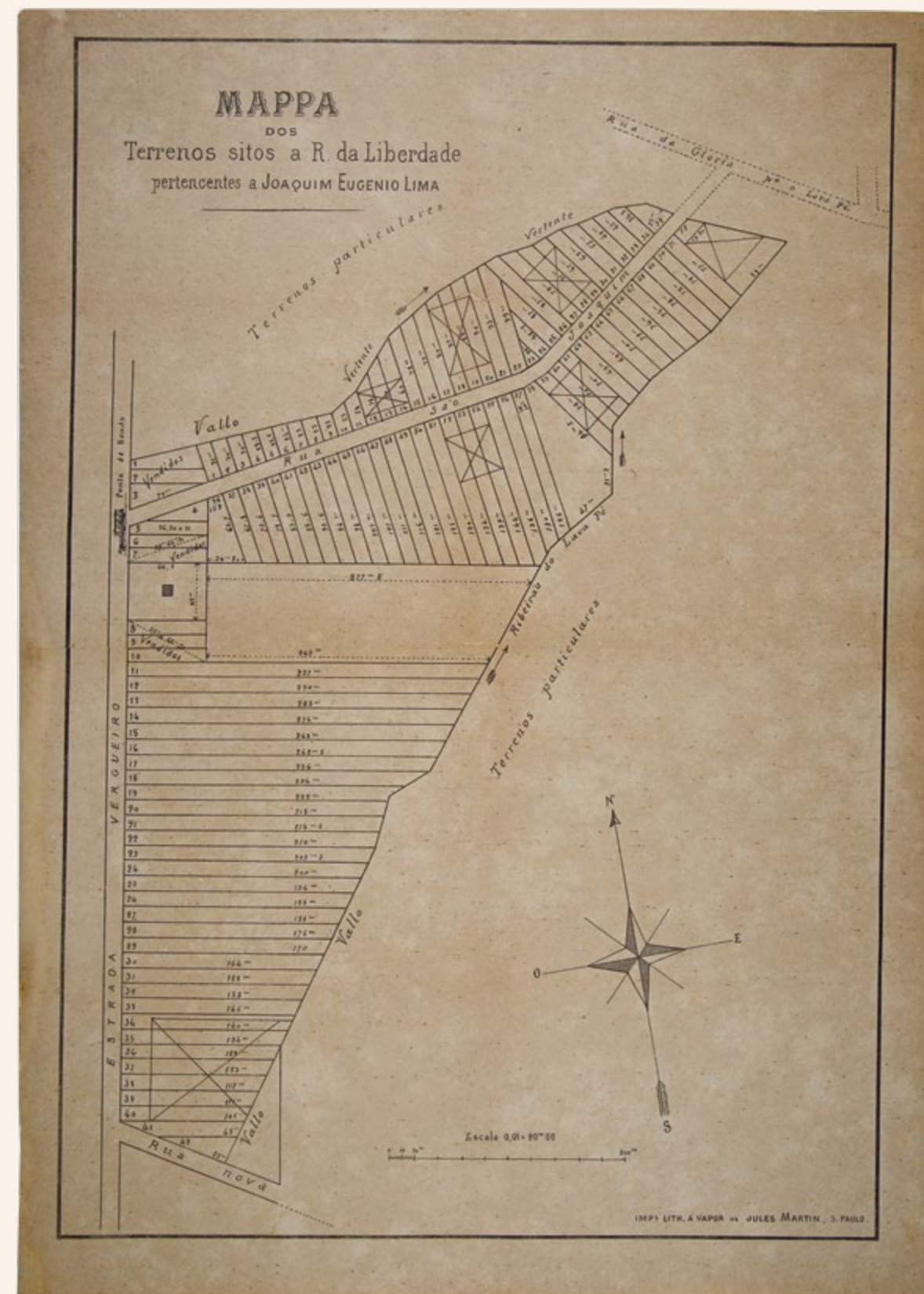
Guilherme Gaensly e
Rodolpho Lindemann, 1898
Fotografia
Acervo do Museu Paulista da USP
Reprodução fotográfica

Tommaso Bezzi (1844-1915)
era italiano e foi o arquiteto
responsável pelo projeto do
edifício-monumento que abriga o
Museu do Ipiranga. A fotografia
registra o ambiente interno da sua
residência no largo da Liberdade
no final do século 19 (1801-1900).

3 **Mappa dos Terrenos Sitos
a rua da Liberdade**

Lithografia à vapor de Jules Martin
Século 19 (1801-1900)
Impressão sobre papel
53,6 × 38,7 cm
Acervo do Museu Paulista da USP

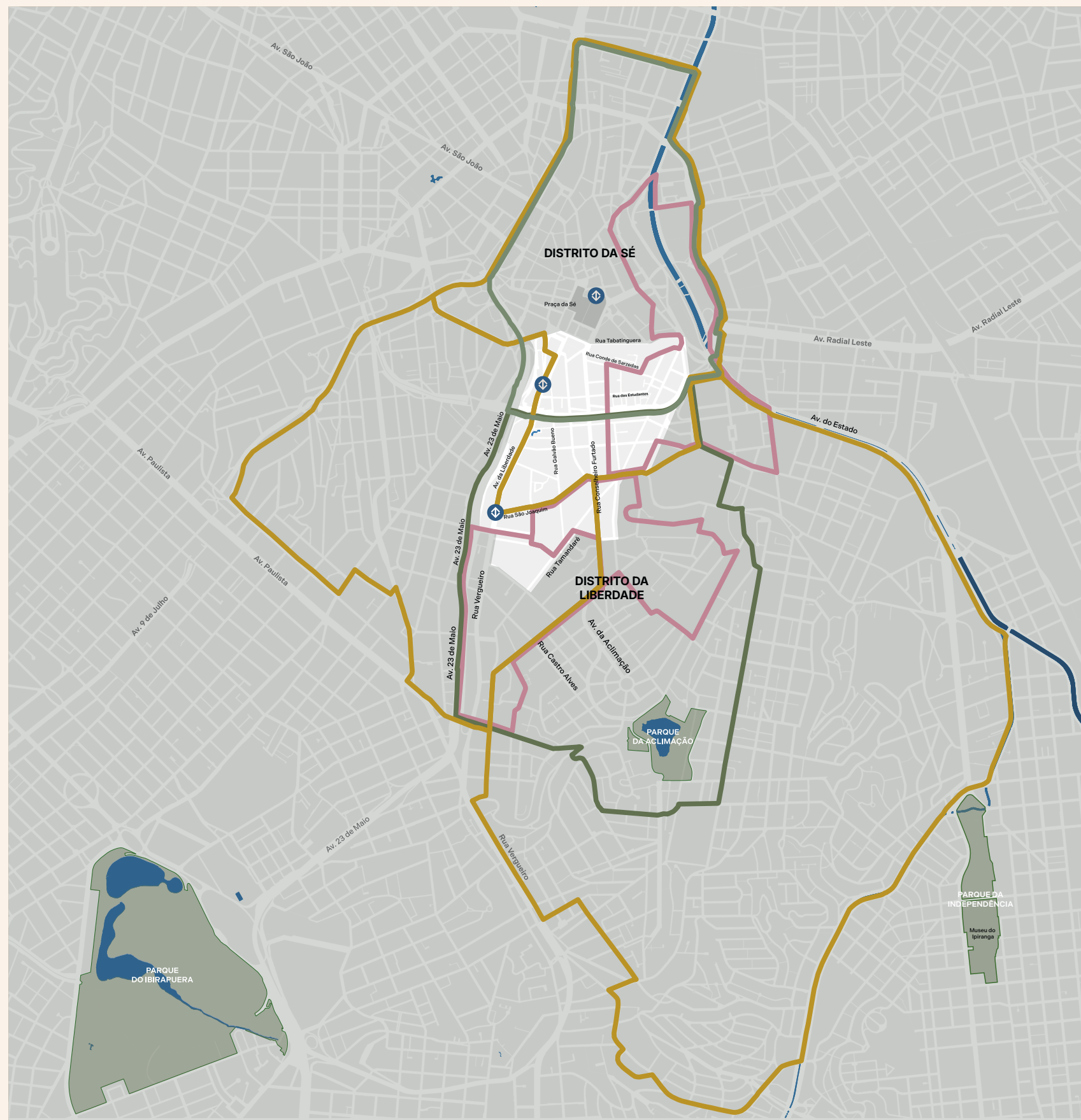
O mapa registra que grande parte
dos lotes de terreno na Liberdade
eram estreitos. Essa característica
afastava o interesse da maior parte
das elites paulistas de morar no
bairro. A Liberdade era uma opção
sobretudo para populações pobres
e imigrantes.



3

UMA LIBERDADE, MUITOS LIMITES DIFERENTES

O território do bairro da Liberdade vivido pelas suas diferentes etnias e gerações de moradores e frequentadores não coincide com os limites estabelecidos por diferentes agentes públicos e privados para essa parte da cidade de São Paulo. Tampouco esses limites são todos iguais entre si. O subdistrito da Liberdade determinado pela Prefeitura exclui, por exemplo, a parte norte do bairro e a própria praça da Liberdade, que fica no distrito da Sé. Os limites utilizados na Liberdade pela Polícia Civil (delegacias) e pela Arquidiocese de São Paulo (paróquias) também não coincidem.



- Perímetro Distrito
- Perímetro Polícia Civil
- Perímetro Paróquias



- 1 Igreja Presbiteriana de Formosa
- 2 Catedral Ortodoxa Russa
- 3 Exército de Salvação
- 4 Templo Budista Busshinji
- 5 Sociedade Filarmônica Lyra
- 6 Museu Histórico da Imigração Japonesa
- 7 Centro Cultural de Taipei
- 8 Catedral Maronita Nossa Senhora do Líbano
- 9 Catedral Metodista
- 10 Casa de Portugal e Frente Negra Brasileira
- 11 Igreja da Santa Cruz dos Enforcados
- 12 Capela dos Aflitos
- 13 Liga Itálica
- 14 Ocupação Jean-Jacques Dessalines
- 15 Centro Social Chinês (TAIWAN)
- 16 Centro Cultural da Guiné
- 17 Associação Okinawa Kenjin do Brasil
- 18 Igreja Nossa Senhora da Paz

PRESENCAS

Há uma grande pluralidade de grupos sociais que ocuparam o bairro da Liberdade e contribuíram para sua formação.

Este módulo apresenta acervos de instituições culturais que participaram da construção social desse território da cidade. A maior parte delas ainda se encontra sediada no bairro e foi erguida com recursos levantados pelos próprios grupos étnicos que as compõem.

Outras instituições, no entanto, deixaram o bairro por razões diferentes. A Sociedade Musical Lyra foi expulsa durante a Segunda Guerra Mundial. A Igreja dos Remédios ficava ao lado do antigo largo do Pelourinho, atual largo Sete de Setembro. Ela foi demolida em 1943 e reconstruída em outra localização, entre os bairros Aclimação e Cambuci. A Frente Negra ficava no terreno onde hoje está a Casa de Portugal. Getúlio Vargas determinou sua extinção em 1937. Já a Liga Itálica encerrou suas atividades na década de 2010.

Os acervos aqui expostos estão relacionados com diversos aspectos da trajetória e do cotidiano dessas instituições e dos grupos que elas representam. Foram selecionados projetos arquitetônicos das sedes, objetos de culto, instrumentos musicais, ferramentas de trabalho, fotografias, vestimentas, móveis, objetos decorativos, entre outros, para nos ajudar a compreender o papel dessas instituições na caracterização do bairro da Liberdade como território marcado pela diversidade ao longo dos últimos 200 anos.

Os acervos reproduzidos em cada um dos núcleos a seguir pertencem às instituições correspondentes, salvo exceções cuja procedência será indicada.

ASSOCIAÇÃO OKINAWA KENJIN DO BRASIL

Fachada da Associação
Okinawa Kenjin do Brasil

José Rosael, 2026
Fotografia digital
Acervo do Museu Paulista da USP



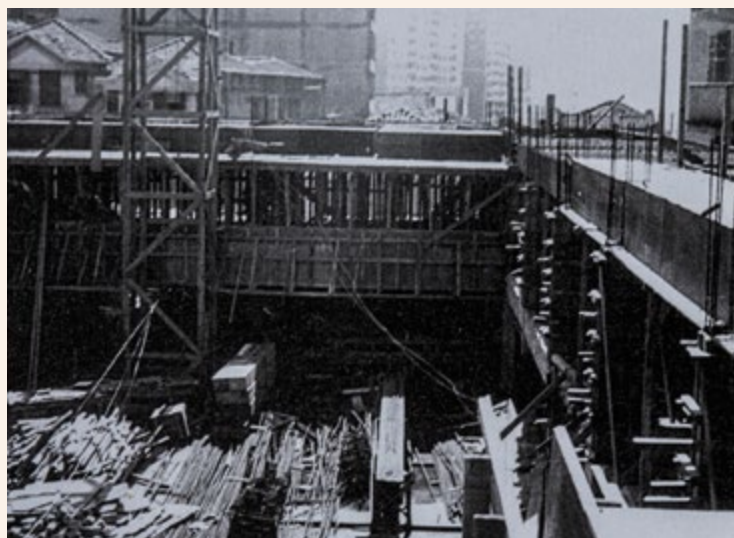
O arquipélago de Okinawa, antigo reino de Ryukyu, foi anexado pelo Japão em 1879. A província fica no extremo sul do país, tem clima mais quente e é historicamente mais pobre. Seus habitantes tinham línguas, costumes e tradições próprios. Com a anexação, o japonês foi imposto como língua oficial.

A emigração dos okinawanos começou no final do século 19, para o Havaí. No Brasil, o primeiro navio vindo do Japão chegou a Santos em 1908 com 781 imigrantes. Entre eles, 325 eram okinawanos. Atualmente, representam cerca de 10% dos imigrantes japoneses e de seus descendentes vivendo no Brasil.

Eles formam um grupo próprio dentro da comunidade nipônica, ainda que isso não seja visível para os não descendentes de japoneses. A Associação Okinawa Kenjin do Brasil existe em São Paulo desde 1926. Sua sede atual foi inaugurada em 1978, na Liberdade. Ali, há um museu com objetos relacionados à origem e às singularidades dos okinawanos.



1



2

- 1 Grupo em frente à obra da sede Associação Okinawa Kenjin do Brasil
- Autoria desconhecida, 1977
Fotografia
- Reprodução fotográfica do livro *1 século de história em fotos: a comunidade okinawana no Brasil 1908-2008*, publicado pela Associação Okinawa Kenjin do Brasil em 2014

- 2 Construção da sede na Liberdade
- Autoria desconhecida, 1977
Fotografia
- Reprodução fotográfica do livro *1 século de história em fotos: a comunidade okinawana no Brasil 1908-2008*, publicado pela Associação Okinawa Kenjin do Brasil em 2014



3

- 3 *Raízes de Okinawa*
- Higa, 2013
Pintura em acrílica sobre tela, 102 x 123 cm



1



2



3

1 Kyowa

Associação Okinawa Kenjin do Brasil, 2011
Papel, 26,5 × 20 × 0,5 cm

Kyowa é um boletim informativo publicado pela Associação Okinawa Kenjin do Brasil para seus membros. As edições contam com textos em português e japonês. A edição de 2011 comemorou os 85 anos de existência da associação.

2 1 século de história em fotos: a comunidade okinawana no Brasil 1908-2008

Associação Okinawa Kenjin do Brasil e Editora Paulus, 2014
Papel encadernado, 30 × 21 × 2,5 cm



4

3 Medalha comemorativa do centenário da imigração japonesa no Brasil

Associação Okinawa Kenjin do Brasil, 2008
Metal, esmalte, 0,5 × 6 cm

4 Prato decorativo

Autoria desconhecida
Século 20 (1901-2000)
Pintura em laca sobre madeira
35 × 36 × 16,5 cm
Com representação do Palácio Real de Okinawa, ou Castelo de Shuri (Shuri-jō)



1 Shirmedaiko
 Autoria desconhecida
 Século 20 (1901-2000)
 Madeira, couro, corda
 12 × 31 × 31 cm



2 Sanshin
 Autoria desconhecida
 Século 20 (1901-2000)
 Couro sintético, tecido, madeira
 79 × 21,5 × 8 cm

1

3 Teoria Sanshin
 Editora Phoenix Enterprises, 2000
 Papel, vidro, 59 × 82 cm

O texto fala sobre a constituição do instrumento musical e seu significado simbólico de comunicação entre o céu e a terra por meio das cordas do Sanshin. O cartaz apresenta também uma imagem do Sanshin e explica as partes desse instrumento tradicional de Okinawa. Teoria Sanshin foi produzido em 2000 para o Dia do Sanshin de Ryukyu, celebrado em 4 de março.



3



1

1 Maquete de tear
 Autoria desconhecida
 Século 20 (1901-2000)
 Tecido, madeira,
 46 × 49 × 28 cm



2

2 Concha do mar de Okinawa
 s.d.
 6,5 × 9 × 7,5 cm



3

3 Concha do mar de Okinawa
 s.d.
 12,5 × 20 × 16,5 cm



4

4 Fóssil do mar de Okinawa
 s.d.
 3 × 9 × 8 cm

5 Rolo de tecido bashofu

Autoria desconhecida
 Século 20 (1901-2000)
 Tecido artesanal de fibra de
 bananeira, 71 × 36,5 × 6 cm

O bashofu é um tecido tradicional
 de Okinawa. Ele é feito a partir das
 fibras da bananeira japonesa. É um
 material leve, arejado e durável,
 ideal para o clima quente e úmido.



5

MUSEU HISTÓRICO DA IMIGRAÇÃO JAPONESA

Fachada da Sociedade Brasileira de
Cultura Japonesa e de Assistência
Social – Bunkyo

José Rosael, 2026
Fotografia digital
Acervo do Museu Paulista da USP

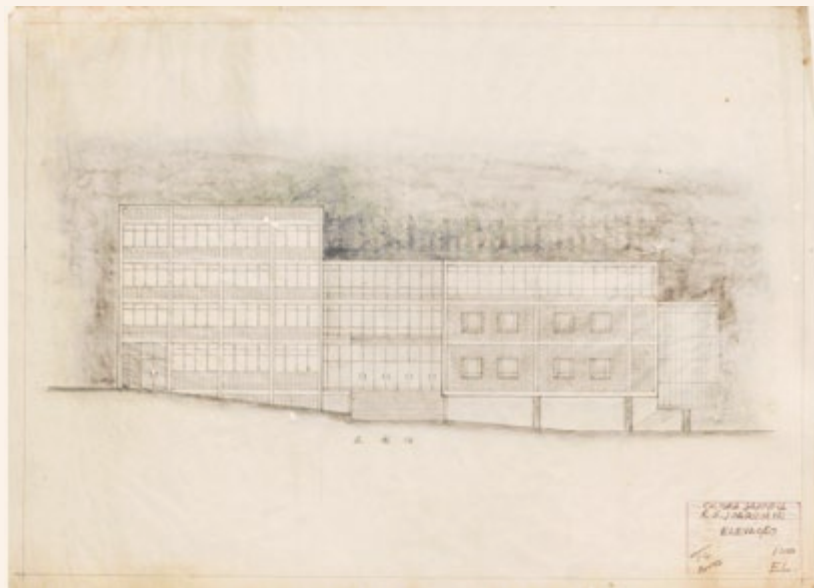
O Museu Histórico da Imigração
Japonesa no Brasil ocupa quatro
andares do edifício do Bunkyo.



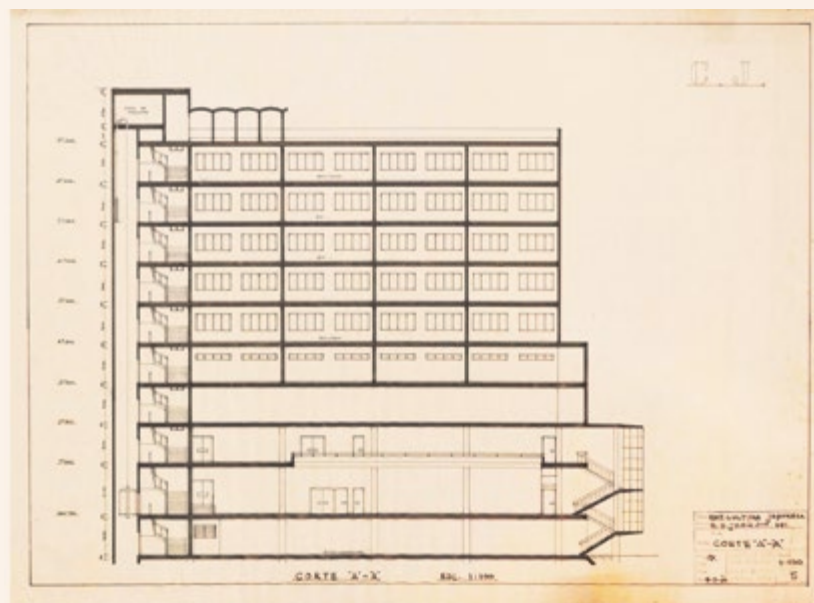
O Museu Histórico da Imigração Japonesa pertence à Sociedade Brasileira de Cultura Japonesa e de Assistência Social, o Bunkyo. Essa é a principal instituição da comunidade nipo-brasileira, que tem sua sede na Liberdade desde 1955. O museu foi inaugurado em 1978, por ocasião dos 70 anos da imigração japonesa no Brasil. Dentre os grupos étnicos presentes na Liberdade, somente os japoneses constituíram museus próprios no bairro.

O museu conta com uma grande coleção de objetos, documentos e imagens abrangendo a vida cotidiana dos imigrantes no campo e na cidade, suas origens e relações com o Japão, suas expressões artísticas e culturais, além de aspectos ligados à sua presença étnica no bairro da Liberdade.

A atual exposição de longa duração do museu aborda com maior atenção a experiência urbana dos japoneses e de seus descendentes, além do período difícil da Segunda Guerra Mundial, quando o governo brasileiro perseguiu a comunidade.



1



2

1 Estudo preliminar do edifício Bunkyo

Takeshi Suzuki
30 de janeiro de 1962
Desenho a lápis em papel manteiga
Reprodução fotográfica

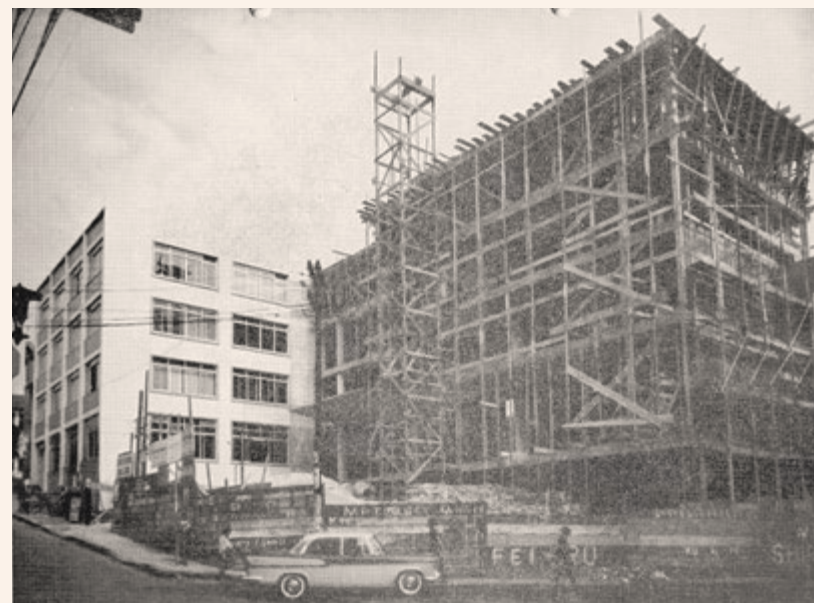
Takeshi Suzuki foi o primeiro imigrante japonês a receber o diploma de engenheiro-arquiteto no Brasil, formado pela Universidade Mackenzie.

2 Estudo preliminar do edifício Bunkyo

Takeshi Suzuki
8 de julho de 1962
Desenho a lápis em papel-manteiga
Reprodução fotográfica



3



4

3 Cerimônia de assentamento da pedra fundamental do edifício Bunkyo

Yukio Sato
18 de junho de 1958
Fotografia
Reprodução fotográfica

O príncipe Mikasa, da família imperial do Japão, visitou o Brasil para as comemorações do 50º aniversário da imigração japonesa em 1958. Ele protagonizou o assentamento da pedra fundamental do edifício sede do Bunkyo, assistido pela princesa Yuriko, sua esposa, e por representantes da comunidade japonesa do Brasil..

4 Construção do edifício Bunkyo

Autoria desconhecida
Setembro de 1962
Fotografia
Reprodução fotográfica



1

- 1 **Notícias do Brasil**
1930
Papel
Reprodução fotográfica

O jornal *Notícias do Brasil* (Burajiru Jiho) foi criado por intelectuais e líderes da colônia japonesa interessados em promover a comunicação entre os imigrantes. Na época, muitos não dominavam a língua portuguesa e o jornal era editado em japonês. Sua sede estava localizada na rua Vergueiro, na Liberdade.



2

- 2 **Escola de Corte e Costura Nippaku Saihou Jogakko**

Masujiro Takeshita
1930
Reprodução fotográfica
A fotografia foi publicada no *Álbum de registro de atividades e situações dos compatriotas*, de Masujiro Takeshita

- 3 **Tinturaria Usina Nipponica**

Masujiro Takeshita
1930
Reprodução fotográfica do *Álbum de registro de atividades e situações dos compatriotas*, de Masujiro Takeshita



3



1



1

1 **Álbum de registro de atividades e situações dos compatriotas no Brasil**

Masujiro Takeshita (Estúdio Takeshita)
1938
Papel, tecido, 27 × 38,5 × 3 cm

Para fins comemorativos e de propaganda, muitos álbuns de fotografia que retratavam aspectos da vida dos imigrantes japoneses no Brasil foram produzidos por companhias de colonização, com apoio da diplomacia do Japão. Com olhar positivo, as fotografias representavam a viagem de navio, o trabalho nas fazendas e a vida nas cidades. A imigração era apresentada como um bom empreendimento, deixando na sombra qualquer marca de conflito ligado à exploração e ao racismo antinipônico.

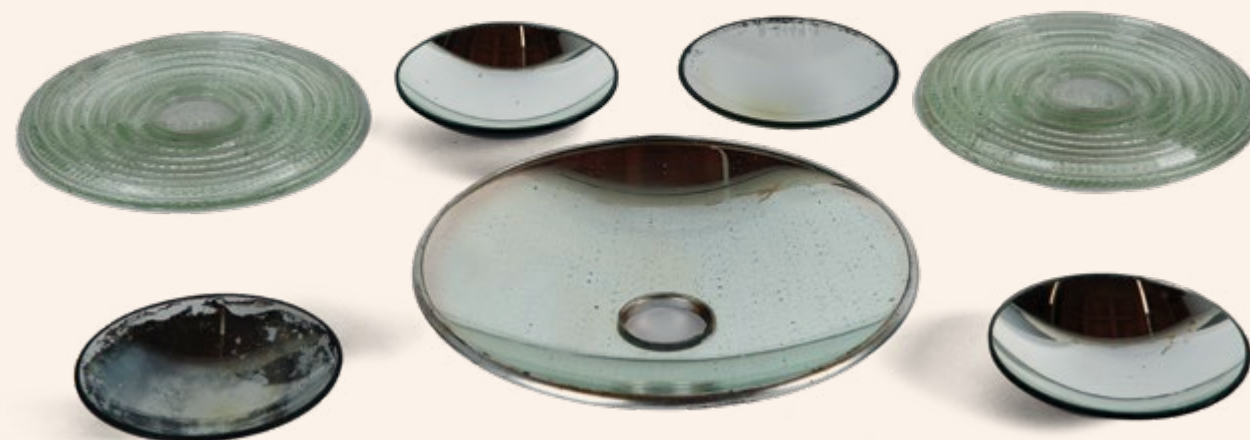
2 **Conjunto de refletores do Cine Niterói**

YKK Yamada Kogaku Kogyo Co. Ltd
Século 20 (1901-2000)
Vidro, 1 refletor de 20 cm de diâmetro,
2 lentes de 15,2 cm, 4 lentes côncavas de 10 cm

3 **Projeto de filmes 16mm do Cine Niterói**

Indústria Brasileira patente nº 63663
Século 20 (1901-2000)
Fibra acrílica, metal e plástico, 35 × 50 × 24 cm

Os cines Niterói, Nippon, Tokyo e Joia, que se localizavam na Liberdade, eram espaços centrais de difusão de filmes japoneses em São Paulo e acolhiam japoneses, seus descendentes e aqueles que queriam conhecer a produção cinematográfica nipônica.



2



3



1



2



3



4



5

- | | | |
|---|---|--|
| <p>1 Fachada do Cine Joia, na praça Carlos Gomes</p> <p>Autoria desconhecida
 Década de 1960
 Fotografia
 Reprodução da fotografia publicada no livro <i>Coronia Gueinoshi</i> (História da Arte da Colônia), publicado pelo Bunkyo em 1986</p> | <p>3 Fachada do Cine Tokyo, na rua São Joaquim</p> <p>Autoria desconhecida
 Década de 1950
 Fotografia
 Reprodução da fotografia publicada no livro <i>Coronia Gueinoshi</i> (História da Arte da Colônia), publicado pelo Bunkyo em 1986.</p> | <p>5 2º Festival Tanabata no bairro da Liberdade</p> <p>Hitoshi Matsuura
 Julho de 1980
 Fotografia
 Reprodução</p> |
| <p>2 Fila do Cine Nippon, localizado na rua Santa Luzia</p> <p>Autoria desconhecida
 Década de 1960
 Fotografia
 Reprodução da fotografia publicada no livro <i>Coronia Gueinoshi</i> (História da Arte da Colônia), publicado pelo Bunkyo em 1986</p> | <p>4 Desfile com participantes em trajes japoneses e fantasia carnavalesca</p> <p>Reprodução
 Edson Komiya
 28 de agosto de 1995
 Fotografia
 Reprodução</p> | |

CAPELA DOS AFLITOS

Fachada da Capela dos Aflitos em
restauro, protegida por tapume com
intervenção artística de Marília Marz

José Rosael, 2026
Fotografia digital
Acervo do Museu Paulista da USP



A capela dedicada ao culto a Nossa Senhora dos Aflitos foi erguida em 1779 no interior do cemitério dos Aflitos, criado em 1774. O cemitério era destinado ao sepultamento dos corpos de pessoas escravizadas, miseráveis, condenadas pela justiça ou mortas na Santa Casa de Misericórdia, ali perto. A Cúria criou esse cemitério para dar destino aos corpos que não podiam ser enterrados nas igrejas ou em seus arredores. Nesses locais, as sepulturas eram destinadas a pessoas com recursos ou ligadas a irmandades.

Na capela, eram realizados os rituais fúnebres e as orações aos que jaziam nesse cemitério. O local deixou de receber sepultamentos em 1858, após a inauguração do cemitério da Consolação. Em 1886, sua área foi loteada para novas construções. A capela, que já abrigava a devoção popular a Chaguinhas, continuou em uso e foi tombada como patrimônio cultural estadual em 1978 e municipal em 1991.



1

**1 Tapume do Memorial dos Aflitos
"Aqui jaz um cemitério"**

Wesley Vieira
2020-2023
Colagem sobre madeira
Reprodução fotográfica

A obra ficava no tapume ao lado da Capela dos Aflitos e foi feita com "santinhos", entre eles o que representa Francisco José das Chagas, o Chaguinhas. O objetivo era promover discussões sobre a história da Capela, do Cemitério e da figura de Chaguinhas.

**2 Velário em tapume à frente da
Capela dos Aflitos em restauro**

José Rosael, 2026
Fotografia digital
Acervo do Museu Paulista da USP



3



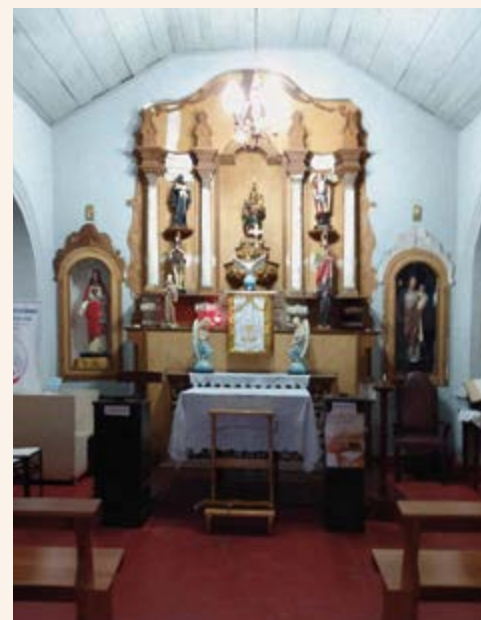
2

**3 Porta no interior da Capela dos
Aflitos com papéis de pedidos a
Chaguinhas**

Aline Montenegro Magalhães, 2020
Fotografia digital
Acervo pessoal

4 Vista interna da Capela dos Aflitos

Aline Montenegro Magalhães, 2020
Fotografia digital
Acervo pessoal



4



1

1 São Francisco das Chagas

Autoria desconhecida
Século 17 (1601-1700)
Barro cozido e policromado,
102 × 60 × 40 cm
Acervo do Museu de Arte Sacra de
São Paulo, proveniente da Capela
dos Aflitos

2 Santa doutora

Autoria desconhecida
Século 18 (1701-1800)
Madeira esculpida, douramento e
policromia, 34,5 × 14 × 9 cm
Acervo do Museu de Arte Sacra de
São Paulo, proveniente da
Capela dos Aflitos

3 Santa doutora

Autoria desconhecida
Século 18 (1701-1800)
Madeira esculpida, douramento
e policromia, 34 × 13 × 8 cm
Acervo do Museu de Arte Sacra de
São Paulo, proveniente da Capela
dos Aflitos

4 Santa doutora

Autoria desconhecida
Século 18 (1701-1800)
Madeira esculpida, douramento
e policromia, 33,5 × 13,5 × 10,5 cm
Acervo do Museu de Arte Sacra de
São Paulo, proveniente da
Capela dos Aflitos

5 Santo Antônio

Autoria desconhecida
s.d.
Madeira com resquícios de
douramento, 13,5 × 3 × 3,5 cm
Acervo do Museu de Arte Sacra
de São Paulo, proveniente da
Capela dos Aflitos

6 São José

Autoria desconhecida
Século 19 (1801-1900)
Madeira policromada,
22,5 × 12 × 8 cm
Acervo do Museu de Arte Sacra
de São Paulo, proveniente da
Capela dos Aflitos



2



3



4



5



6

CENTRO CULTURAL DA GUINÉ

Fachada do Centro de
Estudos da Cultura da Guiné

José Rosael, 2026
Fotografia digital
Acervo do Museu Paulista da USP



O Centro de Estudos Culturais Guineenses foi criado em 2016 por Abou Sidibé, artista que emigrou da Guiné-Conacri para o Brasil. A sede do centro também é chamada de “Casa Liberdade”. O nome faz referência ao bairro e demonstra o que a casa significa para muitos imigrantes de diversas nacionalidades que ali se abrigam temporariamente.

O centro foi criado para promover as culturas da África Ocidental. Também proporciona o diálogo com as culturas afro-brasileiras e africanas das Américas e da Europa.

A casa, localizada na rua dos Estudantes, se tornou um espaço para aulas e oficinas de dança e percussão. Também recebe atividades de contação de histórias e encontros que buscam fortalecer os vínculos entre diferentes grupos migrantes contemporâneos. O Centro de Estudos Culturais Guineenses articula diversas ações no entorno por meio de parcerias com outros agentes e outras instituições, constituindo assim um espaço de acolhimento e integração sociocultural.



1



2

1 **Abou Sidibé com escultura de Madrinha Eunice, da escultora Lidia Lisboa, localizada na praça da Liberdade África-Japão**

Rubens Suzuki, 2025
Fotografia digital

Abou é o líder da Centro de Estudos da Cultura da Guiné

2 **Abou Sidibé em frente às luminárias *Suzuranto***

Rubens Suzuki, 2025
Fotografia digital

3 **Ensaio da banda Yêtêralou Kilê**

Centro de Estudos da Cultura da Guiné, 2024
Fotografia digital

Yêtêralou é uma palavra em sussu, língua da República da Guiné. Yeteralou significa liberdade própria. Já Kilê significa coletivo.

4 **Aula de dança**

Centro de Estudos da Cultura da Guiné, 2024



3



4



1

1 Kora

Autoria desconhecida
Século 21 (2001-2100)
Cabaça, couro de cabra, nylon,
botão de metal, 137 × 41 × 36 cm

O kora é um instrumento tradicional da música da África Ocidental. Ele é muito utilizado pelos griôs, que são contadores de histórias e guardiões da memória, dos valores culturais e da tradição oral. Esse kora veio da República da Guiné, é feito de cabaça e composto por 21 cordas de nylon. Elas são presas à haste com tiras de couro de cabra para afinação.

2 Djembe

Autoria desconhecida,
Década de 1960
Madeira, couro, corda,
81 × 37,5 × 31 cm
Proveniente da República da Guiné



2



3



4

3 Kenkeni

Autoria desconhecida, século 21 (2001-2100)
Madeira, couro de cabra, corda sintética
49 × 30 × 30 cm
Proveniente da República da Guiné

4 Escultura de Nimba

Autoria desconhecida, século 21 (2001-2100)
Madeira, 23 × 11 × 9 cm
Proveniente da República da Guiné

A Nimba é uma deusa africana que simboliza a fertilidade, a prosperidade e a felicidade.

5 Máscara

Autoria desconhecida, século 21 (2001-2100)
Madeira, esmalte de unha, 15,5 × 9,5 × 3 cm
Proveniente da República da Guiné



5

CASA DE PORTUGAL

Fachada da Casa de Portugal
de São Paulo

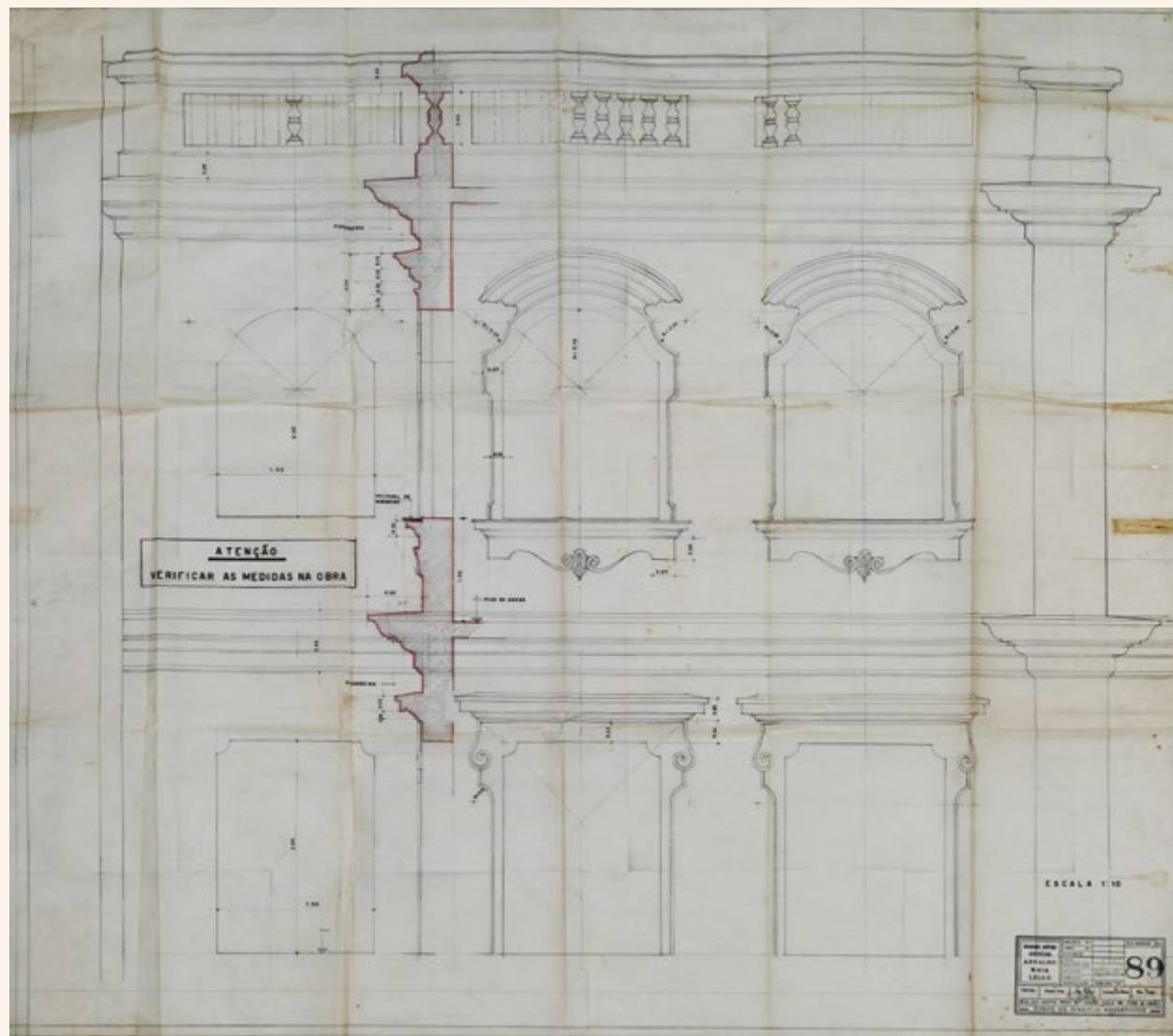
José Rosael, 2026
Fotografia digital
Acervo do Museu Paulista da USP



Fundada em 1935, a Casa de Portugal reúne portugueses e descendentes entre seus associados. É uma das maiores entidades vinculadas à imigração portuguesa da cidade, ao lado da Beneficência Portuguesa de São Paulo e da Portuguesa de Desportos.

Sua sede da avenida da Liberdade foi inaugurada em 1955. O edifício tem ornamentação chamada neocolonial, inspirada na arquitetura luso-brasileira do período colonial (1532-1815). Essa linguagem arquitetônica foi divulgada em São Paulo pelo arquiteto português Ricardo Severo e procura homenagear o passado brasileiro vinculado a Portugal. Durante muitas décadas, o Consulado-Geral do país esteve abrigado no edifício.

A instituição promove a preservação de danças tradicionais, músicas e culinária portuguesas. Também abriga uma grande biblioteca especializada em temas portugueses. Seu grande salão de festas é utilizado para comemorações da entidade e também é locado para eventos externos. O espaço já recebeu encontros de outras instituições étnicas do bairro, como a Catedral Ortodoxa Russa e a Igreja Presbiteriana de Formosa, que ali comemoraram seus cinquentenários.



1



2

1 **Detalhe do projeto arquitetônico em estilo neocolonial da fachada da sede da Casa de Portugal na avenida Liberdade**

Sociedade Anônima Construtora
Arnaldo Maia Melo
Década de 1950
Papel vegetal
Reprodução fotográfica

2 **Retrato de Ricardo Severo**

Gino Bruno, século 20 (1901-2000)
Pintura a óleo sobre tela, 92,5 × 77,5 × 6,5 cm

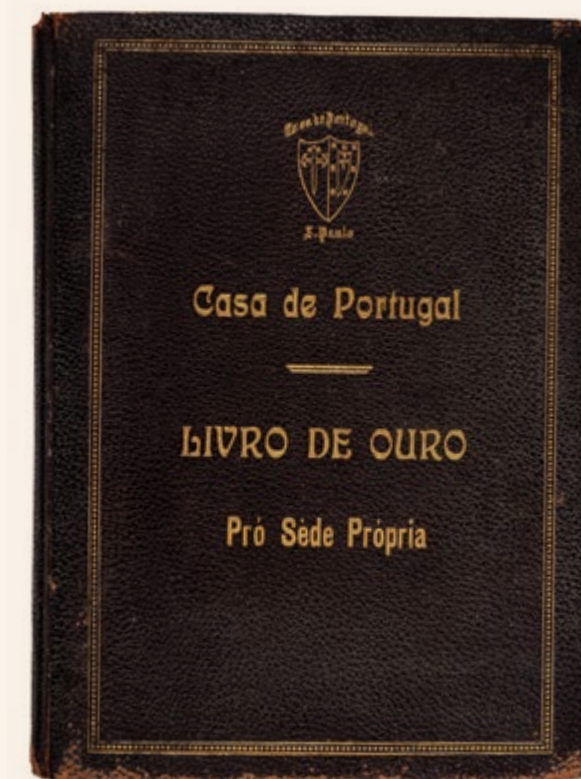
Ricardo Severo (1869-1940) foi um arquiteto português que promoveu no Brasil o estilo neocolonial, que era inspirado nas formas da arquitetura barroca e rococó. Severo incentivou a criação da Casa de Portugal como lugar de encontro e associação dos imigrantes portugueses no Brasil.



1

- 1 Lançamento da pedra fundamental da sede da Casa de Portugal na avenida Liberdade

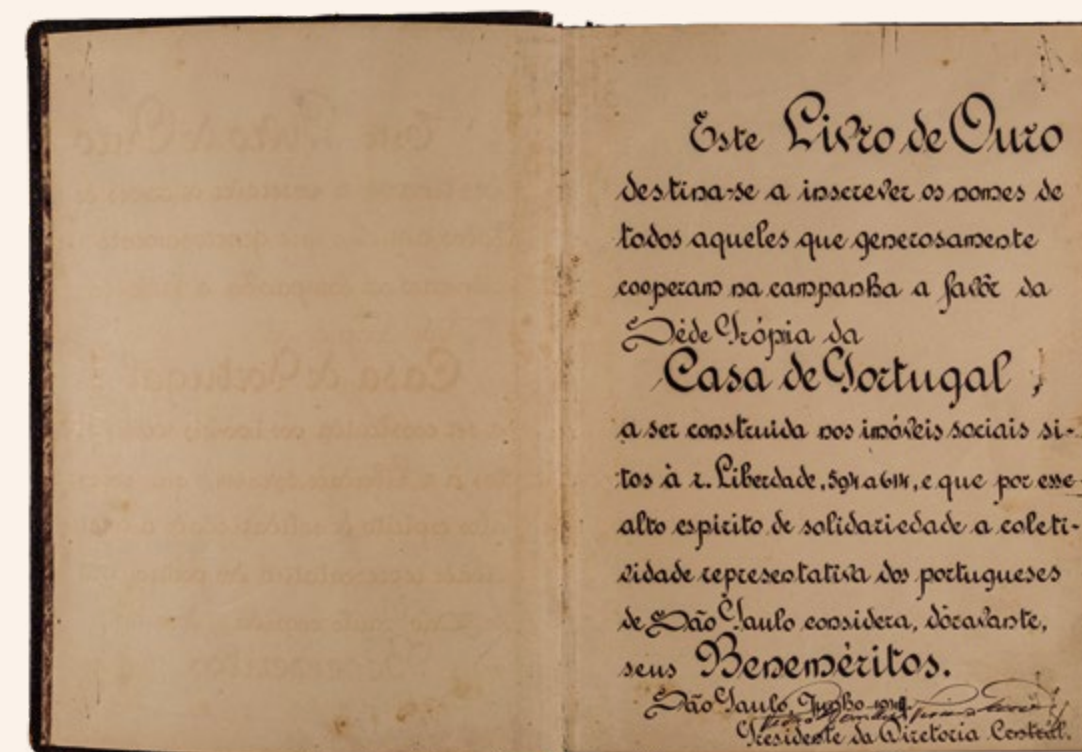
Autoria desconhecida, 1955
Fotografia, 24 × 21 cm



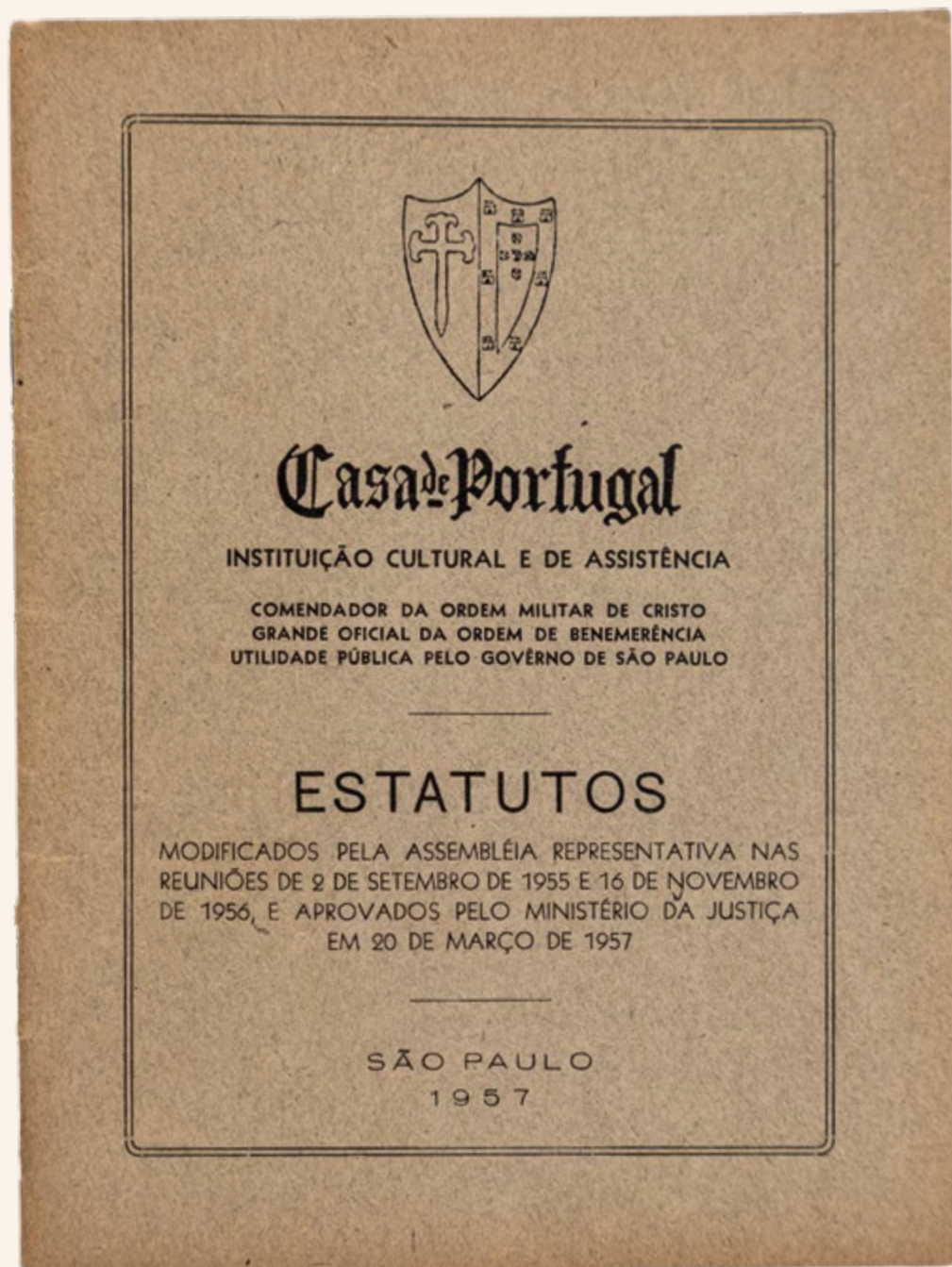
2

- 2 Livro de ouro pró sede própria

Autoria desconhecida
Casa de Portugal
de São Paulo, 1949
Papel, couro, 26 (aberto) x 19 × 3 cm



2



1 Estatutos

Casa de Portugal
de São Paulo, 1957
Papel, 16 × 12 cm



2

2 Casa de Portugal em revista - nº 1

Casa de Portugal de São Paulo, 1983
Papel, 28 × 21 cm

3 Medalhas comemorativas

Casa de Portugal de
São Paulo, 1995
Metal, 7 × 7 cm



3



1

1 **Relógio**
Horsant, s.d.
Metal, vidro,
53,5 × 28,5 × 20 cm



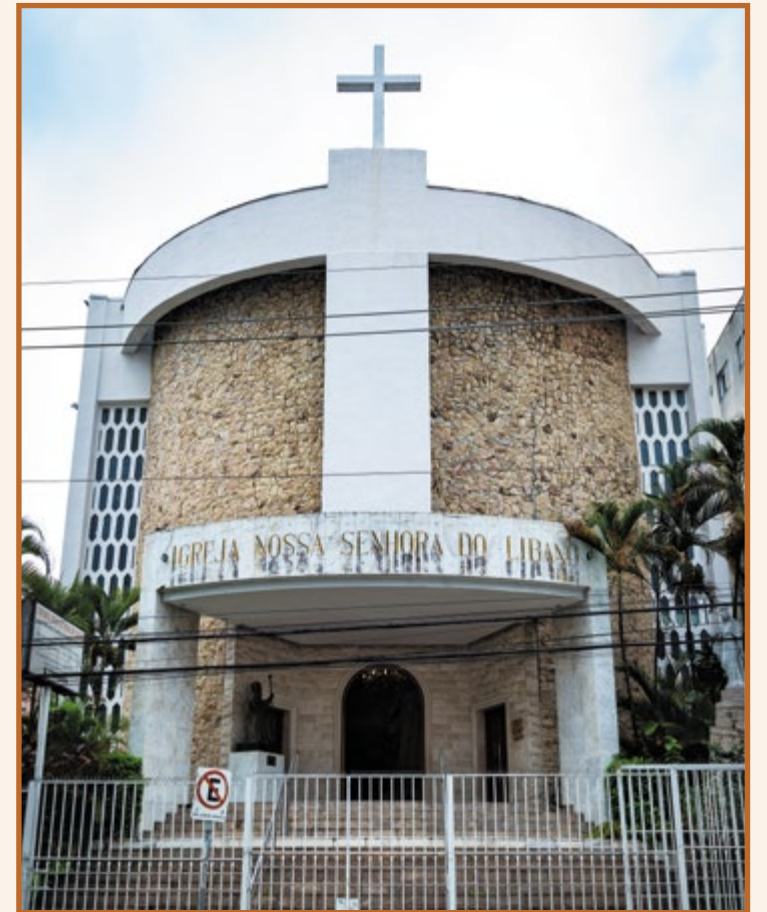
2

2 **Mesa**
Autoria desconhecida
s.d
Madeira de jacarandá,
94 × 190 × 88 cm

CATEDRAL MARONITA NOSSA SENHORA DO LÍBANO

Fachada da Catedral
Nossa Senhora do Líbano

José Rosael, 2026
Fotografia digital
Acervo do Museu Paulista da USP



A Catedral de Nossa Senhora do Líbano foi inaugurada na rua Tamandaré em 1967. Ela é a sede de uma eparquia (bispo) da Igreja Maronita. Os maronitas são cristãos que seguem um rito estabelecido por São Maron. Esse rito é diferente do rito romano (latino) e do bizantino (grego). O maronismo está concentrado historicamente no Líbano, seguindo a autoridade do papa católico. O Brasil possui a maior comunidade de pessoas com origem libanesa fora do Líbano, e grande parte dela é maronita.

Muitos descendentes de libaneses maronitas estão concentrados em bairros da zona sul de São Paulo, como Vila Mariana, Paraíso e Itaim Bibi. Mesmo assim, a catedral foi erguida na Liberdade, um bairro mais central e acessível a todas as regiões da cidade.

Em 2013, a construção passou por uma ampla reforma. As paredes externas e internas foram revestidas com pedras calcárias vindas do Líbano. A igreja também recebeu pinturas murais, como a que representa a Virgem Maria cercada pelos picos nevados libaneses.



Manuk foto e vídeo

www.manuk.com.br

- 1 Quadro com fotografias da Catedral Nossa Senhora do Líbano em sua primeira configuração interna, antes da reforma de 2013

Autoria desconhecida, década de 2000
Fotografia, moldura de madeira
80 x 80 cm

1



2

- 2 Missa do Dia de Nossa Senhora do Líbano, com a configuração após a reforma de 2013

Autoria desconhecida, 2025
Fotografia digital

- 3 Vista interna da Catedral Nossa Senhora do Líbano, com a decoração inaugurada em 2013

José Rosael, 2026
Fotografia digital
Acervo do Museu Paulista da USP



3



1 São Charbel

Autoria desconhecida, s.d.
Fibra de vidro, 142 × 86,5 × 32 cm

1



2



3

2 Cedro do Líbano

Autoria desconhecida
Século 21 (2001-2100)
Escultura em madeira de cedro
do Líbano, 27 × 27 × 4 cm

3 São Maron

Autoria desconhecida
s.d.
Gesso, 115 × 40 × 34 cm

São Maron é fundador da primeira
comunidade que deu origem à
igreja maronita.



1



2



3



4

1 Missário bilingue

Comitê patriarcal para assuntos litúrgicos de Bjerke, Líbano
1992
Papel, 17 × 13 × 3 cm

Os textos estão escritos em siríaco e árabe.

2 Missário bilingue

Imprensa Al Karim
1959
Papel, 28 × 21,5 × 4 cm

Os textos estão escritos em siríaco e árabe.

3 Livro de atas

Sociedade Beneficente Maronita
1897
Papel, tecido, 34 × 24,5 × 11 cm

Os textos estão escritos em siríaco e árabe.

4 Paramentos

Autoria desconhecida
Século 21 (2001-2100)
Tecido sintético, 138 × 75 cm

CATEDRAL METODISTA

**Fachada da Catedral
Metodista de São Paulo**

José Rosael, 2026
Fotografia digital
Acervo do Museu Paulista da USP



A Catedral Metodista de São Paulo, localizada na avenida Liberdade, foi inaugurada em 1922. Os metodistas são cristãos que se separaram da Igreja Anglicana no século 18 (1701-1800). A catedral tem formas que remetem às igrejas góticas inglesas, país de origem dos metodistas. Seu interior tem decoração muito simples, como é comum nas igrejas originárias da Reforma Protestante ocorrida na Europa no século 16 (1501-1600).

Os primeiros metodistas se instalaram em São Paulo a partir de 1884, vindos dos Estados Unidos da América. Eles começaram a divulgar seus princípios religiosos para novos seguidores na cidade. A comunidade se reuniu em diversos endereços da capital até que foi construída a Igreja Metodista Central da Liberdade, elevada à condição de catedral em 2005.

Em 1930, a Igreja Metodista Brasileira se tornou independente de sua sede nos Estados Unidos. Com isso, a presença de missionários estadunidenses foi diminuindo. Os cultos, a assistência social e as atividades associativas mantêm vivas e renovadas as práticas trazidas pelos primeiros missionários.



1

- 1 **Fachada da igreja com faixa
"II Concílio Regional da Igreja
Metodista do Brasil"**

Autoria desconhecida
1958
Fotografia, 24,5 × 34 cm
(com moldura)

- 2 **Classe dos Moços da
Escola Dominical**

Autoria desconhecida, 1931
Papel, papel vegetal, 24,5 × 34 cm

- 3 **Grupo da Escola Dominical –
Classe dos mocinhos**

Autoria desconhecida, 1931
Fotografia, 24,5 × 34 cm



2



3



1 Jornal Expositor Cristão – Divulgação da Escola Dominical

Catedral Metodista de
São Paulo, 1938

Papel, 32 × 23 cm

2 Sociedade Auxiliadora de Senhoras com Reverendo Dickie ao centro

Autoria desconhecida, 1932

Fotografia, 18 × 24 cm

No verso da fotografia, há uma
anotação: "Membros da Sociedade
Auxiliadora de Senhoras da Igreja
Metodista Central quando deixou
de existir para que ficasse uma
só sociedade – a Sociedade
Metodista de Senhoras".

REGISTRO DOS		PASTORES	
BISPO	Presbytero Presidente	PASTOR	Data da nomeção
J. C. Graubry	J. J. Ransom	J. W. Kays	1883-1884 Morte 1886
" "	J. W. Saboury	J. W. Saboury	abril 1884 julho 1887
" "	J. L. Kennedy	J. L. Kennedy	julho 1887 Set. 1889
" "	J. L. Kennedy	E. A. Lilly	Set. 1889 julho 1891
" "	Miguel Dickie	J. W. Wolliug	julho 1891 Agosto 1892
A. W. Wilson	Miguel Dickie	J. C. Reis	Agosto 1892 Agosto 1893
" "	Miguel Dickie	J. L. Bruce	Agosto 1893 Agosto 1894
" "	Miguel Dickie	J. R. Carvalho	Agosto 1894 Agosto 1895
J. C. Graubry	Miguel Dickie	Miguel Dickie	Agosto 1895 Agosto 1897
" "	J. W. Wolliug	J. C. Reis	Agosto 1897 Agosto 1901
" "	J. W. Wolliug	J. M. Camargo	Agosto 1901 Agosto 1902
" "	J. C. Reis	J. L. Lopes	Agosto 1902 Agosto 1903
A. W. Wilson	E. B. Crooks	A. M. Pinto	Agosto 1903 Agosto 1906
E. E. Hoss	Miguel Dickie	J. W. Wolliug	Agosto 1906 Agosto 1908
E. E. Hoss	Miguel Dickie	J. L. Kennedy	Agosto 1908 Agosto 1911
W. R. Lambrecht	J. L. Kennedy	Hipólito Kays	Agosto 1911 Agosto 1913
" "	Miguel Dickie	J. L. Kennedy	Agosto 1913 Agosto 1917
E. D. Monyon	J. L. Beebe	J. L. Kennedy	Agosto 1917
John W. Moore	Miguel Dickie	Miguel Dickie	Agosto 1917 Agosto 1919
" "	W. B. Lee	Miguel Dickie	Agosto 1919 Agosto 1922



3 Livro de registro de batismos, casamentos e pastores

Igreja Metodista do Brasil, 1925
Papel encadernado
28 × 35 (aberto) × 2 cm

O livro traz informações sobre
os pastores e as pessoas que
frequentavam a Igreja Metodista
nos anos 1920. Muitos pastores
tinham nomes em inglês,
o que indica terem vindo dos
Estados Unidos. Já os registros
de batismos e casamentos
mostram que a maioria do público
frequentador era brasileira.



ESCOLA DOMINICAL CENTRAL COM 788 PESSOAS
PHOTOGRAPHIA TIRADA NO DIA DA GRANDE CAMPANHA
SUPERINTENDENTE: DR. FREDERICO HOEHNE

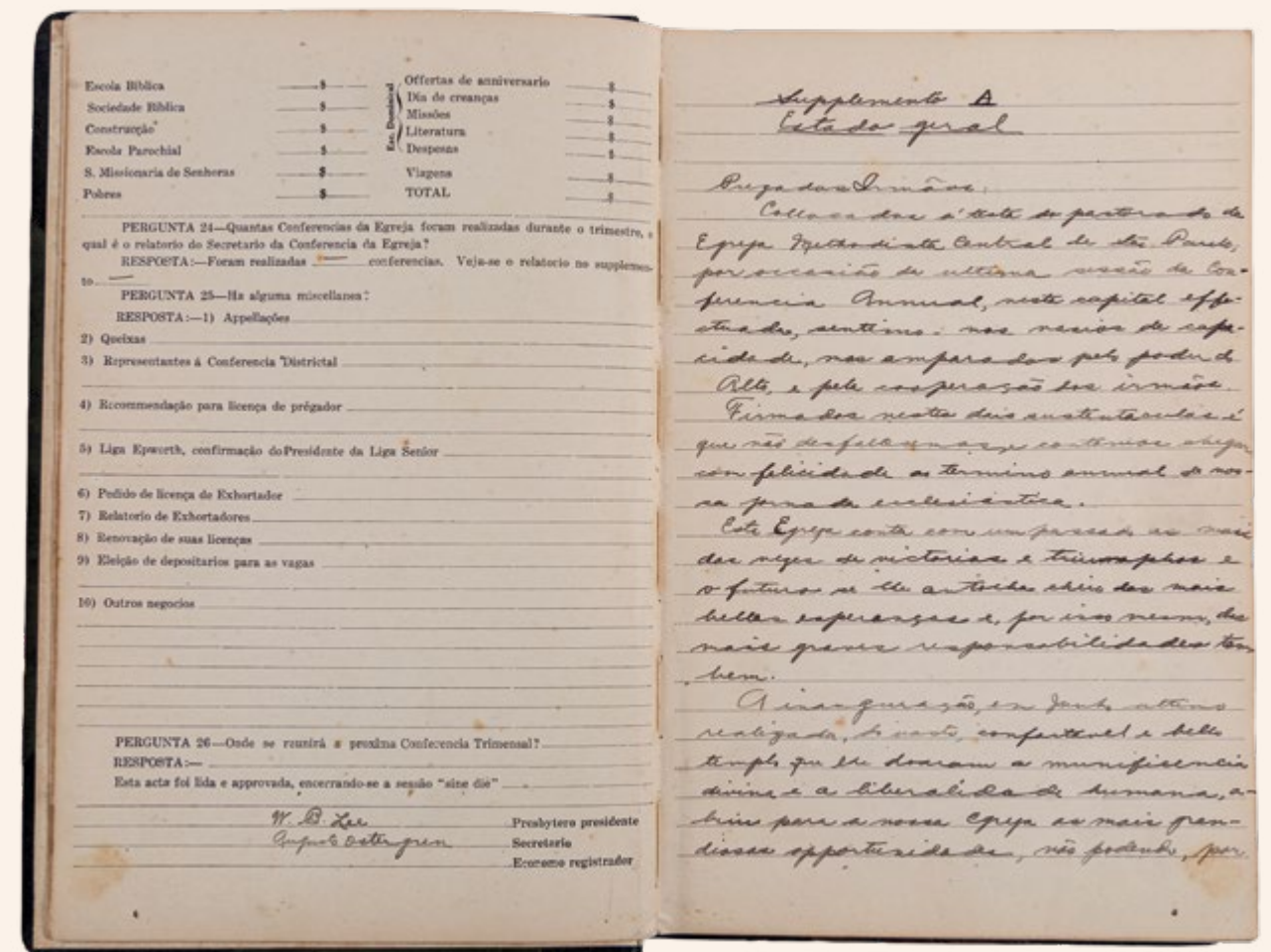
1 Grupo da Escola Dominical com fachada da igreja ao fundo

Autoria desconhecida, 1925
Papel, 24 x 33 cm

2 Registro da inauguração

José Ferraz, 1922
Anotação à tinta sobre papel encadernado
28 x 29 (aberto) x 2 cm

Em novembro de 1922, o pastor José Ferraz escreveu sobre a inauguração da igreja:
"A inauguração, em junho último, realizada do vasto, confortável e belo templo que lhe doaram a munificência divina e a liberalidade humana, abriu para nossa Igreja as mais grandiosas oportunidades".





1

IGREJA METODISTA DO BRASIL
Sociedade Metodista de Jovens
da igreja de Central - S. Paulo

FICHA INDIVIDUAL

NOME EYDA DE OLIVEIRA

Endereço R. Galvão Bueno, 385 - Liberdade
(Rua, número e bairro)

Local onde trabalha Barros do Amaral & Cia.

Fone: Residência - Local de trabalho 3-7884

Aniversário: 13 de Dezembro-927 Estado civil solt. Sexo fem.

Categoria ativa aluno da E. D.? sim Assina a Cruz de Malta? sim

E' membro de Igreja? sim Denominação? Metodista

Proposto por - Aceito Set. 94

Observações -

Modelo 170

3



2

IGREJA METODISTA DO BRASIL
Sociedade Metodista de Jovens
da igreja de S. Paulo-Central

FICHA INDIVIDUAL

NOME Marília Barbosa

Enderêço R. Antonina, 226
(Rua, número e bairro)

Local onde trabalha -

Fone: Residência 8-5324 Local de trabalho -

Aniversário: 18 de 8-30 Estado civil - Sexo fem.

Categoria ativo aluno da E. D.? sim Assina a Cruz de Malta? -

E' membro de Igreja? sim Denominação? Metodista

Proposto por Paulo Pupo Aceito / / 94

Observações -

Modélio 170

4

1 Grupo no largo Sete de Setembro

Autoria desconhecida
Década de 1910
Fotografia, 13 x 15 cm

2 Comemoração do bicentenário da Escola Dominical

Autoria desconhecida, 1980
Fotografia, 9 x 12,5 cm

3 Ficha cadastral da Escola Dominical

Igreja Metodista do Brasil
Século 20 (1901-2000)
Papel datilografado, fotografia colada, 10 x 15 cm

4 Ficha cadastral da Escola Dominical

Igreja Metodista do Brasil
Século 20 (1901-2000)
Papel datilografado, 10 x 15 cm



1

1 **Jogo de futebol nos fundos da igreja**
 Autoria desconhecida
 Século 20 (1901-2000)
 Fotografia, 18 x 23,5 cm

2 **Conjunto de retratos de reverendo Miguel Dickie, Helena Andrews, visitadora, e Zelinda Santana, organista**

Autoria desconhecida
 Século 20 (1901-2000)
 Fotografias coladas sobre papel cartão, anotações à tinta, 17 x 20 cm

3 **Cartões postais da Catedral Metodista de São Paulo**

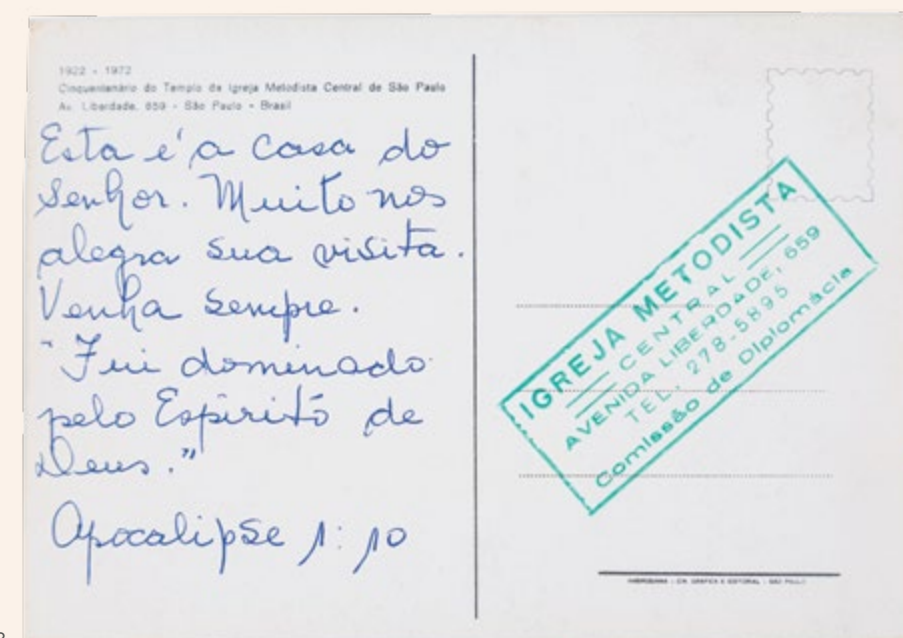
Autoria desconhecida
 Catedral Metodista
 Século 21 (2001-2100)
 Papel com anotações à tinta, 10 x 15 cm cada



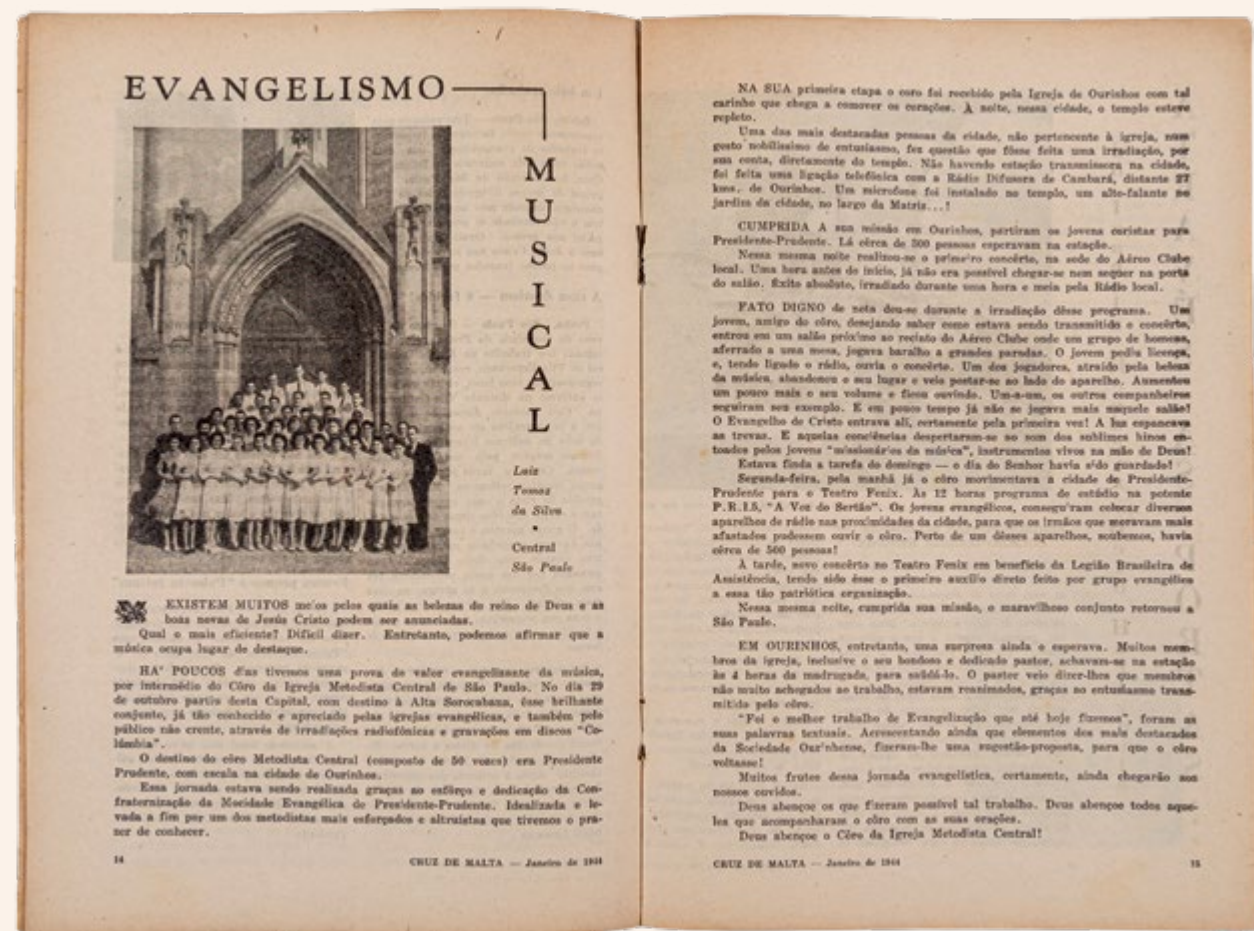
3



2



3



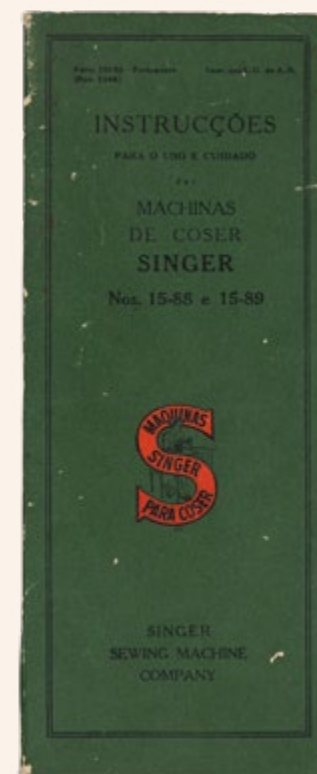
1 **Revista Cruz de Malta**
Sociedade Metodista de Jovens
1944
Papel, 23,5 × 15 cm



2 **Máquina de costura**
Singer
Século 20 (1901-2000)
Madeira, ferro, fios elétricos
adicionados, 73 × 116 × 43 cm

A Catedral Metodista tem um conjunto de máquinas de costura de diferentes épocas. Essa é da Singer, uma empresa dos Estados Unidos, que é o país de origem dos primeiros pastores da igreja. Atualmente, um pequeno grupo de mulheres se reúne semanalmente para costurar, mas o objetivo principal é a comunhão entre elas. A máquina é antiga e manual, mas foi adaptada para o uso com eletricidade.

3 **Manual de instruções da máquina de costura**
Singer
Século 20 (1901-2000)
Papel, 22 × 9 cm



3

1 **Coletor de doações**
Autoria desconhecida
Século 20 (1901-2000)
Madeira, 82 × 43 × 42 cm



1



2



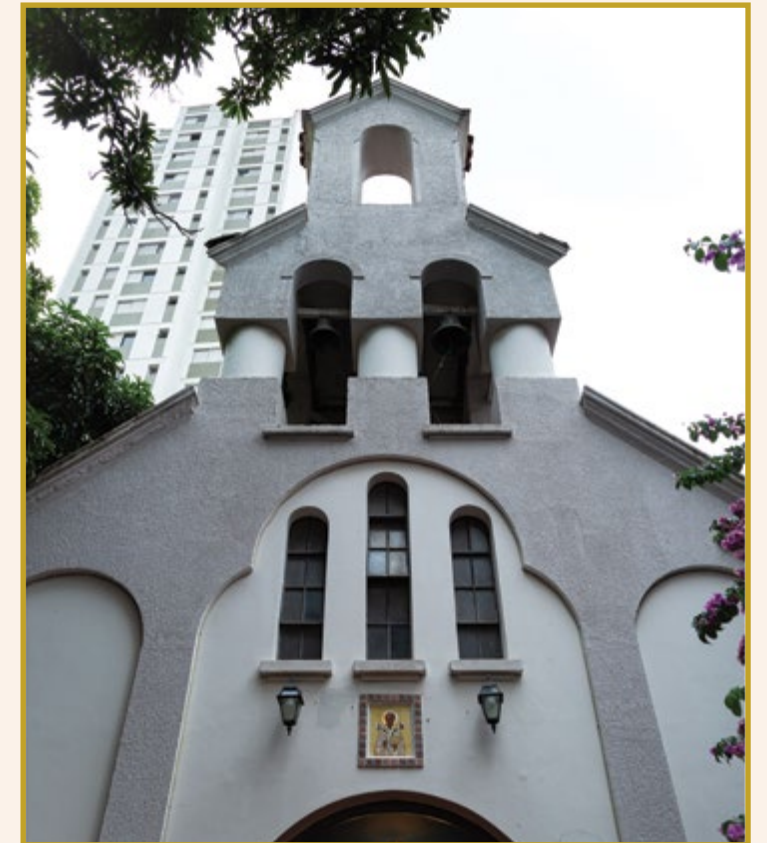
3

3 **Vista interna da Catedral Metodista de São Paulo**
José Rosael, 2026
Fotografia digital
Acervo do Museu Paulista da USP

CATEDRAL ORTODOXA RUSSA

Fachada da Catedral
Ortodoxa São Nicolau

José Rosael, 2026
Fotografia digital
Acervo do Museu Paulista da USP



A Catedral Ortodoxa de São Nicolau, situada na rua Tamandaré, faz parte da Igreja Ortodoxa Russa no Exterior e não está subordinada a Moscou. Essa igreja cristã ortodoxa foi criada pouco depois da Revolução Bolchevique (comunista) de 1917, quando russos descontentes com o fim do Império czarista (chamados de russos brancos) deixaram o país.

A paróquia na cidade de São Paulo foi estabelecida em 1925 e se tornou diocese em 1934. Após a aquisição do terreno na Liberdade, teve início a construção da igreja. Ela foi inaugurada em 1939 e elevada a catedral nesse mesmo ano. Seu exterior tem uma cúpula em forma de bulbo, característica das igrejas ortodoxas russas. Muitos dos objetos que decoram seu interior, como os ícones, foram trazidos pelos russos brancos, ao emigrarem.

Após o fim da Segunda Guerra Mundial em 1945, a comunidade ortodoxa recebeu novos imigrantes de origem russa vindos da União Soviética e da China. Atualmente, o culto é proferido em russo e em português, segundo o perfil dos presentes. A catedral mantém um coral, com repertório nas duas línguas.



1 **Projeto da Igreja Ortodoxa de São Nicolau**

Autoria desconhecida, 1939
Papel
Reprodução fotográfica

2 **Construção da Catedral Ortodoxa São Nicolau**

Autoria desconhecida
1939
Reprodução fotográfica

3 **Bispo em visita às obras de construção da Catedral Ortodoxa São Nicolau**

Autoria desconhecida, 1939
Reprodução fotográfica



2



3



1 **Vista da Catedral Ortodoxa Russa em construção com andaimes**

Autoria desconhecida, 1939
Fotografia, 17 × 12 cm

2 **Grupo com o bispo durante a construção da Catedral Ortodoxa Russa**

Autoria desconhecida, 1939
Fotografia, 17 × 11 cm



3



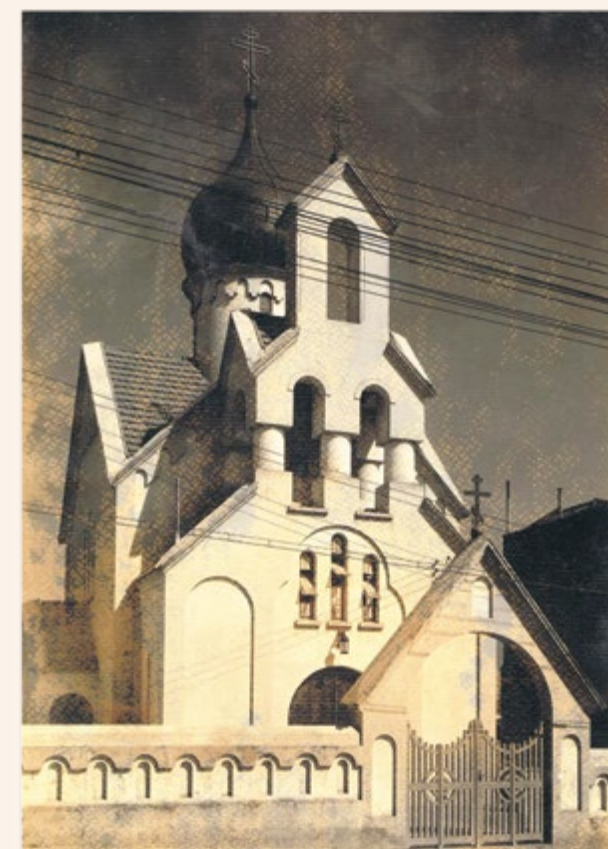
2

3 **Vista da Catedral Ortodoxa São Nicolau**

Autoria desconhecida
Década de 1940
Reprodução fotográfica

4 **Fachada da Catedral Ortodoxa São Nicolau**

Autoria desconhecida
Século 20 (1901-2000)
Reprodução fotográfica



4



1 **Grupo de pessoas em frente à
Catedral Ortodoxa São Nicolau**

Autoria desconhecida
1939
Reprodução fotográfica

- 2 **Celebração na Catedral**

Autoria desconhecida
Século 20 (1901-2000)
Reprodução fotográfica
- 3 **Feira na Catedral
Ortodoxa São Nicolau**

Autoria desconhecida
Década de 2020
Fotografia digital
- 4 **Encontro do grupo
de jovens**

Alexandra Bussyguin
Década de 2020
Fotografia digital



2



3



4



1 **Roupa infantil**

Autoria desconhecida
Século 20 (1901-2000)
Renda, fundo de veludo, moldura
de madeira e vidro, 79 × 62 × 3 cm



2 **Paramentos do primeiro bispo**

Autoria desconhecida
Década de 1930 (atribuída)
Algodão, bordado artesanal,
botões em metal, 114 × 90 cm



1

1 Livro de orações enquadrado

Autoria desconhecida
Século 19 (1801-1900)
Livro manuscrito, miolo costurado,
moldura em madeira e vidro
7,5 × 30,5 × 26 cm

2 Máquina de escrever em alfabeto cirílico

Underwood
Século 20 (1901-2000)
Metal, fita datilográfica,
30 × 30,5 × 36,5 cm



2



1 Registro de Batismo no Equador

Artus, 1944
Papel, 35 × 22 cm

O Batismo no Equador é um ritual de origem europeia que marca a travessia da linha do Equador pela primeira vez. Essa tradição começou com os marinheiros no século 16 (1501-1600) e também é conhecida como batismo de Netuno.

2 Passaporte

Administração municipal de Razdolinsk, 1919
Papel grampeado, anotações à tinta, carimbo, 15,5 × 20,5 cm (aberto)

3 Certificado de identidade

Suíça, 1946
Papel, anotações a caneta, carimbos, 30 × 42 cm



2



3



1

1 Samovar

Autoria desconhecida
Século 20 (1901-2000)
Metal, 44 × 32 × 40 cm

O samovar é um objeto de origem russa utilizado para aquecer água e servir chá.

2 Ícone

Autoria desconhecida, s.d
Pintura, madeira, metal, vidro,
37 × 26 × 7 cm

O ícone é a única forma de imagem sagrada tolerada nas igrejas ortodoxas, que não permitem o uso de esculturas. As pinturas são muitas vezes recobertas de chapas em metais caros, que deixam ver apenas as partes do corpo representado.



2



3

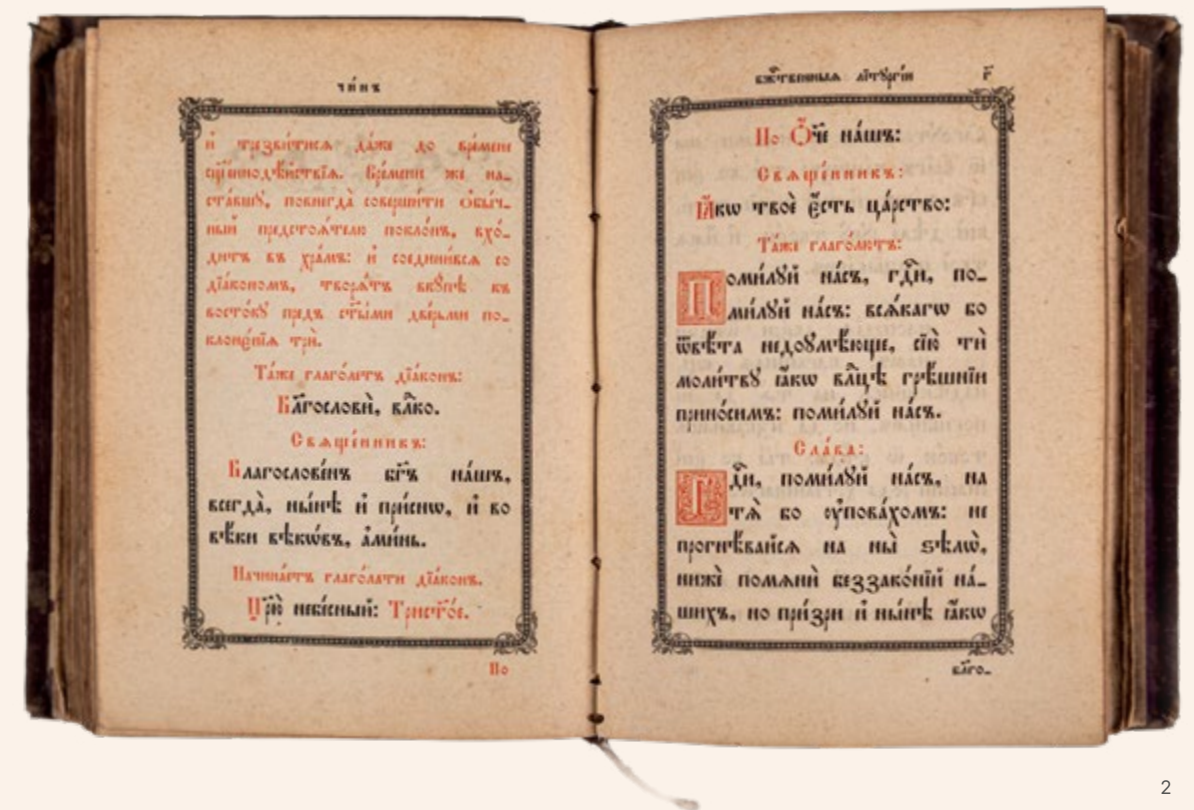
3 Altar em miniatura

Autoria desconhecida
Século 20 (1901-2000)
Madeira, pintura, 58 × 57,5 × 32 cm

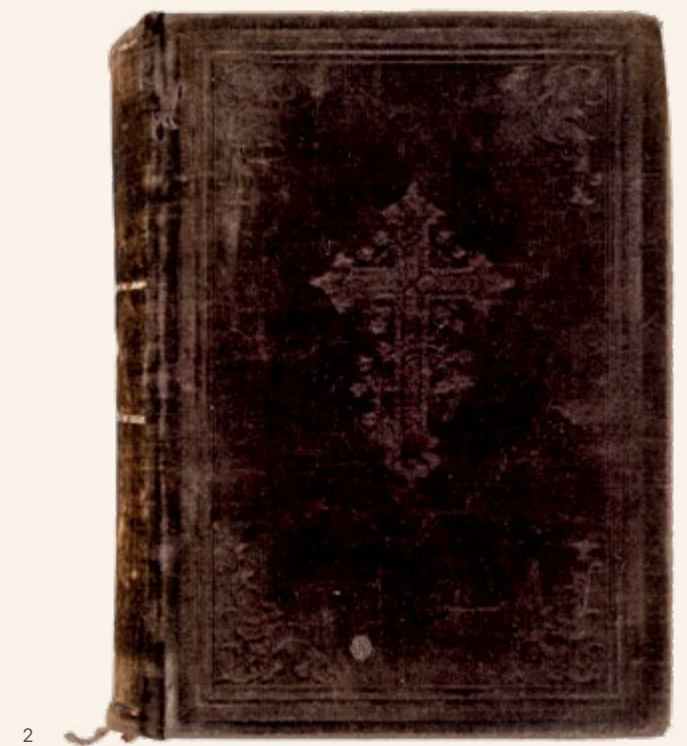
O altar é uma versão em pequena escala do iconóstase, estrutura recoberta de ícones, que delimita a parte mais sagrada das igrejas ortodoxas.



1 Ovo de Páscoa com suporte
 Autoria desconhecida, s.d.
 Madeira, metal, 13,5 × 16 × 7 cm

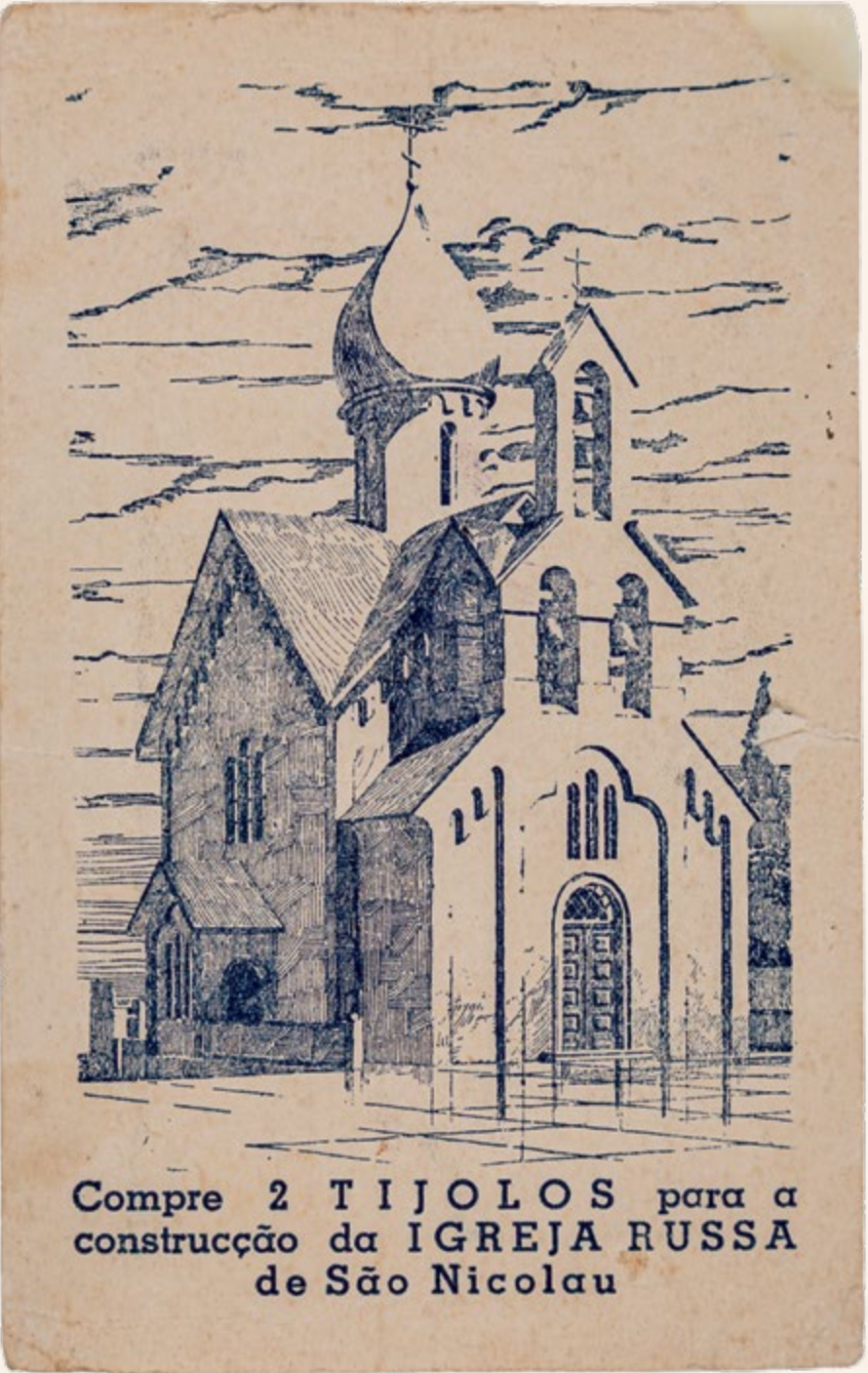
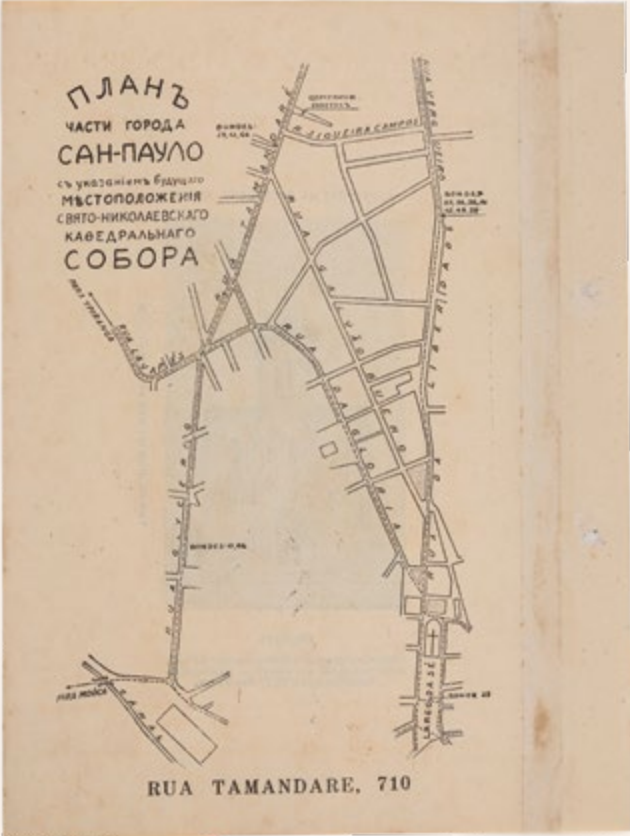


2 Livro de orações
 Tipografia da lavra de
 Kiev-Petchersk, 1897
 Livro impresso em cores, miolo
 costurado, 16 × 25 (aberto) × 2 cm





- 1 **Divulgação do lançamento da pedra fundamental da construção da Catedral**
Autoria desconhecida, 1939
Papel, 19 × 28 cm
- 2 **Mapa com localização da Catedral**
Autoria desconhecida, 1939
Papel, 19 × 28 cm
- 3 **Folheto de pedido de compra de tijolos para construção da Igreja Ortodoxa São Nicolau**
Autoria desconhecida, 1939
Papel impresso, 10 × 6 cm





1



2



3

1 Convite para comemoração dos 50 anos da Catedral (capa)
Catedral Ortodoxa São Nicolau, 1989
Papel impresso em cores, 11 × 17 cm

2 Convite para comemoração dos 50 anos da Catedral (interior)
Catedral Ortodoxa São Nicolau, 1989
Papel impresso em cores, 11 × 17 cm

3 Vista interna da Catedral Ortodoxa São Nicolau
José Rosael, 2026
Fotografia digital
Acervo do Museu Paulista da USP

EXÉRCITO DE SALVAÇÃO

Fachada do Exército de Salvação –
Corpo Central

José Rosael, 2026
Fotografia digital
Acervo do Museu Paulista da USP



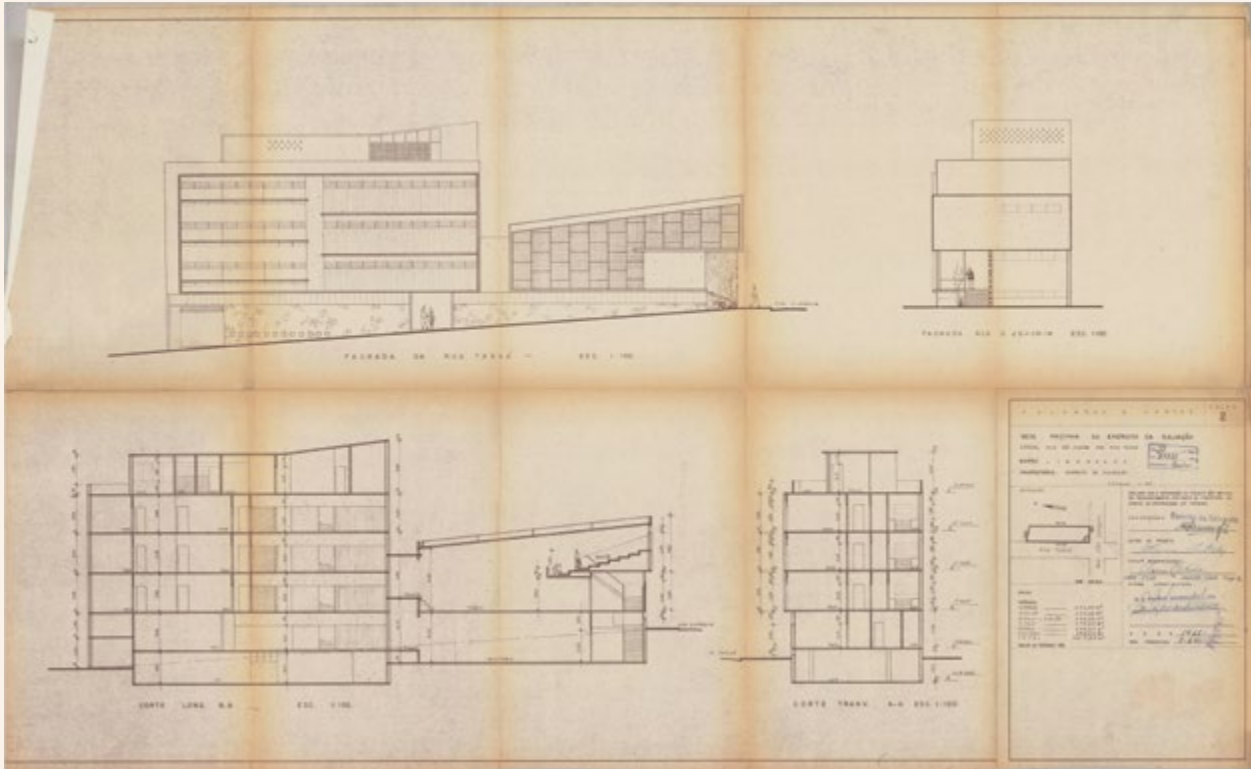
O Exército de Salvação é uma organização internacional cristã com sede em Londres. Foi fundada na Inglaterra em 1865 pelo casal metodista William e Catherine Booth. A organização se estabeleceu no Brasil em 1922, inicialmente no Rio de Janeiro. Ali, colocou em prática as suas ações de assistência social a pessoas em situação de vulnerabilidade.

Em 1955, o Exército de Salvação construiu a sua sede na Liberdade, onde também passou a oferecer gratuitamente serviços de saúde e alimentação à população pobre do bairro e do entorno, composta em grande parte por imigrantes.

A organização também é conhecida pelos seus uniformes característicos, por seus históricos coletores de donativos e por suas bandas de música. O Exército de Salvação é especialmente visível nas ruas de São Paulo no período do Natal.



1



2

1 **Detalhe em mosaico da fachada do Exército de Salvação – Corpo Central**

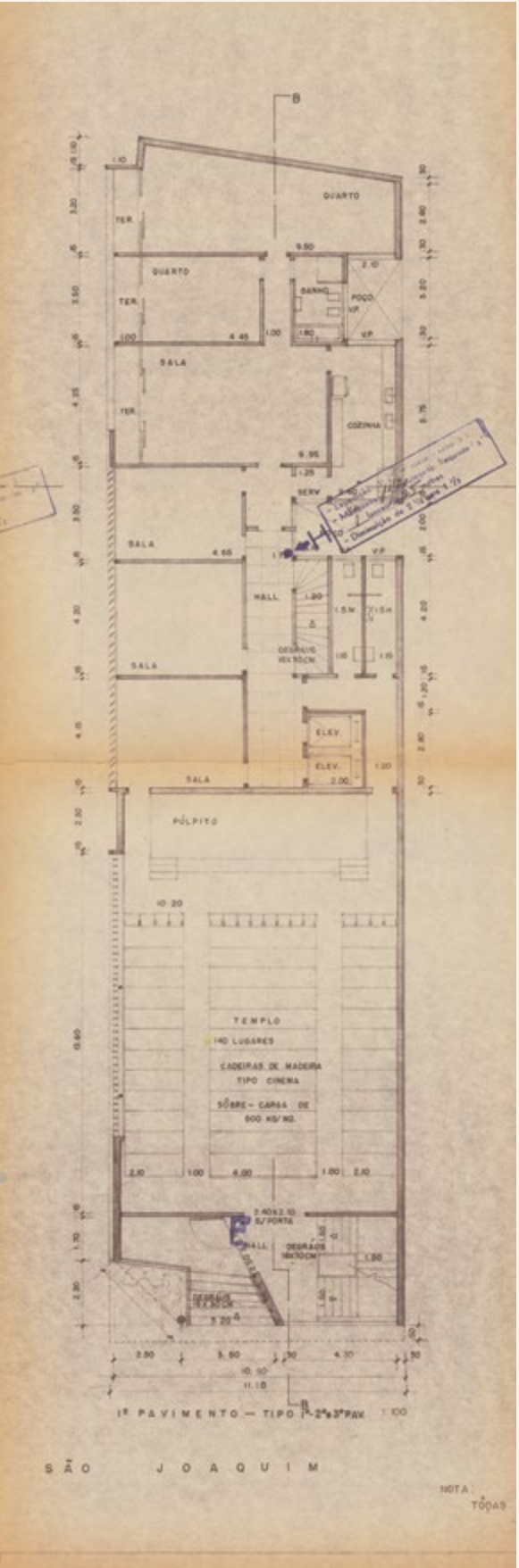
José Rosael, 2026
Fotografia digital
Acervo do Museu Paulista da USP

2 **Projeto de elevação da fachada do Exército de Salvação**

C.F Franco Engenharia LTDA
Década de 1950
Acervo do Arquivo Público Municipal de São Paulo – ARQUIP
Reprodução fotográfica

3 **Planta baixa do 1º pavimento**

C.F. Franco Engenharia LTDA
Década de 1950
Reprodução fotográfica
Acervo do Arquivo Público Municipal de São Paulo – ARQUIP
Reprodução fotográfica



3

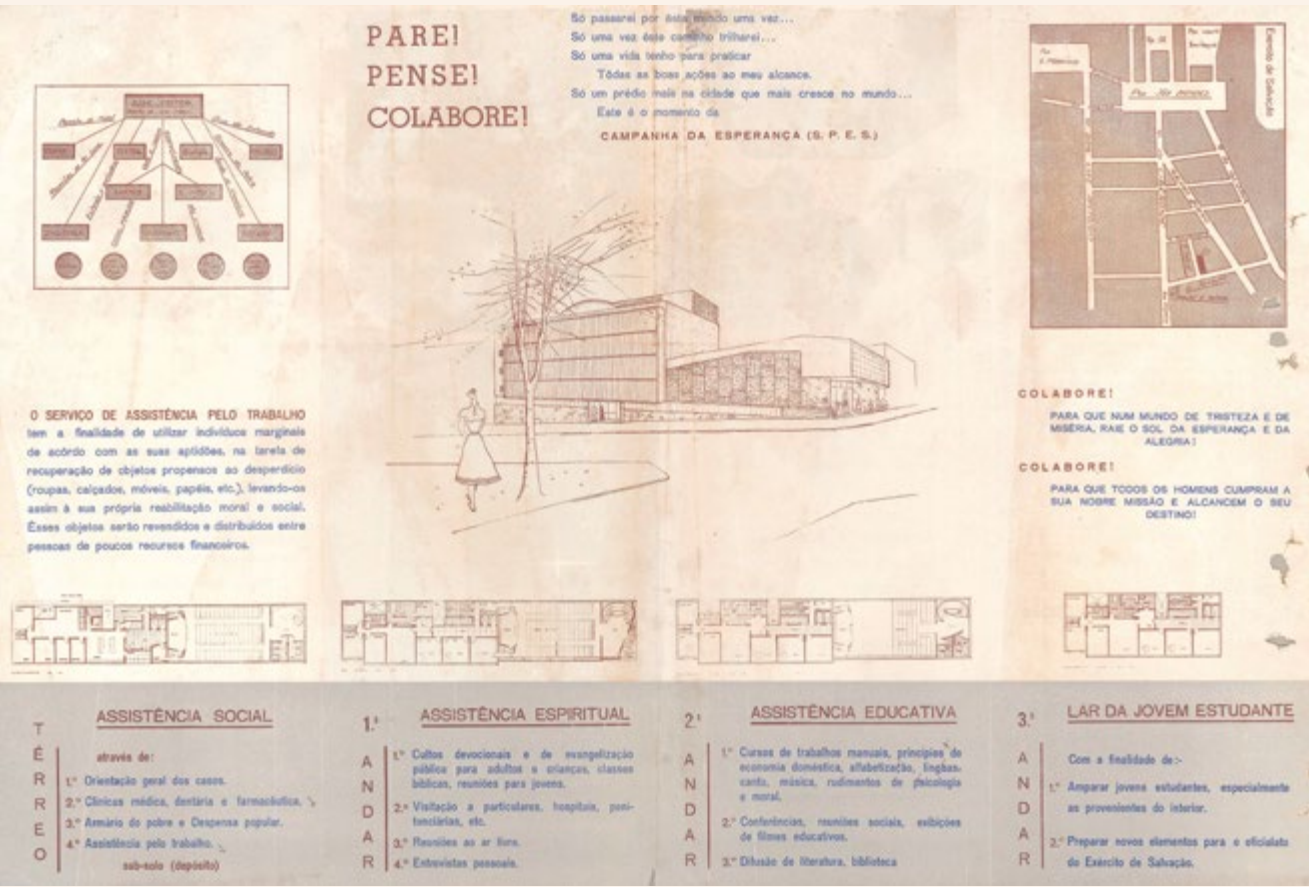


1 Folheto de divulgação pró sede própria do Exército de Salvação (detalhe da capa)

Autoria desconhecida
Década de 1950
Acervo do Arquivo Público Municipal de São Paulo – ARQUIP
Reprodução fotográfica

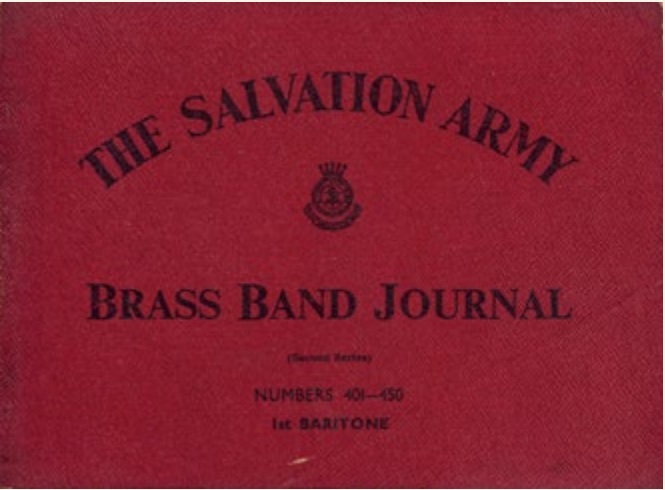
2 Folheto de divulgação pró sede própria do Exército de Salvação (interior)

Autoria desconhecida
Década de 1950
Acervo do Arquivo Público Municipal de São Paulo – ARQUIP
Reprodução fotográfica





- 1 Cartaz em comemoração aos 75 anos de atuação no Brasil
Exército de Salvação, 1997
Papel impresso, 42 × 20 cm
- 2 Cartaz em comemoração aos 75 anos de atuação no Brasil com fotografia do casal de pioneiros
Exército de Salvação, 1997
Papel impresso, 42 × 20 cm



3



4



2

- 3 Livro de partituras para barítono (capa)
Salvationist Publishing & Supplies, Londres, década de 1950
Papel impresso, miolo costurado
13 × 19 cm
- 4 Livro de partituras para soprano
Salvationist Publishing & Supplies, Londres, década de 1930
Papel impresso, miolo costurado
13 × 19 cm



1 Grupo de salvacionistas

Autoria desconhecida
Século 20 (1901-2000)
Fotografia, 13 × 9 cm

- 2 Disco da banda do Exército de Salvação
Exército de Salvação
Década de 1970
Papel, plástico, vinil
32 × 32 cm
- 3 Primeiro disco da banda territorial do Exército de Salvação
Exército de Salvação
Década de 1970
Papel, plástico, vinil
32 × 32 cm



2



3



1



2

1 Bandeira da banda do Corpo Central do Exército de Salvação

Autoria desconhecida
Século 20 (1901-2000)
Tecido, 87 × 130,5 cm

2 Cadeira tipo de sala de reuniões

Móveis Cimo S.A.
Fábrica Rio Negrinho
Século 20 (1901-2000)
Madeira, 85,5 × 45 × 58 cm

3 Coletor de doações

Exército de Salvação
Século 20 (1901-2000)
Ferro, madeira, 164 × 68 × 45 cm

O coletor é um símbolo do Exército de Salvação, utilizado tradicionalmente nas ruas, especialmente nos meses de novembro e dezembro.



3



1 Casaco feminino

Autoria desconhecida
Século 20 (1901-2000)
Tecido, 69 × 79 cm

2 Chapéu preto feminino

Autoria desconhecida
Século 20 (1901-2000)
Tecido, estrutura em plástico,
13,5 × 19 × 21 cm



2



3



4

3 Chapéu masculino

Fábrica de bonés militares
Meissner Irmãos & CIA, Curitiba
Século 20 (1901-2000)
Tecido, estrutura em plástico
10,5 × 25 × 27,5 cm

4 Casaco masculino

Salvata Uniforms Depot, Oslo
Século 20 (1901-2000)
Tecido, 81 × 71,5 cm



1



2



3

1 Corneta

Autoria desconhecida
Século 20 (1901-2000)
Metal, 38 × 17,5 × 13,5 cm

2 Pandeiro

Autoria desconhecida
Século 20 (1901-2000)
Metal, tecido, couro, 5 × 25 × 25 cm

3 Tuba

Autoria desconhecida
Século 20 (1901-2000)
Metal, 62 × 37 × 28 cm

IGREJA PRESBITERIANA DE FORMOSA

**Fachada da Igreja
Presbiteriana de Formosa**

José Rosael, 2026
Fotografia digital
Acervo do Museu Paulista da USP



Os portugueses deram o nome de Formosa no século 16 (1501-1600) para a atual ilha de Taiwan, no mar da China. Entre as correntes cristãs estabelecidas na ilha, estavam os presbiterianos, também conhecidos como calvinistas.

Os presbiterianos de Taiwan começaram a chegar a São Paulo nos anos 1950, depois do período turbulento da guerra civil na China. Em 1962, fundaram a Igreja Presbiteriana de Formosa, ainda sem sede própria. Nos primeiros anos, os cultos aconteciam na casa de pioneiros, até se deslocarem para a Igreja Metodista, na Liberdade. A decisão de construir uma sede própria no bairro data de 1966. O terreno foi comprado em 1979, e a inauguração aconteceu em 1984.

Além de taiwaneses, a igreja acolhe presbiterianos de outras origens, incluindo chineses continentais. Até 1993, os pastores vinham de Taiwan e, desde então, são formados no Brasil.



1 Obras de construção da igreja

Autoria desconhecida
Década de 1980
Reprodução fotográfica

2 Grupo de presbiterianos de Formosa em frente à Igreja Metodista da Liberdade

Autoria desconhecida
1962
Fotografia
Reprodução fotográfica

3 Grupo de crianças em frente à primeira casa adquirida para sediar a igreja

Autoria desconhecida
Década de 1970
Fotografia
Reprodução fotográfica

4 Grupo em frente à primeira casa adquirida para sediar a igreja

Autoria desconhecida
Década de 1970
Fotografia
Reprodução fotográfica

5 Aniversário de 60 anos da Igreja Presbiteriana de Formosa

Autoria desconhecida
2022
Fotografia digital

Na comemoração do aniversário de 60 anos da Igreja Presbiteriana de Formosa, estiveram presentes membros e frequentadores regulares de diferentes gerações de uma comunidade que demonstra seu enraizamento.



2



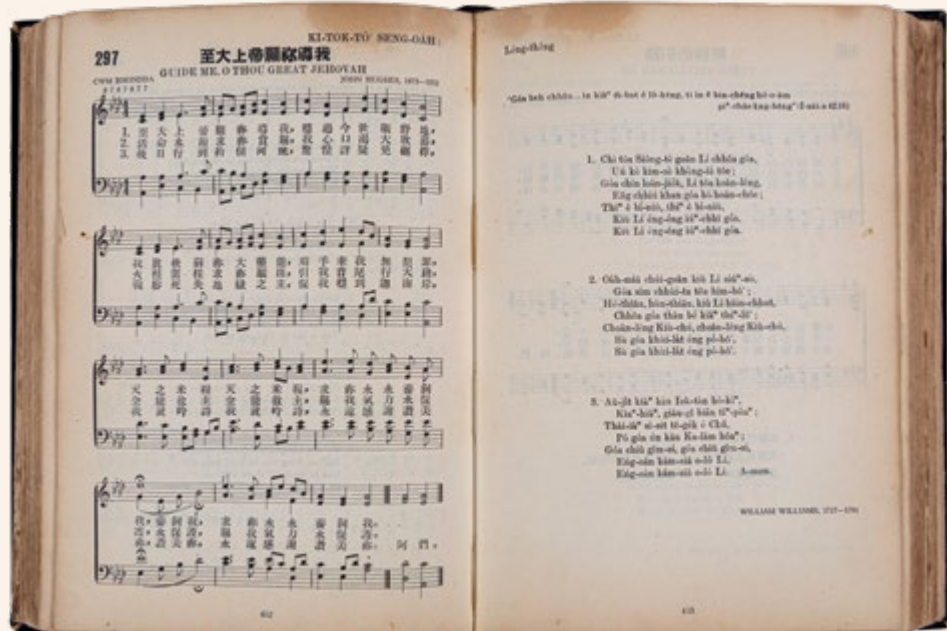
3



4



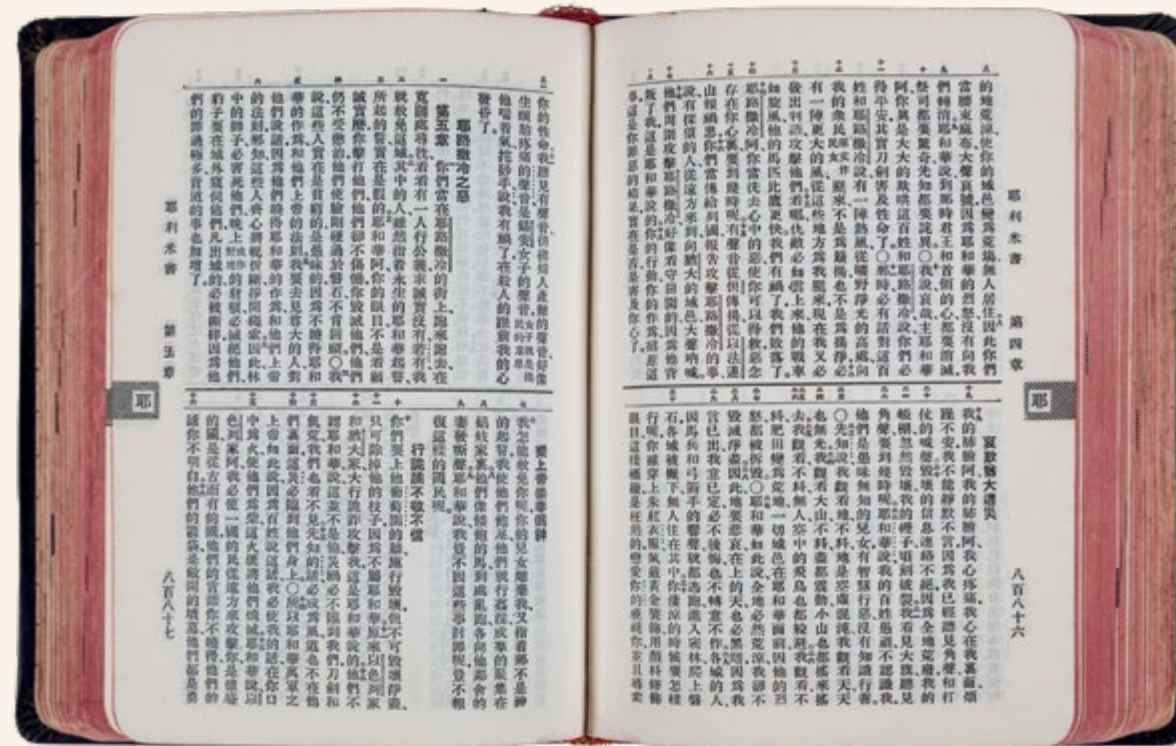
5



1



2



3

- | | | | | | |
|---|---|---|---|---|---|
| 1 | Hinário em taiwanês romanizado
Igreja presbiteriana
em Taiwan, 1964
Papel, 19 × 30 (aberto) × 5 cm | 2 | Bíblia bilingue
(mandarim e português)
Sociedade Bíblica
do Brasil, 2010
Papel, 21 × 30 (aberto) × 4 cm | 3 | Bíblia em mandarim
Sociedade Bíblica
em Hong Kong, 1972
Papel, 19 × 30 (aberto) × 5 cm |
|---|---|---|---|---|---|



1

1 Gazofilácio (caixa de ofertas)

Autoria desconhecida
Século 20 (1901-2000)
Madeira, 100 × 32 × 32 cm



2

2 Cadeira

Autoria desconhecida
Século 20 (1901-2000)
Madeira, 141 × 52 × 54 cm

SOCIEDADE FILARMÔNICA LYRA

Fachada da antiga sede da Sociedade
Filarmônica Lyra na rua São Joaquim

José Rosael, 2026
Fotografia digital
Acervo do Museu Paulista da USP

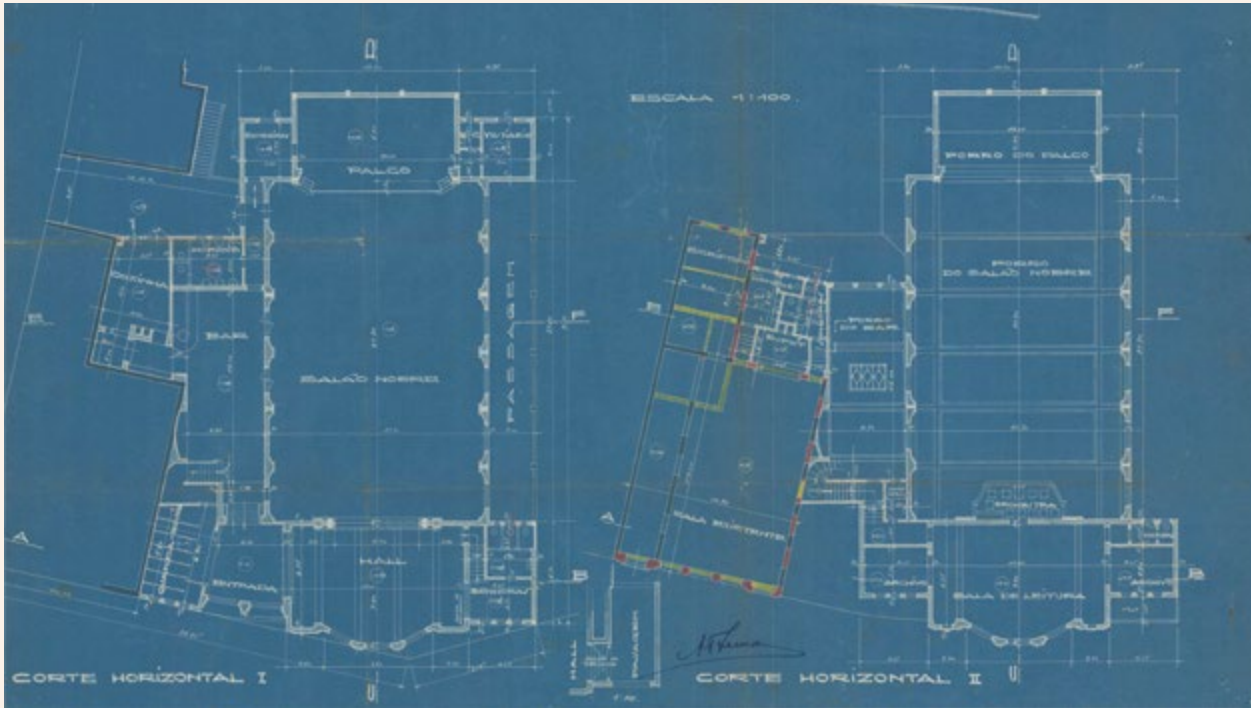


A Sociedade Filarmônica Lyra foi fundada em 1884 com o nome Associação Coral Masculina Alemã Lira (Deutscher Männergesangverein Lyra). É a mais antiga organização cultural paulistana ligada à comunidade alemã. Seu nome atual começou a ser usado em 1955.

Em 1925, a entidade comprou um terreno na rua São Joaquim, na Liberdade, para abrigar sua sede. Apesar de não ser um bairro de concentração alemã, o preço do terreno era mais acessível, e sua centralidade facilitava o deslocamento dos membros. A construção do prédio começou em 1934, ano do 50º aniversário da associação.

Na década seguinte, o Brasil entrou na Segunda Guerra Mundial contra os países do Eixo (Alemanha, Itália e Japão). Por isso, o Estado brasileiro fechou a associação e, em 1944, confiscou a nova sede.

A associação foi reaberta em 1946, mas não voltou à Liberdade. O edifício permanece no local, com uma lira na fachada. A Sociedade Filarmônica Lyra mantém suas atividades musicais e segue lutando para recuperar a posse da sede confiscada.



1



2



3

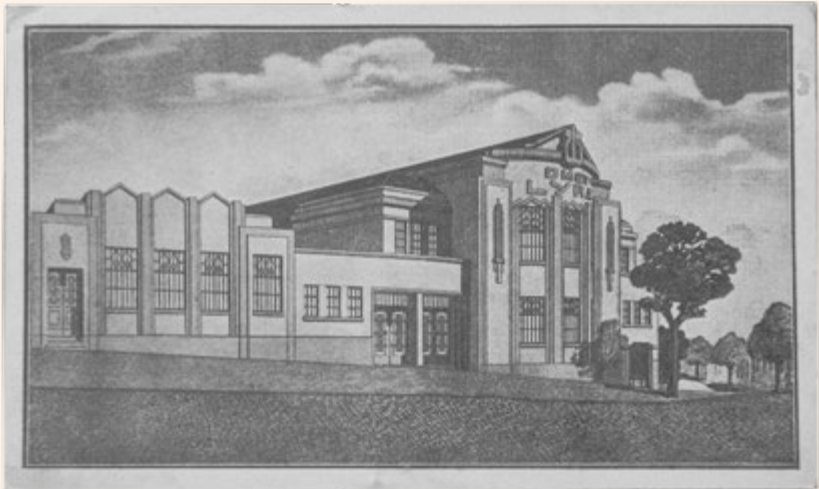
- 1 **Planta baixa da sede da Sociedade Filarmônica Lyra na rua São Joaquim**
J. Diez & Companhia, 1934
Desenho técnico em blueprint (cópia heliográfica)
Acervo do Arquivo Público Municipal de São Paulo – ARQUIP
- 2 **Projeto da fachada da sede da Sociedade Filarmônica Lyra na rua São Joaquim**
J. Diez & Companhia, 1934
Desenho técnico em blueprint (cópia heliográfica)
Acervo do Arquivo Público Municipal de São Paulo – ARQUIP

- 3 **Bilhete de arrecadação para a construção da sede da rua São Joaquim**
Sociedade Filarmônica Lyra, 1925
Papel, 19 × 24,5 cm
- 4 **Cartão-postal com ilustração da fachada da sede na rua São Joaquim**
Autoria desconhecida, 1934 (original)
Reprodução fotográfica, 12 × 19 cm

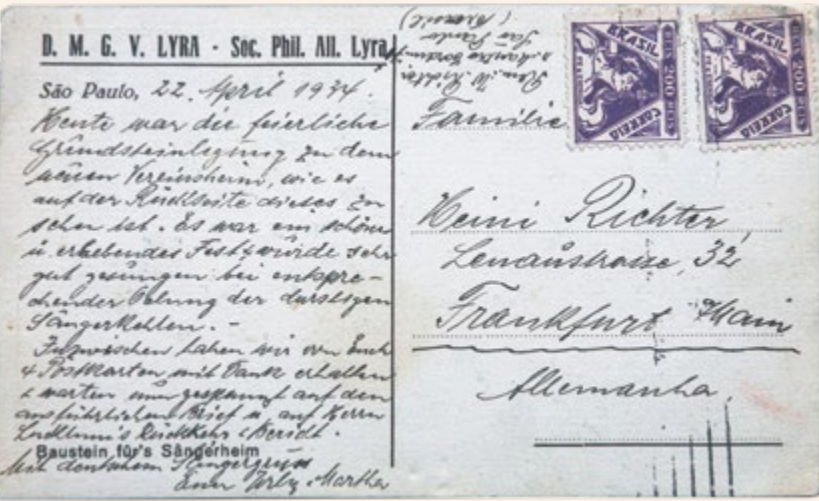
- 5 **Cartão-postal**
W. Richter, 1934 (original)
Papel, 12 × 19 cm

O cartão-postal escrito em alemão registra a mensagem:

*São Paulo, 22 de abril [de] 1934
Hoje aconteceu a festividade de colocação da pedra fundamental da nova sede de nossa associação, como se vê neste postal. Foi uma linda e comovente festa.
Remetente: W. Richter, São Paulo
Destinatário: Heini Richter, Lenaustrasse 32, Frankfurt, Main, Alemanha*



4



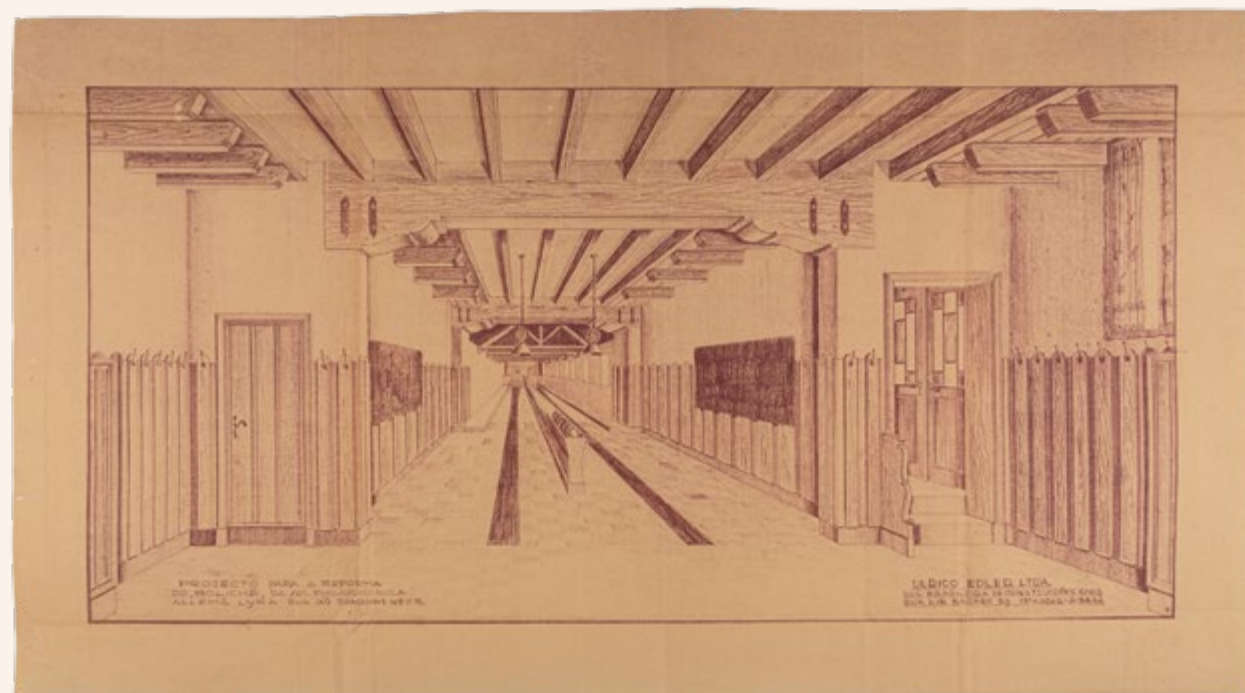
5



1



3



2

D.M.G.V. "LYRA" N.º 116

Christian Heinrich

Beruf: Industria

Inkassoadresse: rua Javaroju' 380 (Fabrik)

Geburtsort und Datum: 18.5. 1900

Staatsangehörigkeit: Deutsche

Zivilstand: Verheiratet

Kinder — Geburtsjahr:

männl.	1	2	3	4	5
weibl.	1	2	3	4	5

Wohnung: rua Professor João Machado 11

Bemerkungen:

Vorgeschlagen von: Reinhold Gehrke

Eingetreten am: 28-8-41

Ausgetreten am:

Aufnahme-Gebühr: 25-

Mitgliedsbeitrag: 10-

wünscht dem Verein als Mitglied beizutreten und unterstellt sich hiermit den Satzungen der "Lyra".

São Paulo, den 25 Maio 1941

Unterschrift: C. Heinrich

Aufnahme-Kommission

L. Fliegel

Gustav Gusselmann

Mertens

Visum: K. August

3 Vista interna da sede à rua São Joaquim

Autoria desconhecida
Década de 1940
Fotografia, 18 x 24 cm

4 Ficha de associado

Sociedade Filarmônica Lyra, 1941
Papel com informações datilografadas, assinatura à tinta e fotografia colada, 21,5 x 20 cm

1 Índice de sócios

Sociedade Filarmônica Lyra, 1898
Papel, capa em couro, miolo costurado, 14 x 29 x 3 cm

2 Projeto de reforma da sala de boliche

Ulrico Edler LTDA
Década de 1930
Papel, 40 x 80 cm



1



2

1 Grupo em festa de Carnaval na sede da rua São Joaquim

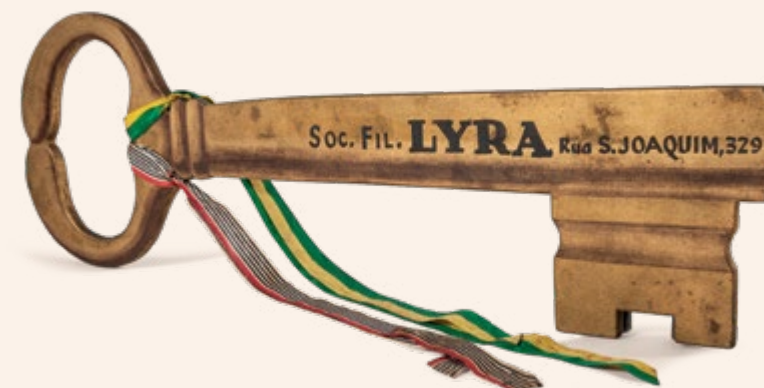
Autoria desconhecida
Década de 1940
Fotografia, 17 × 24 cm

2 Coral e orquestra

Autoria desconhecida
Década de 1940
Fotografia, 23 × 15 cm



3



4

3 Diretores da Sociedade Filarmônica Lyra com estandarte

The Bernardo
Século 20 (1901-2000)
Fotografia, 33 × 28 cm

4 Chave simbólica da sede na rua São Joaquim

Autoria desconhecida
Década de 1940
Madeira e tecido, 34,5 × 70 cm



1



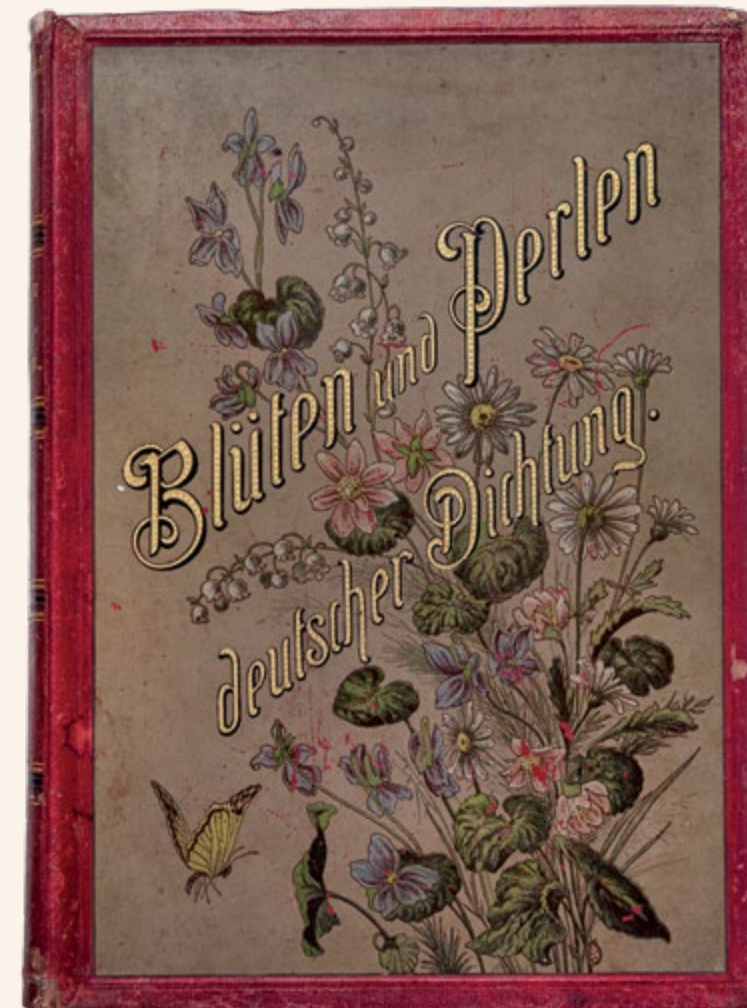
1

1 Estandarte da Sociedade Filarmônica Lyra (frente e verso)

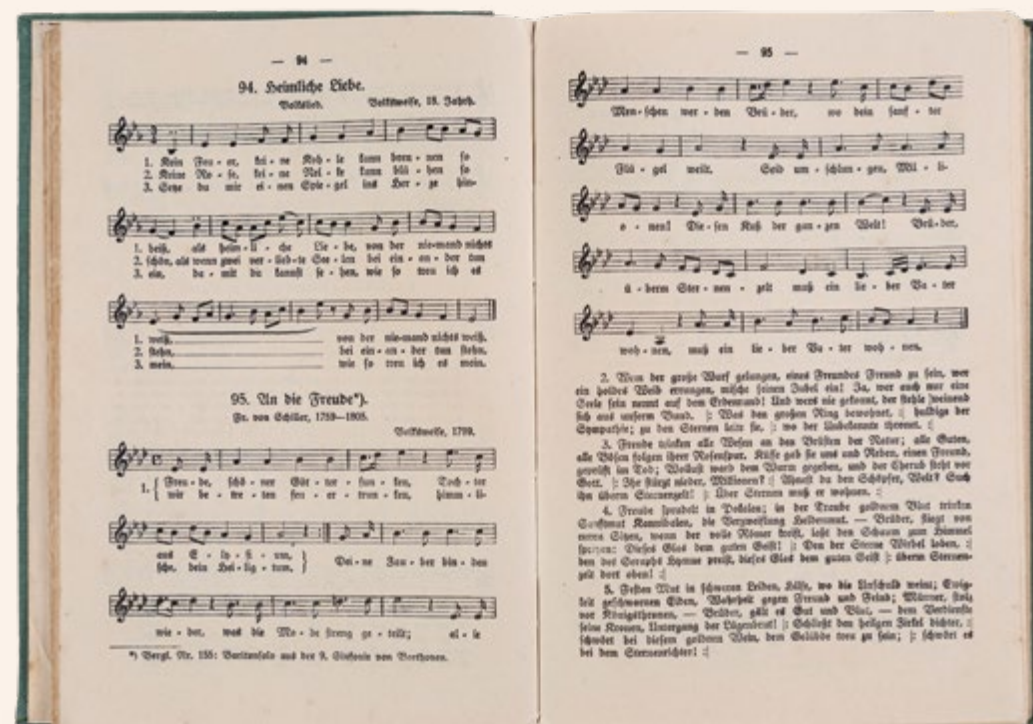
Autoria desconhecida
1905
Tecido bordado, 140 × 118 × 8 cm



1



3



2

1 Quadro de músicas alemãs

Ludwig Erk | Editora Eslin, Berlim, 1884
Papel, tecido, 22 × 14 × 2 cm

2 Livro de canções em alemão para escola

W. Hermann, F. Wagner e H. Fischer,
Berlim, 1928
Papel, 22 × 15 × 3 cm

3 Flores e pérolas da poesia alemã – Coro feminino feito por mulheres

Germann Gesenius, 1892
Papel, miolo costurado, 26 × 19 × 3 cm

- 1

Escultura de lira

Autoria desconhecida
Século 20 (1901-2000)
Madeira, fórmica, 30,5 × 22 × 11 cm
- 2

Jarra com tampa para coleta de donativos

Autoria desconhecida, s.d.
Metal, 26,5 × 18,5 × 11,5 cm



- 3

Caneca produzida para Festival de Cerveja (Bierfest)

Autoria desconhecida
Século 20 (1901-2000)
Cerâmica esmaltada, 15 × 13 × 9 cm
- 4

Caneca produzida para Festa Junina

Autoria desconhecida
Século 20 (1901-2000)
Cerâmica esmaltada, 11 × 10 × 7 cm



1



3



2

1 Sinetas

Autoria desconhecida
Século 20 (1901-2000)
Metal, 16,5 × 9 × 9 cm

2 Escultura

Louis Domenech
Século 20 (1901-2000)
Bronze, 114 × 40 × 20 cm

3 Batuta

Autoria desconhecida, s.d.
Metal, madeira, 35,5 × 1,5 cm

4 Maleta

Autoria desconhecida
Século 20 (1901-2000)
Couro, metal, 31,5 × 42 × 5 cm



4

IGREJA NOSSA SENHORA DA PAZ

Fachada da Igreja Nossa
Senhora da Paz

José Rosael, 2026
Fotografia digital
Acervo do Museu Paulista da USP



A Igreja Nossa Senhora da Paz é sede da paróquia de mesmo nome, criada em 1940. Ela ainda abriga as paróquias italiana, de 1956, latino-americana, de 1995, e filipina, de 2017. Desde 2013, o templo também realiza celebrações da comunidade haitiana.

O projeto da igreja é do arquiteto Leopoldo Pettini, os afrescos são de Fulvio Pennacchi, e as esculturas, de Galileo Emendabili, todos italianos.

A igreja também é sede da Missão Paz, criada em 1939 com a instalação na região central da capital dos Missionários de São Carlos (Scalabrinianos), vindos da Itália. Seu objetivo era apoiar os imigrantes italianos.

Nas décadas seguintes, os Scalabrinianos passaram a atender migrantes nordestinos, além de imigrantes e refugiados de diferentes nacionalidades. No fim da década de 1970, foi criado o Centro Pastoral do Migrante. Em seguida, surgiu a Casa do Migrante, que até hoje oferece abrigo, cursos e assistência a esse público.



1 Projeto da Igreja
Nossa Senhora da Paz

Hugo Zanella, 1938-1940
Papel, 29 x 23 cm

2 Anteprojeto da igreja dos italianos – Igreja Nossa Senhora da Paz

Autoria desconhecida, 1938
Cartão-postal, 14 × 9 cm
Este anteprojeto não foi executado.

3 Salão onde funcionava a Igreja Nossa Senhora da Paz

Autoria desconhecida
Década de 1930
Reprodução fotográfica

4 **Jornal Mensageiro da Paz** nº 1 –
divulgação da arrecadação de recursos
para construção da Igreja Nossa
Senhora da Paz

Alexandre A. Marchetti Zioni
Outubro de 1939
Papel
Reprodução fotográfica

O jornal *Mensageiro da Paz* começou a ser publicado pelos missionários Scalabrinianos em 1939, como continuidade ao periódico *La Fiamma*, produzido entre 1931 e 1935. Foi o veículo oficial de comunicação para fomentar as campanhas de doação para a construção da igreja. O jornal tinha o objetivo de estreitar laços com a comunidade migrante, sobretudo de italianos. Em alguns períodos, foi editado em português e italiano.

5 **Jornal Mensageiro da Paz nº 8 –
Mapa com limites da nova paróquia**

Alexandre A. Marchetti Zioni
Maio de 1940
Papel
Reprodução fotográfica





1



3



2

1 Assentamento da pedra fundamental da Igreja Nossa Senhora da Paz

J. Pesce & Cia
20 de outubro de 1940
Reprodução fotográfica

2 Assentamento da pedra fundamental da Igreja Nossa Senhora da Paz

J. Pesce & Cia
20 de outubro de 1940
Fotografia, 23 x 17 cm

3 Inauguração da Igreja Nossa Senhora da Paz

J. Pesce & Cia
30 de agosto de 1942
Fotografia, 23 x 17 cm

4 *Jornal Mensageiro da Paz*

Alexandre A. Marchetti Zioni
Maio de 1965
Papel
Reprodução fotográfica

A capa é ilustrada com reproduções de esculturas de Galileo Emendabili, situadas no interior da igreja.



4



1 **Castiçal**
Galileo Emendabili
Década de 1940
Prata, 41 × 18 × 18 cm

O castiçal é parte de um conjunto de objetos religiosos de prata concebidos pelo escultor Galileo Emendabili para a Igreja Nossa Senhora da Paz. Ele também foi o autor do Obelisco Mausoléu ao Soldado Constitucionalista da Revolução de 1932, no Parque Ibirapuera.



2 **Santa Anna Mestra**
Fulvio Pennacchi
Século 20 (1901-2000)
Cerâmica, 92 × 35 × 20 cm



1



2



3

1 Batismo de imigrantes japoneses

Autoria desconhecida
Década de 1940
Fotografia 10 × 15 cm

2 Saída da missa dos italianos

Autoria desconhecida
Década de 1940
Fotografia, 17 × 23 cm

3 Família italiana com padre

Autoria desconhecida, 1956
Fotografia, 24 × 18 cm



4

4 Revista *Travessia* nº 1

Centro de Estudos Migratórios, 1988
Papel, 28 × 21 cm

Travessia é uma revista especializada em migração e refúgio, mas trata também de direitos humanos, políticas públicas e outros temas. Ela é publicada pelo Centro de Estudos Migratórios desde 1988 e foi criada para promover o diálogo entre a produção intelectual e a comunidade. A primeira edição se dedicou às migrações temporárias e internas no Brasil. A revista se tornou uma das principais referências para a área. Os textos são publicados em português, espanhol, francês, italiano e inglês.

5 Coral

Autoria desconhecida, 1954
Fotografia, 11 × 17 cm



5



1



2

1 **Fotografia da Casa do Migrante**
José Rosael, 2026
Fotografia digital
Acervo do Museu Paulista da USP

2 **Padres com cartaz "Sin documento no existo"**
Autoria desconhecida, 1992
Fotografia, 10 × 15 cm

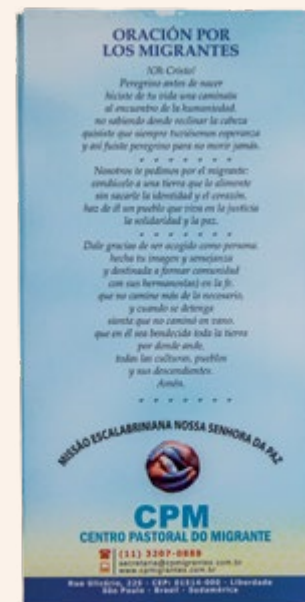


3

3 **Máquina de costura**
Vigorelli
Século 20 (1901-2000)
Madeira, metal, 80 × 89 × 46 cm

Essa máquina de costura foi utilizada na década de 1970, período em que a Casa do Migrante acolheu brasileiros vindos da região Nordeste. Naquele contexto, eram oferecidos oficinas e cursos de corte e costura, além de atividades de datilografia e culinária. Os cursos tinham como objetivo promover a autonomia dos migrantes, contribuindo para sua inserção no mercado de trabalho e integração social.

4 **Oração pelos migrantes**
Autoria desconhecida, 2013
Papel, plástico, tecido, 20 × 11 cm



4



1



3

- 1 Celebração da Virgem de Urkupiña (Bolívia) na Igreja Nossa Senhora da Paz

Autoria desconhecida, 1989
Papel 10 × 15 cm

- 2 Convite para celebração da Virgem de Copacabana, padroeira da Bolívia, na Igreja Nossa Senhora da Paz

Autoria desconhecida, 2022
Papel, 20,5 × 31,5 cm (aberto)

- 3 Casaco utilizado em festa da comunidade boliviana

Autoria desconhecida
Década de 2010
Tecido, bordado, 64 × 104 cm



2



3

1 **Altar lateral da Igreja Nossa Senhora da Paz**
José Rosael, 2026
Fotografia digital
Acervo do Museu Paulista da USP

A Igreja Nossa Senhora da Paz possui pequenos altares laterais ao longo da nave. Esses espaços são ocupados por imagens de santas padroeiras de diferentes países da América Latina. A igreja celebra uma missa em espanhol no quarto sábado de cada mês, frequentada por imigrantes falantes do idioma.



1



1



1



1



1



2



3

2 **Missa dos italianos**
José Rosael, 2026
Fotografia digital
Acervo do Museu Paulista da USP

A Igreja Nossa Senhora da Paz celebra uma missa em italiano aos domingos. É uma oportunidade de encontro e sociabilidade da comunidade de origem italiana de São Paulo.

3 **Missa dos haitianos**
José Rosael, 2026
Fotografia digital
Acervo do Museu Paulista da USP

A Igreja Nossa Senhora da Paz celebra uma missa em francês no segundo domingo de cada mês. É uma oportunidade de encontro e sociabilidade da comunidade de haitianos. Em alguns momentos da celebração, é utilizado também o creole, idioma falado no Haiti.

IGREJA DE NOSSA SENHORA DOS REMÉDIOS

A capela de Nossa Senhora dos Remédios foi inaugurada em 1725, mas as obras continuaram por muitos anos. A devoção à santa começou no século 13 (1201-1300) e está ligada à sua intervenção na libertação de cristãos escravizados na África e no Oriente Médio. Em São Paulo, a partir do século 18 (1701-1800), esse culto está relacionado ao acolhimento de pessoas castigadas no pelourinho, que ficava ao lado do templo, no bairro da Liberdade.

A igreja se destacava entre os outros templos da cidade. Sua fachada tinha um frontão alto, que ocupava quase a metade da altura do prédio. Esse formato permitia instalar os sinos em três pontos da fachada, em vez de usar uma torre. No século 19 (1801-1900), a fachada recebeu azulejos, tornando-se a única da cidade com esse tipo de revestimento.

No final da década de 1870, o advogado abolicionista Antônio Bento de Souza e Castro assumiu o cargo de provedor da irmandade de Nossa Senhora dos Remédios. Assim, a igreja se tornou o principal reduto do movimento abolicionista na cidade. O local foi o centro de atuação dos Caifazes, grupo responsável por organizar a fuga de pessoas escravizadas das fazendas do interior paulista e levá-las até o Quilombo do Jabaquara, em Santos.



1

1 São Paulo – Igreja de Nossa Senhora dos Remédios

Autoria desconhecida
Reprodução fotográfica
Século 20 (1901-2000)
Acervo do Museu Paulista da USP

2 Vista da praça Dr. João Mendes e fachada da Igreja Nossa Senhora dos Remédios

Autoria desconhecida
Século 20 (1901-2000)
Reprodução fotográfica
Acervo do Museu Paulista da USP



2



1

1 **Cariátide – figura da antiga Igreja de Nossa Senhora dos Remédios**

Autoria desconhecida
Século 18 (1701-1800)
Madeira entalhada
131 × 53 × 41 cm
Acervo do Museu Paulista da USP

Cariátide é uma figura feminina esculpida que serve como suporte arquitetônico. Ela substitui colunas ou pilares para sustentar um elemento sobre sua cabeça. Essa cariátide fazia parte de um retábulo sobre o altar da antiga Igreja dos Remédios.



2

2 **Cariátide – figura da antiga Igreja de Nossa Senhora dos Remédios**

Autoria desconhecida
Século 18 (1701-1800)
Madeira entalhada
132 × 72 × 38,5 cm
Acervo do Museu Paulista da USP



1 **Cartela da Igreja de
Nossa Senhora dos Remédios**

Autoria desconhecida, s.d.
Madeira, 137 × 130 × 23 cm
Acervo do Museu Paulista da USP

A cartela é um elemento de arquitetura utilizado para decoração. Essa pertencia a um retábulo sobre o altar da antiga Igreja dos Remédios e está decorada com o monograma da Virgem Maria.



2



2



2



2

2 **Azulejos de revestimento da
fachada da antiga Igreja dos
Remédios**

Autoria desconhecida
Século 19 (1801-1900)
Cerâmica, 13,2 × 13,2 × 1,5 cm
Acervo do Museu Paulista da USP

CENTRO CULTURAL DE TAIPEI

Fachada do Hakka Plaza, que abriga
o Centro Cultural de Taipei, na rua
São Joaquim

José Rosael, 2026
Fotografia digital
Acervo do Museu Paulista da USP



O Centro Cultural de Taipei integra o escritório de representação comercial e cultural de Taiwan em São Paulo. A organização ocupa dois andares do Hakka Plaza, edifício pertencente à Associação Hakka do Brasil, ligada à representação oficial de Taiwan em nosso país. A construção do edifício no bairro da Liberdade teve início no ano de 2002, e sua inauguração aconteceu em janeiro de 2005.

A instituição é dedicada à prestação de serviços à comunidade taiwanesa, bem como a atividades associativas e culturais. Também oferece à comunidade uma biblioteca, salas para reuniões e cursos, além de um espaço para exposições

O Centro Cultural salvaguarda e expõe parte do acervo do Centro Social Chinês, fundado em 1927. É a organização mais antiga da comunidade taiwanesa. Sua sede, na rua Conselheiro Furtado, está em obras.

O Centro Cultural de Taipei também preserva itens de seu próprio acervo. Eles documentam a vivência da população taiwanesa em São Paulo e no Brasil. São passaportes, registros de viagem, jornais e revistas, discos, livros e outros objetos.



1

- 1

Monge budista abençoando construção do edifício do Hakka Plaza, que abriga o Centro Cultural de Taipei e um templo budista

Autoria desconhecida, 2002
Fotografia
Reprodução fotográfica
- 2

Inauguração do Centro Cultural de Taipei

Autoria desconhecida, 2005
Fotografia
Reprodução fotográfica
- 3

Cerimônia na construção do edifício do Hakka Plaza, que abriga o Centro Cultural de Taipei

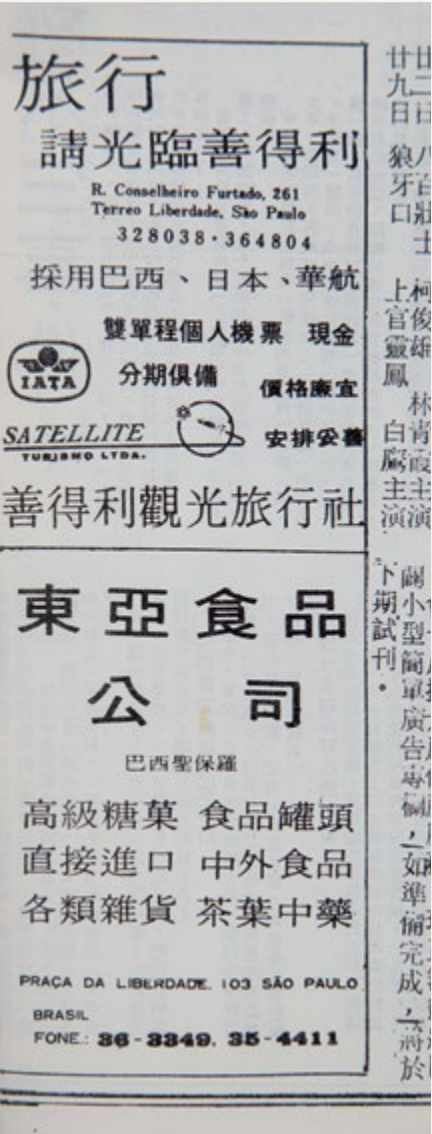
Autoria desconhecida, 2002
Fotografia
Reprodução fotográfica



2



3



4

- 4

Anúncio de lojas taiwanesas na Liberdade

Autoria desconhecida, 1979
Papel
Reprodução fotográfica de página de Boletim do Centro Social Chinês (TAIWAN) de São Paulo de 1979
- 5

Anúncios de lojas taiwanesas na Liberdade

Autoria desconhecida, 1983
Papel
Reprodução fotográfica de página do jornal Nan Mei de 9 de agosto de 1983

5





1 *Amor pela terra natal*

Chen Yan Shen, 2004
Pintura em tinta acrílica sobre tela,
154,5 × 175 cm



2 *Lótus da primavera*

Liao Shin Ping, s.d.
Pintura em aquarela sobre papel
81 × 47 cm



1

1 Inauguração Centro Social Chinês (TAIWAN), na rua Conselheiro Furtado

Autoria desconhecida, 1963
Fotografia, 23 × 16 cm

2 Fachada do Centro Social Chinês (TAIWAN), na rua Conselheiro Furtado

José Rosael, 2026
Fotografia digital
Acervo do Museu Paulista da USP

3 Boletim do Centro Social Chinês nº 1

Centro Social Chinês (TAIWAN), 1963
Papel, 17 × 24 cm



4



2



3



5

4 Futura sede Centro Social Chinês (TAIWAN)

Autoria desconhecida, 1962
Fotografia, 29 × 40 cm

5 Inauguração Centro Social Chinês (TAIWAN), na rua Conselheiro Furtado

Autoria desconhecida, 1963
Fotografia, 16 × 23 cm

6 Inauguração Centro Social Chinês (TAIWAN), na rua Conselheiro Furtado

Autoria desconhecida, 1963
Fotografia, 16 × 23 cm



6



1 Notícia do novo prédio do Centro Social Chinês (TAIWAN)
 Autoria desconhecida, 1962
 Papel, 33 x 24 cm

2 Boletim do Centro Social Chinês de São Paulo
 Centro Social Chinês (TAIWAN), 1979
 Papel, 33 x 24 cm

3 Carteira de associado do Centro Social Chinês de São Paulo
 Centro Social Chinês (TAIWAN), 1957
 Papel, 19 x 25 cm



2



3



1

1 Famílias em navio a caminho do Brasil

Autoria desconhecida, 1963
Fotografia, 15 × 21 cm

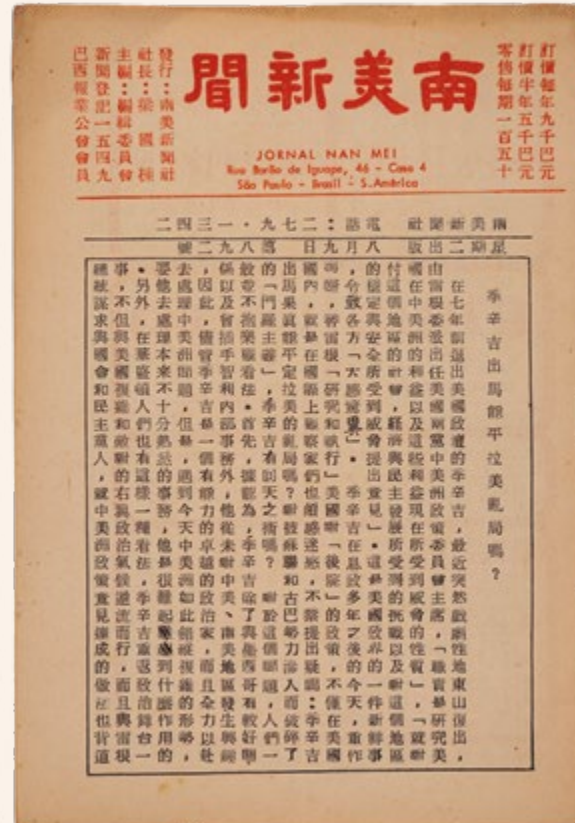
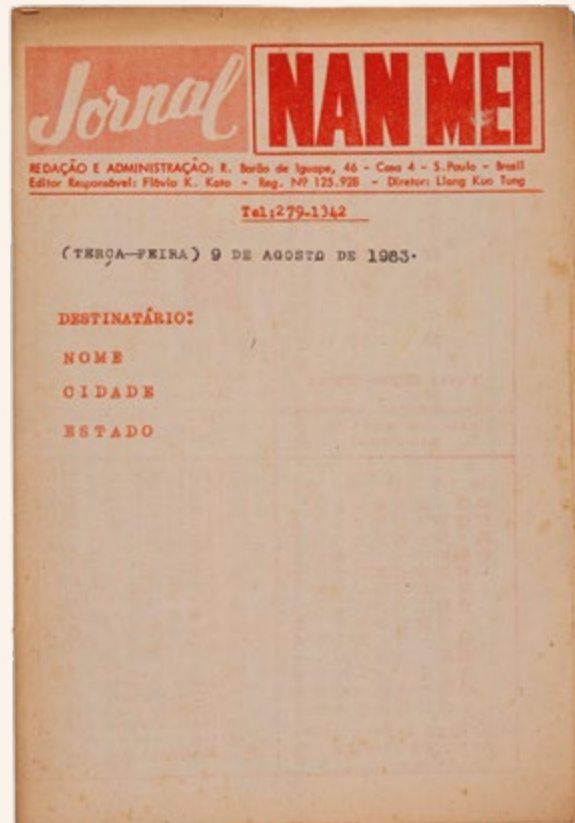
2 Jornal Nan Mei

Liang Kuo-Tung
9 de agosto de 1983
Papel, 17 × 24 cm

Nan Mei foi um periódico publicado em mandarim que começou suas atividades em 1976. Sua sede ficava na rua Barão de Iguape, na Liberdade.

3 Certificado de travessia do Equador de Wang Tse Yi

Autoria desconhecida, 1957
Papel, 30 × 25 cm



2



3



1

1 Ábaco

Autoria desconhecida, s.d.
Madeira, 6,5 × 34 × 2 cm

O ábaco é um instrumento tradicional para cálculos matemáticos.



2

2 Projetor de filmes do Centro Social Chinês (TAIWAN)

Copal Thoshida Sekonic
Século 20 (1901-2000)
Plástico, metal, 25 × 36 × 15 cm



1

1 Cabeça de dragão de templo budista

Autoria desconhecida, s.d.
Madeira
37 × 81 × 18 cm



2

2 Cabeça de dragão de templo budista

Autoria desconhecida, s.d.
Madeira
34 × 81 × 18 cm

TEMPLO BUDISTA BUSSHINJI



Fachada do Templo Busshinji

José Rosael, 2026
Fotografia digital
Acervo do Museu Paulista da USP

Situado na Liberdade, o Templo da Escola Budista Soto Zen é o mais antigo e o mais central entre os templos budistas de São Paulo. Trata-se da sede dessa vertente do budismo para a América Latina. São Paulo – e a Liberdade – constitui o ponto estratégico para essa implantação, por contar com a maior concentração de japoneses e de seus descendentes na América do Sul.

Em 1952, após o intervalo da Segunda Guerra Mundial, foi retomada a imigração de japoneses para o Brasil. Três anos depois, um missionário japonês foi enviado ao país e instalou um templo, ocupando uma casa na Liberdade. Com o passar dos anos, os monges vindos do Japão começaram a formar seus discípulos localmente. Porém, isso não interrompeu a vinda de sacerdotes do Japão para dirigir o templo paulistano.

O templo com arquitetura própria foi finalmente inaugurado na rua São Joaquim em 1995, ano da comemoração do 40º aniversário do budismo zen no país. Em 2008, no centenário da imigração japonesa no Brasil, foi iniciada a construção do Pavilhão do Espelho, inaugurado no ano seguinte nos fundos do terreno.



1 **Altar do Templo Busshinji**
José Rosael, 2026
Fotografia digital
Acervo do Museu Paulista da USP



2 **Altar memorial do Templo Busshinji**
José Rosael, 2026
Fotografia digital
Acervo do Museu Paulista da USP



1

1 Tapete e almofadas de meditação

Autoria desconhecida, s.d.
 Palha e tecido
 170 × 90 × 5 cm (tapete)
 39 × 39 × 15 cm e
 43 × 43 × 15 cm (almofadas)



2

2 Sino

Autoria desconhecida, s.d.
 Metal, madeira, corda
 47 × 26 × 26 cm



1 Taiko

Autoria desconhecida, s.d.
Couro, madeira, metal
60 × 54 × 54 cm

2 Instrumento sonoro de meditação

Autoria desconhecida, s.d.
Metal, corda, 37 × 42 cm



3 Escultura de Buda

Autoria desconhecida, s.d.
Cerâmica, 47 × 23 × 28 cm

4 Escultura de Buda

Autoria desconhecida, s.d.
Cerâmica, 65 × 21,5 × 20,5 cm



OCUPAÇÃO JEAN-JACQUES DESSALINES

Fachada da Ocupação
Jean-Jacques Dessalines

José Rosael, 2026
Fotografia digital
Acervo do Museu Paulista da USP



A Ocupação Jean-Jacques Dessalines, ou Ocupação dos Imigrantes, foi estabelecida na Liberdade num imóvel próximo à praça João Mendes em junho de 2021. Após quase 5 anos de existência, o imóvel foi esvaziado pela polícia por ordem judicial em fevereiro de 2026. O nome da ocupação homenageia Jean-Jacques Dessalines, herói da independência do Haiti. A escolha do nome é expressiva porque destaca a coragem do personagem e faz referência ao país caribenho. Refugiados haitianos têm buscado o Brasil nos últimos anos e alguns passaram por essa ocupação.

Recentemente, o Brasil voltou a fazer parte das rotas migratórias do planeta. Novos grupos têm chegado ao país, vindos da Ásia, da África, das Américas Central e do Sul. Também há pessoas que vêm de outras regiões do Brasil, principalmente do Norte e Nordeste. Essas populações, em geral pobres e vulneráveis, buscam moradias baratas em bairros centrais. Nesses locais, existem mais oportunidades de trabalho.

Com isso, a Liberdade reata com sua característica do início do século 20 (1901-2000), quando imigrantes de outras origens, como os japoneses, ali se instalaram pelas mesmas razões.



1

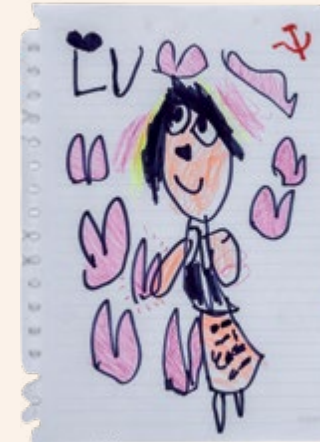
- 1 Tapumes divisores de quartos
 - 2 Cozinha coletiva
 - 3 Espaço de convivência
- José Rosael, 2026
Fotografia digital
Acervo do Museu Paulista da USP
- 4 Conjunto de desenhos de crianças da Ocupação
- Jean-Jacques Dessalines representando moradores
- 2025
Papel, dimensões variadas



2



3



4



1

1 Banner Ocupação dos Imigrantes

Movimento de Luta nos Bairros, Vilas e Favelas – MLB, 2021
Lona, 304 × 120 cm

2 Conjunto de retalhos de tecido

Autoria desconhecida, 2026
Algodão, tecido sintético, dimensões variadas



2

3 Ferro de passar industrial

Autoria desconhecida, s.d.
Metal, plástico, 15 × 22 × 14 cm

A Ocupação Jean-Jacques Dessalines promovia cursos de costura para as mulheres ligadas a movimentos sociais. Havia também oficinas em parceria com o Projeto Samba da Madrinha Eunice. O espaço contava também com um ateliê de costura, fonte de renda de uma haitiana moradora da ocupação.



3

FRENTE NEGRA BRASILEIRA

Placa instalada na fachada da Casa de Portugal

José Rosael, 2026
Fotografia digital
Acervo do Museu Paulista da USP

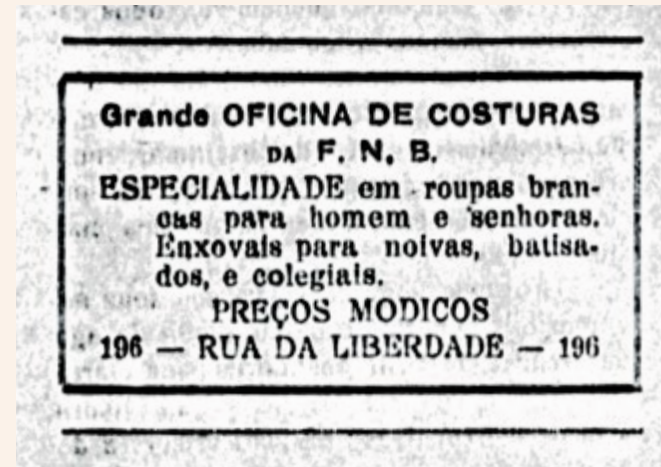
A placa integra o programa Inventário Memória Paulistana da Prefeitura de São Paulo. Esse programa tem o objetivo de destacar locais de grande significado para os processos e segmentos sociais da cidade. Neste caso, a placa colabora para reativar a memória de instituições que já não existem.



A Frente Negra Brasileira (FNB) foi criada em 1931. Era uma associação formada por pessoas negras que se uniram para lutar por direitos, ainda pouco acessados após o fim da escravidão. De início, a FNB ocupou duas salas de um prédio na praça da Sé. Depois, mudou-se para um imóvel na atual avenida da Liberdade, no terreno onde hoje fica a Casa de Portugal. A sede reunia várias atividades. Havia escritórios administrativos, salão de beleza, barbearia, salão de jogos, consultório dentário e bar. O edifício também contava com um local para festas e cerimônias oficiais, grupo de teatro, grupo de música e posto de alistamento eleitoral. Além disso, a associação mantinha um jornal próprio, chamado *A Voz da Raça* (1933-1937).

A FNB investiu na educação como o principal caminho para a conquista de direitos e ascensão social das pessoas negras. Assim, criou uma escola e cursos profissionalizantes com o objetivo de combater o analfabetismo e qualificar as pessoas para o mercado de trabalho.

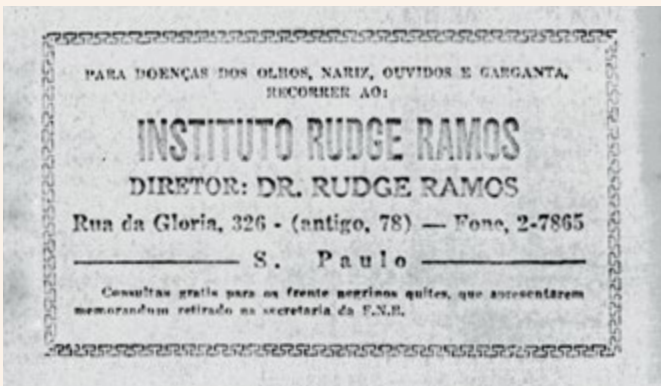
A associação cresceu e chegou a outros municípios de São Paulo e a outros estados. Reuniu milhares de membros. Em 1936, foi reconhecida como partido político. Em 1937, porém, foi declarada ilegal pelo governo de Getúlio Vargas durante o Estado Novo, e suas atividades foram encerradas.



1



2



3

- 1 Anúncio de costureira na sede da Frente Negra Brasileira nº 16

Jornal A Voz da Raça, 1933
Papel impresso
Acervo da Hemeroteca Digital Brasileira – Biblioteca Nacional
Reprodução fotográfica

- 2 Anúncio de comemoração do 1º aniversário do jornal, a ser realizado no salão da Lega Lombarda

Jornal A Voz da Raça
17 de março de 1934
Papel impresso
Acervo da Hemeroteca Digital Brasileira – Biblioteca Nacional
Reprodução fotográfica

Os periódicos negros enfrentavam dificuldades financeiras, estruturais e de distribuição. As soluções encontradas envolviam aumentar o período de tempo entre uma publicação e outra e realizar eventos para captação de recursos.

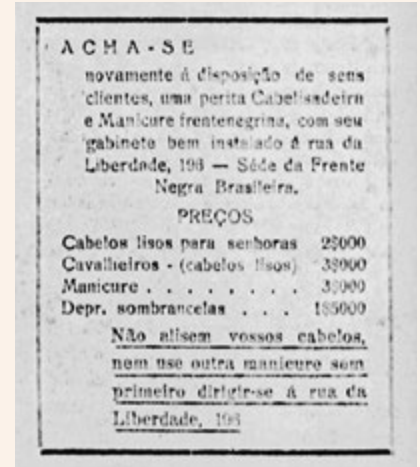
A Lega Lombarda foi uma das instituições que deu origem à Liga Itálica, localizada na Liberdade e atualmente extinta.

- 3 Anúncio de atendimento médico gratuito A Voz da Raça nº 51

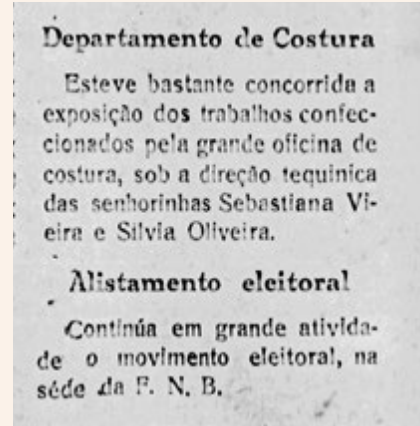
Jornal A Voz da Raça, 1936
Papel impresso
Acervo da Hemeroteca Digital Brasileira – Biblioteca Nacional
Reprodução fotográfica



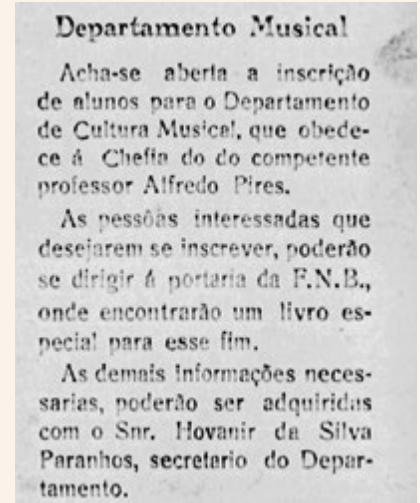
4



5



6



7

- 4 Comunicados A Voz da Raça nº 2, p.2, Departamento Intelectual

Jornal A Voz da Raça, 1933
Papel impresso
Acervo da Hemeroteca Digital Brasileira – Biblioteca Nacional
Reprodução fotográfica

- 5 Anúncio de cabeleireira na sede da Frente Negra Brasileira nº 16

Jornal A Voz da Raça, 1933
Papel impresso
Acervo da Hemeroteca Digital Brasileira – Biblioteca Nacional
Reprodução fotográfica

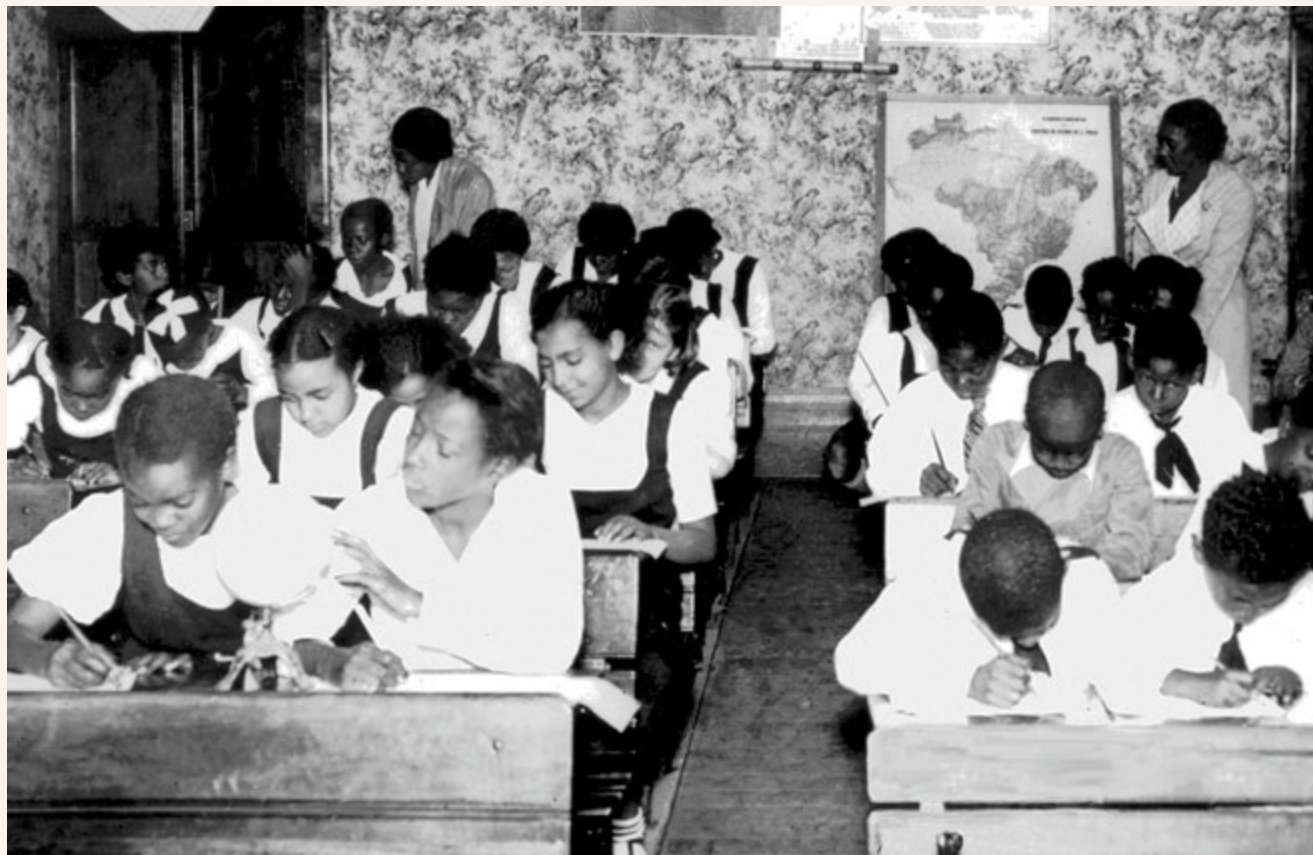
- 6 Comunicados A Voz da Raça nº 2, p.2, Departamento de Costura e Alistamento Eleitoral

Jornal A Voz da Raça, 1933
Papel impresso
Acervo da Hemeroteca Digital Brasileira – Biblioteca Nacional
Reprodução fotográfica

A Voz da Raça divulgava as atividades dos departamentos mantidos pela Frente Negra Brasileira, como de Costura e o Musical. O jornal também publicava anúncios dos serviços oferecidos na própria sede, como alistamento eleitoral e cabeleireira, ou em instituições parceiras, como atendimento médico.

- 7 Comunicados A Voz da Raça nº 2, p.2, Departamento Musical

Jornal A Voz da Raça, 1933
Papel impresso
Acervo da Hemeroteca Digital Brasileira – Biblioteca Nacional
Reprodução fotográfica



1

1 **Crianças na escola da Frente Negra Brasileira**
 Autoria desconhecida
 Década de 1930
 Fotografia
 Acervo pessoal Márcio Barbosa
 Reprodução fotográfica



2



3

2 **Banda Musical da Delegação da Frente Negra Brasileira**
 Wessel
 1933-1937
 Cartão postal
 Acervo da Fundação Biblioteca Nacional – Brasil
 Reprodução fotográfica

3 **Grupo em frente à sede da Frente Negra Brasileira**
 Wessel
 1933-1937
 Cartão-postal
 Acervo da Fundação Biblioteca Nacional – Brasil
 Reprodução fotográfica



1



2

1 Justiniano Costa durante discurso na Frente Negra Brasileira

Autoria desconhecida
Década de 1930
Fotografia
Acervo pessoal Márcio Barbosa
Reprodução fotográfica

2 Grupo Rosas Negras

Autoria desconhecida
Década de 1930
Fotografia
Acervo pessoal Márcio Barbosa
Reprodução fotográfica



3



4

3 Aniversário de fundação da Frente Negra Brasileira, vista do público presente

Arthur Ramos, 16 de setembro de 1935
Fotografia
Acervo da Fundação Biblioteca Nacional – Brasil
Reprodução fotográfica

4 Aniversário de fundação da Frente Negra Brasileira – vista da mesa que presidiu os trabalhos

Arthur Ramos, 16 de setembro de 1935
Fotografia
Acervo da Fundação Biblioteca Nacional – Brasil
Reprodução fotográfica

ALISTAMENTO NA FRENTE NEGRA BRASILEIRA

UMA RAPIDA ENTREVISTA COM O SR. ISALTINO DOS SANTOS, SOBRE O PAPEL DAQUELA ORGANIZAÇÃO NO MOMENTO POLITICO BRASILEIRO

Estivemos hoje em visita ao Posto de Alistamento Eleitoral da "Frente Negra Brasileira", que é, sem dúvida alguma, uma das mais perfetidas organizações sociais aparecidas nestes ultimos tempos.

Depois de percorrerem as diversas repartições daquela organização, quelesmos colher alguns dados concretos com referência ao alistamento eleitoral. Assim foi que, para tal, o prof. Anacleto Pinheiro, chefe daquela seção, nos levou a presença do sr. Isaltino B. Veiga dos Santos, secretario geral da F. N. B. Foram encontrados em seu gabinete de trabalho, entregue aos seus multiplos afazeres, desempenhando uma atividade extraordinaria. E' de fato o sr. Isaltino Veiga dos Santos um batalhador incansavel que de tudo entende, e fala com orgulho de sua raça. Conhecedor profundo das necessidades do seu povo, tudo ali é por ele solucionado com acerto e criterio. Durante as horas que lá estivemos, notamos ainda que nada ali é resolvido sem a palavra autoritaria do General, como é de costume na sede de sua gente.

Ficamos devotos entusiasmados com o movimento da F. N. B., que se assemelha a um verdadeiro conselheiro.

Cientificamos, logo em seguida, ao sr. Isaltino, da razão da nossa visita, e assim, atendendo-nos com amabilidade de um velho politico, se bem que ainda seja bastante moço, começou por nos dizer:

— "Na grande parala civilica, do dia 1.º de janeiro p. p., realizada em São Paulo, e onde milhares e milhares de negros de ambas as sexos desfilarão pelas ruas da cidade, já afirmamos o nosso nacionalismo; agora, é na posição Constitucional, e a será na urna, que iremos afirmar a nossa força de sangue e de alma, contra a traição dos anti-nacionais nativos ou alienigenas.

Ao mesmo tempo, clamaremos justiça para a Raça, justiça para os pequenos, negros e brancos brasileiros, trabalho, pão e paz; é também na urna que, mais uma vez, iremos afirmar o nosso amor ao Brasil, contra as frotas das estrangeiras plutocracias ou comunistas, contra a hipocrisia dos semi-estrangeiros e contra a maldade dos filhos da Terra, que traem a Patria aqui em São Paulo, coração do Brasil; queremos demonstrar que a Raça, sacrificada sempre, continuará, apesar dos perigos, alta e fiel á obra de seu sangue em 600 anos.

Ha mais de um ano que, após os nossos trabalhos ativos de arregimentação, agimos a serviço da Gente Negra Brasileira, sendo feito tudo quanto ha sido possível na reivindicação dos direitos sociais dos nossos patriotas, em geral, brancos e negros, porque, como sabreis, nós não preguemos divisão racial, como querem dizer aqueles que nos nos procuraram ouvir.

Nós nos orgulhamos tambem como nossos patriotas brancos, que juntamente com os negros têm sabido corresponder aos esforços da "Grande Comissão Fronte-negrina", para que esta obra de todos os negros desta terra possa realizar plena e inteiramente o seu programa.

Tudo vai bem. Hoje, porém, e que nos

impeta é conchamar a todos os negros, e tambem a nossos irmãos brancos, para o alistamento eleitoral, e fim de que, finalmente, pela primeira vez em toda a historia do Brasil, vão daos os seus representantes da nossa gente, por iniciativa pro-

paganda e promovedora. Funcionam no posto funcionarios dispostos e competentes como os srs. Cíndio Sobrinho da Silva, José Neri da Silva, Sebastião Barbosa da Silva, Haul do Amaral, Osvaldo Santiago, Ari da Silva, Afredol Rodrigues, Rubens



Na Frente Negra Brasileira cuida-se do alistamento — ao alto um aspecto da secretaria; em baixo, o movimento dos que se querem inscrever eleitores

gras, afirmar a Nação e a Raça, reivindicar os direitos politicos de todo um povo perpetuamente diminuido, espoliado, posto á margem da vida politica nacional, gregar á ferra em que os politicos têm vivido, e maliciosa em todos os camos da internacional que nos odeiam, como brasileiros radicais que somos, intransigentes e por isso suspeitos.

O Negro da era nova não se pode deixar influir pelos inimigos a tiro de "tambores"; nem a "labia" dos internacionais extremistas, nem a "tapação" dos partidos!

O Negro deve estar com o Brasil e com a Raça. Não queremos, não podemos e não nos devemos aliar a quem quer que seja; politicamente, somos e seremos unicamente revolucionarios. Assim sendo, o nosso trabalho é solidificar a revolução de 26, para a salvação da Raça e do Brasil de amanhã."

Por solicitação nossa, passou depois o sr. secretario geral a fazer do Posto de Alistamento Eleitoral, que está impecavelmente organizado em 5 espaçosas salas do prédio onde funciona a F. N. B. Tudo em perfeita ordem. Aqui, a secretaria do alistamento; mais alem, a sala para os requerimentos; um outro salão, o Centro de Alfabetização para o mesmo fim. E assim, tudo ali, numa atividade

Ribeiro Costa, e o sr. José Maria de Anacleto Pinheiro, que é o encarregado do serviço.

O alistamento da F. N. B. vai do "venio em pápa", tudo em perfeita ordem. Como perguntamos qual o numero de eleitores já qualificados, foi-nos fornecido um mapa demonstrativo dos mesmos, que atingem uma soma de 4.664 eleitores até o dia 16 deste mês.

Não constam do referido mapa os eleitores das Delegações do Interior do Estado, cujo serviço já está tambem em andamento, disse-nos o sr. secretario geral, que espera das Delegações Fronte-negrinas, em conjunto, de 3.900 a 4.000 eleitores.

Ele o mapa demonstrativo dos eleitores da F. N. B., observando-se a seguinte ordem de serviço até o dia 28 do corrente: 84, 145; S. Miguel, 150; Penha, 220; Braz, 420; Belemzabão, 200; Moeda, 100; Cantareira, 180; S. Bernardo, 153; Santana, 225; Guaratins, 50; Itaquera, 60; Juqueri, 45; Lagado, 125; Nossa Senhora do O, 31; Canas, 140; Perdizes, 280; Paraisópolis, 20; Santa Cecilia, 240; Santa Ildeonisa, 120; Bom Retiro, 230; Butantans, 220; Bela Vista, 410; Casa Verde, 450; Consolação, 300; Colina, 50; Santo Amaro, 280; Bosque da Saudade, 300; Vila Mariana, 210; Ipiranga, 250; Lapa, 200; Liberdade, 460. Total, 4.664.

As comemorações do dia 13 de Maio em S. Paulo

Passeata da Frente Negra Brasileira — Visita aos tumulos de abolicionistas — Inauguração de um retrato de José Patrocínio

A data de hoje, não passou sem as devidas homenagens em São Paulo. Passeatas, reuniões, visitas aos tumulos dos abolicionistas, tudo isso foi feito debalde de um aquilante entusiasmado.

O QUE FEZ A FRENTE NEGRA

Pela manhã, de 8 horas, foi reunido milhar na Igreja de N. S. dos Remedios, com a presença de centenas de homens de cor. Após o ato religioso, na sede da Frente Negra, deu-se a concentração da membra da Associação, para uma reunião, pelo centro, rumo à Igreja de São João.

O DESFILE

A cabeça dos manifestantes foi da sede da Frente Negra, estando o preito orga-

mentado para distribuição aos pobres.

NA IGREJA DE SÃO JOÃO

Chegando ao largo do Arco, local onde está a Igreja de São João, o preito fez uma parada, tendo saído sobre a calçada e sobre o grande pátio da casa, e as localidades e compoente da Frente Negra Brasileira, os srs. Artur Veiga dos Santos e Vicente Ferreira, presidente e secretario, respectivamente daquela Associação.

O CEMITERIO DA CONSOLAÇÃO

Após o ato religioso, os srs. Artur Veiga dos Santos e Vicente Ferreira, presidente e secretario, respectivamente daquela Associação.

SESSÃO NA ACADEMIA DE COMERCIO "SALDANHA MARINHO"

A data do 20.º aniversário da fundação da Academia de Comercio "Saldanha



A romaria aos tumulos dos abolicionistas na manhã de hoje.

maria com as delegações fronte-negrinas de diversas cidades.

As ruas da cidade da Frente Negra Brasileira, deu-se o desfile pelas ruas centrais, sendo interessante notar que as marchas traziam bandeirinhas com as cores brasileiras, dando um tom de unidade á parala.

No cortejo, vinha a tropa nacional, com o estandarte da liberdade dada ao negro.

A parala de cortejo, os populares, respondendo que se tratava de uma romaria para visitar os tumulos dos abolicionistas, e que visito, seguiu por oia rua.

Com isso passou a questão de 624, que a Frente Negra trouxe a um jornal

nos d. Sebastião Vieira e Christovão Brasil.

Foram visitados os tumulos de outros abolicionistas.

INAUGURAÇÃO DE UM RETRATO DE JOSÉ DO PATROCÍNIO

Às 10 horas, na sede central da Frente Negra Brasileira, a rua da Liberdade, 124,

realizou-se a sessão civilica em que se inaugurou um retrato do grande próter da abolição, José do Patrocínio, de autoria do artista Chico Xavier.

Aberta a sessão pelo presidente, sr. Artur Veiga dos Santos, falou sobre os grandes pensadores que nutriram países e

Marinho", celebrada com o 44.º aniversário da libertação dos escravos negros no Brasil, e, por isso, houve, de 20 horas, em sua sede, á avenida Celso Garcia, 280,

houve uma sessão civilica comemorativa desse duplo acontecimento, da qual tomaram parte os professores Altemar e Fátima.

Além de uma peroração pelo director, sr. e 20.º aniversário da instituição, o programa contou, tambem, de uma conferência pelo professor Nélson Angélio, que falou sobre o tema "Martyres do servilismo".

Depois falaram outros oradores e foram declamadas poesias pelo sr. Angélio.

1 Reportagem "Alistamento na Frente Negra"

Correio de São Paulo

17 de fevereiro de 1933

papel impresso

Acervo da Hemeroteca Digital

Brasileira – Biblioteca Nacional

Reprodução fotográfica

2 Reportagem "As comemorações do dia 13 de maio em S. Paulo"

Diário Nacional

14 de maio de 1932

Papel impresso

Acervo da Hemeroteca Digital

Brasileira – Biblioteca Nacional

Reprodução fotográfica

LIGA ITÁLICA

Fachada da antiga sede da Liga Itálica, na praça Almeida Junior

José Rosael, 2026
Fotografia digital
Acervo do Museu Paulista da USP



A Liga Itálica foi a mais antiga entidade paulistana ligada a imigrantes italianos. Sua presença indica que a Liberdade também fazia parte do cotidiano dos italianos na cidade, e não apenas os bairros mais lembrados, como Brás, Bexiga, Barra Funda e Mooca.

A liga se originou da fusão de duas entidades. A primeira delas foi a Società di Mutuo Soccorso Lega Lombarda, fundada em 1897, que reunia imigrantes vindos da Lombardia. Essa entidade desempenhou um papel importante de articulação operária, tendo acolhido reuniões da Aliança Nacional Libertadora e da Federação Operária de São Paulo. Em 1944, durante a Segunda Guerra Mundial, a Lega Lombarda foi invadida pela repressão do governo brasileiro às associações ligadas a imigrantes italianos, alemães e japoneses. A outra entidade foi a Muse Italiche, associação musical que se fundiu com a Lega em 1958.

No século atual, a Liga Itálica continuou recebendo diversas programações de bailes e festas em seu salão, inclusive de nipo-brasileiros. Sua sede foi vendida em 2016 e posteriormente ocupada por pessoas em situação vulnerável.

IGREJA DA SANTA CRUZ DOS ENFORCADOS E CASA DE VELAS SANTA RITA

Fachada da Igreja da Santa Cruz dos
Enforcados e do edifício que abrigou
a Casa de Velas Santa Rita

José Rosael, 2026
Fotografia digital
Acervo do Museu Paulista da USP



Em 1886, foi erguida uma capela da Santa Cruz no largo da Liberdade, antigo largo da Forca. A capela era um espaço de devoção, usado para receber orações e para as festas anuais, realizadas no mês de maio.

Nessa época, a devoção à Santa Cruz era promovida no bairro pela irmandade de Nossa Senhora dos Remédios. Um dos construtores da capela e o seu primeiro zelador fazia parte dessa irmandade, ligada ao movimento abolicionista.

A ligação inicial da capela com a Igreja dos Remédios e com as tradições negras ajuda a explicar por que ela atrai devoções voltadas às almas dos enforcados, já que os escravizados foram a maioria dos condenados à morte. A capela também é associada à execução do soldado Francisco José das Chagas, o Chaguinhas, ocorrida em 1821.

De toda forma, a crença na intercessão dos que morreram em sofrimento fez com que a capela virasse o principal ponto do culto às almas na área central da cidade.

Em 1934, a demanda dos fiéis fez surgir a Casa de Velas Santa Rita, que se tornou referência na venda de artigos religiosos católicos e afro-brasileiros. A loja fechou em 2023, em consequência da pandemia de covid-19.



1



2



3



4



5



6



7

1 Praça da Liberdade

Ivo Justino, 1959
Fotografia
Acervo do Museu
da Cidade de São Paulo
Reprodução fotográfica

A imagem registra a construção
da atual Igreja da Santa Cruz dos
Enforcados

**2 Igreja da Santa Cruz dos
Enforcados, com a antiga Casa
de Velas Santa Rita a seu lado**

Márcia Inês Alves, 1986
Fotografia
Acervo do Museu da
Cidade de São Paulo
Reprodução fotográfica

**3 Contas na Casa de
Velas Santa Rita**

Joana Vieira Tuttoilmondo, 2004
Fotografia
Acervo do Museu da Cidade de
São Paulo
Reprodução fotográfica

**4 Velário da Igreja da Santa Cruz
dos Enforcados**

José Rosael, 2026
Fotografia digital
Acervo do Museu Paulista da USP

**5 Venda de ervas na entrada
da Igreja da Santa Cruz dos
Enforcados**

José Rosael, 2026
Fotografia digital
Acervo do Museu Paulista da USP

**6 Cruz do altar-mor da Igreja da
Santa Cruz dos Enforcados**

José Rosael, 2026
Fotografia digital
Acervo do Museu Paulista da USP

**7 Placa na fachada da antiga Casa
de Velas Santa Rita**

José Rosael, 2026
Fotografia digital
Acervo do Museu Paulista da USP

UM BAIRRO EM DISPUTA

A pluralidade urbana envolve a convivência entre diferentes grupos, e as disputas fazem parte disso. Quanto mais plural um território é, mais evidentes são suas tensões e negociações. Ao longo de sua história, o bairro da Liberdade sempre foi – e ainda é – um território de disputas. Indivíduos e grupos mostram seus vínculos com o espaço de inúmeras maneiras. Isso aparece na forma de instituições, comércios étnicos, monumentos, nomes de praças e ruas. Também está na decoração das vias públicas e das fachadas de estabelecimentos privados, entre outras iniciativas.

De que forma essas disputas são vistas pelo público que circula pelo bairro? De que forma moradores, comerciantes e instituições disputam as suas compreensões sobre o passado e o presente da Liberdade? Este núcleo apresenta processos de ocultação, reivindicação e sobreposição de memórias do bairro. Essas memórias são construídas tanto nas histórias e na documentação escrita quanto nas tradições orais. Assim, esse território se torna uma arena de disputas e pluralidades.

ONDE ERA O LARGO DO PELOURINHO?

O largo Sete de Setembro, ao lado do atual Fórum João Mendes, antes se chamava largo do Pelourinho. Esse nome se referia ao pilar que era erguido quando uma vila ou cidade portuguesa era criada, para representar o poder do rei na localidade. No Brasil, esse símbolo é menos lembrado como sinal de poder político e mais por seu outro uso, mais rotineiro e cruel, como local de castigo e tortura de pessoas escravizadas.

Não se sabe a data da demolição do pelourinho. No entanto, é certo que o nome do largo se manteve por muitos anos na memória da cidade. Em 1865, o local foi rebatizado com o nome que tem até hoje. Com essa mudança, a lembrança das brutalidades ali ocorridas foi sendo ocultada.

O constrangimento público do que ocorria no largo do Pelourinho pode explicar por que não restou nenhuma fotografia desse espaço. Nem o fotógrafo Militão Augusto de Azevedo o registrou, mesmo tendo documentado a cidade nas décadas 1860 e 1880.

Largo do Pelourinho

1



- 1
- Planta da Imperial cidade de São Paulo**

Autoria desconhecida, 1790
Desenho em nanquim e aquarela sobre papel canson telado
Acervo cartográfico do Arquivo Histórico do Exército/Museu Militar Conde de Linhares
Reprodução fotográfica

A reprodução destaca a localização do Pelourinho e do largo em que ele se encontrava, identificado como nº 16 na legenda original do mapa.

- 2
- Igreja de Nossa Senhora dos Remédios e pátio da Cadeia (1862)**

Militão Augusto de Azevedo, 1862
Fotografia com negativo flexível
Acervo Museu Paulista da USP
Reprodução

A reprodução ampliada destaca o largo do Pelourinho, ao fundo, no centro da imagem.

- 3
- Rua da Liberdade**

Benedito Junqueira Duarte, 1941
Fotografia
Acervo Museu da Cidade de São Paulo
Reprodução

Vê-se o largo Sete de Setembro, antes chamado largo do Pelourinho.
- 4
- Placa do programa Inventário Memória Paulistana que identifica o local do antigo Largo do Pelourinho, atual praça Sete de setembro**

José Rosael, 2026
Fotografia digital
Acervo Museu Paulista da USP



2



3



4

A EXPULSÃO DOS JAPONESES

A perseguição aos japoneses começou bem antes de o Brasil entrar na Segunda Guerra Mundial em 1942. Desde 1938, leis repressivas já estavam em vigor. A polícia política (DEOPS) vigiava a Liberdade. Pessoas foram presas e perseguidas, muitas vezes por causa de sua aparência física. Mas o ponto culminante da perseguição ocorreu entre 1942 e 1943. Nesse período, japoneses foram expulsos do bairro, considerado área de segurança nacional por sua centralidade.

Não houve legislação que determinasse as expulsões: as famílias recebiam ordens de evacuação e precisavam deixar suas moradias rapidamente. Um número incerto de pessoas foi expulso, o que causou uma dispersão da comunidade. Ainda assim, nem todos deixaram o bairro. Comércio, pensões e hotéis foram fechados, mas alguns resistiram, principalmente aqueles situados fora do eixo central do “bairro japonês”: a rua Conde de Sarzedas e seus arredores.

A perseguição marcou a memória do grupo, mas durou poucos anos. A concentração étnica dos japoneses e de seus descendentes na Liberdade resistiu. Após a guerra, algumas das famílias expulsas retornaram, em busca de um território onde também garantiam seu sustento.



1

1 Casario na Conde de Sarzedas

José Rosael, 2026
Acervo do Museu Paulista da USP

A fotografia registra as casas localizadas na esquina da rua Conde de Sarzedas com a rua Tomás de Lima, antes chamada de rua Bonita. Esse conjunto é um dos poucos que restaram do período em que o local era marcado pela concentração dos japoneses e nipo-brasileiros. Eles viviam e trabalhavam ali, como pequenos comerciantes e artesãos, muitas vezes no mesmo lote: residência na frente, trabalho nos fundos, ou vice-versa. A maior parte daquelas construções não existe mais.

2 Mapa da região da rua Conde de Sarzedas nos anos 1910 a 1940

Tomoo Handa, Século 20 (1901-2000)
Desenho sobre papel
Acervo do Museu Histórico da Imigração Japonesa no Brasil
Reprodução fotográfica

Tomoo Handa (1906-1996) foi um pintor e memorialista japonês que viveu no Brasil. Ele se dedicava especialmente à pintura de paisagens rurais e aos retratos. No seu livro *Memórias de um imigrante japonês no Brasil*, fez esse desenho da rua Conde de Sarzedas e arredores, na Liberdade, primeiro lugar de concentração da comunidade japonesa em São Paulo. A maior parte das casas e dos comércios que ele desenhou não existe mais.

A EXPULSÃO DOS ALEMÃES

A perseguição aos imigrantes dos países do Eixo (Alemanha, Itália e Japão) começou com o Estado Novo, antes mesmo de o Brasil entrar na Segunda Guerra Mundial. Mas essa perseguição não foi igualmente aplicada a todos. Os alemães foram perseguidos no Sul do país. Os italianos, considerados mais parecidos com os brasileiros, foram poupados das medidas mais repressivas. Em São Paulo, os japoneses foram os mais atingidos.

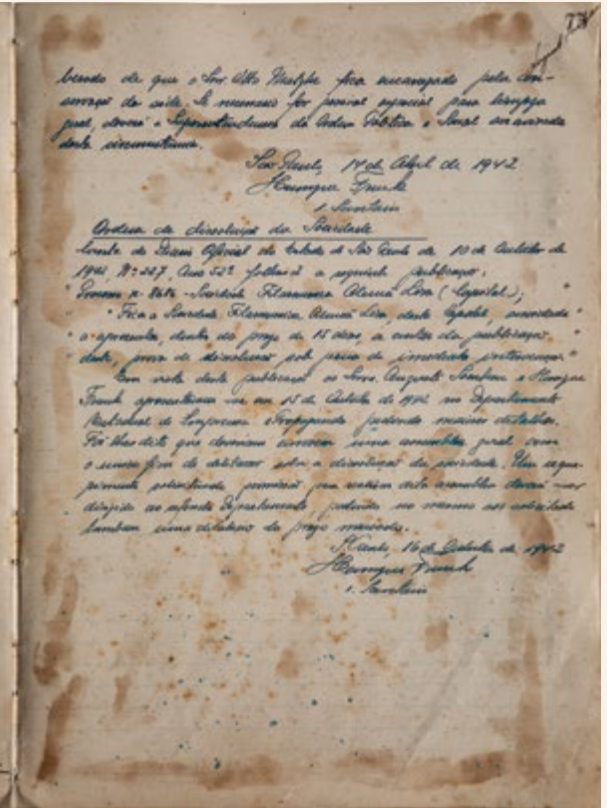
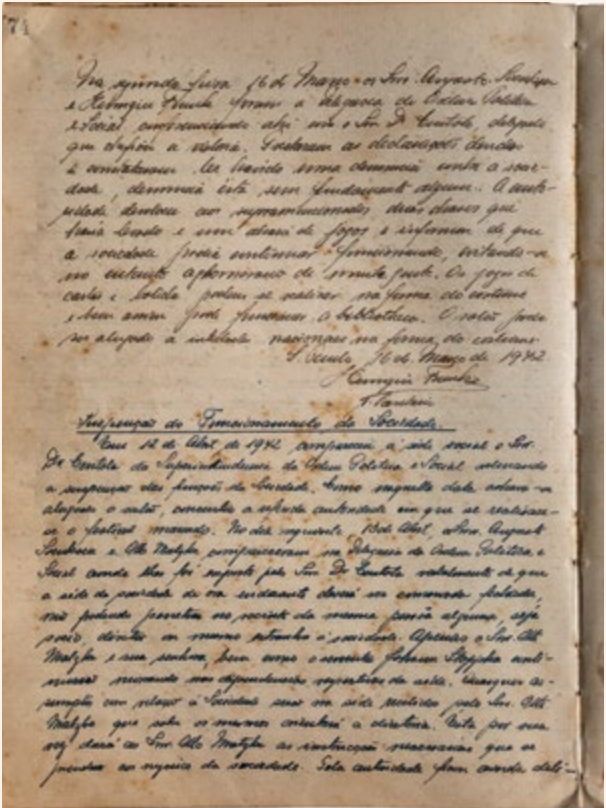
Mesmo assim, as leis eram repressivas. O contexto ditatorial do Estado Novo e a atuação da polícia política tornavam dura a vida desses imigrantes e de suas comunidades. Em relação aos alemães da cidade de São Paulo, o caso da perseguição à Sociedade Lyra é exemplar. A associação comprou um terreno na Liberdade, onde construiu sua sede. Contudo, usufruiu pouco do espaço, uma vez que o imóvel foi fechado em abril de 1942, durante a Segunda Guerra Mundial.

Em julho de 1945, dois meses depois do fim da guerra na Europa, com a rendição da Alemanha, o prédio foi confiscado por decreto e entregue ao Ministério da Guerra. No ano seguinte, a Lyra voltou a funcionar em outro local. E ainda não recuperou a posse do prédio na justiça brasileira.



1 Detalhe da fachada da antiga sede da Sociedade Filarmônica Lyra à rua São Joaquim

José Rosael, 2026
Fotografia digital
Acervo do Museu Paulista da USP



2 Registros da ordem de dissolução e da suspensão do funcionamento da Sociedade Lyra no livro de atas

Henrique Frank, 1942
Anotação à caneta sobre papel
Acervo da Sociedade Filarmônica Lyra
Reprodução fotográfica

O livro de atas traz informações sobre a vigilância e a perseguição do Estado brasileiro aos alemães durante a Segunda Guerra Mundial. Em 1942, há o registro de assembleias acompanhadas por autoridade policial ligada à Delegacia de Ordem Política e Social. Foram documentadas também a suspensão do funcionamento e a ordem de dissolução da sociedade, publicada no *Diário Oficial*. Nos anos seguintes, o livro registra as tentativas de retomada da posse da sede junto à justiça brasileira.

Processo n. 8.686 — Sociedade
Filarmônica Alemã Lira, (Capital);
— “Fica a Sociedade Filarmônica
Alemã Lira, desta Capital, con-
vidada a apresentar, dentro do pra-
zo de 15 dias, a contar da publi-
cação deste, prova de dissolução,
sob pena de imediata intervenção”.

1

ENTREGA DAS CHAVES DE NOSSA SÉDE À LEGIÃO BRASILEIRA DE ASSISTENCIA

Dando execução às decisões anteriores, esteve o 1º Presidente por repetidas vezes em contato com a ara. Lair Costa Rago, Diretora-Substituta da Legião Brasileira de Assistência, desta Capital, dando essa que já antes tinha feito uma visita à nossa sede. Foram escolhidos e determinados os móveis que ficarão nos salões e salas, móveis estes constantes do Inventário nº 1 cujo exemplar acha-se incluído. Os demais móveis, utensílios e apetrechos, especificados no Inventário nº 2, igualmente junto, foram recolhidos ao Salão do Boliche, que servirá como Depósito até que as outras dependências do prédio voltarão a ser usadas pela nossa Sociedade, no fim da guerra.

Atendendo ao pedido da Diretoria da L.B.A., deixaram o sr. Otto Matske e senhora a sua moradia na sede no dia 25 de Maio de 1944, entrando na mesma data, em nome da LEGIÃO BRASILEIRA DE ASSISTENCIA, o zelador dessa corporação, sr. J. V. Moraes Almeida, o qual recebeu as chaves em nome da LEGIÃO, mediante recibo assinado na hora e aqui anexo. O prédio de nossa sede e os móveis inscritos no Inventário nº 1 acham-se, assim, temporariamente confiados aos cuidados da LEGIÃO BRASILEIRA DE ASSISTENCIA, nas condições expressas da Ata de 28 de Abril e do Protocolo de 30 de Abril de 1944, registrados nas páginas anteriores deste livro. É verdade e dou fe:

São Paulo, 31 de Maio de 1944.

Assinatura
1º Presidente

Assinatura
1º Secretário

RECIBO DE CHAVES

Pelo presente confirmo ter recebido, em nome da LEGIÃO BRASILEIRA DE ASSISTENCIA, Seção de S. PAULO, todas as Chaves de portas do prédio da rua São Joaquim 329 (com exceção do Depósito formado no Salão de Boliche) e dos Armários emprestados para uso, que se foram entregues pela SOCIEDADE FILARMONICA ALEMã "LYRA", entrega essa feita pelo ex-zelador, Sr. Otto Matske, nesta data.

São Paulo, 25 de Maio de 1944.

Assinatura
Zelador empossado pela
Legião Brasileira de Assistência,
Seção de São Paulo

2

1 Ordem de dissolução da
Sociedade Filarmônica Lyra

Diário Oficial do Estado de
São Paulo
10 de outubro de 1942
Papel
Reprodução digital

2 Recibo de entrega das chaves do
imóvel à rua São Joaquim

25 de maio de 1944
Legião Brasileira de Assistência
Papel datilografado e
assinado à tinta
Acervo da Sociedade
Filarmônica Lyra
Reprodução fotográfica

3 Projeto de Lei 4320/2012

Deputado federal Ricardo Izar, 2012
Reprodução a partir do site da Câmara
dos Deputados

A proposta é que a União desincorpore
o edifício do Patrimônio da União e
devolva a propriedade à Sociedade
Filarmônica Lyra.



CÂMARA DOS DEPUTADOS

PROJETO DE LEI N.º 4.320-A, DE 2012
(Do Sr. Ricardo Izar)

Autoriza a União a desincorporar e devolver propriedade do Patrimônio da União à Sociedade Filarmônica LYRA, localizado no Estado de São Paulo; tendo parecer da Comissão de Trabalho, de Administração e Serviço Público, pela aprovação, com emendas (relator: DEP. VICENTINHO).

O Congresso Nacional decreta:

Art. 1º Fica a União autorizada, através da Secretaria do Patrimônio da União – SPU, a desincorporar e devolver à plena propriedade da “Sociedade Filarmônica Lyra” mediante doação, o imóvel situado à Rua São Joaquim nº 329, na cidade de São Paulo, Estado de São Paulo, constante da planta anexa ao Decreto-Lei Federal numero 7.732 de 12 de Julho de 1945.

Parágrafo Único. A doação de que trata este artigo não abrange as instalações e equipamentos do imóvel.

Art. 2º Os termos do artigo anterior ficam subordinados à prévia e expressa aceitação de todas as seguintes condições por parte da donatária:

I – Renúncia de quaisquer reivindicações ou indenizações;

II – Recebimento do imóvel no estado em que ele se encontrar no momento da doação.

Art. 3º Esta Lei entra em vigor na data de sua publicação, revogando-se as disposições em contrário, especialmente as do Decreto-lei nº 7.732, de 12 de julho de 1945.

3

A DEMOLIÇÃO DA IGREJA DOS REMÉDIOS

Nas décadas de 1920 e 1930, os engenheiros Francisco Prestes Maia e João Ulhôa Cintra elaboraram o chamado Plano de Avenidas, que propôs um novo sistema viário para São Paulo. A proposta consistia na construção de novas vias a partir de um anel a ser construído ao redor do centro. Para a realização das obras, muitas edificações históricas foram condenadas à demolição. Diante do desejo de modernização da cidade, havia também o interesse de retirar do espaço público edificações do período colonial, identificadas com o que se considerava um atraso.

A Igreja de Nossa Senhora dos Remédios foi uma das construções escolhidas para demolição, que ocorreu em 1943. À época, o templo estava em processo de tombamento pelo Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (atual Iphan), e sua destruição aconteceu, apesar dos protestos públicos. Uma nova igreja foi construída entre o Cambuci e a Aclimação. Fragmentos de arquitetura da igreja – como talhas de madeira, azulejos e a portada de pedra – foram salvos e preservados por instituições públicas da cidade.

Mesmo instalada em outro lugar, a igreja valoriza o seu papel na história do abolicionismo e do bairro da Liberdade.



1



2

1 **Largo dos Remédios, 1862**
Benedito Calixto, 1918
Pintura à óleo sobre tela, 47,5 × 63 cm
Acervo Museu Paulista da USP

Essa pintura teve como referência uma fotografia de 1862, feita por Militão Augusto de Azevedo (1837-1905). Ele fotografou muitos locais para registrar as transformações da cidade, mas deixou de lado o Pelourinho, que ficava em um local próximo, acessado pelo caminho visto no centro da imagem. Benedito Calixto fez essa pintura muitos anos depois, para um projeto do Museu do Ipiranga de representar o passado da cidade de São Paulo de maneira pacífica, escondendo qualquer marca de violência ou tensão social.

2 **Cartaz comemorativo de 250 anos da Igreja Nossa Senhora dos Remédios – Reduto do Abolicionismo**
R. Adamo e H. Valente / Secretaria Municipal de Cultura de São Paulo, 1975
Papel, 63 × 40,5 cm



1

- 1 Cartão-postal comemorativo de 250 anos da Igreja Nossa Senhora dos Remédios - Reduto do Abolicionismo, frente e verso
- R. Adamo e H. Valente / Secretaria Municipal de Cultura de São Paulo, 1975
- Papel, 15 × 10 cm



2

- 2 Igreja dos Remédios em demolição - Alter Lateral, porta e tribuna à direita
- João Alberto José Robbe
- 19 de dezembro de 1942
- Fotografia em negativo de vidro
- Acervo Museu Paulista da USP
- Reprodução fotográfica
- 3 Igreja dos Remédios em demolição - frente e lado direito
- João Alberto José Robbe
- 19 de dezembro de 1942
- Fotografia
- Acervo Museu Paulista da USP
- Reprodução fotográfica



1



3

A NIPONIZAÇÃO DA LIBERDADE

Em 1969, surgiu a ideia de criar um “bairro oriental” na Liberdade, proposta que ganhou apoio de comerciantes e também da Prefeitura. Durante a década de 1970, as autoridades municipais realizaram diversas intervenções no bairro. Foram instalados postes pintados de vermelho, inspirados nas luminárias (*suzuranto*) utilizadas no Japão, ladrilhos hidráulicos nas calçadas com motivos da religião xintoísta (*mitsudomoe*), um grande portal vermelho (*Torii*) e dois jardins de padrão paisagístico japonês. Muitas lojas ganharam letreiros em língua japonesa, e festas como o Hana Matsuri (festival das flores) e o Tanabata Matsuri (festival das estrelas) passaram a ser realizados anualmente.

Essa decoração tinha a evidente intenção de atrair turistas para a Liberdade e para São Paulo. Mas a opção de aproximar a paisagem do bairro de elementos característicos de cidades japonesas, por um lado, acabou traçando uma imagem que não condizia com a vida dos nipo-brasileiros no bairro até então. E, por outro, gerou uma hipervisibilidade da presença nipônica, o que dificulta a lembrança das demais presenças étnicas do bairro, como as afro-brasileiras e de outros imigrantes.



1 Rua Galvão Bueno

Maria Luiza Martinelli, 1975
Fotografia
Acervo Fotográfico do Museu
da Cidade de São Paulo
Reprodução

2 Avenida Liberdade

Waldemir Gomes de Lima, 1976
Fotografia
Acervo Fotográfico do Museu
da Cidade de São Paulo
Reprodução



1



2

- 1 Rua Galvão Bueno, no bairro japonês
- Gráficos Brunner Ltda
1978
Álbum sanfonado, 7,5 × 10 cm
Acervo do Museu Paulista da USP

- 2 Rua Galvão Bueno – Bairro Oriental
- Brascard Edições de Postais Ltda
Década de 1990
Álbum sanfonado, 9 × 14 cm
Acervo do Museu Paulista da USP



3



4

- 3 Logomarca da loja Móveis Daibutsudo
- Autoria desconhecida
s.d.
Papel, 11,6 × 17,5 cm
Acervo do Museu Paulista da USP

- 4 Logomarca da loja Minikimono
- Autoria desconhecida
s.d.
Papel, 8,2 × 17,9 cm
Acervo do Museu Paulista da USP



1

1 Evento de divulgação do Kimono

Edson Komiya | Fundação Kyoto do Japão
4 de outubro de 1995
Fotografia
Acervo do Museu Histórico da Imigração Japonesa no Brasil
Reprodução fotográfica

2 Festival Nebuta

Autoria desconhecida
Década de 1980
Acervo do Museu Histórico da Imigração Japonesa no Brasil
Reprodução fotográfica

3 Evento de divulgação do Kimono

Edson Komiya | Fundação Kyoto do Japão
5 de outubro de 1995
Acervo do Museu Histórico da Imigração Japonesa no Brasil
Reprodução fotográfica



2



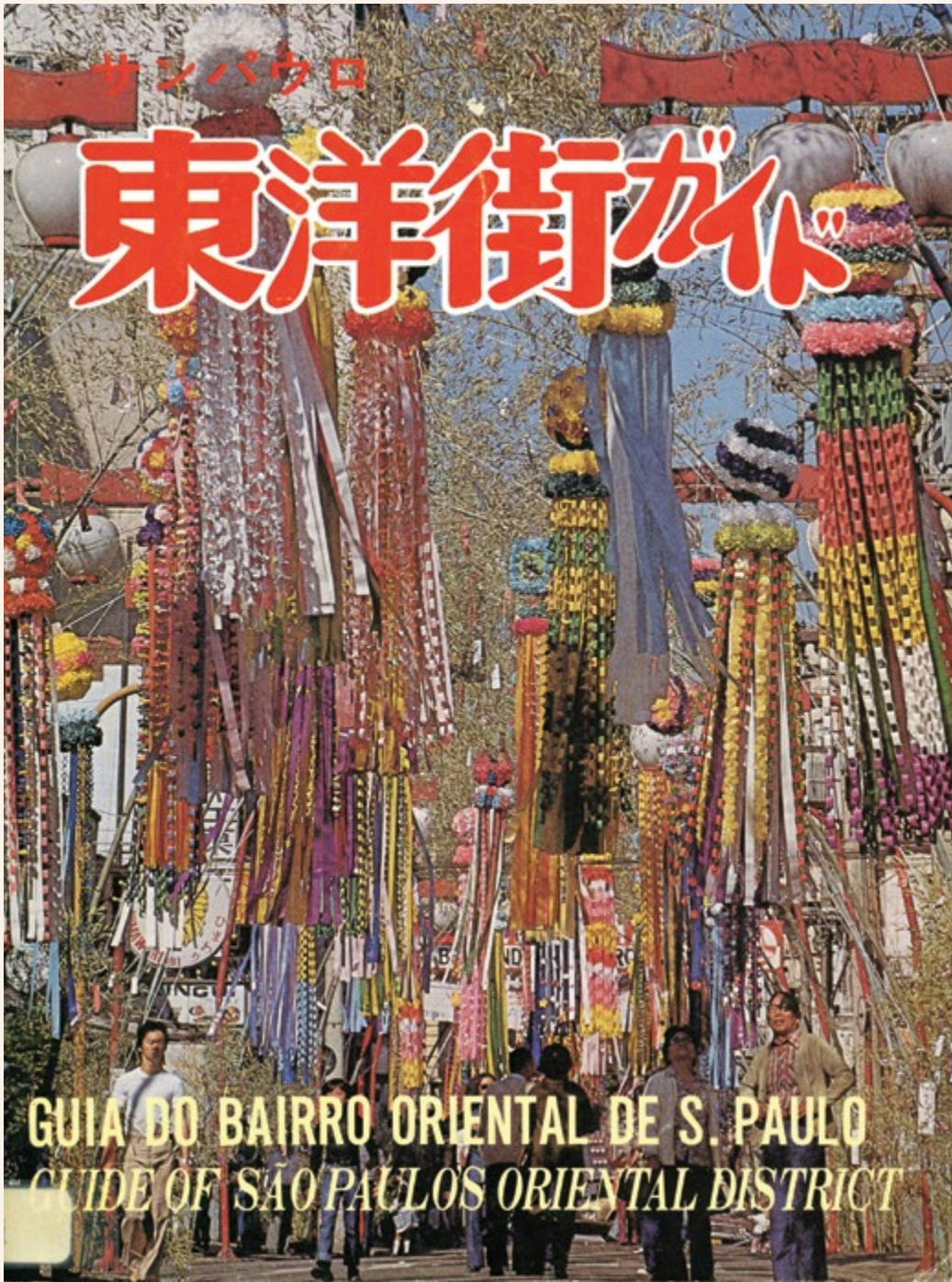
3



4

4 Jardim japonês da rua Galvão Bueno

José Rosael, 2026
Fotografia digital
Acervo do Museu Paulista da USP



1 *Guia do bairro oriental de São Paulo*
Associação Comercial da Liberdade, 1983
Acervo do Museu Histórico da Imigração Japonesa no Brasil
Reprodução fotográfica

2 *Reportagem "A China é aqui (na Conselheiro Furtado)!"*
Jornal do Nikkey
5 de janeiro de 2000
Papel impresso
Reprodução fotográfica



A PRAÇA E SEUS NOMES

Em 1775, a Câmara Municipal de São Paulo mandou construir uma forca onde hoje fica a praça da Liberdade. Ela era usada para aplicar a pena de morte. Por isso, o local ficou conhecido como largo da Forca.

“Liberdade” foi o nome dado a um chafariz construído em comemoração à saída de D. Pedro I do poder. O chafariz ficava onde atualmente se encontra o largo São Francisco, mas depois foi transferido para o largo da Forca. Com isso, o local passou a ser chamado popularmente de largo da Liberdade. E, em 1858, recebeu oficialmente o nome de praça da Liberdade.

Em 2018, a praça passou a se chamar “Japão-Liberdade”, em homenagem aos 110 anos da imigração japonesa no Brasil, sem que os habitantes ou usuários do bairro tivessem sido ouvidos para essa alteração do nome. No mesmo ano, a estação de metrô também foi renomeada.

Em 2022, a artista Lídia Lisboa criou a estátua de Madrinha Eunice, que foi instalada no centro da praça em reconhecimento à história negra do bairro. Madrinha Eunice fundou a Escola de Samba Lavapés em 1937 e foi a primeira mulher a presidir uma escola de samba em São Paulo. Em 2023, atendendo a reivindicações dos movimentos negros, o nome da praça mudou para “Praça da Liberdade África-Japão”.



1



2



3

- 1 Placa de logradouro com nome da praça Liberdade África-Japão
José Rosael, 2026
Fotografia digital
Acervo do Museu Paulista da USP
- 2 Escultura que representa Madrinha Eunice, de autoria de Lídia Lisboa, implantada na praça em 2022
José Rosael, 2026
Fotografia digital
Acervo do Museu Paulista da USP
- 3 Reportagem "O que a Liberdade significa para a memória dos negros em São Paulo?"
Giovanna Costanti | Carta Capital
2 de setembro de 2018
Publicação digital da Revista Carta Capital

27/03/2026, 18:28

ARQUIP | DOSP - 084136637 - Lei



PREFEITURA DO MUNICÍPIO DE SÃO PAULO

GABINETE DO PREFEITO

LEI

(Projeto de Lei nº 23/20, dos Vereadores Reis – PT e Luana Alves – PSOL)

Altera a denominação da Praça da Liberdade para Praça da Liberdade África-Japão, localizada no Distrito da Liberdade, Subprefeitura da Sé.

RICARDO NUNES, Prefeito do Município de São Paulo, no uso das atribuições que lhe são conferidas por lei, faz saber que a Câmara Municipal, em sessão de 9 de maio de 2023, decretou e eu promulgo a seguinte lei:

Art. 1º Passa a denominar-se Praça da Liberdade África-Japão o logradouro atualmente denominado Praça da Liberdade (codlog 11820-6), situado entre a Avenida Liberdade, Rua Galvão Bueno e Rua dos Estudantes, Distrito da Liberdade, Subprefeitura da Sé.

Art. 2º As despesas decorrentes da execução desta Lei correrão por conta das dotações orçamentárias próprias, suplementadas se necessário.

Art. 3º Esta Lei entra em vigor na data de sua publicação.

PREFEITURA DO MUNICÍPIO DE SÃO PAULO.

RICARDO NUNES

PREFEITO

CASA CIVIL

SMJ



Eunice Aparecida de Jesus Prudente
Secretário(a) Municipal da Justiça
Em 31/05/2023, às 19:03.

1

- 1 Lei Nº 17.954 de 31 de Maio de 2023
Vereadores Paulo Reis e Luana Alves
2023
Prefeitura do Município de São Paulo
- 2 Notícia da mudança do nome do largo da Forca para praça da Liberdade
Correio Paulistano
3 de novembro de 1858
Papel impresso
Acervo da Hemeroteca Digital Brasileira
– Biblioteca Nacional
Reprodução fotográfica
- 3 Reportagem "Novo nome da 'Praça Liberdade-Japão' é criticado por nikkei e defendido por issei"
Jornal São Paulo-Shimbun
3 de agosto de 2018
Reprodução fotográfica de papel jornal impresso
Acervo do Museu Histórico da Imigração Japonesa

EDITAL.

A Camara Municipal d'esta Imperial Cidade faz saber aos seus habitantes, que em sessão de 28 do corrente, deliberou chamar-se—PRAÇA DA LIBERDADE—o largo da Forca onde se acha collocado o Chafariz da LIBERDADE.

E para que chegue ao conhecimento de todos, será este afixado nos lugares dos costume, e publicado pela imprensa.

Paço da Camara Municipal de S Paulo
29 de outubro de 1858.—FRANCISCO JOSÉ DE AZEVEDO JUNIOR Presidente, JOAQUIM D'ARAUJO LEITE Rolha, Secretario.

2

São Paulo-Shimbun

São Paulo, sexta-feira, 3 de agosto de 2018 - Nº 16.441 - ANO 72

Novo nome 'Praça da Liberdade-Japão' é criticado por nikkei e defendido por issei

O novo nome da Praça da Liberdade, que há duas semanas ganhou o adicional "Japão", trava um embate de opiniões na própria comunidade nikkei.

De um lado está o defensor empresário Hirofumi Ikasaki, considerado "prefeito" do bairro, e, de outro, o jovem advogado Renato Igarashi.

Dias após a publicação oficial da alteração "Praça da Liberdade-Japão" no Diário Oficial, o nikkei criticou a sanção do prefeito Bruno Covas por "apagar toda a história de resistência dos negros".

"A Praça da Liberdade (agora Liberdade-Japão), muito antes da chegada da comunidade japonesa, se chamava Largo da Forca, pois era palco de execução de escravos negros fugitivos e condenados à pena de morte. Foi, aliás, por causa de um negro que a praça e o bairro foram chamados de Liberdade. Em 1821, um soldado chamado Chaguinha, condenado à morte por liderar uma rebelião por pagamento de soldo, sobreviveu a duas tentativas de enforcamento, ao que o público atribuiu a um milagre e passou a gritar "Liberdade!" - só foi morto após o carrasco usar um laço de vaqueiro. Chaguinha, então, se tornou um santo padroeiro do bairro



Praça principal do bairro oriental de São Paulo

um local específico, você dá a dimensão de um local não intermédio, o que pode ser preconceito e homofobia. Na Liberdade não há só japoneses, mas chineses, coreanos, haitianos... Ao invés de botar (sic) o nome Japão, deveria resgatar o que aconteceu naquele lugar, criar uma cultura de direitos humanos", afirmou o advogado.

Frequentador do bairro e ciente que "a Liberdade automaticamente remete ao Japão" para paulistanos e turistas, Renato Igarashi acha "justo fazer homenagem para a imigração japonesa, que contribuiu com o País, mas existem formas e formas para isso". "Não pode haver sentimento que o nikkei está perdendo espaço (na Liberdade), só acho que tinha que haver um resgate da história."

Para o empresário Hirofumi Ikasaki, que solicitou a alteração para os vereadores e depois diretamente para o então prefeito João Dória, que chegou a vetar o pedido, mas voltou atrás após a adoção da Praça pelo issei, que investiu R\$ 200 mil na reforma, o momento é de "união de todos" e não de críticas negativas.

"Temos que manter a Praça, vamos transformar a cidade, torná-la diferente. Liberdade-Japão só mostra respeito, todos gostam, até os chineses. Onde tem japonês, eles (consumidores) vêm. Passa mais confiança, status, honestidade, respeito. (A alteração do nome) ficou melhor, valorizou", afirmou Ikasaki, desconhecendo a crítica do jovem advogado, mas lembrando que ouviu negativas de quem não queria a inclusão do nome Japão na Praça que traz uma história de escravidão.

"Isso de jeito nenhum. Nossa vida está aqui, investimos aqui, trabalhamos, lutamos e moramos aqui. A gente dedica e dedica tudo. Tá na hora de mudar essa cidade. (A alteração do nome da Praça) foi uma grande luta e também pediu para o Metrô (a inclusão de Japão na estação Liberdade, agora "Japão-Liberdade")", finalizou Ikasaki, que detém o direito de propaganda na Praça.

3

303

O CEMITÉRIO DOS AFLITOS REDESCOBERTO

A Capela dos Aflitos é a única remanescente do passado colonial traumático no bairro da Liberdade. Ali, desde o século 19 (1801-1900), se estabeleceu o culto popular ao soldado Francisco José das Chagas, o Chaguinhas. Ele liderou uma revolta contra o atraso de salários e, por isso, foi condenado à pena de morte. Em 1821, Chaguinhas foi levado à forca, mas a corda arrebentou duas vezes. Isso causou comoção entre os que assistiam ao enforcamento, que pediam que ele fosse poupado da pena. Apesar dos protestos, as autoridades o executaram.

Esse episódio é uma das explicações populares para o nome do bairro da Liberdade. Também contribuiu para que Chaguinhas fosse visto como mártir e até como um santo.

Pesquisas arqueológicas estão sendo realizadas na capela e em seu entorno, onde ficava o Cemitério dos Aflitos, que foi coberto por edificações. As descobertas de artefatos e remanescentes humanos têm mobilizado diversos grupos da sociedade. É o caso da União dos Amigos da Capela dos Aflitos (UNAMCA), criada em 2018. A associação atua pela preservação desse patrimônio e busca dar visibilidade às memórias negras e indígenas na Liberdade.



1 **Painel sobre o Cemitério dos Aflitos na rua Galvão Bueno**
José Rosael, 2026
Fotografia digital
Acervo do Museu Paulista da USP

2 Vídeo-entrevista com Paulo Zanetinni

Paulo Zanetinni é um arqueólogo especializado em sítios arqueológicos brasileiros. Ele liderou numerosas escavações em sítios na cidade de São Paulo e no Brasil, como na Serra da Barriga, que abrigou o quilombo de Palmares. Sua tese de doutorado foi dedicada às casas bandeiristas. A prof. Margarida Andreatta, arqueóloga do Museu Paulista da USP, foi a orientadora da pesquisa. Zanetinni é o arqueólogo responsável pela escavação no antigo sítio do cemitério dos Aflitos, que envolve a capela remanescente e os terrenos vizinhos.





p. 306-311

Fotografias da exposição
Liberdade: bairro plural

Hélio Nobre, 2026
Fotografia digital
Acervo Museu Paulista da USP



ENGLISH VERSION

LIBERDADE, LIBERTIES

Prof. Dr. Paulo César Garcez Marins
Director, Museu Paulista at USP

Among the key challenges driving the Museu Paulista da USP is the broadening of its focus to encompass the history of the many social groups that constitute the city of São Paulo as well as Brazil itself.

Up until 1989, it focused primarily on the history of São Paulo's colonial-era elites. From then on, the museum also began to address the middle and working classes, the lives of women and children, as well as the Indigenous, Afro-Brazilian, immigrant, and migrant populations that have shaped and continue to shape the territory of São Paulo and Brazil.

Dedicating an exhibition to the São Paulo neighborhood of Liberdade is another stage in this mission to understand our social trajectories through the diversity that characterizes Brazil. Established on land that was originally occupied by Indigenous peoples who named the rivers that flow around it, Liberdade was shaped by the succession of populations that began arriving in the city in the 18th century, when its streets were first laid out, including along ancient Indigenous trails.

These plural presences are not, however, equally remembered today. Marred by demolitions, expulsions in connection with World War II (1939–1945), its transformation into an “Oriental neighborhood” by the São Paulo City Hall in the 1970s, and today also by resident evictions, Liberdade has undergone changes that have obscured those who shaped it. It is also the aim of this Museum to address memories that are recalled unequally, which hinder a comprehensive understanding of the city's past, as well as its present.

This exhibition received crucial support from 15 institutions located in the neighborhood, which honored us with the loan of carefully curated and maintained collections that serve as a testament to the many social and ethnic groups that have shaped Liberdade.

For all of them, “*Liberdade*”—a name that references Emperor Dom Pedro I's abdication in 1831—is also a word that evokes the struggle for liberation these groups have waged in the city, from the fight against enslavement to the pursuit of opportunities sought by immigrants and migrants who have made the metropolis of São Paulo their home.

TERRITORY, PLURALITY, AND PUBLIC COMMITMENT

Mário Mazzilli
Director-General
Fundação de Apoio ao Museu Paulista (FAAMP)

The history of urban areas can be told through the many forms of belonging, coexistence, and conflict that have accumulated over time. Few places in São Paulo (and perhaps in Brazil itself) express this as vividly as the Liberdade neighborhood.

Its streets, institutions, businesses, places of worship, and social spaces reveal how different social and ethnic groups simultaneously and unequally contributed to shaping a significant part of São Paulo's urban life, in a process defined by encounters and tensions, erasures, and disputes over memory.

The exhibition *Liberdade: bairro plural* [Liberdade: Plural Neighborhood] reflects this complexity while also forming part of a broader initiative by the Museu Paulista da USP to deepen its dialogue with society and its diverse audiences. By examining the neighborhood's history through its multiple social, cultural, and migratory layers, the exhibition reaffirms the Museum's and Fundação de Apoio ao Museu Paulista (FAAMP) commitment to a pluralistic understanding of Brazilian history—one grounded in research yet constantly connected to the issues shaping the present.

This shift equally impacts the Museum's relationship with its audiences. The Museu do Ipiranga is working to transform its monumental nature into a space for connection and a sense of belonging—a space capable of embracing diverse experiences, repertoires, and forms of participation, reaching out to students, teachers, researchers, families, people with disabilities, and audiences that have historically been distanced from cultural institutions.

It is within this context that a shared institutional agenda between the Museu Paulista and FAAMP has taken shape, now in its fourth year of collaboration. More than just facilitating operations and projects—such as this exhibition—the Foundation is working to expand the Museum's public impact, strengthening its standing and engagement with the private sector, cultural institutions, and civil society. This partnership between the Museum and the Foundation brings together management, strategy, and public engagement, expanding the institution's capacity to generate contemporary, sophisticated, and relevant debates, always grounded in rigorous historical research.

This is a management model committed to innovation, sustainability, and social impact, guided by the belief that administrative efficiency and public commitment are not opposing but complementary dimensions. At a time when cultural institutions are challenged to expand their social relevance, this integration between management and public interest has become a central part of the Museum's mission.

By linking territory, historical research, and public debate, *Liberdade: bairro plural* reaffirms the role of the Museu Paulista and FAAMP in building an institution that is increasingly open to the city, its people, and the issues of our time.

LIBERDADE: PLURAL NEIGHBORHOOD

Paulo César Garcez Marins
Mônica Raísa Schpun

Narrating the social and urban experiences of the city of São Paulo, the state of São Paulo, and Brazil as a whole in a way that foregrounds the diverse individuals who shaped them has been a guiding challenge for the Museu Paulista da USP over the past 35 years. Since the tenure of Ulpiano Toledo Bezerra da Meneses (1989–1994), the institution has been reoriented to broaden its scientific scope in order to understand, through the study of material culture, social processes shaped by diverse social segments, defined by the plurality of class, gender, or ethnicity, whose agents were previously invisible or absent from the museum’s collections.

A place of intense ethnic complexity since the colonial period due to its location on the border between major indigenous macrolin-guistic groups, São Paulo has been populated since the 16th century by successive waves of Portuguese settlers of Christian and Jewish origin, the Spanish, and families of Flemish origin. The enslavement of African peoples forcibly brought men and women from countless nations along the western and eastern coasts of Africa to the São Paulo plateau, especially since the 18th century. Beginning in the 19th century, immigration—driven by demand for labor on coffee plantations, rapid transportation via steamships and railroads, and the city’s growing urbanization—expanded the range of ethnic groups that continually reshaped the capital of São Paulo with the arrival of immigrants from Europe, the Middle East, and East Asia. The two world wars and numerous other conflicts that have occurred over the past two decades have spurred new waves of migration from the Caribbean, Hispanic America, West Africa, the Middle East, and even East Asia, placing the city of São Paulo on the new global migration routes.

This immense diversity, the ways people interact, the tensions and inequalities, and the roles played by these groups in urban dynamics are, however, still underrepresented in the Museum’s collections, despite the curatorial efforts of the past three decades. Continuously rethinking the collections and research projects that guide the curation of collections and exhibitions is, therefore, a strategy that helps the institution reposition its academic and ethical commitments, acknowledging that these are markedly shaped, as in any similar institution, by processes of remembrance, but also of amnesia and concealment.

In this sense, making São Paulo’s Liberdade neighborhood the subject of a temporary exhibition at the Museu do Ipiranga is a challenge for the Museu Paulista da USP as an institution dedicated to reflecting on the past and present of the city and its inhabitants. Often referred to as the “Japanese neighborhood” or “Asian neighborhood” due to its demographic makeup, the symbolic artifacts that dot its public spaces, and a significant portion of its shops and restaurants, Liberdade is, however, ethnically complex and fundamentally plural.

Addressing the complexity of this neighborhood as a theme therefore requires viewing ethnic presences not merely as juxtaposed or overlapping, but as competing for a landscape that has been reshaped so many times over the centuries. These presences have been brought together in this exhibition according to an institutional criterion, that is, through formal and informal entities and associations that embody both their roots in the neighborhood and the efforts made to perpetuate them, even in cases of state-mandated expulsions. It was these very institutions that took responsibility for preserving the exhibited collections that document the presence of ethnic groups in Liberdade. Photographs, paintings, architectural plans, books, liturgical or sacred objects, furniture, souvenirs, musical instruments, emblems, and clothing were selected, often in partnership with their custodians, who at times indicated which objects best attested to their presence in the neighborhood and in the city.

The approach to the neighborhood thus aims to address the issue of ethnic settlements that have developed over time in a central part of the city, thereby highlighting both the fragility and the resilience of the heritage of migration in the face of the violent urban processes in São Paulo.

Approaching Liberdade as a plural neighborhood involves, first and foremost, the complex notion of an “ethnic neighborhood”, a space that is repeatedly marked by movement and instability.¹ In this sense, an ethnic neighborhood bears witness to migrations in space. If the history of migration can be read there, it is because these movements leave their mark, continually transforming the neighborhood through the various arrivals, stays, and departures over time. Furthermore, the ethnic neighborhood brings together, within a shared space, the economic constraints and sociocultural choices made by migrant groups: it is, in a way, a mirror of cultural concentrations and a springboard for the processes of integration into the host society, the urban fabric, and the labor market. This is due to coexistence, the exchange of information, mutual aid, whether formal and institutionalized or informal, as well as hospitality, more or less friendly neighborhoods, and the available professional niches that often take on ethnic characteristics.

For a neighborhood to be considered ethnic, there is no requirement for any one group to be the majority, a significant and visible concentration is sufficient. The atmosphere then takes precedence over demographics. This is partly because areas of ethnic concentra-tion act as magnets, attracting members of the group who do not live in the area but who frequent it, due to the proliferation of businesses and institutions representative of that group. Ethnic circulation is, in fact, always greater than the residential presence of a group’s members, a phenomenon of which Liberdade is a prime example. Although many central institutions of ethnic groups, such as Russian, German, or Lebanese, are located there, the neighborhood has never been a preferred residential area for them. Their decision to establish their institutions in the neighborhood was driven by its central location or by more affordable land prices.

The many ethnic influences have resulted in environments shaped by buildings, signs, and storefronts; food products and ingredients; clothing and accessories; as well as other elements, some more subtle than others, that fill the space through which residents, regulars, and passersby circulate. And over time, they witness the physical transformations of the neighborhood and the way it is perceived.

An ever-changing entity, the ethnic neighborhood is also a vague concept. Its boundaries depend on perceptions and, more often than not, do not coincide with administrative boundaries. These limits are also porous, as the ethnic neighborhood is open, constantly interacting with the outside world: groups and individuals arrive, depart, move through the space, sometimes staying for a while; there, they act, meet, compete, work, have fun, and consume. And, given that this is a complex configuration, the two dimensions of the ethnic neighbor-hood—territorial and mental—may or may not coincide with the boundaries that delineate the presence of ethnic groups in cities.

All these characteristics of ethnic identity and geographic fluidity that define an ethnic neighborhood are present in Liberdade, a pluralistic area of São Paulo par excellence, both past and present. From early on, diverse groups settled in this area, remaining for varying lengths of time, they gave way to or coexisted with others who followed them, succeeded them, replaced them, drew closer to them, and with whom they lived side by side, though not always in harmony.²

¹ On the definition of “ethnic neighborhood” and the characteristics listed here, see: GREEN, Nancy L. “Le quartier ethnique en formation et transforma-tion: histoires, historiographies”. In *Lucette Valensi à l’œuvre: une histoire anthropologique de l’Islam méditerranéen*, Paris: Éditions Bouchène, 2002, p. 175-193; DUFOIX, Stéphane & Valérie Foucher. “Les Petites Italies (et les autres...) : éléments de réflexion sur la notion d’ethnoterritoire”. In BLANC-CHALÉARD, M.-C.; BECHELLONI, A.; DESCHAMPS, B.; DREYFUS, M.; VIAL, E. *Les Petites Italies dans le monde*, Rennes: PUR, 2007, p. 423-436.

² On ethnic concentrations, see: BLANC-CHALÉARD, Marie-Claude. *Les Italiens dans l’Est parisien. Une histoire d’intégration (années 1880-1960)*, Rome: École française de Rome, 2000.

Not everyone chose the neighborhood as their place of residence, nor did everyone form an ethnic enclave there. But its extremely central location, just a few meters from Praça da Sé, made it accessible to everyone. Thus, these groups established ethnic, cultural, and mutual-aid institutions.³ This myriad of organizations gives the neighborhood its distinctive character: while many other areas are multi-ethnic as Liberdade is, not all of them exhibit such a wide variety and such deep roots of institutional representation, nor such pluralism.

This diversity-driven dynamic was recognized early on, as some groups chose to establish an institutional presence in the neighborhood to attract or co-opt members from other groups, realizing that, beyond its central location, it was in fact a unique territory—the place to be. Thus, Scalabrinian priests, Methodist missionaries, and members of the Salvation Army, not coinciden-tally all from the United States, opened their doors there.

Liberdade’s appeal has not waned to this day, as its central location is inseparable from the strategies of those seeking to enter the labor market thanks to the numerous formal and informal job opportunities available and the greater ease of getting around the city. Furthermore, the presence of poorly maintained, dilapidated buildings makes housing affordable for poor and vulnerable populations: contemporary occupations bear witness to this migratory ingenuity, the neighborhood’s enduring appeal, and its character—dating back more than a century—as a space that is both central and working-class.

However, harmony is not necessarily a defining feature of the area. Claimed explicitly or implicitly by those who have lived there for varying lengths of time, the neighborhood has in recent years become the focus of a dispute over historical memory between representatives of Afro-descendant communities, who have a long-standing historical presence there, as in so many other parts of the city, and the Japanese-São Paulo community.⁴ The recent name changes of Praça da Liberdade—now Praça da Liberdade África-Japão—and the subway station located there—currently Japão-Liberdade—are the most visible expression of this present-day dispute. The politicization of urban space is never absent from these processes. It is also part of the interpretation we have chosen to present, with a perspective that repositions the Museu Paulista and the Museu do Ipiranga as institutional spaces for rethinking the city, its materialities, and its meanings, far beyond the collections that have been assembled there to date.



³ Regarding the selection of a consensus-based location for the institutional registration of an ethnic group scattered throughout the city, see: ZECKER, Robert. ““Where Everyone Goes to Meet Everyone Else”: the Translocal Creation of a Slovak Immigrant Community”, *Journal of Social History*, 38, 2, winter, 2004, p. 423-453.

⁴ For more on the experiences of Japanese immigrants and their descendants in Liberdade, see: SCHPUN, Mônica Raísa. “The Japanese Community of São Paulo, *Liberdade*, and Brazilian State Persecution (1937-45)”, *Verge: Studies in Global Asias*, 5 (1), 2019, 209-236. Available at: https://doi.org/10.5749/vergstudglobasia.5.1.0209. Accessed: Jun 10, 2026; SCHPUN, Mônica Raísa. “Discriminación étnica: los inmigrantes japoneses en São Paulo en los años 1930-1940”. In: GONZÁLEZ MARTÍNEZ, Elda; GONZÁLEZ LEANDRI, Ricardo (org.), *Migraciones transatlánticas. Desplazamientos, etnicidad y políticas*. Madrid: Editorial Catarata, 2015, p. 223-247; MARINS, Paulo César Garcez. Cem anos de imigração japonesa no Brasil: horizontes de convívio. In: OI, Célia; MARINS, Paulo César Garcez (org.). *O Japão em cada um de nós* (catálogo de exposição). São Paulo: Banco Real, 2008, p. 11-21.

THE ORIGINS OF THE LIBERDADE NEIGHBORHOOD

Francisco de Carvalho Dias de Andrade

Now one of the most cosmopolitan areas in downtown São Paulo, the Liberdade neighborhood was, for centuries, a sparsely populated area. Simply considering the name by which it was commonly referred to in colonial documents, “Campo da Forca” [Gallows Field], one can infer the scarcity of residents and what an urban void it was throughout most of São Paulo’s history.

This was the highest point of the hill, where the Jesuits founded the College of São Paulo de Piratininga in 1554, promoted to village status six years later. Unlike the lower areas, the top of the hill had rockier soil and sparser vegetation. This drew attention to a small mound, about five meters high, that served as one of the city’s first quarries—the village’s first pavements were made from stone taken from there, as were the main walls of the second church built by the Jesuits in the 17th century.¹

Despite being a sparsely populated outlying area, the region performed essential functions, having early on become the town’s main gateway through which goods entered, and cattle and mule trains passed. This resulted directly from the fact that key routes which were vital to the town and, later, city of São Paulo, ran through the area. Until 1870, Largo da Liberdade served as a stopping point for the wagons that supplied the city with lumber for construction.

It is always worth remembering the importance of the crossroads in the emergence of urban centers. The case of São Paulo was no different; its initial urban site was determined by the point where two indigenous trails of pre-Cabralian origin met. One of them was the so-called “Trilha dos Tupiniquins” [Tupiniquin Trail] which came from the coast and headed toward Pinheiros, venturing deeper and deeper into the plateau. The other was the trail connecting the villages of Piratininga and Ibirapuera—led by the brothers Tibiriçá and Caiubi respectively, who were the main chiefs to become allies with the Jesuits and the first Portuguese settlers to become established there.²

The Ibirapuera trail was the origin of what is now Avenida da Liberdade and Avenida Vergueiro and became the main thoroughfare of the future neighborhood. Like most indigenous trails, it sought to follow the highest points of the terrain, avoiding steeper ascents and descents whenever possible. As such, it made its way toward Ibirapuera along the ridge of the hill, ascending gradually until it reached Avenida Paulista, from where it continued along the road to Santo Amaro, the region where the village of Caiubi was located.³

Another key factor in the neighborhood’s emergence was the Santos road itself—the Caminho do Mar, the first opened by the Portuguese—which has always been São Paulo’s most important road.⁴ It was also called Caminho do Padre José, in reference to José de Anchieta, and gave rise to what are now Rua da Glória and Rua do Lavapés. Previously, however, the road descended toward



¹ PINTO, Alfredo Moreira. *A cidade de São Paulo em 1900: impressões de viagem*. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1900, p. 18.

² According to Eudes Campos’s thorough study, the spot where the two roads met corresponds to the former Largo da Sé. See CAMPOS, Eudes. A vila de São Paulo do Campo e seus caminhos. *Revista do Arquivo Municipal*, São Paulo, n. 204, p. 14-22, 2006.

³ Its route is now well known and coincides with what was once called the “Santo Amaro carriage route”— Cf. MONTEIRO, Zenon Fleury. *Reconstituição do caminho do carro para Santo Amaro*. São Paulo: Prefeitura Municipal de São Paulo, 1943.

⁴ The Tupiniquin trail, or Caminho do Mar Velho, was little used after the village was founded. In fact, the elevation of the Jesuit settlement of Piratininga to the status of a village coincided with the beginning of the opening of the new trail, which was a decisive factor in the survival of the new settlement.

the Tamanduateí River along a trail of which no trace remains, but which is clearly marked on the *Mappa da Imperial Cidade de São Paulo* [Map of the Imperial City of São Paulo], drawn around 1790 (see image 2 on page 57). The final stretch of Rua da Glória and the initial stretch of Rua do Lavapés likely did not yet exist and would only begin to appear on city maps in the 1840s. In the small painting belonging to the Museu Paulista, titled “Rua da Glória e Largo de São Paulo,” the two access points can be discerned: in the foreground the older access point, and in the background, Rua da Glória (see image 1 on page 56).

In the second half of the 18th century, the need to connect the city's various exits led to the creation of a third road linking Rua da Tabatinguera to the opposite bank of the Anhangabaú River, where a new road to Santo Amaro had been opened. Its route, as it wound around the small hill located there, ultimately defined the layout of the first streets of the future neighborhood, such as Largo do Pelourinho (Largo Sete de Setembro), the side streets Travessa da Glória (Rua Conde do Pinhal), and Travessa da Santa Cruz (Rua Álvaro Machado). Alongside these, many of the neighborhood's oldest streets emerged as mere side streets connecting different points along these three main routes.

In the 17th century, the region also became home to the town's gallows, as can be seen in the document drawn up by the town council clerk in 1635:

I, Ambrósio Pereira, town clerk of the town of São Paulo, hereby certify that it is true that the town officials of the present year ordered a gallows to be erected on the outskirts of this town, which I, the town clerk, saw built and erected this year on the outskirts of this town, near the road leading to the sea.⁵

It was the first in a series of devices installed there in order to be kept away from the rest of the settlement.⁶ Even though it was customary to erect the gallows along the busiest road, as a macabre warning to arriving outsiders, another factor seems to have been taken into account: on the surrounding hillsides of Morro da Forca, the terrain began to narrow due to the erosion caused by numerous small streams in the area, such as the Lavapés. Consequently, the terrain there was steeper and more limited, with stony, wind-swept soil that offered little appeal for immediate urban development. These conditions made the area particularly suitable for such facilities, which would ultimately define the disreputable and unsanitary character for which the region was known until the mid-19th century.

Beginning in 1765, when the Crown reestablished the Captaincy of São Paulo as an administrative entity (it had been incorporated into the Captaincy of Rio de Janeiro in 1748), the new governors took increasing care to provide the city of São Paulo with facilities befitting its restored status as the capital. This was not merely an urban planning concern but also had the clear political objective of reaffirming the authority of the Crown and its representatives.

It is highly revealing that a new pillory and a new gallows were erected by the São Paulo authorities at virtually the same time: in 1775, the City Council commissioned the building of a new pillory, to be installed on the square closest to the city's main entrance, which, from then on, became known as Largo do Pelourinho.⁷ A few months later, the gallows was once again erected at the top of the hill by order of the Justice Council, a newly created local court whose primary concern was to try crimes committed by enslaved Black people, freed Black people, free people of mixed race, and

soldiers.⁸ Before the year ended, the Bishopric inaugurated, on land near the gallows, the city's first public cemetery, whose name perfectly described the social groups for whom it was intended: Cemitério de Nossa Senhora dos Aflitos [Cemetery of Our Lady of the Afflicted], or simply, “Cemetery of the Afflicted.”⁹ Until its decommissioning in 1858, the year the Consolação Cemetery was inaugurated, the Cemetery of the Afflicted was the only place to bury the city's indigent population, in addition to receiving the bodies of those who died from contagious diseases and of enslaved people and criminals executed by hanging.

A year earlier, in 1774, another building connected to state power had also been established in the area that is now Liberdade: the Casa da Pólvora [Gunpowder House], a military supply depot whose risk of explosion required it to be located away from permanently inhabited areas—it stood beyond the gallows, at the site still known today as Largo da Pólvora.

Thus, in a span of just under two years, these new facilities—associated with torture, violence, poverty, and death—instilled a social stigma that would endure for nearly a hundred years, and was further reinforced in the first half of the 19th century, when a hospital and a slaughterhouse were built in the vicinity. At that time, urban planning legislation began to incorporate medical principles that attributed the origin of diseases and epidemics to “infected air” and “miasmas” emanating from decaying bodies and land. Consequently, facilities such as cemeteries, hospitals, and slaughterhouses came to be viewed as a public health hazard and were subsequently built in more remote and sparsely populated areas.

In 1825, the Santa Casa de Misericórdia, seeking to be closer to the cemetery, moved its hospital to Chácara dos Ingleses, which was located on a promontory near Rua da Glória, a spot marked as the “old” hospital on an 1841 city map and, possibly, the original source on which José Wasth Rodrigues's small painting was based (see image 1 on page 56). In 1840, a new hospital was built next to the cemetery, on the corner of Rua da Glória and Rua dos Estudantes.

Finally, in 1852, a slaughterhouse was opened on the right bank of the Anhangabaú River—one of its access points was via a slope that began on Rua da Liberdade, near the Gunpowder House. This was the second slaughterhouse established by the municipality, which became known as the Humaitá Slaughterhouse¹⁰ due to its proximity to the street of the same name, opened in the late 19th century. The waste from the slaughter and the skinning of the cattle stained the stream with blood, also spreading a foul odor that lingered for quite a distance.

Paradoxically, in the decade between the construction of the new hospital and the new slaughterhouse, the population living in the vicinity of Campo da Forca began to increase, sparking protests against poor sanitary conditions and the presence of these deeply unpopular facilities.

In 1851, residents “in the vicinity” requested that the cemetery and the gallows be moved to “other locations more suitable than the current ones.” The request to remove the cemetery was justified “by the harm it could cause to public health,” and, regarding the gallows, “because many families live nearby, who suffer greatly when those executions take place.”¹¹ It is worth noting that those executed at the gallows were, as a rule, enslaved individuals convicted of serious crimes, such as the murder of masters or overseers. The city council members appear to have agreed to the

request, since, in addition to the closure of the Cemetery of the Afflicted, there are no further references to the gallows in official documentation until 1856, when a land grant letter alluded to “the defunct gallows.”

A few years later, in 1857, the city comptroller asked city council members to take action against the practice of free African women employed by the Quartel de Linha [Linha Barracks] who would dump the contents of the soldiers' latrines on Morro da Forca, disturbing its residents. During the first half of the 19th century, the hill was commonly designated as an authorized site for garbage disposal.

As early as 1862, complaints began to be directed at the Gunpowder House. In an article published in the *Correio Paulistano* calling for its removal, the author clearly highlighted how densely populated the neighborhood had become:

Back when the city seemed to end at Largo da Forca, there was no problem whatsoever with that house being in the location where it stands to this day.

That is no longer the case; the city has expanded so much that the Gunpowder House is now right in the heart of the city.¹²

Even though “populated city” did not mean an urbanized area in this context, and the region retained a peri-urban character, the observation was entirely accurate: Campo da Forca was now a São Paulo neighborhood. It was no coincidence that the City Council had taken its first positive step toward enhancing the neighborhood's value and, as early as 1858, had renamed the square—the neighborhood's main public space—to Largo da Liberdade, after the fountain of the same name was installed, which had previously stood in front of the Convent of St. Francis.

In 1865, the city councilors took the same action regarding Largo do Pelourinho and, by decree, renamed it what it is still known as today: Largo Sete de Setembro. In doing so, they erased the memory of the public floggings of enslaved people, once so common in the city—which, under the liberal winds of the decade, were becoming increasingly scandalous.

One final piece of evidence worth mentioning regarding the rapid pace at which the neighborhood was taking shape is the increase in requests for street grading and lot alignment recorded in land concession letters issued by the City Council, particularly in areas of more uneven topography, such as near the square itself (see image 1 e 2 on page 60). Thus, throughout the 1850s and 1860s, it was common for residents to submit requests in which they offered to level their streets in exchange for larger plots of land or fee exemptions.

By the end of 1884, the facilities that had so marred the neighborhood had all disappeared. That year saw the opening of the Vila Mariana slaughterhouse and the new Santa Casa de Misericórdia hospital in Arouche, leading to the closure of the Humaitá slaughterhouse and the hospital on Rua da Glória.

Decades of social stigma and population decline, however, left behind vast tracts of vacant land and small farms yet to be subdivided. Amid a sharp increase in foreign immigration and the arrival of people from the countryside who were leaving the coffee plantations in those final years of slavery, the city of São Paulo was growing at a dizzying pace, and the Liberdade neighborhood would soon come to host a significant portion of these new residents.

THE GALLOWES AND LOCAL MEMORY OF THE COLONIAL PAST

There are many stories about the old gallows on Largo da Liberdade. Some of these stories establish a direct link between the gallows and the origins of the names of the square and the neighborhood. All revolve around the ill-fated hanging of Corporal José Francisco das Chagas, the leader of a military mutiny in Santos, who was executed on September 21, 1821, along with his comrade-in-arms, Joaquim Cotindiba.

According to the most widely told version, the crowd watching the execution of Francisco das Chagas, known as “Chaguinhas”, reportedly began shouting “Liberdade!” (“Freedom!”) after he had climbed onto the gallows twice to face his sentence and, on both occasions, escaped death when the ropes snapped. It was customary for such incidents to result in a pardon for the condemned man's crimes, as they were interpreted as acts of divine intervention. However, the colonial authorities did not see it that way and ordered the execution to proceed; it was successful on the third attempt. His body was buried in the Cemetery of the Afflicted, and a small wooden cross is said to have been erected near Morro da Forca so that candles could be lit and prayers offered in his memory. According to Affonso de Freitas, the first cross was erected at a location further away from the current chapel, but as work to level the square progressed, it was gradually moved until it reached the side opposite its original location (see image 2 on page 62).¹³

Regardless of the legend that has surrounded Chaguinhas' hanging, his death has always been considered unjust, giving rise to a popular devotion to his memory. In 1879, an article published in the *Almanach Literário Paulista* attested to the existence of a devotion to his soul and identified the location where it took place:

(...) not long ago, the elderly devout women would kneel at the gate of the cemetery [of the Afflicted], light a few candles there, and pray with true devotion for the soul of the unfortunate Chaguinhas, whom they had always considered an innocent victim of a miscarriage of justice.¹⁴

The excerpt is revealing, as it makes it clear that popular veneration of Chaguinhas took place at the gates of the old, decommissioned cemetery, and not in the Praça da Liberdade, where the gallows had stood and where, since at least 1868, a small wooden cross had been raised.¹⁵ Thus, it is very likely that the cross in the square had little to do with the memory of Chaguinhas, being no different from the many crosses that have always been commonly placed at the entrances to Brazilian towns and cities.

Starting in the late 1870s, this wayside shrine became the site of the “Santa Cruz do Largo da Forca” festivities, organized by the Brotherhood of Our Lady of Remedies, then presided over by the renowned abolitionist Antônio Bento de Souza e Castro (1843–1898). It is no surprise, therefore, that the first Chapel of the Holy Cross in the square was built between 1887 and 1891 by Olegário Pedro Gonçalves, a member of the Remedies brotherhood, and by a man known as Chico Cego, a former slave of Juca Frade who lived in Largo da Liberdade.

In fact, the small chapel's connection to the abolitionists was so strong that the May 13 festivities often overshadowed the celebration of the Feast of the Holy Cross, held on the 3rd of the same month. The program for the Abolition festivities often included masses held at the Chapel of the Holy Cross, after which

5 SÃO PAULO (Município). *Actas da Câmara Municipal de São Paulo*. v. 4. São Paulo: Prefeitura Municipal, 1915, pp. 272-273.

6 Between the late 16th and early 17th centuries, gallows were erected in the vicinity of the Carmo Convent and also in what is now the Bexiga neighborhood.

7 SÃO PAULO (Município). *Actas da Câmara Municipal de São Paulo*, vol. 16, 1920, p. 413.

8 SÃO PAULO (Município). *Actas da Câmara Municipal de São Paulo*, vol. 16, 1920, p. 425.

9 It is worth noting that, at the time, burials took place mainly in rural areas or in the churchyards of churches and chapels, and their importance was such that ensuring proper burial was among the main reasons for the extensive involvement of religious brotherhoods in the construction of new churches.

10 The first slaughterhouse was also located along the Anhangabaú River, but further downstream, near what is now Largo da Bandeira.

11 SÃO PAULO (Município). *Actas da Câmara Municipal de São Paulo*, 1939, vol. 38, p. 220.

13 FREITAS, Affonso de. *Tradições e reminiscências paulistanas*. São Paulo: Monteiro Lobato & Cia., 1921, p. 18-19.

14 “Movimento popular em Santos a 29 de junho de 1821”. *Almanach Litterário de São Paulo para o anno de 1880*, São Paulo: Typ. da Província, 1879, p. 199-201.

15 That year, the newspaper *O Diário de S. Paulo* referred to the city's highest point as “Largo de Santa Cruz, which lies beyond the Church of Remedies.” Cf. *O Diário de S. Paulo*, São Paulo, Feb 22, 1868, p. 2.

the organizers would give speeches from a specially assembled and lit stage in Praça da Liberdade, in front of the house where Antônio Bento himself lived (see image 3 on page 63); this might be followed by a procession led by the Remedies Brotherhood. During the festivities in May 1899, the steps of the Chapel of the Holy Cross served as the base for the altar of a large outdoor mass in memory of Abolition, the first such mass held after Antônio Bento's death.

Given this context, it seems more accurate to assume that both the festivals and the chapel of the “Holy Cross of the Hanged” refer to the enslaved people who were executed there, whose numbers, incidentally, far exceeded those of free men. In the early years of the 20th century, the collective meaning of the devotion to the Chapel of the Holy Cross was still quite clear, and the Monday masses—a day dedicated to the souls in purgatory—were announced as being offered for the “souls of the people who were hanged at the former site where the chapel now stands.”¹⁶

The figure of Chaguinhas, who is completely absent from the mentions found regarding the chapel's early years, appears to have been linked to it by historians from the Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo [Historical and Geographical Institute of São Paulo] (IHGSP). In the years leading up to the Centennial of Independence, the story of the 1821 uprising regained prominence in books, articles, and newspaper reports, thereby helping to give the popular saint a historical context and definitively linking his martyrdom to the origins of the Chapel of the Holy Cross of the Souls of the Hanged.

Francisco de Carvalho Dias de Andrade

Professor at the Museu Paulista da Universidade de São Paulo (USP). He holds a Ph.D. in History from the Universidade Estadual de Campinas, specializing in Art History, and has dedicated himself to the preservation of Brazilian cultural heritage and conducted research on material culture, the history of techniques, and the history of architecture and urban planning in Brazil.

Bibliography and consulted sources:

Almanach litterário de São Paulo para o anno de 1880. São Paulo: Typographia da Província, 1879.

CAMPOS, Eudes. A vila de São Paulo do Campo e seus caminhos. *Revista do Arquivo Municipal*, São Paulo, n. 204, p. 11-34, 2006.

Correio Paulistano. São Paulo, Nov 5, 1862, p. 2.

FREITAS, Affonso de. *Tradições e reminiscências paulistanas*. São Paulo: Monteiro Lobato & Cia., 1921.

MONTEIRO, Zenon Fleury. *Reconstituição do caminho do carro para Santo Amaro*. São Paulo: Prefeitura Municipal de São Paulo, 1943.

O Diário de S. Paulo. São Paulo, Feb 22, 1868, p. 2.

O Estado de S. Paulo. São Paulo, Jan 28, 1907.

PINTO, Alfredo Moreira. *A cidade de São Paulo em 1900: impressões de viagem*. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1900.

SÃO PAULO (Município). *Actas da Câmara Municipal de São Paulo*. v. 4. São Paulo: Prefeitura Municipal, 1915.

SÃO PAULO (Município). *Actas da Câmara Municipal de São Paulo*. v. 16. São Paulo: Prefeitura Municipal, 1920.

SÃO PAULO (Município). *Actas da Câmara Municipal de São Paulo*. v. 38. São Paulo: Prefeitura Municipal, 1939.

SOCIAL INTEGRATION THROUGH URBAN ANCHORING: THE UNIQUE RELATIONSHIP BETWEEN SAO PAULO’S JAPANESE COMMUNITY AND THE LIBERDADE NEIGHBORHOOD

Mônica Raisa Schpun

Japanese immigrants began settling in Liberdade shortly after the arrival, in 1908, of the first ship from Kobe. They concentrated on Rua Conde de Sarzedas—which soon came to be known as “rua dos japoneses” [Japanese Street] —and its surrounding area. Some of these pioneers sold agricultural products at the city's central market. Others were artisans (carpenters, painters) or laborers.

Early on, the neighborhood’s first guesthouses opened their doors, offering lodging and meals in a Japanese-style setting to farmers passing through the city. Young people whose more affluent families sent them off to study in the capital (see image 2 on page 89) also stayed at these guesthouses, as the cuisine and language helped maintain an ethnic and cultural connection. Many of the mansion basements on Rua Conde de Sarzedas were converted into boarding rooms or became the first grocery stores, stocking produce grown to supply the city, alongside barbershops, another profession that flourished.

With the gradual arrival of new waves of immigrants, local commerce expanded, and grocery stores and small-scale food production businesses sprang up, offering the foods that the immigrants so greatly missed: shoyu, tofu, and sweets. Laundromats and dry cleaners also opened (see image 3 on page 89), as well as financial management offices where the immigrants' scarce savings were managed.

The growing population brought the first community institutions to the neighborhood. The consulate was established in 1915, the same year that the first Japanese school (Taisho) was founded, precisely on Rua Conde de Sarzedas. This was followed by the establishment of several associations and newspapers, and later by the Nippon Club, which brought together the group's small elite. In 1932, about 2,000 Japanese nationals were living in São Paulo; of these, about 600 lived in Liberdade (see image 2 on page 281).

Other clusters also existed, such as in Pinheiros. However, not every ethnic concentration develops into an ethnic neighborhood—a fact that carries a strong symbolic component and depends on how the city is perceived, both by the local community and by the immigrant group itself. Liberdade was seen from very early on as an ethnic neighborhood of the Japanese-São Paulo community—even though not all members of the group lived there, and not everyone who lived there belonged to the group. As we see in this exhibition, every ethnic neighborhood is always multi-ethnic, even if certain groups stand out, and even if some groups are historically identified with certain territories that, in turn, are also ethnically identified. With its high concentration of ethnic businesses, small-scale Japanese food producers, and community institutions, Liberdade soon established itself as the quintessential urban hub for Sao Paulo's Japanese community.

THE YELLOW PERIL ON BRAZILIAN BEACHES: THE QUOTA LAW AND ANTI-JAPANESE SENTIMENT

Although anti-Japanese sentiment began to emerge in Brazil very early on—dating back to discussions aimed at establishing a free labor force, even before Abolition—it was the debates of the

1933-34 Constituent Assembly that marked the most radical period of this form of racism. Citing the “Yellow Peril”, a number of congressmen advocated for the inclusion of a quota law in the new Constitution. In its initial draft, the new law explicitly mentioned the Japanese as the primary target for immigration restrictions. While Japanese diplomatic intervention succeeded in removing the offending reference, it failed in its main objective: to spare the flow of immigration from legal constraint. A quota law was indeed enshrined in the new Constitution, although it did not name a specific ethnic group.

Among the groups living in Brazil at the time, the Japanese were the most adversely affected by the quotas, as the other groups were no longer immigrating in significant numbers. The law stipulated that annual quotas would be set at 2% of the total number of entries for each group over the previous 50 years. Japanese immigration was very recent and at its peak: between 1924 and 1935, 141,732 Japanese nationals entered Brazil, compared to 32,366 in the previous period (1908–23). However, the total number of Japanese nationals living in the country was smaller than that of older communities. With a small demographic base, the quotas established for the group were also reduced (2,849.14 individuals/year), constituting a fatal—and deliberate—obstacle to the flow of immigration. As soon as the Constitution took effect, Japanese immigration to the country fell sharply, from 21,230 entries in 1934 to just 9,611 the following year. This was despite the fact that the law did not take effect until 1938; its symbolic effect was strong enough.

The quota law, the public debates that preceded it, and the racial prejudice that fueled it—which surfaced in an extremely violent manner at the time—affected, above all, prospective immigrants who had never actually set foot in the country. For those already in Brazil, other measures taken shortly thereafter, during the Estado Novo (1937–45), were far more damaging.

ASSIMILATION AT ANY COST: THE NATURALIZATION LAWS

The so-called naturalization laws imposed by Getúlio Vargas beginning in 1937 had effects that further differentiated the Brazilian state's relationship with Japanese immigrants. Notably, it banned schools and media in foreign languages. In the case of the Japanese, the vast majority of whom had arrived only recently and were still unfamiliar with the local language and customs, the disruption was particularly severe—far more so than for other groups that had been settled in the country for a longer time.

Of the existing Japanese community newspapers, only one, *Brasil Asahi*, chose to translate its editions into Portuguese, from August 1941, when it became mandatory; others had already ceased operations or did so at that time. During a period of time, another publication, *Notícias do Brasil* (see image 1 on page 88), continued to circulate clandestinely. But all closed their doors by the end of 1941, with the outbreak of the Pacific War, when the import of books and magazines was also halted. The cultural and linguistic distance from Brazilian society was extremely great, and this assimilationist law, rather than contributing to the group's integration, only exacerbated its isolation. A large part of the community was deprived of news coverage because they could not read Portuguese.

As for education, the Japanese school network, which consisted of 476 schools in the state of São Paulo, was dismantled. Here, the law was met with immediate resistance in the form of clandestine schools that met in small groups in people's homes. The political police (DEOPS), which almost always failed to uncover espionage and traitorous networks, discovered clandestine schools in homes, boarding houses, and even in a school whose principal had made vacant classrooms available for Japanese language instruction.

This resistance, this attachment to their native language and culture, confirmed to Brazilian authorities—blinded by the strong

16 *O Estado de S. Paulo*, Jan 28, 1907.

nationalism of the time, coupled with anti-Japanese sentiment—that the Japanese were unassimilable, with no desire to integrate into Brazilian society. An already pronounced anti-Japanese sentiment became even more radicalized during World War II.

THE WAR YEARS: ETHNIC PERSECUTION

In early 1942, when Brazil severed ties with the Axis powers, the restrictions imposed by the nationalization laws were already in effect, as were the daily, individual, and collective strategies of accommodation and resistance. At that time, new rules, such as the requirement of safe-conduct passes for travel between cities, prior authorization for changes of address and gatherings of more than three people, as well as the prohibition on speaking foreign languages outside the private sphere, and the freezing of assets made the situation even worse.

In public spaces, the physical appearance of the Japanese made it impossible for them to blend in with the general population and remain anonymous, making them easy targets. In São Paulo, while Germans were also subject to surveillance in some cases, Italians were exempt from most of the restrictive measures and, above all, from the zealous daily surveillance carried out by the DEOPS. The Liberdade neighborhood, viewed by authorities as a Japanese “ethnic enclave”, was the focus of particular surveillance and persecution.

LIBERDADE UNDER ANTI-JAPANESE SURVEILLANCE

Ethnic concentrations serve as springboards for the integration of immigrants into the host society, facilitating—through mutual aid, coexistence, and the exchange of services and information, a linguistic and cultural transition that, lacking this resource, could be much longer and more arduous. This leverage works collectively, facilitating everything from entry into the labor market and professional and residential stability to more everyday yet no less significant situations involving learning and coexistence with the new society. In the case of Liberdade, the ethnic concentration that promised to be a source of comfort and a migratory advantage turned against the group, facilitating its oppression.

Soon after Brazil entered the war, Vargas decreed a “state of war”, suspending various constitutional guarantees. Downtown São Paulo became a national security zone. Not only was the Liberdade neighborhood included within the national security perimeter, due to its proximity to Sé, but surveillance, in practice, was fueled by anti-Japanese racism, which had been reignited by the new context of war.

DEOPS agents patrolled the neighborhood in plain clothes, monitoring the homes and workplaces of people suspected of espionage or of violating emergency laws, who were held responsible for acts deemed anti-national. Arrests of group members were frequent and are documented in police files. Ethnic concentration appeared to DEOPS agents as a key element in uncovering conspiracies and subversive networks, whose opacity was due not only to the “character” of the Japanese, which aroused suspicion, but also to the very concentration of the group in the neighborhood, the closeness between families, their movements, their relationships, their exchanges, all social and urban practices that resisted control. On the other hand, residents of Japanese origin are portrayed in police documents in their daily work lives and, evidently, within neighborhood networks and ethnic social circles that were actively maintained and valued, and which did not fade in the face of repression.

The culmination of the surveillance and harassment carried out by Vargas's political police were the so-called “evictions” of Japanese residents from Liberdade between 1942 and 1943. These occurred in various ways and followed a timeline that is difficult to establish due to a lack of accurate sources, but which had significant repercussions in the collective memory and the specialized

literature on Japanese immigration in Brazil. The evictions, a paradigmatic event, are important for understanding the history of the Japanese occupation of São Paulo’s urban space and their relationship with the city, which, through this landmark event, became more densely populated, raising issues that would otherwise remain invisible.

While pursuing a German woman suspected of espionage and Japanese nationals who were to meet with her clandestinely at 159 Rua Conde de Sarzedas, DEOPS agents arrived on the scene, causing the group to flee. In the report drafted after the police raid (Dossier 12-B-192), the agents indicate that two families, living at that address and in the adjacent property, “managed to evade the relocation order (...), when efforts were made to disperse the Japanese communities from Rua Conde de Sarzedas and the surrounding area throughout the city.” These were “relocation orders” that reportedly took place in the region before March 1943, the date of the police raid. However, they were not systematic: some families managed to “escape”, such as the two mentioned above, as well as others, given that several investigations into suspect individuals were being carried out in the neighborhood at that time. Furthermore, as part of this highly disjointed investigation, which sought to locate spies or fifth columnists, police officers visited a boarding house operating normally in May 1943 on Rua Conde de Sarzedas itself, without expressing any surprise. In other words, not only was a boarding house owned by Japanese nationals operating legally there at a time when the war was already well underway, but, above all, its operation attracted Japanese or Japanese-descendant customers, as was habitual, ensuring and sustaining an ethnic presence in the heart of the neighborhood.

But returning to the evictions, not only were they not systematic, but handled on a case-by-case basis. The affected families received eviction orders. In fact, there is no official document in the form of a decree, resolution, circular, ordinance, or other such instrument that collectively established the obligation for residents of the region to leave their homes and businesses, setting deadlines and defining a specific perimeter. The press also did not report on these repressive measures, unlike others directed at Japanese-Brazilians, including the violent expulsion of Japanese and German nationals from the coast of São Paulo. Did the evictions in Liberdade affect fewer people, making it a smaller-scale event? We have no way of knowing.

Among my interviewees, only one claimed to have been a victim of the evictions in São Paulo. Mrs. Shizue was born in São Paulo in 1935 to Japanese parents (interview, August 11, 2011). That year, her paternal grandparents purchased the Assahi Hotel, located at 70 Rua Conde do Pinhal, right in the heart of Liberdade. The hotel was the livelihood of Mrs. Shizue’s grandparents, parents, and siblings until an eviction order forced its closure. The family moved to [the São Paulo neighborhood of] Vila Mariana. Before leaving, the hotel's furniture was taken to the backyard, behind the house, and burned. The girl, then seven or eight years old, kept the flames in her memory. In the new neighborhood, her father, a painter, worked for a haberdasher's, painting designs on embroidery hoops. Her mother sewed children's clothes. They were difficult years. Once the war ended, the family returned to Liberdade, where experience in the hotel industry promised better wages, thanks to the still-steady flow of Japanese immigrants coming from the countryside to stay overnight in the capital, or eager to send their children to study in the city. This time they settled on Galvão Bueno, the new hub of the Japanese community after the war. The new house had several rooms for rent and now served, albeit on a more modest scale, as a family-run guesthouse: the family lived on the ground floor and rented out the rooms on the first floor and in the basement. For Mrs. Shizue's family and their guests, the connection to Liberdade was not severed during the (short) interlude of the war.

While the other interviewees were not direct victims of the evictions, some were affected indirectly. Mr. Akira was born in 1928 at 99 Rua Conde de Sarzedas (interview, August 25, 2011). He had

extremely fond memories of the place where he spent his childhood, and, it seemed to me, he spoke of it with great emotion. It was no coincidence that, at the end of the interview, he suggested we take a walk there. On the sidewalk in front of the so-called “castle”, the old working-class houses home to many Japanese people who, in those years, often lived and worked on the same plots, had all been demolished. However, I saw the row of terraced houses Mr. Akira had known in his childhood flash before his eyes, which he described based on the trades practiced by the residents: here the milkman, there the baker, further on this or that family... Along with the memories and nostalgia of the former resident, the violence of São Paulo's urbanization process became palpable. Nevertheless, my central question remained the ethnic component of this violence. Even if Mr. Akira had not retained the image of the furniture burning in the backyard, the sensation of a lasting upheaval that had disrupted the ethnic coexistence of that territory remained. According to his account, his father did not wait for orders to leave: sensing that the atmosphere was not favorable to Japanese people, he spontaneously decided to leave. The family settled in the Sacomã neighborhood. To explain his father's interpretation of the events at the time, and the signs that led the family to leave the neighborhood, Akira cited the example of the arrests of Japanese people and their descendants in public spaces for speaking Japanese. Furthermore, he told me that his parents, who were from the same province, hosted a group of fellow countrymen at home practically every night. This socializing, conducted in Japanese, had become not only suspicious but forbidden. In Sacomã, the high visibility of Japanese people in public spaces—which had characterized the Liberdade neighborhood—no longer caused annoyance or embarrassment.

Unlike Mrs. Shizue's family, Mr. Akira's father was not in the hotel business and relied less on ethnic customers for his livelihood. He was a carpenter who made wooden furniture. Upon arriving in Sacomã, he retired and his eldest children took over the business, continuing in the trade. The family never returned to Liberdade to live. But they were regulars at Japanese grocery stores and, after the war, at movie theaters. Mr. Akira still visited the neighborhood regularly, where he seemed to feel at home.

However, not everyone was forced out of the neighborhood, either directly or indirectly. Siblings Therezinha and Makoto offered conflicting accounts of the matter (interviews, August 16 and 19, 2013). The family settled in São Paulo in 1932. Makoto was born in Japan and was six years old when he emigrated; Therezinha was born in Liberdade. Their father was a sheet metal worker on Rua Conde de Sarzedas, and, as they stated, the family was initially taken in by a fellow compatriot in a basement at No. 35, until they were able to rent their first home at No. 67 on the same street, where they stayed for a longer period. Dona Therezinha's memory did not fail her on this point: according to a survey conducted by the Japanese consulate in 1932, the family of eight did indeed live at that address.¹ The siblings also recalled having lived at a third address, still on Conde de Sarzedas, further down the hill, before moving to Conselheiro Furtado, still in the heart of the neighborhood. This is where the two accounts diverge: Dona Therezinha said they were evicted and moved to Ipiranga. Mr. Makoto claimed the opposite, insisting that the move was driven by the desire to relocate the metalworking shop. Both recalled this period as brief, due to the venture's failure, before returning to Liberdade, this time to Rua Sinimbu, still in the heart of the ethnic neighborhood. With or without eviction, the family remained in Liberdade for practically the entire Vargas era.

Similarly, Nelli (interview, August 11, 2011), another interviewee, told me that there were problems on her paternal grandparents’ side, but her maternal grandparents had a grocery store that remained open: they continued to work and live in the neighborhood without difficulty, likely because they were outside the police's main target area, loosely defined as Rua Conde de Sarzedas and its surroundings. However, if that was indeed the rule, it was applied

inconsistently: at 80 Rua Conselheiro Furtado, in the heart of the neighborhood, there was a hotel, Kyushu Ryokan, founded in 1934 by Junta Mizumoto. Its lobby was a well-known gathering and social space, and the establishment remained open throughout the war. Finally, we also know that the Japanese painters of the Seibi-kai group did not stop frequenting the neighborhood, even if they did so discreetly, since gatherings among Japanese immigrants, whether public or private, were subject to prior authorization from the police. Even so, the group met in Liberdade at two locations outside the neighborhood's central area: a boarding house located at 83 Rua Galvão Bueno, owned by a man named Higaki, and the home of the painter and group member Flavio Shiro’s father, at 1095 Rua Conselheiro Furtado (interview, April 25, 2018).

CONCLUSION

The picture sketched here illustrates both the diversity of experiences and the fact that Japanese community life in Liberdade was not entirely disrupted by Vargas's repression and, above all, by the evictions. An impossible-to-estimate number continued to live there or, in the words of DEOPS agents, “escaped” the eviction orders. Not to mention the comings and goings, which were not ultimately made impossible, such as that of the family of the siblings Therezinha and Makoto, who settled for a short time in Ipiranga where the metalworking shop did not take off, perhaps due to a lack of customers.

In any case, it is argued that, throughout those years of restrictions and ethnic persecution, a lasting connection to Liberdade—one claimed by the Japanese and their descendants—has endured. This connection was revived in the postwar period, albeit with a new dynamic: ethnic identity is now represented by a strong presence of businesses, recreational spaces (see images 1, 2 and 3 on page 92), and community institutions (see images 1 and 2 on page 86), but increasingly less by residential concentration.

This represents a selective and assertive occupation of urban space, a way of marking territory that the difficult years of the Estado Novo and the war were unable to erase. The members of the group who lived there or who continued to frequent the homes of acquaintances, boarding houses, and businesses collectively resisted the Vargas regime's efforts to disperse “clusters” and sever ethnic ties. By taking root in this particularly visible and enduring way within São Paulo's urban landscape, the group found ways to assert its presence and its distinctiveness over the long term.

Mônica Raisa Schpun

Historian and a member of the Mondes Américains Research Group (Centre de Recherches Sur Le Brésil Colonial et Contemporain – CRBC) at the École des Hautes Études en Sciences Sociales (EHESS) in Paris. A specialist in the history of migration, urban history, and gender history, she is the author of “Justa: Aracy de Carvalho e o resgate de judeus” (Civilização Brasileira, 2011), also published in French (Peter Lang, 2024) and English (Palgrave, 2025).

¹ Yearbook of “Notícias do Brazil” São Paulo, 1933 (in Japanese) and Street Naming Records, Washington Luís Municipal Historical Archive.

A TOURISTIFIED LANDSCAPE: PRESENCES AND OPACITIES IN THE LIBERDADE NEIGHBORHOOD

Paulo César Garcez Marins

Abstract

An examination of São Paulo’s tourism advertising materials archived at the Museu Histórico da Imigração Japonesa [Historical Museum of Japanese Immigration] in São Paulo reveals a recurring iconographic motif related to Liberdade dating back to the 1970s. The process of transforming this part of the capital into an “Asian quarter” or “Japanese neighborhood,” which began in 1974, was extremely effective in making the City Hall’s physical interventions a constant presence in visual representations of Liberdade and, especially, in its transformation into a product for the tourism market that was emerging in Brazil in the 1970s. Since then, the neighborhood has been featured in recommendations published by public and private tourism promotion agencies, culminating in 2026 with a recommendation from the travel website Lonely Planet, which included Liberdade among the 25 best tourist destinations in the world, highlighting the neighborhood’s Japanese-Brazilian and Black heritage.¹

The international success of promoting Liberdade as an area with an “Eastern” character warrants several points of consideration. The first is, after all, the eminently commercial and exogenous nature of such an initiative with respect to the neighborhood. The creation of the “Asian quarter” was proposed to municipal authorities in 1969, as Lianne Sturgeon points out, by the *O Estado de S. Paulo* journalist Randolpho Marques Lobato, who managed to convince Amadeu Papa, the first municipal secretary of tourism and his personal friend, and later Mayor Paulo Maluf to create a local version of the Chinatowns of the United States.² Although Japanese-Brazilian shopkeepers, under the leadership of Tsuyoshi Mizumoto, quickly embraced the project, the initiative did not actually stem from a Nikkei desire.

Tourism was emerging as one of the most important economic sectors during the 1960s and 1970s, a period in which the first oil crisis, in 1973, had not yet wreaked its disastrous effects on domestic and international travel reliant on jet fuel. Until then, tourism had become a rapid and vital source of revenue for European cities still seeking funds for postwar economic reconstruction, which began to welcome ever-increasing numbers of visitors. The emergence of wide-body jet aircraft, with long flight ranges and greater passenger capacity, replaced both the slow turboprop planes, which offered few and extremely expensive seats, and the first transcontinental jet aircraft, which carried only a few passengers per row. European tourism became a mass economic and cultural phenomenon, generating millions of passengers for whom it was necessary to create attractions, a process that became progressively global and multidirectional.

In Brazil, the Empresa Brasileira de Turismo [Brazilian Tourism Board] (Embratur), created in 1966, revived old symbols of national identity established during the Estado Novo era, in which tropical nature and sensuality were associated with cities featuring Baroque

architecture and celebrations such as Carnaval.³ These symbols of appeal did not apply to São Paulo, a high-rise metropolis with no beaches, surrounded by (but turning its back on) its tropical rainforests, and very few traces of its colonial past. And despite being a historic center of samba, its Carnival parades were then considered insignificant compared to those of Rio de Janeiro or the popular festivals of the northeastern state capitals. Its opulent architecture from the coffee trade era was dismissed by federal preservation agencies and even by architectural historians, who did not view the architectural eclecticism practiced in the city during the First Republic as possessing a national ethos that set it apart—nor one that, in the context of tourism, would be capable of attracting the attention of foreigners or Brazilians. The city of São Paulo could not, therefore, be classified as “Brazilian” according to the clichés of the 1930s and 1940s, which were being revived by Embratur. Emphasizing the city’s cosmopolitan and international character, shaped by numerous waves of immigration since the late 19th century, offered a way of making it more attractive—and Liberdade was thus viewed by municipal authorities as a means of positioning São Paulo within national and international tourism flows.

The 1970s were also a period when municipal authorities focused on investing in the central business district in order to stem the drain of its functions to the Paulista and Faria Lima avenues, to the emerging shopping malls, or to neighborhoods that were gradually taking on central functions, such as Pinheiros, Santana, Lapa, and Santo Amaro. The Empresa Municipal de Urbanização [Municipal Urbanization Company] (Emurb), created in 1971, began carrying out various intervention projects in the central area aimed at its “revitalization”, a term intended to reverse the physical deterioration of public and private spaces and attempt to contain the exodus of the elites and middle classes toward these new centers of activity. Dating from this period are the expropriation and restoration of the Martinelli building, the restoration of the Santa Ifigênia viaduct and its conversion into a pedestrian walkway, and the creation of the so-called “calçadões” (pedestrian boulevards), which sought to replicate in the Sé and República districts the urban renewal projects of central areas in Europe. The construction of the subway was another major infrastructure project that led to vast expropriations and interventions, such as those that occurred during the merger of Praça da Sé and Praça Clóvis Bevilacqua, and at Praça da Liberdade itself, which was transformed into a massive hole that eliminated the monuments and trees that had stood there until then.

Viewing Liberdade as an “Asian quarter” implies aligning the expectations of private developers with physical interventions in the neighborhood, similar to what was done in the adjacent central districts.

It was then up to the city government to intervene in the neighborhood in various ways, in order to ensure a landscape that would give it an Asian character amid the chaos of subway construction or the canyon that opened up in the heart of the neighborhood due to the opening of the East-West connection, inaugurated in 1971.⁴ Rua Galvão Bueno was adorned with a *torii* (inaugurated in 1974 and rebuilt in 2004), positioned precisely on the section of its overpass spanning that corridor, which ensured both its prominence at the scale of the neighborhood and its visibility along the major metropolitan thoroughfare. Rua Galvão Bueno, Rua da Glória, Rua dos Estudantes, Rua São Joaquim, Rua Barão

³ ALFONSO, Louise Prado. *EMBRATUR: formadora de imagens da nação brasileira*. Master’s dissertation – Unicamp, Campinas, 2006; AGUIAR, Leila Bianchi. Projetos nacionais de preservação do patrimônio: promoção, divulgação e turismo nos sítios urbanos patrimonializados durante a gestão de Rodrigo Mello Franco de Andrade. In: MAGALHÃES, Aline Montenegro; BEZERRA, Rafael Zamorano (org.). *90 anos do Museu Histórico Nacional*. Rio de Janeiro: Museu Histórico Nacional, 2014, pp. 186-194; AGUIAR, Leila Bianchi. O Programa de Cidades Históricas, o turismo e a “viabilidade econômica” do patrimônio (1973-1979). *Anais do Museu Paulista: História e Cultura Material*, São Paulo, v. 24, n. 1, pp. 137-149, 2016.

⁴ NEGAWA, Sachio. *Formação e transformação do bairro oriental: um aspecto da história da imigração asiática da cidade de São Paulo, 1915-2000*. Master’s dissertation, FFLCH/USP, São Paulo, 2000.

de Iguape, Rua Fagundes, and Rua Thomaz Gonzaga were among several streets that were equipped with *suzuranto*-style streetlights, featuring red-painted metal poles and Japanese-style glass globes. Sidewalks were paved with hydraulic tiles featuring a Shinto motif—*mitsudomoe*—and two gardens were created: one on Rua Galvão Bueno (see image 4 on page 297) and another at Largo da Pólvora (the former site of the city’s colonial arsenal),⁵ where the traditional forms of the *kaiyū-shiki-teien*, or strolling garden, especially those from the Edo period, are simplified through the use of pruned trees, arched bridges, and stone lanterns (*tōrō*). One of them, a monumental structure installed in Tokyo in 1841, was donated to the city in 1955 and placed in Praça da Liberdade, where it remained until construction on the subway began. Reinstalled in the Japanese garden at Largo da Pólvora in 1978, it stands directly across from Avenida da Liberdade and is an iconic feature of the neighborhood’s most prominent garden, despite being juxtaposed with a railing that detracts from its ambience.⁶

The decision to give the neighborhood this “Japanese” look is certainly puzzling, which leads to a second consideration. Although shopkeepers quickly embraced the use of signs with ideograms, setting up the Asian market in Praça da Liberdade, and the festivals—Hana Matsuri (Flower Festival), Tanabata Matsuri (Star Festival), Toyo Matsuri (Oriental Festival), and Mochitsuki Taikai (Rice-Pounding Festival)⁷—have become frequent, it is important to emphasize that absolutely none of these events were part of the neighborhood’s Japanese-Brazilian daily life before the push to transform it into a tourist destination. Being a Japanese-Brazilian person in Liberdade was something completely removed from a life characterized by an ostentatious, Japanese-inspired material culture. The presence of restaurants, movie theaters—which brought Japanese cinema to the city for Japanese people, their descendants, and progressive non-Nikkei enthusiasts of this genre⁸—and food stores was discreet, as were Japanese-language signs. The touristification of the neighborhood, in a sense, negated the practices rooted there since the 1910s, when the first waves of immigrants settled on Rua Conde de Sarzedas and, after World War II, in the upper part of the neighborhood, around Rua Galvão Bueno. The Japanese-Brazilian neighborhood was reimagined as the “Japanese neighborhood.”

The decision to adopt an “Oriental” theme, as agreed upon by the municipal authorities, focused on the Japanese-Brazilian community in the neighborhood—albeit with a Kyoto-inspired twist. The government’s perspective on the neighborhood’s Chinese community, which was already prominent in the 1970s and 1980s, was quite different. Rua da Glória and Rua Conselheiro Furtado were the heart of what could be considered São Paulo’s Chinatown, being, for example, the destination of choice for São Paulo residents seeking restaurants serving classic dishes of the time, such as *frango-xadrez* (Kung Pao chicken). However, it was not the presence of the Chinese, consisting of immigrants from mainland China, especially Cantonese, or from the island of Taiwan (known as Formosa by the Portuguese), that was celebrated by the municipal intervention and the agreement with Nikkei merchants. Lianne Sturgeon emphasizes how Chinese immigration was looked down upon at that time, in contrast to Japanese immigration, which benefited from the rapid economic recovery of the Empire of Japan

⁵ MARINS, Paulo César Garcez. Cem anos de imigração japonesa no Brasil: horizontes de convívio. In: OI, Célia; MARINS, Paulo César Garcez (org.). *O Japão em cada um de nós* (catálogo de exposição). São Paulo: Banco Real, 2008, p. 18.

⁶ MARINS, Paulo César Garcez. Jardins japoneses e reelaboração cultural nipo-brasileira em São Paulo: desafios para identificação patrimonial e conservação. PESSOA, Ana (org.). *Jardins históricos, um patrimônio ambiental e cultural*. Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 2026.

⁷ On festivals as an invention of traditions, see: NEGAWA, Sachio. Op. cit., pp. 113-116.

⁸ KISHIMOTO, Alexandre. *A experiência do cinema japonês no bairro da Liberdade*. Master’s dissertation – FFLCH/USP, São Paulo, 2009.

in the 1950s and 1960s, a recovery that would lead to the global triumph of its technology in the 1970s and 1980s.⁹

As Sachio Negawa points out, Brazil welcomed 193 new Japanese companies between 1970 and 1979, with São Paulo being the epicenter of this concentration. This brought many Japanese newcomers to the capital,¹⁰ who helped spread Japanese customs throughout the city, including a whole new generation of Japanese restaurants that were more closely connected to the island’s cuisine than to the eating habits of Japanese-Brazilians born in Brazil. The rapid success of Japanese cuisine in the United States and Europe, where major cities were dotted with establishments offering dishes such as sushi and sashimi, also contributed to its spread in Brazil.

Japan’s economic success in the 1970s and 1980s also heightened fascination with Japan’s presence in Brazil, finally allowing the Japanese community to shake off the burden of being oppressed they faced during World War II. Weekly television programs such as *Imagens do Japão* (Images of Japan), which began in 1970, and *Japan Pop Show* (1973),¹¹ helped popularize Japanese landscapes, music, dance, and cultural exchanges with Japan. The same can be said of the launch of the trans-Pacific airline route between Brazil and Japan by Varig in 1968, the year that marked the 60th anniversary of Japanese immigration.

The convergence on so many fronts with the economically reborn empire gave the “Japanization” of Liberdade both legitimacy and impetus to seek out a distant Japan in the streets of São Paulo. Gateways, lampposts, tiles, gardens, festivals, shops, and restaurants—as well as the opening of the Museu Histórico da Imigração Japonesa in 1978 in Bunkyo—added to the international wave, imbuing the neighborhood with a unique character that it did not possess even among the Asian populations already living there, soon joined by South Korean immigrants who began arriving in the 1980s and 1990s especially.

The touristification of the landscape thus leads us to a third consideration regarding what, after all, this “mask,” imposed by municipal authorities and embraced by members of São Paulo’s Japanese community, has obscured of the diversity that had defined the neighborhood since its earliest streets were laid out in the 18th century. In addition to the Chinese, Taiwanese, and South Korean communities, Liberdade has always been a destination for poor residents or those from the middle classes, due to the availability of affordable housing. A few members of the city’s elite built their homes in the neighborhood, such as the Italian immigrant *cavaliere* Francesco Antonio Barra, who lived in an imposing neoclassical townhouse on Rua da Liberdade, inaugurated in 1879;¹² the descendants of the Count of Sarzedas, in the so-called Castelinho [Little Castle]; the Campinas engineer and architect Francisco de Paula Ramos de Azevedo, in his eclectic mansion on Rua Pirapitingui; the Count of Parnaíba in his equally eclectic mansion, modeled after a European villa, on Rua Tamandaré; the immense Neo-Mannerist mansion on Rua da Glória where Lins de Vasconcellos is said to have lived (which now houses the 1st Police Precinct—Sé); or the Portuguese engineer and architect Ricardo Severo, in the neocolonial mansion nicknamed “Casa Lusa” on Rua Taguá.¹³ But the neighborhood never had a distinctly elitist character. Since the 18th century, Liberdade has been home to unsanitary, violent, or dangerous places, such as the Cemetery of the Afflicted, the Santa Casa Hospital, a slaughterhouse, the gallows, the pillory, and the Gunpowder House, causing housing prices to fall in relation to other parts of the urban area. Consequently, it has always been home to diverse populations with limited resources, such as Africans and Afro-Brazilians during the 19th

⁹ STURGEON, Lianne, *op. cit.*, p. 283 ss.

¹⁰ NEGAWA, Sachio, *op. cit.*, p. 49 ss.

¹¹ Idem, p. 63-64.

¹² CAMPOS, Eudes. E São Paulo perde mais um casarão. *Informativo – Arquivo Histórico Municipal*, São Paulo, Year 3, n.15, Nov-Dec 2007. Available at: https://www.arquiamicgos.org.br/info/info15/i-inter.htm. Accessed: Jun 10, 2026.

¹³ LEMOS, Carlos A. C. *Alvenaria burguesa*, 2ª ed. São Paulo: Nobel, 1989, p. 111, 126, 167.

century, as well as immigrants who began arriving in Liberdade in the last quarter of the 1800s.

I previously noted that the significant presence of Japanese and Japanese-Brazilians in the neighborhood during different periods of Liberdade's 20th-century history occurred alongside that of various other ethnic groups,¹⁴ including numerous institutions whose collections are featured in the exhibition *Liberdade: A Plural Neighborhood*. The neighborhood's low real estate prices and its central location, along with the hill's elevation, which makes it immune to flooding, served as a magnet not only for residents but also for institutions that were able to establish themselves there. One of the country's most significant Afro-Brazilian organizations, Frente Negra Brasileira [Brazilian Black Front] (FNB), was located there until 1937, the year it was forcibly shut down and dissolved by the Estado Novo regime, as was the city's most important association of Portuguese immigrants, Portugal House, which succeeded the FNB at the same address from 1955.

Churches with a clear community-oriented role reflect the neighborhood's multi-ethnic character, such as the Russian Orthodox Cathedral, the Maronite Cathedral of Our Lady of Lebanon, the Formosa Presbyterian Church, the Methodist Cathedral—founded by missionaries from the United States—the Church of Our Lady of Peace, run by the Italian Scalabrinian priests, located in the flood-prone area of Glicério, providing assistance to Italian immigrants (and today to the many who arrive in the city from Bolivia, West Africa, or Haiti), as well as temples of various Asian denominations, such as the Busshinji Temple of the Soto Zenshu Buddhist community, the Brazil Soka Gakkai Association (linked to the Buddhism of Nichiren Daishonin), and the Taoist temple Hon Dao Yen (now the Lohan Temple). And since the 18th century, the Chapel of the Afflicted and, in the following century, the chapel and later the Church of the Holy Cross of the Hanged have maintained the worship of the dead in the neighborhood, shared by both Christians and followers of Afro-Brazilian religions.

Other associations and charitable organizations reflect the neighborhood's diversity, including its Asian heritage, such as the well-known Brazilian Society of Japanese Culture and Social Assistance (Bunkyo), as well as the Okinawa Kenjin Association of Brazil, both of which house museums, and the dozens of other associations linked to Japanese prefectures (*kenjikai*) located in Liberdade, which demonstrate that, behind a Japanese-Brazilian identity, there are many others that preserve the traditions of their places of origin in Japan. There are also several associations linked to mainland Chinese or Taiwanese communities, ranging from the oldest among them, the Chinese Social Center, to the General Association of Cantonese in Brazil and the Hakka Association, linked to Taipei.

At least one community organization bears witness to the brutality of World War II in the neighborhood. This is the Sociedade Filarmônica Lyra [Lyra Philharmonic Society], formerly the Deutscher Männergesangverein Lyra, founded in 1884, whose premises in Liberdade began construction in 1934. Lyra was expelled from its location by the national government in 1945, forced to abandon its Art Deco building, which is still adorned today with a geometric lyre that stands atop the façade (see image on page 187). The society has been trying to overturn the expropriation and regain possession and ownership of its former premises in the neighborhood ever since. The instruments, photographs, and decorative and ceremonial objects brought from Liberdade are preserved at its current location in Campo Belo, serving as a testament to the memory and the 80-year struggle for redress.

Others fell victim to shifting allegiances or dwindling numbers of new generations of members, as was the case of the Liga Itálica [Italian League], the oldest association of Italian immigrants in the city of São Paulo, which was not located in one of the neighborhoods traditionally associated with Italian immigration—such as Mooca, Brás, Bexiga, or Barra Funda—but rather in the unlikely neighborhood of Liberdade. Its

14 MARINS, Paulo César Garcez. Cem anos de imigração japonesa no Brasil: horizontes de convívio, pp. 19-20.

premises housed various collections linked to its founding organizations—the Società di Mutuo Socorso Lega Lombarda and the Muse Italiche¹⁵—including an impressive collection of musical instruments that I had the opportunity to see in 2004.¹⁶ Its premises were sold in 2016, bringing a fundamental part of the city's Italian heritage to a close, in the heart of a neighborhood we have come to think of as “Oriental.”

The tourist-oriented landscape created by the municipal intervention of the 1970s did not profoundly affect any of the ethnic institutions that remain in the neighborhood, but it did make them less memorable or even less noticeable, overshadowed by the multitude of *suzuranto* lights and the shops and restaurants that today evoke not only Japan, but also Chinese, Taiwanese, and South Korean presences. This was the reason behind the request to remove these streetlights from Rua dos Aflitos in 2024, which was granted by the São Paulo City Hall, as they were deemed to compromise the setting of the neighborhood's oldest building as well as the Afro-Brazilian heritage associated with it. Liberdade is being redesigned once again—drawing on the physical elements and memories embedded within—in the network of streets that follow the old indigenous paths that originated with the Tupi people and are still used by thousands of São Paulo residents every day.

Paulo César Garcez Marins

Historian and professor at the Museu Paulista da USP, where he serves as Director for the 2024–2028 term. He is also a faculty member in the Graduate Programs in Social History, Museology, and Architecture and Urbanism at the Universidade de São Paulo. In 2008, he was co-curator of the exhibition *O Japão em cada um de nós* [Japan in Each of Us], organized to commemorate the centennial of Japanese immigration to Brazil.

15 BIONDI, Luigi. Aventuras e desventuras da Sociedade Italiana de Socorro Mútuo “Lega Lombarda.” *Anais do XXVI Simpósio Nacional de História* – ANPUH, São Paulo, July 2011.

16 MARINS, Paulo César Garcez. A memória sempre presente: fragmentos insuspeitos do patrimônio cultural paulistano. In: MAGNANI, José Guilherme Cantor; et al (Ed.). *Expedição São Paulo 450 anos: uma viagem por dentro da metrópole*. São Paulo: Prefeitura do Município de São Paulo/Secretaria Municipal de Cultura; Instituto Florestan Fernandes, 2004, p. 178.

BLACK LIBERDADE: PRESENCES AND PATHS OF THE AFRO-DIASPORA IN PERSPECTIVE

David William Aparecido Ribeiro
Aline Montenegro Magalhães

Liberdade, 2018. In the year of the 110th anniversary of Japanese immigration, São Paulo's Municipal Chamber approved, with the then Mayor Bruno Covas (1980–2021) signing into law, a resolution to rename the neighborhood's main square “Praça da Liberdade-Japão”. A week later, the São Paulo Metro station located on the same square had “Japão” added to the name “Liberdade”. These gestures by the municipal and state authorities thus reinforced the image of the Japanese neighborhood, paying tribute to the community that settled there in the early 20th century and which, since the 1970s, had been strongly represented through numerous Japanese symbols, such as *suzuranto* lanterns, gateways, sidewalks, building façades, and commercial signage. This new initiative, in which public authorities and local businesses took part, was another step toward making Liberdade a homogeneous Asian tourist neighborhood, much like many others around the world, such as in New York, London, and Buenos Aires.

It was in that same year—which also marked the 130th anniversary of Law 3.353, which abolished slavery in Brazil—that the debate over Liberdade's historical Black presence ceased to be confined to researchers and activists and began to publicly challenge the territory's established memory. One of the first initiatives was the Inventário Memória Paulistana [Inventory of São Paulo Memory] program, created and regulated by the Conselho Municipal de Preservação do Patrimônio Histórico, Cultural e Ambiental da Cidade de São Paulo [Municipal Council for the Preservation of the Historical, Cultural, and Environmental Heritage of the City of São Paulo] (Conpresp) in 2019. The program “identifies and recognizes places and narratives of great relevance to the memory and identity of São Paulo's diverse social groups”, installing circular blue iron plaques that acknowledge historical events, festivals, social gathering spaces, and connections to notable figures, for example.¹ That same year, two plaques were installed in Liberdade: one on Largo Sete de Setembro and another in what was then called “Praça da Liberdade-Japão”. The first marks the site of the Pillory (see image 4 on page 279), where it stood in the 18th and 19th centuries as a “place of punishment for enslaved Black people”, according to the plaque. The second commemorates the square's former name—Largo da Forca—where the gallows stood, also in the 18th and 19th centuries.

The pillory and the gallows, tangible symbols of the violent punishment in colonial and imperial contexts, were removed during the city's transformation in the late 19th century, when the public authorities introduced reforms that cast aside whatever did not fit into the new urban model, either because it harked back to practices then viewed as archaic, or because it evoked the perceived modest past of a small population center. It is quite significant that Militão Augusto de Azevedo (1837–1905), a photographer who documented many of these transformations and compiled them in the *Álbum Comparativo da Cidade de São Paulo* [Comparative Album of the City of São Paulo] (1862–1887), did not photograph the pillory, even though he captured the adjacent chapel, devoted to Our Lady of Remedies, which provided shelter to the enslaved people who were tortured there.

The church, inaugurated in 1725, was dedicated to a Marian devotion associated with the liberation of enslaved people in the Middle Ages and, in the context of São Paulo, was linked to the

1 Available at: <https://prefeitura.sp.gov.br/web/cultura/w/inventariomemoria-paulistana>. Accessed: May 28, 2026.

care provided to enslaved people after they were flogged. It was a prominent landmark in the cityscape, one of the few with a tile-covered façade in the 19th century. The significance of this space as a place that addressed the needs of enslaved Black people, however, goes beyond this initial gesture. The chapel was also home to a fraternity that, in the late 1870s, elected the abolitionist lawyer Antônio Bento de Souza e Castro (1843–1898) to be its leader, making it the main stronghold of abolitionism in São Paulo. It was also the base of operations for the Caíazes, a group responsible for supporting and organizing the escape of enslaved people from farms in the São Paulo countryside and guiding them safely to places of freedom, such as the Jabaquara quilombo in Santos.

Antônio Bento lived near the Church of Remedies, at the beginning of what is now Avenida da Liberdade (see image 3 on page 63). A plaque was installed on the wall of number 65, in remembrance of the fact that he had lived on that block and that his residence had been a “stronghold in the struggle to end slavery.” According to research by Marcelo Vitale da Silva, Black men and women celebrated the second anniversary of the abolition of slavery near Antônio Bento's home on May 13, 1890. At the time, the newspaper *O Estado de S. Paulo* reported on various festive demonstrations by the Black population taking place in Liberdade, which had occurred “with characteristic dances and songs, deafening drumming, the harsh sounds of rattles, and enthusiastic, heartfelt belly slaps.”² The house was demolished in 1900, two years after his death.

Demolition was also the fate of the Church of Our Lady of Remedies, beset by the Plano de Avenidas [Avenues Plan] devised by engineers Francisco Prestes Maia and João Ulhôa Cintra. Many historic buildings were torn down to make way for the construction and expansion of roads around the city center, reinforcing the trend that had “modernized” São Paulo more than fifty years earlier. The church was demolished in 1943, despite its listing process being underway with the Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional [National Historical and Artistic Heritage Service] (now IPHAN) and public protests. A new church was built between the neighborhoods of Cambuci and Aclimação, where the old image of Our Lady of Remedies was transferred. Architectural fragments of the temple, such as wood carvings, tiles (see images on page 227), and the stone doorway, were saved and preserved by public institutions in the city, including the Museu Paulista. Even though it now stands at a different location, the church asserts and values its role in the history of abolitionism and the Liberdade neighborhood (see image on page 289).

Not far from the pillory were the gallows, built in 1775 at the behest of the São Paulo Municipal Chamber for the application of the death penalty, in force in Brazil under the Philippine Ordinances during the colonial and imperial periods.³ Hence, the site was named “Largo da Forca” [Gallows Square]. “Liberdade”, the new name chosen for a fountain located in what is now Largo São Francisco, was a celebration of the abdication of Dom Pedro I in 1831. Transferred later to Largo da Forca, the fountain's new name carried over, and the site came to be popularly known as Largo da Liberdade. In 1858, the name of the square was officially changed to Praça da Liberdade.

However, there is another widespread version of the origin of this name. It involves the story of the soldier Francisco José das Chagas, known as Chaguinhas, who led an uprising against unpaid wages in Santos and was consequently sentenced to death. On September 20, 1821, Chaguinhas was led to the gallows, but the

2 SILVA, Marcelo Vitale T. *Territórios negros em trânsito*: Penha de França – sociabilidades e redes negras na São Paulo do pós-abolição. Dissertation (Master's degree in Humanidades, Direitos e Outras Legitimidades), Universidade de São Paulo, São Paulo, 2018, p. 74.

3 BEZERRA, Rafael Zamorano. Traves da forca de Tiradentes. In: Paulo Knauss; Isabel Lenzi; Marize Malta. (org.). *A história do Rio em 45 objetos*. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 2019, p. 51.

rope snapped two or three times,⁴ causing an uproar among those watching the hanging, who pleaded for mercy shouting “Liberdade! Liberdade!” [“Freedom! Freedom!”]. Despite these protests, the authorities executed him.

Chaguinhas was venerated as a saint. His story continues to be remembered at another site of Afro-Diasporic heritage marked by city plaques, where his memory is still honored today—the Chapel of Our Lady of the Afflicted, built in 1779 within the Cemetery of the Afflicted, established in 1774 for the burial of enslaved people, the destitute, those condemned by the courts, and those who died at the nearby Santa Casa de Misericórdia. The creation of the cemetery by the Curia was a means of providing a final resting place for bodies that had nowhere to be buried within or around the churches, where burial plots were purchased for the wealthy and members of religious brotherhoods. In the chapel, funeral rites were performed and prayers offered for those laid to rest there. The Aflitos necropolis ceased to receive burials in 1858, following the inauguration of the Consolação Cemetery. In 1886, the site was divided into lots for new construction. The chapel, which was already the place of popular devotion to Chaguinhas, remained in use and was designated a state cultural heritage site in 1978, and a municipal cultural heritage site in 1991.

The central role of the gallows—and of those condemned to death, especially Chaguinhas—in the history of Liberdade is also linked to another Catholic church in the neighborhood: the Chapel of the Holy Cross of the Souls of the Hanged. Built in 1886, it was a modest place of worship, preceded by a wayside cross embedded in the ground. It is worth noting that this was at the top of a hill, one of the highest in the urban center. The wayside cross and the chapel were places of prayer and annual festivals, always held in May and organized by the Brotherhood of Our Lady of Remedies, whose caretaker led the construction of the chapel. The Remedies and Holy Cross churches thus shared a connection to the city’s Black population, as enslaved people also constituted the majority of those sentenced to death. The veneration of those who died in extreme suffering, in an act that certainly impacted the society witnessing the executions, made this one of the most significant sites of devotion to souls in the central area of São Paulo, to the point that, in 1934, the Casa de Velas Santa Rita [Santa Rita Candle Shop] opened next to the chapel, a store selling Catholic and Afro-Brazilian religious items that remained open until 2023, and closed its doors following the Covid-19 pandemic.

Pain and celebration coexisted side by side in what is now the heart of Liberdade. Ultimately, the worship of the dead is the worship of the ancestors, and in this worship—especially from an African cosmological perspective—celebrating death and life is inseparable. As Amaílton Magno de Azevedo points out, “ancestral spirits are worshipped through dancing and singing.”⁵ In this sense, the festivals in praise of the Holy Cross were pivotal moments for the social life of Black and mixed-race populations, both from São Paulo and the countryside, many of whom lived there.⁶

This network of joy and resistance relied on two of São Paulo’s oldest samba schools: Lavapés and Paulistano da Glória. Lavapés, founded in 1937 by Deolinda Madre—better known as Madrinha

Eunice (1909–1995)—had its stronghold at “Cinco Esquinas”, a place where five streets intersected: Lavapés, Glicério, Sinimbu, da Glória, and Tamandaré. This was where the city center’s shoe shiners would gather for tiririca circles, tripping games interspersed with drumming using their work tools.⁷

The Paulistano da Glória carnival group was also founded by a woman, Augusta Geralda, emerging in the 1940s from a women’s movement of domestic workers in the neighborhood who advocated for their interests. According to Azevedo, the group not only had “massive participation by Black people” but also sang stories about São Paulo’s Black population during its Carnival celebrations. Augusta was the mother of one of São Paulo’s most prominent samba figures: Geraldo Filme (1927–1995). In one of his accounts about Paulistano da Glória, the singer-songwriter described tensions with other Liberdade residents in the 1980s, when Japanese-Brazilian and Korean merchants offered “Black residents sums of money to leave the area.” The offers were not accepted, according to the samba artist, because there was a strong sense of preserving the place for the memory of the samba school.⁸ Both Cinco Esquinas and Lavapés Samba Schools had their locations marked with Inventário Memória Paulistana plaques since 2021 and 2024, respectively.

Also regarding the political activism of the Black community in the Liberdade neighborhood, it is important to note the founding of the Frente Negra Brasileira [Brazilian Black Front] (FNB), the country’s first major Black organization following the abolition of slavery. The Front was founded in 1931 as an association to advocate for rights to which Black people had little or no access after the end of slavery, such as healthcare, education, employment, and social security. At its first address, it was two rooms in a building on Praça da Sé, moving shortly thereafter to a property on what is now Avenida da Liberdade. In addition to administrative offices, the headquarters also featured a beauty salon, games room, dental practice, bar, venue for parties and official ceremonies, theater group, music group, and voter registration office. The association also published its own newspaper, *A Voz da Raça*, a leading publication of the national Black press, which was in circulation from 1933 to 1937.⁹

Despite its diverse areas of activity, the Brazilian Black Front focused on education as the primary path to securing rights and achieving social advancement for the Black population. To this end, it established a school and vocational training programs aimed at eradicating illiteracy and providing skills for the job market. The organization grew and expanded, opening branches in other municipalities across the state and the country, drawing thousands of members, and eventually being recognized as a political party in 1936. Its trajectory was interrupted, however, after the establishment of the Estado Novo (1937–1945) by Getúlio Vargas, which declared the association/party illegal and shut down its activities. The only reference to the existence of what was once the Brazilian Black Front in the city of São Paulo is one of the blue plaques from the program dedicated to the city’s history, affixed in 2022 to the wall of the Portugal House, a building inaugurated on the same site in 1955.

The history of the African diaspora continues to be inscribed in Liberdade. Among its absences are the Pillory and the Black Front. As enduring elements, there are the Chapel of the Afflicted and the discovery of human remains and archaeological artifacts in its surroundings, which has been mobilizing different actors. This is

7 For more on the social interactions surrounding the tiririca and São Paulo’s samba circles, see SANTOS, André A. Oliveira. ‘*Vai graxa ou samba, senhor?*’: a música dos engraxates paulistanos entre 1920 e 1950. Dissertation (Master’s in Social History), Universidade de São Paulo, São Paulo, 2015.

8 AZEVEDO, Amaílton Magno de. *Op. cit.*, 2025, p. 62-64.

9 DOMINGUES, Petrônio. Um “templo de luz”: Frente Negra Brasileira (1931-1937) e a questão da educação. *Revista Brasileira de Educação*, v. 13, n. 39, Sep/Dec 2008. See also BARONE, Ana Claudia Castilho. Liberdade e Punição: O que se reivindica na disputa pela identidade racial no bairro da Liberdade? *Cadernos PROARQ* 36. Jun. 2021, p. 74-92.

the case of the União dos Amigos da Capela dos Aflitos [Union of Friends of the Chapel of the Afflicted] (UNAMCA), created in 2018, which has worked to preserve its heritage and give visibility to Black and Indigenous memory in Liberdade. In addition to the Inventário Memória Paulistana program, which helps identify the Black presence in the neighborhood through a route of informational plaques, it is worth noting the installation of the statue honoring Madrinha Eunice in 2022, in the center of the square (see image 2 on page 301). The work by artist Lídia Lisboa is yet another acknowledgment of Black Liberdade, which has been growing alongside recent migratory flows. One example is the Centro de Estudos Culturais Guineenses [Center for Guinean Cultural Studies], created with the aim of establishing a hub for the appreciation and dissemination of West African cultures, in dialogue with Afro-Brazilian cultures and the expressions of the African diaspora in the Americas and Europe.

Founded in 2016 by Abou Sidibé, an artist who immigrated from Guinea to Brazil, the center’s headquarters are also known as “Casa Liberdade”, a name that makes reference to the neighborhood to convey what the house means to the many immigrants of various nationalities who find temporary shelter there. Located on Rua dos Estudantes, the house has become a space for dance and percussion classes and workshops, as well as for storytelling and interaction that strengthens the bonds between different contemporary migrant groups. The Centro de Estudos Culturais Guineenses coordinates various initiatives in the surrounding area through partnerships with other organizations and institutions, thereby creating a space for reception and sociocultural integration.

Haitian immigration, driven by political instability in recent decades and the profound effects of the 2010 earthquake, has found support and a sense of community at the Church of Our Lady of Peace. The parish of the same name, established in 1940 in the Liberdade neighborhood, has been the location for the Haitian community’s religious celebrations since 2013. It is also home to the Casa do Migrante [Migrant House], founded in the 1970s and which, to this day, offers shelter, courses, and assistance not only to people from the Caribbean nation but also to Congolese, Angolan, and Nigerian nationals, and people from various other countries in Africa, Latin America, and the Middle East. There is also a Haitian presence at the Ocupação Jean-Jacques Dessalines [Jean-Jacques Dessalines Occupation]. Established in the neighborhood in 2021, and also known as the Ocupação dos Imigrantes [Immigrants’ Occupation], it pays homage to a hero of Haiti’s independence. Many Haitian refugees have passed through this occupation, which was cleared out by the police by court order in February 2026.

Recognition of the historical Black presence in the Liberdade neighborhood led Black advocacy groups to challenge the naming of the square as Liberdade-Japão. The name, which was officially adopted by the São Paulo City Hall in 2018, was seen as a way of prioritizing the area’s Japanese identity over other identities that also had deep-rooted histories there, such as the Afro-Diasporic community. Thus, as a form of historical redress, in 2020, City Council members Paulo Reis (PT) and Luana Alves (PSOL) proposed a new name. The bill was passed by the City Council and signed into law by Mayor Ricardo Nunes in May 2023, when Municipal Law No. 17,954 officially established the name of the square as Liberdade-África-Japão (see image 1 on page 300).¹⁰

10 Available at: <https://legislacao.prefeitura.sp.gov.br/lei-17954-de-31-de-maio-de-2023>. Accessed: Jun 1, 2026.

LIBERDADE: PLURAL NEIGHBORHOOD

Liberdade: bairro plural [Liberdade: plural neighborhood] is an exhibition that takes an innovative approach to one of the best-known and most iconic neighborhoods in the city of São Paulo.

Located just south of Praça da Sé and its cathedral, Liberdade has welcomed various ethnic groups over the years. These groups consist of people who share the same origin and culture, with a common language, customs, and traditions. They settled in this area and built part of their identities in the capital. The hill—bounded by the Tamanduateí and Ito­roró rivers, as named by the Tupi indigenous people who inhabited the region—began to be occupied especially from the late 18th century (1701–1800). Portuguese settlers, *caipiras* (country folk), and both enslaved and free Africans and Afro-Brazilians settled there.

In the 19th century (1801–1900), Liberdade was home to the gallows, the pillory, the Santa Casa da Misericórdia [Santa Casa da Misericórdia Hospital], the Cemitério dos Aflitos [Cemetery of the Afflicted], and the Casa da Pólvora [Gunpowder House]. These facilities made the area unsanitary and associated with difficult memories. As a result, property values declined, and housing became more affordable.

Starting in 1880, various migrant groups took up residence and circulated through the neighborhood. Among them were Italians, Portuguese, Germans, Japanese, Chinese, Taiwanese, Russians, Lebanese, and Americans. These communities established themselves through housing, businesses, and cultural or religious associations. In recent years, Liberdade’s diversity has grown and been revitalized with the arrival of immigrants from Africa, Latin America, the Middle East, and the Caribbean.

This exhibition invites you to see this neighborhood in a new light. Its diversity coexists with omissions and disputes over memory that often obscure its pluralism.

WHAT IS A NEIGHBORHOOD?

What is a neighborhood? For those who manage it, its boundaries are clearly defined. For those who live in it, visit, or pass through it, those boundaries are not fixed. They are more flexible and depend on our own mental map—that is, on how each person perceives the city. The neighborhood is thus perceived, recognized, and experienced.

And what is an ethnic neighborhood? It emerges when members of a group settle in an area and transform it through their

presence. A neighborhood can be identified with a particular group through the presence of associations, schools, newspapers, and businesses; through physical differences and clothing styles; and through the sounds of a language. This perception is not determined by the number of residents, but by a certain atmosphere.

Ethnic concentration can result from economic hardship, but also from cultural choice. Being close to people of the same background makes it easier to maintain ties, support one another, and integrate into the new society and the new area. But an ethnic neighborhood is not static; new groups are constantly arriving and leaving.

An ethnic neighborhood is always plural. It is multi-ethnic because it is home to people from different backgrounds and cultures. Their coexistence is often not harmonious, and diversity is not always visible.

ON PLURALITY

The Liberdade neighborhood is pluralistic. This pluralism has been shaped throughout its history by the various ethnic and social groups that have settled there, including Indigenous peoples, Portuguese, Africans and Afro-descendants, Germans, Chinese, Japanese, Italians, Russians, Lebanese, Americans, Haitians, Bolivians, Guineans, and many others. The flow of arrivals and departures continues to this day, with people coming from other regions of Brazil, other countries, and various parts of the city. Together, these diverse groups shape the neighborhood as it is today. In Liberdade, one can find associations, places of worship for different religions, various commercial establishments, and residents from a wide range of backgrounds—some highly visible, others less so.

However, pluralities are not simply the sum of these groups and their members. Neighborhood life is a complex and diverse coexistence, marked by dialogue and exchange, but also by conflicts, disputes, and negotiations.

ORIGINS OF THE NEIGHBORHOOD OF LIBERDADE

The Liberdade neighborhood is located on the highest part of the hill where São Paulo was founded. This area remained sparsely populated until the mid-19th century (1801–1900). At that time, it was home to urban structures associated with violence, death, and disease. For this reason, the area was stigmatized. It housed the gallows, which dominated the landscape; the pillory, which marked the neighborhood’s entrance; the Santa Casa de Misericórdia, the Cemitério dos Aflitos, the Casa da Pólvora, and a slaughterhouse.

Additionally, as one of the city’s primary exits, the streets and squares of Liberdade

frequently served as thoroughfares and stopping points for mule trains and freight wagons. Some of the neighborhood’s main roads were built along the routes of ancient Indigenous trails.

Starting in the 1870s, São Paulo began to expand. Liberdade attracted both foreigners and country folk arriving in the capital. Since the neighborhood was associated with traumatic and dangerous events in the 19th century, property values remained low. This allowed newcomers to find affordable housing. This characteristic of welcoming residents with limited financial resources persists to this day.

ONE LIBERDADE, MANY DIFFERENT LIMITS

The territory of the Liberdade neighborhood, as experienced by its diverse ethnic groups and generations of residents and visitors, does not coincide with the boundaries established by the various public and private entities for this area in the city of São Paulo. Nor are these boundaries all consistent with one another. The Liberdade subdistrict as defined by the City Hall excludes, for example, the northern part of the neighborhood and the Praça da Liberdade itself, which is located in the Sé district. The boundaries used in Liberdade by both the Civil Police (police stations) and the Archdiocese of São Paulo (parishes) also do not coincide.

PRESENCES

There is a broad plurality of social groups that have settled in the Liberdade neighborhood and contributed to its development.

This module presents collections from cultural institutions that have played a role in the social development of this part of the city. Most of these institutions are still based in the neighborhood and were established with funds raised by the ethnic groups that comprise them.

Other institutions, however, left the neighborhood for different reasons. The Sociedade Musical Lyra [Lyra Musical Society] was expelled during World War II. The Igreja dos Remédios [Church of Remedies] stood next to the former Largo do Pelourinho, now known as Largo Sete de Setembro. It was demolished in 1943 and rebuilt on a different location, between the neighborhoods of Aclimação and Cambuci. The Frente Negra [Black Front] was located on the site where the Casa de Portugal [Portugal House] stands today. Getúlio Vargas ordered its dissolution in 1937. The Liga Itálica [Italian League], meanwhile, ceased operations in the 2010s.

The collections on display here relate to various aspects of the history and daily life of these institutions and the groups they represent. Architectural plans of the headquarters, religious objects, musical instruments, work tools, photographs, clothing, furniture, decorative objects, and other items were chosen to help us understand the role these institutions have played in shaping the neighborhood of Liberdade as a territory marked by diversity during the past 200 years.

ASSOCIAÇÃO OKINAWA KENJIN DO BRASIL [OKINAWA KENJIN ASSOCIATION OF BRAZIL]

The Okinawa archipelago, formerly the Ryukyu Kingdom, was annexed by Japan in 1879. Located at the southernmost tip of the country, the prefecture has a warmer climate, and is historically poorer. Its inhabitants had their own languages, customs, and traditions. With its annexation, Japanese was imposed as the official language.

Okinawan emigration began in the late 19th century, with settlers heading to Hawaii. In the case of Brazil, the first ship from Japan arrived in Santos in 1908, carrying 781 immigrants—325 of whom were Okinawans. Today, they account for about 10% of Japanese immigrants and their descendants living in Brazil.

They maintain a distinct identity within the Japanese community, even though this may not be apparent to those who are not

of Japanese descent. The Associação Okinawa Kenjin do Brasil [Okinawa Kenjin Association of Brazil] has been based in São Paulo since 1926. Its current headquarters opened in 1978 in Liberdade, houses a museum featuring artifacts related to the origins and unique characteristics of the Okinawan people.

MUSEU HISTÓRICO DA IMIGRAÇÃO JAPONESA [HISTORIC MUSEUM OF JAPANESE IMMIGRATION]

The Museu Histórico da Imigração Japonesa [Historic Museum of Japanese Immigration] belongs to the Sociedade Brasileira de Cultura Japonesa e de Assistência Social [Brazilian Society of Japanese Culture and Social Welfare], known as Bunkyo. It is the primary institution of the Japanese-Brazilian community, and has been headquartered in Liberdade since 1955. The museum was opened in 1978, on the occasion of the 70th anniversary of Japanese immigration to Brazil. Among the ethnic groups present in Liberdade, only the Japanese have established their own museums in the neighborhood.

The museum houses an extensive collection of objects, documents, and images detailing the daily lives of immigrants in both rural and urban areas, their origins and ties to Japan, their artistic and cultural expressions, as well as aspects related to their ethnic presence in Liberdade.

The current long-term exhibition focuses in greater detail on the urban experience of Japanese people and their descendants, as well as their struggle during World War II, when the community was persecuted by the Brazilian government.

CAPELA DOS AFLITOS [CHAPEL OF THE AFFLICTED]

The chapel dedicated to the worship of Our Lady of the Afflicted was built in 1779 within the Cemitério dos Aflitos [Cemetery of the Afflicted], established in 1774. The cemetery was intended for the burial of enslaved people, the destitute, those executed by the courts, and those who died at the nearby Santa Casa de Misericórdia Hospital. The Curia established this cemetery to provide a resting place for bodies that could not be buried in churches or their surroundings, as burials in such places were reserved for the wealthy or those affiliated with religious brotherhoods.

Funeral rites and prayers were held at the chapel until the cemetery ceased to hold burials in 1858, following the opening of the cemetery in Consolação. In 1886, the site was subdivided for new construction. The chapel, which was already a center of popular devotion to Chaguinhas, remained

in use and was designated a state cultural heritage site in 1978 and a municipal cultural heritage site in 1991.

CENTRO CULTURAL DA GUINÉ [GUINEA CULTURAL CENTER]

The Centro de Estudos Culturais Guineenses [Center for Guinean Cultural Studies] was founded in 2016 by Abou Sidibé, an artist who emigrated from Guinea to Brazil. The space is also known as “Casa Liberdade,” a name that both references the neighborhood and reflects what the house means to many immigrants of various nationalities who find temporary shelter there.

The center was established to promote West African cultures, while fostering dialogue with Afro-Brazilian cultures and African cultures in the Americas and Europe.

Located on Rua dos Estudantes, it has become a venue for dance and percussion classes and workshops. It also hosts storytelling events and gatherings aimed at strengthening ties among different contemporary migrant groups. The center coordinates various initiatives in the surrounding area through partnerships with other organizations and institutions, providing a space for reception and sociocultural integration.

CASA DE PORTUGAL [PORTUGAL HOUSE]

Founded in 1935, the Casa de Portugal serves Portuguese nationals and their descendants. It stands as one of the largest organizations linked to Portuguese immigration in the city, alongside the Beneficência Portuguesa de São Paulo [Portuguese Charity of São Paulo] and Portuguesa de Desportos [Portuguese Sports Club].

Its headquarters on Avenida da Liberdade opened in 1955, and feature a Neo-colonial style of ornamentation, inspired by the Luso-Brazilian architecture of the colonial period (1532–1815). Introduced in São Paulo by the Portuguese architect Ricardo Severo, it seeks to pay homage to Brazil’s historical ties to Portugal. For many decades, the building also housed the Portuguese Consulate General.

The institution promotes the preservation of traditional Portuguese dances, music, and cuisine. It also maintains a large library specialized in Portuguese subjects. Its large ballroom is used for organization’s celebrations and is also rented out for external events. The space has hosted gatherings of other ethnic institutions in the neighborhood, such as the Catedral Ortodoxa Russa [Russian Orthodox Cathedral] and the Igreja Presbiteriana de

Formosa [Formosa Presbyterian Church], both of which celebrated their 50th anniversaries there.

CATEDRAL MARONITA NOSSA SENHORA DO LÍBANO [MARONITE CATHEDRAL OF OUR LADY OF LEBANON]

Inaugurated on Rua Tamandaré in 1967, the Catedral de Nossa Senhora do Líbano [Cathedral of Our Lady of Lebanon] serves as the seat of a Maronite Eparchy (diocese). Maronites are Christians who follow a rite established by Saint Maron, which differs from the Roman (Latin) and Byzantine (Greek) rites. Maronitism has historically been concentrated in Lebanon, under the authority of the Catholic Pope. Brazil has the largest community of people of Lebanese origin outside of Lebanon, a large part of which is Maronite.

Though many descendants of Lebanese Maronites live in neighborhoods in the southern area of São Paulo, such as Vila Mariana, Paraíso, and Itaim Bibi, the cathedral was built in Liberdade, a more central neighborhood that is easily accessible from all parts of the city.

In 2013, the building underwent extensive renovations. The exterior and interior walls were clad with limestone from Lebanon. Murals were also painted, such as the one depicting the Virgin Mary surrounded by Lebanon's snow-capped peaks.

CATEDRAL METODISTA [METHODIST CATHEDRAL]

The Catedral Metodista de São Paulo [Methodist Cathedral of São Paulo], located on the Avenida Liberdade, was inaugurated in 1922. Methodists are Christians who branched off from the Anglican Church in the 18th century (1701–1800). The cathedral's architecture is reminiscent of English Gothic churches, the methodists’ country of origin. Its interior features very simple decoration, as is common in churches originating from the Protestant Reformation that took place in Europe in the 16th century (1501–1600).

The first Methodists settled in São Paulo in 1884, arriving from the United States to disseminate their religious principles to new followers. The community met at various locations throughout the capital until the Igreja Metodista Central da Liberdade [Central Methodist Church of Liberdade] was built, which was elevated to cathedral status in 2005.

In 1930, the Igreja Metodista Brasileira [Brazilian Methodist Church] became independent from its headquarters in the United States. As a result, the presence of American missionaries gradually declined. The church's worship services, social assistance, and community activities keep the practices brought by the first missionaries alive and renewed.

CATEDRAL ORTODOXA RUSSA [RUSSIAN ORTHODOX CATHEDRAL]

The Catedral Ortodoxa de São Nicolau [Orthodox Cathedral of St. Nicholas], located on Rua Tamandaré, belongs to the Russian Orthodox Church Outside of Russia and is not subordinate to the jurisdiction of Moscow. This Orthodox Christian church was established shortly after the Bolshevik (Communist) Revolution of 1917, when those dissatisfied with the end of the Tsarist Empire (known as the White Russians) left the country.

The São Paulo parish was established in 1925 and became a diocese in 1934. After the land in Liberdade was acquired, construction began. The church was inaugurated in 1939 and elevated to the status of cathedral that same year. Its exterior features a bulbous dome, a characteristic feature of Russian Orthodox churches. Many of the objects decorating its interior, such as the icons, were brought by White Russian emigrants.

After the end of World War II in 1945, the Orthodox community welcomed new immigrants of Russian origin from the Soviet Union and China. Today, services are held in Russian and Portuguese, depending on the congregation. The cathedral has a choir with a repertoire in both languages.

EXÉRCITO DE SALVAÇÃO [SALVATION ARMY]

The Salvation Army is an international Christian organization headquartered in London, founded in England in 1865 by the Methodist husband and wife William and Catherine Booth. The organization established itself in Brazil in 1922, initially in Rio de Janeiro, where it began providing social assistance for vulnerable populations.

In 1955, The Salvation Army built its headquarters in Liberdade, offering free health care and food services to the poorer residents of the neighborhood and surrounding areas, many of whom are immigrants.

The organization is also known for its distinctive uniforms, its long-standing tradition of collecting donations, and its marching bands. The Salvation Army is particularly visible on the streets of São Paulo during the Christmas season.

IGREJA PRESBITERIANA DE FORMOSA [FORMOSA PRESBYTERIAN CHURCH]

In the 16th century (1501–1600), the Portuguese named the island now known as Taiwan, in the China Sea, “Formosa”. Among the Christian denominations established on the island were the Presbyterians, also known as Calvinists.

Presbyterians from Taiwan began arriving in São Paulo in the 1950s, following the turbulent period of the Chinese Civil War. In 1962, they founded the Igreja Presbiteriana de Formosa, which did not yet have its own building. In the early years, services were held in the homes of the pioneers, until they moved to the Igreja Metodista [Methodist Church] in Liberdade. The decision to build their own temple in the neighborhood dates back to 1966. The land was purchased in 1979, and the building was inaugurated in 1984.

In addition to Taiwanese members, the church welcomes Presbyterians from other backgrounds, including mainland Chinese. Until 1993, the pastors came from Taiwan; today, they are ordained in Brazil.

SOCIEDADE FILARMÔNICA LYRA [LYRA PHILHARMONIC SOCIETY]

The Sociedade Filarmônica Lyra [Lyra Philharmonic Society] was founded in 1884 as the Deutscher Männergesangverein Lyra [Lyra German Men's Choral Association]. It is the oldest cultural organization in São Paulo associated with the German community, adopting its current name in 1955.

In 1925, the organization purchased a plot of land on Rua São Joaquim, in the Liberdade neighborhood, to house its headquarters. Although it was not a neighborhood with a large German population, the land was more affordable, and its central location made it easily accessible for members. Construction began in 1934, marking the association's 50th anniversary.

In the following decade, Brazil entered World War II against the Axis powers (Germany, Italy, and Japan). As a result, the Brazilian government shut down the association and confiscated its new headquarters in 1944.

The association reopened in 1946, but did not return to Liberdade. The building still stands on the site, with a lyre on its façade. The Sociedade Filarmônica Lyra continues its musical activities and is still fighting to reclaim the property.

IGREJA NOSSA SENHORA DA PAZ [THE CHURCH OF OUR LADY OF PEACE]

The Igreja Nossa Senhora da Paz [Church of Our Lady of Peace] serves as the seat of the parish of the same name, established in 1940. It also houses the Italian parish (established in 1956), the Latin American parish (established in 1995), and the Filipino parish (established in 2017). Since 2013, the church has hosted services for the Haitian community.

The building was designed by architect Leopoldo Pettini, with frescoes by Fulvio Pennacchi and sculptures by Galileo Emendabili—all of whom were Italian.

The church is also the headquarters of Missão Paz, founded in 1939 when the

Missionaries of St. Charles (Scalabrinians) arrived from Italy and settled in the central area of the capital. Its purpose was to provide support to Italian immigrants. In the following decades, the Scalabrinians began assisting migrants from the Brazilian Northeast, as well as immigrants and refugees of various nationalities. In the late 1970s, the Centro Pastoral do Migrante [Migrant Pastoral Center] was established, followed by the creation of the Casa do Migrante [Migrant House], which to this day provides shelter, educational courses, and assistance to this population.

IGREJA DE NOSSA SENHORA DOS REMÉDIOS [CHURCH OF OUR LADY OF REMEDIES]

The Capela de Nossa Senhora dos Remédios [Chapel of Our Lady of Remedies] was inaugurated in 1725, though construction continued for many years. Devotion to the saint began in the 13th century (1201–1300) and is rooted in her role in the liberation of Christians enslaved in Africa and the Middle East. In São Paulo, from the 18th century (1701–1800) onward, it is associated with the care of people punished at the pillory (*pelourinho*), which stood next to the church in the neighborhood of Liberdade.

The chapel was a landmark among the city's other churches. Its façade featured a tall pediment that took up nearly half the building's height. This design allowed the bells to be installed at three points along the façade, rather than in a tower. In the 19th century (1801–1900), the façade was adorned with tiles, making it the only church in the city with this type of cladding.

In the late 1870s, the abolitionist lawyer Antônio Bento de Souza e Castro became the steward of the Brotherhood of Our Lady of Remedies. Under his leadership, the church became the primary stronghold of the abolitionist movement in the city. It served as the operational hub for the Caifazes, a group that organized the escape of enslaved people from plantations in the interior of São Paulo and transported them to the Quilombo do Jabaquara, in Santos.

CENTRO CULTURAL DE TAIPEI [TAIPEI CULTURAL CENTER]

The Centro Cultural de Taipei [Taipei Cultural Center] houses Taiwan's commercial and cultural representative office in São Paulo. It occupies two floors of Hakka Plaza, a building owned by the Associação Hakka do Brasil [Hakka Association of Brazil], which is affiliated with Taiwan's official representative office in Brazil. Construction of the building in the Liberdade neighborhood began in 2002, and the center was inaugurated in January 2005.

The organization is dedicated to serving the Taiwanese community and hosting

associative and cultural activities. It also provides the community with a library, meeting rooms, and classrooms, as well as an exhibition space.

The Cultural Center preserves and displays part of the collection of the Centro Social Chinês [Chinese Social Center], founded in 1927—the oldest organization in the Taiwanese community. Its headquarters, on Rua Conselheiro Furtado, is currently undergoing renovation.

It also preserves items from its own collection. These items document the experiences of the Taiwanese community in São Paulo and in Brazil through passports, travel records, newspapers and magazines, records, books, and other objects.

TEMPLO BUDISTA BUSSHINJI [BUSSHINJI BUDDHIST TEMPLE]

Located in Liberdade, the Templo da Escola Budista Soto Zen [Soto Zen Buddhist School Temple] is the oldest and most central Buddhist temple in São Paulo. It serves as the headquarters for this branch of Buddhism in Latin America. São Paulo—and the Liberdade neighborhood—is a strategic site for its establishment, as it is home to the largest concentration of Japanese people and their descendants in South America.

Following the end of World War II, Japanese immigration to Brazil resumed in 1952. Three years later, a Japanese missionary arrived and established the temple in a house in Liberdade. Over the years, monks from Japan began teaching their local disciples, although this did not stop priests from Japan from coming to lead the temple in São Paulo.

In 1995, the temple, designed with its own unique architectural style, was finally inaugurated on Rua São Joaquim, coinciding with the 40th anniversary of Zen Buddhism in Brazil. In 2008, on the centennial of Japanese immigration to Brazil, construction began on the Pavilhão do Espelho [Mirror Pavilion], which was inaugurated the following year at the rear of the property.

OCUPAÇÃO JEAN-JACQUES DESSALINES [JEAN-JACQUES DESSALINES OCCUPATION]

In June 2021, the Ocupação Jean-Jacques Dessalines [Jean-Jacques Dessalines Occupation], also known as the Ocupação dos Imigrantes [Immigrants’ Occupation], was established in Liberdade on a property near Praça João Mendes. After nearly five years of existence, the property was cleared by the police under a court order in February 2026. Its name honors Jean-Jacques Dessalines, a hero of Haiti’s independence. This choice is significant because it highlights his courage and

references the Caribbean nation. Haitian refugees have been seeking refuge in Brazil in recent years, and some have stayed in this occupation.

In recent years, Brazil has re-emerged as part of the world’s migration routes. New arrivals from Asia, Africa, and Central and South America are joined by migrants from other regions of Brazil, mainly from the North and Northeast. These populations, who are generally poor and vulnerable, seek affordable housing in central neighborhoods, as these areas offer more job opportunities.

As a result, Liberdade returned to its early 20th-century character (1901–2000), when immigrants from other countries, such as Japan, settled there for the same reasons.

FRENTE NEGRA BRASILEIRA [BRAZILIAN BLACK FRONT]

Founded in 1931, the Frente Negra Brasileira (FNB) was an association formed by Black people who came together to fight for rights that remained largely inaccessible to them after the end of slavery. It initially occupied two rooms in a building on Praça da Sé, and later moved to a building on what is now Avenida da Liberdade, on the site where the Casa de Portugal stands today. The headquarters housed various activities and featured administrative offices, a beauty salon, a barbershop, a game room, a dental office, and a bar. The building also hosted a space for celebrations and official ceremonies, a theater group, a music group, and a voter registration office. Between 1933 and 1937, the association published its own newspaper, called *A Voz da Raça*.

Investing in education as the primary means of securing rights and achieving social advancement for Black people, the FNB established a school and vocational training programs with the goal of combating illiteracy and preparing people for the job market.

The association grew and expanded to other municipalities in São Paulo and other states, attracting thousands of members. In 1936, it was recognized as a political party. However, in 1937, it was declared illegal by the Getúlio Vargas administration during the Estado Novo, and its activities were shut down.

LIGA ITÁLICA [ITALIAN LEAGUE]

The Liga Itálica was the oldest organiza-tion in São Paulo associated with Italian immigrants and its presence shows that Liberdade was also part of daily life for Italians in the city, alongside the better-known neighborhoods such as Brás, Bexiga, Barra Funda, and Mooca.

The League originated from the merger of two organizations— the Società di Mutuo Soccorso Lega Lombarda and Muse Italiche. Founded in 1897, the Società brought together immigrants from Lombardy and played an important role in coordinating labor movements, having hosted meetings of the Aliança Nacional Libertadora [National Liberation Alliance] and the Federação Operária de São Paulo [São Paulo Labor Federation]. In 1944, during World War II, the Lega was targeted by the Brazilian government’s crackdown on associations linked to Italian, German, and Japanese immigrants. Muse Italiche was a musical association that merged with the Lega in 1958.

To this day, the League has continued to host various dance events and festivities in its hall, including those organized by Japanese-Brazilians. Its headquarters was sold in 2016 and later occupied by vulnerable populations.

IGREJA DA SANTA CRUZ DOS ENFORCADOS E CASA DE VELAS SANTA RITA [CHURCH OF THE HOLY CROSS OF THE HANGED AND SANTA RITA CANDLE HOUSE]

In 1886, a chapel dedicated to the Holy Cross was built in Largo da Liberdade, formerly known as Largo da Forca. It served as a place of worship, used for prayer and for the annual festivals held in May.

At that time, devotion to the Holy Cross was promoted in the neighborhood by the Irmandade de Nossa Senhora dos Remédios [Brotherhood of Our Lady of Remedies]. One of the chapel’s builders and its first caretaker was a member of this brotherhood, which was linked to the abolitionist movement.

The chapel’s original connection to the Igreja dos Remédios and to African-Brazilian traditions helps explain why it attracts devotion focused on the souls of those who were hanged, since enslaved people made up the majority of those sentenced to death. It is also associated with the execution of the soldier Francisco José das Chagas, known as Chaguinhas, in 1821.

The belief in the intercession of those who died in suffering led the chapel to become the main center of devotion to the souls in the city’s downtown area.

In 1934, demand from the faithful led to the opening of the Casa de Velas Santa Rita [Santa Rita Candle House], which became a leading retailer of Catholic and Afro-Brazilian religious items. The store closed in 2023 as a result of the Covid-19 pandemic.

A NEIGHBORHOOD IN DISPUTE

Urban diversity involves the coexistence of different groups, of which conflict is a part. The more diverse a neighborhood is, the more visible its tensions and negotiations become. Throughout its history, the Liberdade neighborhood has always been—and remains—a territory of disputes. Individuals and groups demonstrate their ties to the place in countless ways, manifested as institutions, ethnic businesses, monuments, and the names of squares and streets. It is also evident in the decoration of public thoroughfares and the façades of private establishments, among other initiatives.

How are these disputes perceived by the public who circulate through the neighborhood? How do residents, business owners, and institutions contest their interpretations of Liberdade’s past and present? This section explores processes of concealment, reclaiming, and overlapping of the neighborhood’s memories. These memories are constructed through written history and documentation as well as oral traditions. Thus, the territory becomes an arena of disputes and pluralities.

WHERE WAS LARGO DO PELOURINHO LOCATED?

Largo Sete de Setembro, adjacent to the current Fórum João Mendes, was formerly known as Largo do Pelourinho. This name referred to the pillory erected whenever a Portuguese village or city was founded, to symbolize the Crown’s authority in the locality. In Brazil, however, it is remembered less as a sign of political power and more for its routine and cruel use: as a site for the punishment and torture of enslaved people.

While the date of the pillory’s demolition is unknown, the square’s name certainly persisted in the city’s memory for many years. In 1865, the site was officially renamed to its current designation. This change gradually obscured the memory of the acts of brutality that occurred there.

The public discomfort surrounding the events at Largo do Pelourinho may explain why no photographs of that space have survived. It was notably absent from the work of photographer Militão Augusto de Azevedo, despite his extensive documentation of the city throughout the 1860s and 1880s.

THE EXPULSION OF THE JAPANESE

The persecution of the Japanese community began well before Brazil entered World War II in 1942. Repressive laws had already been in effect since 1938, and the political police (DEOPS) monitored Liberdade. Individuals were arrested and harassed, often based solely on their physical appearance. However, this persecution reached its peak between 1942 and 1943. During this period, Japanese residents were expelled from the neighborhood, which had been designated a national security zone due to its central location.

There was no formal legislation mandating these evictions; families received evacuation orders and were forced to leave their homes on short notice. While an unknown number of people were evicted—which led to the community’s dispersal—not everybody left. Shops, guesthouses, and hotels were closed, but some managed to remain open, particularly those located outside the central area of the “Japanese quarter”—Rua Conde de Sarzedas and its immediate surroundings.

This persecution left a mark on the group’s collective memory, even though it lasted only a few years. The ethnic concentration of Japanese people and their descendants in Liberdade endured; after the war, some of the expelled families returned to the neighborhood in search of a place where they could also make a living.

THE EXPULSION OF THE GERMANS

The persecution of immigrants from Axis powers (Germany, Italy, and Japan) began during the Estado Novo regime, even before Brazil entered World War II. However, these repressive measures were not applied uniformly. Germans faced persecution in the south of the country. Italians, perceived as more similar to Brazilians, were spared the harshest treatment. In São Paulo, the Japanese community was the hardest hit.

Even so, the laws were restrictive. The dictatorial context of the Estado Novo and the surveillance by the political police made life difficult for these immigrants and their communities. Regarding the Germans in the city of São Paulo, the case of the persecution of the Sociedade Lyra [Lyra Society] is illustrative. The association purchased a plot of land in Liberdade, where it built its headquarters. However, it enjoyed the space for only a short time, as the building was closed in April 1942, during World War II.

In July 1945, two months after the war in Europe ended with Germany’s surrender, the building was confiscated by decree and transferred to the Ministry of War. The following year, the Lyra Society resumed its operations at a different location. It has yet to regain possession of the building through the Brazilian courts.

THE DEMOLITION OF THE IGREJA DOS REMÉDIOS [CHURCH OF REMEDIES]

In the 1920s and 1930s, engineers Francisco Prestes Maia and João Ulhôa Cintra developed the so-called Plano de Avenidas [Avenues Plan], which proposed a new road system for São Paulo. The proposal involved building new thoroughfares branching out from a ring road to be constructed around the city center. In order to carry out the construction work, many historic buildings faced demolition. Beyond the drive to modernize the city, there was also an effort to remove colonial-era structures from public spaces, as they were seen as a symbol of backwardness.

The Igreja de Nossa Senhora dos Remédios [Chapel of Our Lady of Remedies] was among the buildings slated for demolition, which took place in 1943. At the time, the chapel was undergoing the heritage listing process by the Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional [National Historical and Artistic Heritage Service] (now IPHAN), and its destruction proceeded despite public protests. A new church was then built between the Cambuci and Aclimação neighborhoods. Architectural fragments from the chapel—such as wood carvings, tiles, and the stone portal—were salvaged and preserved by public institutions in the city.

Even in its new location, the church values its role in the history of the abolitionist movement and the Liberdade neighborhood.

THE JAPANIZATION OF LIBERDADE

In 1969, the idea of creating an “Oriental district” in Liberdade emerged, a proposal that gained support from both business owners and the City Hall. During the 1970s, municipal authorities carried out various improvements in the neighborhood. Red-painted lampposts inspired by Japanese streetlights (*suzuranto*) were installed, along with hydraulic tiles on the sidewalks featuring Shinto motifs (*mitsudomoe*), a large red gate (*Torii*), and two Japanese-style gardens. Many stores adopted Japanese-language signs, and festivals such as the Hana Matsuri (Flower Festival) and the Tanabata Matsuri (Star Festival) began to be held annually.

This decoration was clearly intended to attract tourists to Liberdade and São Paulo. However, on the one hand, the decision to incorporate characteristic elements of Japanese cities into the neighborhood’s landscape ended up creating an image that did not reflect the lived experience of Japanese-Brazilians in the neighborhood up to that point. On the other hand, it created a hypervisibility of the Japanese presence, making it difficult to remember the other ethnic groups in the neighborhood, such as Afro-Brazilians and other immigrant groups.

THE CEMITÉRIO DOS AFLITOS [CEMETERY OF THE AFFLICTED] REDISCOVERED

The Capela dos Aflitos [Chapel of the Afflicted] is the sole remaining trace of the traumatic colonial past in the Liberdade neighborhood. Since the 19th century (1801–1900), it has been the site of a popular devotion to the soldier Francisco José das Chagas, known as Chaguinhas. He led a revolt against delayed wages and was consequently sentenced to death. In 1821, Chaguinhas was taken to the gallows, but the rope snapped twice. This caused an uproar among the onlookers, who pleaded for his life to be spared. Despite the protests, the authorities carried out his execution.

This story is one of the popular explanations for how the Liberdade neighborhood got its name. It also contributed to Chaguinhas being viewed as a martyr and even a saint.

Archaeological research is currently being conducted at the chapel and its surroundings, where the Cemitério dos Aflitos once stood before it was built over by urban structures. The discovery of artifacts and human remains has mobilized various groups in society. One such group is the União dos Amigos da Capela dos Aflitos [Union of Friends of the Chapel of the Afflicted] (UNAMCA), founded in 2018. The association works to preserve this heritage and seeks to bring visibility to Black and Indigenous memories in Liberdade.

THE SQUARE AND ITS NAMES

In 1775, the São Paulo City Council ordered the construction of a gallows where Praça da Liberdade stands today. It was used to carry out the death penalty. For this reason, the site became known as Largo da Forca.

“Liberdade” was the name given to a fountain built to commemorate the abdication of Dom Pedro I. It originally stood where Largo São Francisco is located today, but was later moved to Largo da Forca. As a result, the site came to be popularly known as Largo da Liberdade. In 1858, the square was officially named Praça da Liberdade.

In 2018, the square was renamed “Japão-Liberdade” to honor the 110th anniversary of Japanese immigration to Brazil, though this change occurred without consulting the neighborhood’s residents or regular users. That same year, the subway station was also renamed.

In 2022, artist Lídia Lisboa created the statue of Madrinha Eunice, which was installed in the center of the square to recognize the neighborhood’s Black history. Madrinha Eunice founded the Escola de Samba Lavapés [Lavapés Samba School] in 1937 and was the first woman to preside over a samba school in São Paulo. In 2023, in response to demands from Black social movements, the square’s name was changed once more to “Praça da Liberdade África-Japão.”

CAPTIONS

p. 54
Audiovisual Topographic Model of the Liberdade Neighborhood
Laborg Studio
Helio Nobre, 2026
Digital photograph
Museu Paulista da USP collection
Scan the QR code on page 55 to watch the video.

p. 55
View of the exhibition *Liberdade: A Plural Neighborhood*
Helio Nobre, 2026
Digital photograph
Museu Paulista da USP collection

p. 56
Rua da Glória and Largo de São Paulo
José Wash Rodrigues, 1920s
Oil paint on canvas, 61 × 120 cm
Museu Paulista da USP collection
This painting depicts Rua da Glória, the Chapel of the Afflicted, and the Cemetery of the Afflicted. However, it was painted in the 1920s, by which time the cemetery had already been closed and demolished. The work is part of a collection of paintings at the Museu do Ipiranga created with the aim of portraying São Paulo’s colonial past in an idealized and positive light, obscuring its conflicts.

p. 57
Map of the Imperial City of São Paulo
Unknown authorship
1790
Ink and watercolor drawing on Canson laid paper
Arquivo Histórico do Exército/Museu Militar
Conde de Linhares Cartographic Collection

p. 58-59
Map of the city of São Paulo
José Jacques da Costa Ourique
1842
Paper
Museu Paulista da USP Collection
The maps on page 57, 58 and 59 show the paths that crossed the hill where the city of São Paulo was founded. Urban facilities associated with death, torture, and disease are marked in red. The area shown on the maps is the current Liberdade neighborhood.

p. 60-61
Sketch of the city of São Paulo, viewed from a hill to the right of the Itu (SP) road
Edmund Pink, 1823
Watercolor painting on paper
MASP B3 Loan – Brasil, Bolsa, Balcão, a tribute to former BM&F and Bovespa board members
Photographic reproduction

p. 60-61
Sketch of the city of São Paulo, viewed from the vicinity of Forca, to the left of the road to Santos, at the city entrance (SP)
Edmund Pink, 1823
Watercolor painting on paper
MASP B3 Loan – Brasil, Bolsa, Balcão, a tribute to former BM&F and Bovespa board members
Photographic reproduction

p. 95	p. 99	p. 105	p. 115	p. 125	p. 132
Façade of the Chapel of the Afflicted under restoration, protected by scaffolding featuring artwork by Marília Marz	Saint Anthony	Nimba Sculpture	Table	Façade of the Methodist Cathedral of São Paulo	Celebration of the Sunday School's Bicentennial
José Rosael, 2026	Unknown authorship	Unknown authorship, 21st century (2001–2100)	Unknown authorship, Undated	José Rosael, 2026	Unknown authorship, 1980
Digital photograph	Undated	Wood	Rosewood	Digital photograph	Photograph
Museu Paulista da USP Collection	Museu de Arte Sacra de São Paulo Collection, sourced from the Chapel of the Afflicted	From the Republic of Guinea		Museu Paulista da USP collection	
p. 96	p. 99	p. 105	p. 115	p. 126	p. 133
Art installation on the wall next to the Chapel of the Afflicted, made with “santinhos” (printed saint cards), including one depicting Chaguinhas	São José	Mask	Mass for the Feast of Our Lady of Lebanon, following the 2013 renovation	Church façade with a banner reading “Second Regional Council of the Methodist Church of Brazil”	Sunday School registration form
Aline Montenegro Magalhães, 2022	Unknown authorship	Unknown authorship, 21st century (2001–2100)	Unknown authorship, 2025	Unknown authorship, 1958	Methodist Church of Brazil
Digital photograph	19th century (1801–1900)	Wood, nail polish	Digital photograph	Photograph	20th century (1901–2000)
Personal archive	Polychrome wood	From the Republic of Guinea			Typed paper, pasted photograph
	Museu de Arte Sacra de São Paulo Collection, sourced from the Chapel of the Afflicted				
p. 96	p. 101	p. 107	p. 118	p. 127	p. 133
Votive candle stand attached to the temporary construction hoarding in front of the Chapel of the Afflicted during restoration.	Façade of the Center for Guinean Cultural Studies	Façade of the Portugal House in São Paulo	A panel displaying photographs of the Cathedral of Our Lady of Lebanon in its original interior layout, prior to the 2013 renovation	Sunday School Boys’ Class	Sunday School registration form
José Rosael, 2026	José Rosael, 2026	José Rosael, 2026	José Rosael, 2026	Unknown authorship, 1931	Methodist Church of Brazil, 20th century (1901–2000)
Digital photograph	Digital photograph	Digital photograph	Digital photograph	Paper, tracing paper	Typed paper
Museu Paulista da USP Collection	Museu Paulista da USP collection	Museu Paulista da USP collection	Museu Paulista da USP collection		
p. 97	p. 102	p. 108	p. 119	p. 128	p. 134
Door inside the Chapel of the Afflicted with notes of requests to Chaguinhas	Abou Sidibé with a sculpture of Madrinha Eunice, by the sculptor Lidia Lisboa, located on Praça da Liberdade África-Japão	A detail of the neocolonial-style architectural design of the façade of the Portugal House building on Avenida Liberdade	Interior view of the Cathedral of Our Lady of Lebanon, featuring a redecoration unveiled in 2013	Expositor Cristiano Newspaper – Sunday School Announcement	Football game on the church grounds
Aline Montenegro Magalhães, 2022	Rubens Suzuki, 2025	Sociedade Anônima Construtora Arnaldo Maia Melo[, 1950s	Unknown authorship, 2000s	São Paulo Methodist Cathedral, 1938	Unknown authorship, 20th century (1901–2000)
Digital photograph	Digital photograph	Tracing paper	Photograph, wood frame	Paper	Photograph
Personal archive	Abou is the director of the Center for Guinean Cultural Studies	Photographic reproduction			
p. 97	p. 102	p. 109	p. 120	p. 128	p. 134
Interior of the Chapel of the Afflicted	Abou Sidibé in front of Suzuranto streetlights	Portrait of Ricardo Severo	Saint Charbel	Women’s Auxiliary Society with Reverend Dickie in the Center	Set of portraits of Reverend Miguel Dickie, Helena Andrews, a visiting nurse, and Zelinda Santana, an organist
Aline Montenegro Magalhães, 2020	Rubens Suzuki, 2025	Gino Bruno, 20th century (1901–2000)	Unknown authorship, Undated		Unknown authorship, 20th century (1901–2000)
Digital photograph	Digital photograph	Oil on canvas	Fiberglass		Photographs mounted on card stock, ink annotations
Personal archive	Yêtréalou Kilê band rehearsal	Ricardo Severo (1869–1940) was a Portuguese architect who advocated the neo-colonial style, inspired by Baroque and Rococo architecture, in Brazil. Severo helped establish Portugal House as a gathering place and social hub for Portuguese immigrants in Brazil.		Unknown authorship, 1932	
	Center for Guinean Cultural Studies, 2024			Photograph	
	Digital photograph			On the back of the photograph there is a note: “Members of the Central Methodist Church Women's Auxiliary Society when it was dissolved to form a single society—the Methodist Women's Society.”	
	Yêtréalou is a word in Susu, a language spoken in the Republic of Guinea. Yêtréalou means “personal freedom”, and Kilê means “collective”.				
p. 98	p. 103	p. 110	p. 121	p. 129	p. 135
Saint Francis of the Wounds	Yêtréalou Kilê band rehearsal	Laying of the cornerstone of the Portugal House on Avenida Liberdade	Lebanese Cedar	Register of baptisms, marriages, and pastors	Postcards of the Methodist Cathedral of São Paulo
Unknown authorship, 17th century (1601–1700)		Unknown authorship, 1955	Unknown authorship, 21st century (2001–2100)	Methodist Church of Brazil, 1925	Unknown authorship
Fired and polychromed clay		Photograph	Sculpture in Lebanese cedar wood	Hardcover	Methodist Cathedral, 21st century (2001–2100)
Museu de Arte Sacra de São Paulo Collection, sourced from the Chapel of the Afflicted				This book contains information about the pastors and the people who attended the Methodist Church in the 1920s. Many of the pastors had English names, suggesting that they came from the United States. The baptism and marriage records, however, show that most of the congregation was Brazilian.	Paper with ink annotations
p. 99	p. 104	p. 111	p. 121	p. 130	p. 136
Doctor Saint	Kora	House guestbook	Saint Maron	Sunday School group with church façade in the background	Cruz de Malta Magazine
Unknown Authorship	Unknown authorship, 21st century (2001–2100)	Unknown authorship	Unknown authorship, Undated	Unknown authorship, 1925	Methodist Youth Society, 1944
18th century (1701–1800)	Gourd, goatskin, nylon, metal button	Portugal House of São Paulo, 1949	Plaster	Paper	Paper
Carved wood, gilding, and polychrome	The kora is a traditional West African musical instrument. It is widely used by griots, who are storytellers and guardians of memory, cultural values, and oral tradition. This kora comes from the Republic of Guinea; it is made of gourd and has 21 nylon strings. The strings are attached to the neck with goatskin straps for tuning.	Paper, leather	Saint Maron is the founder of the first community that gave rise to the Maronite Church.		
Museu de Arte Sacra de São Paulo Collection, sourced from the Chapel of the Afflicted					
p. 99	p. 104	p. 113	p. 122	p. 131	p. 138
Doctor Saint	Djembe	Casa de Portugal em revista - n° 1	Bilingual Missal	Log of the inauguration	Donation Box
Unknown Authorship	Unknown authorship, 1960s	Portugal House of São Paulo, 1983	Imprensa Al Karim, 1959	José Ferraz, 1922	Unknown authorship, 20th century (1901–2000)
18th century (1701–1800)	Wood, leather, string	Paper	Paper	Ink annotation on bound paper	Wood
Carved wood, gilding, and polychrome	From the Republic of Guinea	Portugal House of São Paulo, 1995	Texts in Syriac and Arabic	In November 1922, Pastor José Ferraz wrote about the church’s inauguration: “The inauguration last June of the spacious, comfortable, and beautiful sanctuary—a gift from divine providence and human generosity—has opened up the most magnificent opportunities for our Church.”	
Museu de Arte Sacra de São Paulo Collection, sourced from the Chapel of the Afflicted		Metal			
p. 99	p. 105	p. 114	p. 122	p. 132	p. 138
Doctor Saint	Kenkeni	Clock	Minutes Book	Group at Largo Sete de Setembro	Church pew
Unknown Authorship	Unknown authorship, 21st century (2001–2100)	Horlsant, Undated	Maronite Welfare Society, 1897	Unknown authorship, 1910s	Unknown authorship, 20th century (1901–2000)
18th century (1701–1800)	Wood, goatskin, synthetic string	Metal, glass	Paper, fabric	Photograph	Wood
Carved wood, gilding, and polychrome	From the Republic of Guinea		Texts in Syriac and Arabic		
Museu de Arte Sacra de São Paulo Collection, sourced from the Chapel of the Afflicted					

p. 115	p. 125	p. 132
Table	Façade of the Methodist Cathedral of São Paulo	Celebration of the Sunday School's Bicentennial
Unknown authorship, Undated	José Rosael, 2026	Unknown authorship, 1980
Rosewood	Digital photograph	Photograph
	Museu Paulista da USP collection	
p. 115	p. 126	p. 133
Mass for the Feast of Our Lady of Lebanon, following the 2013 renovation	Church façade with a banner reading “Second Regional Council of the Methodist Church of Brazil”	Sunday School registration form
Unknown authorship, 2025	Unknown authorship, 1958	Methodist Church of Brazil
Digital photograph	Photograph	20th century (1901–2000)
		Typed paper, pasted photograph
p. 117	p. 127	p. 133
Façade of the Cathedral of Our Lady of Lebanon	Sunday School Boys’ Class	Sunday School registration form
José Rosael, 2026	Unknown authorship, 1931	Methodist Church of Brazil, 20th century (1901–2000)
Digital photograph	Paper, tracing paper	Typed paper
p. 118	p. 128	p. 134
A panel displaying photographs of the Cathedral of Our Lady of Lebanon in its original interior layout, prior to the 2013 renovation	Expositor Cristiano Newspaper – Sunday School Announcement	Set of portraits of Reverend Miguel Dickie, Helena Andrews, a visiting nurse, and Zelinda Santana, an organist
Unknown authorship, 2000s	São Paulo Methodist Cathedral, 1938	Unknown authorship, 20th century (1901–2000)
Photograph, wood frame	Paper	Photographs mounted on card stock, ink annotations
p. 119	p. 128	p. 135
Interior view of the Cathedral of Our Lady of Lebanon, featuring a redecoration unveiled in 2013	Women’s Auxiliary Society with Reverend Dickie in the Center	Postcards of the Methodist Cathedral of São Paulo
José Rosael, 2026	Unknown authorship, 1932	Unknown authorship
Digital photograph	Photograph	Methodist Cathedral, 21st century (2001–2100)
Museu Paulista da USP collection	On the back of the photograph there is a note: “Members of the Central Methodist Church Women's Auxiliary Society when it was dissolved to form a single society—the Methodist Women's Society.”	Paper with ink annotations
p. 120	p. 129	p. 136
Saint Charbel	Register of baptisms, marriages, and pastors	Cruz de Malta Magazine
Unknown authorship, Undated	Methodist Church of Brazil, 1925	Methodist Youth Society, 1944
Fiberglass	Hardcover	Paper
	This book contains information about the pastors and the people who attended the Methodist Church in the 1920s. Many of the pastors had English names, suggesting that they came from the United States. The baptism and marriage records, however, show that most of the congregation was Brazilian.	
p. 121	p. 130	p. 137
Lebanese Cedar	Sunday School group with church façade in the background	Sewing machine
Unknown authorship, 21st century (2001–2100)	Unknown authorship, 1925	Singer, 20th century (1901–2000)
Sculpture in Lebanese cedar wood	Paper	Wood, iron, with added electrical wiring
		The Methodist Cathedral has a collection of sewing machines from different eras. This one is made by Singer, a US company, which is the country of origin of the church's first pastors. Currently, a small group of women meets weekly to sew, but their main goal is to spend time together. The machine is old and manual, but it has been adapted for use with electricity.
p. 121	p. 131	p. 138
Saint Maron	Log of the inauguration	Donation Box
Unknown authorship, Undated	José Ferraz, 1922	Unknown authorship, 20th century (1901–2000)
Plaster	Ink annotation on bound paper	Wood
Saint Maron is the founder of the first community that gave rise to the Maronite Church.	In November 1922, Pastor José Ferraz wrote about the church’s inauguration: “The inauguration last June of the spacious, comfortable, and beautiful sanctuary—a gift from divine providence and human generosity—has opened up the most magnificent opportunities for our Church.”	
p. 122	p. 132	p. 138
Bilingual Missal	Group at Largo Sete de Setembro	Church pew
Imprensa Al Karim, 1959	Unknown authorship, 1910s	Unknown authorship, 20th century (1901–2000)
Paper	Photograph	Wood
Texts in Syriac and Arabic		
p. 122	p. 132	p. 138
Minutes Book	Group at Largo Sete de Setembro	Church pew
Maronite Welfare Society, 1897	Unknown authorship, 1910s	Unknown authorship, 20th century (1901–2000)
Paper, fabric	Photograph	Wood
Texts in Syriac and Arabic		
p. 123	p. 132	p. 138
Chasubles	Group at Largo Sete de Setembro	Church pew
Artist unknown, 21st century (2001–2100)	Unknown authorship, 1910s	Unknown authorship, 20th century (1901–2000)
Synthetic fabric	Photograph	Wood

p. 139
Inside view of the Methodist Cathedral of São Paulo
José Rosael, 2026
Digital photograph
Museu Paulista da USP collection

p. 141
Façade of St. Nicholas Orthodox Cathedral
José Rosael, 2026
Digital photograph
Museu Paulista da USP collection

p. 142
Design of the St. Nicholas Orthodox Church
Unknown authorship, 1939
Paper
Photographic reproduction

p. 143
Construction of St. Nicholas Orthodox Cathedral
Unknown authorship, 1939
Photographic reproduction

p. 143
Bishop visits the construction site of St. Nicholas Orthodox Cathedral
Unknown authorship, 1939
Photographic reproduction

p. 144
View of the Russian Orthodox Cathedral under construction, with scaffolding
Unknown authorship, 1939
Photograph

p. 144
Group of people with the bishop during the construction of the Russian Orthodox Cathedral
Unknown authorship, 1939
Photograph

p. 145
View of St. Nicholas Orthodox Cathedral
Unknown authorship, 1940s
Photographic reproduction

p. 145
Façade of St. Nicholas Orthodox Cathedral
Unknown authorship, 20th century (1901–2000)
Photographic reproduction

p. 146
Group of people in front of St. Nicholas Orthodox Cathedral
Unknown authorship, 1939
Photographic reproduction

p. 147
Celebration at the Cathedral
Unknown authorship, 20th century (1901–2000)
Photographic reproduction

p. 147
Market at St. Nicholas Orthodox Cathedral
Unknown authorship, 2020s
Photographic reproduction

p. 147
Youth group meeting
UAlexandra Bussyguin, 2020s
Digital photograph

p. 148
Child's clothing
Unknown authorship, 20th century (1901–2000)
Lace, velvet backing, wooden and glass frame

p. 149
Chasubles of the first bishop
Unknown authorship, 1930s (attributed)
Cotton, hand-embroidered, metal buttons

p. 150
Framed prayer book
Unknown authorship, 19th century (1801–1900)
Printed book, sewn binding, wooden and glass frame

p. 151
Typewriter with Cyrillic alphabet
Underwood, 20th century (1901–2000)
Metal, typewriter ribbon

p. 152
Equatorial Baptism Register
Artus, 1944
Paper

The Equatorial Baptism is a ritual of European origin that marks the first crossing of the Equator. This tradition began with sailors in the 16th century (1501–1600) and is also known as the Neptune baptism.

p. 153
Passport
Razdolinsk Municipal Administration, 1919
Stapled paper, ink annotations, stamp

p. 153
Identity card
Switzerland, 1946
Paper, pen notes, stamps

p. 154
Samovar
Unknown authorship, 20th century (1901–2000)
Metal
The samovar is an object of Russian origin used to heat water and serve tea.

p. 154
Icon
Unknown authorship, Undated
Painting, wood, metal, glass
Icons are the only form of sacred imagery permitted in Orthodox churches, which do not allow the use of sculptures. The paintings are often covered with sheets of precious metals, revealing only the parts of the body being depicted.

p. 155
Miniature altar
Unknown authorship, 20th century (1901–2000)
Wood, paint
The altar is a smaller-scale version of the iconostasis, a structure covered with icons that separates the most sacred part of Orthodox churches

p. 156
Easter egg on a stand
Unknown authorship, Undated
Wood, metal

p. 157
Prayer Book
Kiev-Pechersk lavra typography, 1897
Full-color printed book, sewn binding

p. 158
Announcement of the laying of the cornerstone for the construction of the Cathedral
Unknown authorship, 1939
Paper

p. 158
Map showing the location of the Cathedral
Unknown authorship, 1939
Paper

p. 159
Order form for bricks for the construction of St. Nicholas Orthodox Church
Unknown authorship, 1939
Printed paper

p. 160
Invitation to the 50th Anniversary Celebration of the Cathedral (cover)
St. Nicholas Orthodox Cathedral, 1989
Full-color printed card

p. 160
Invitation to the 50th Anniversary Celebration of the Cathedral (interior)
St. Nicholas Orthodox Cathedral, 1989
Full-color printed card

p. 161
Interior view of St. Nicholas Orthodox Cathedral
José Rosael, 2026
Digital photograph
Museu Paulista da USP collection

p. 163
Salvation Army building façade – Main Building
José Rosael, 2026
Digital photograph
Museu Paulista da USP collection

p. 164
Mosaic detail on the Salvation Army building façade – Main Building
José Rosael, 2026
Digital photograph
Museu Paulista da USP collection

p. 164
Proposed elevation of the Salvation Army building façade
C.F. Franco Engenharia LTDA, 1950s
São Paulo Municipal Public Archives – ARQUIP
Photographic reproduction

p. 165
First-floor plan
C.F. Franco Engenharia LTDA, 1950s
Photographic reproduction
Municipal Archive

p. 166
Promotional brochure for the Salvation Army (cover detail)
Unknown authorship, 1950s
São Paulo Municipal Public Archives – ARQUIP
Photographic reproduction

p. 167
Promotional brochure for the Salvation Army (interior)
Unknown authorship, 1950s
São Paulo Municipal Public Archives – ARQUIP
Photographic reproduction

p. 168
Poster commemorating 75 years of service in Brazil
The Salvation Army, 1997
Printed paper

p. 168
Poster commemorating 75 years of service in Brazil, featuring a photograph of the pioneer couple
The Salvation Army, 1997
Printed paper

p. 169
Book of sheet music for baritone
1950s
Salvationist Publishing & Supplies, London
Printed paper, sewn binding

p. 169
Book of sheet music for soprano
1930s
Salvationist Publishing & Supplies, London
Printed paper, sewn binding

p. 170
Group of Salvationists
Unknown authorship, 20th century (1901–2000)
Photograph

p. 171
Record by the Salvation Army Band
Salvation Army, 1970s
Paper, plastic, vinyl

p. 171
First album by the Salvation Army Territorial Band
Salvation Army, 1970s
Paper, plastic, vinyl

p. 172
Flag of the Salvation Army Central Corps Band
Unknown authorship, 20th century (1901–2000)
Fabric

p. 172
Meeting room-style chair
Móveis Cimo S.A.
Fábrica Rio Negrinho, 20th century (1901–2000)
Wood

p. 173
“Red Kettle” donation can
Salvation Army, 20th century (1901–2000)
Iron, wood
The donation can is a traditional Salvation Army symbol, typically used on the streets, especially in November and December

p. 174
Women's coat
Unknown authorship, 20th century (1901–2000)
Fabric

p. 174
Women's black hat
Unknown authorship, 20th century (1901–2000)
Fabric, plastic frame

p. 175
Men's hat
Meissner Irmãos & Cia, military cap factory, Curitiba, 20th century (1901–2000)
Fabric, plastic frame

p. 175
Men's jacket
Salvata Uniforms Depot, Oslo, 20th century (1901–2000)
Fabric

p. 176
Cornet
Unknown authorship, 20th century (1901–2000)
Metal

p. 176
Tambourine
Unknown authorship, 20th century (1901–2000)
Metal, fabric, leather

p. 177
Tuba
Unknown authorship, 20th century (1901–2000)
Metal

p. 179
Façade of the Presbyterian Church of Formosa
José Rosael, 2026
Digital photograph
Museu Paulista da USP collection

p. 180
Building works on the church
Unknown authorship, 1980s
Photographic reproduction

p. 181
Group of Formosa Presbyterians in front of the Liberdade Methodist Church
Unknown authorship, 1962
Photograph
Photographic reproduction

p. 181
Group standing outside the first house purchased to host the church
Unknown authorship, 1970s
Photograph
Photographic reproduction

p. 181
Group standing outside the first house purchased to host the church
Unknown authorship, 1970s
Photograph
Photographic reproduction

p. 181
60th Anniversary of the Formosa Presbyterian Church
Unknown authorship, 2022
Digital photograph
The 60th anniversary celebration of the Formosa Presbyterian Church was attended by members and regular attendees from different generations, demonstrating the community's deep roots.

p. 182
Hymnal in Romanized Taiwanese
Presbyterian Church in Taiwan, 1964
Paper

p. 182
Bilingual Bible (Mandarin and Portuguese)
Brazilian Biblical Society, 2010
Paperback

p. 183
The Bible in Mandarin
Hong Kong Bible Society, 1972
Paperback

p. 184
Treasury chest and offering box
Unknown authorship, 20th century (1901–2000)
Wood

p. 185
Chair
Unknown authorship, 20th century (1901–2000)
Wood

p. 187
Façade of the former headquarters of the Lyra Philharmonic Society on Rua São Joaquim
José Rosael, 2026
Digital photograph
Museu Paulista da USP collection

p. 188
Floor plan of the Lyra Philharmonic Society building on Rua São Joaquim
J. Diez & Companhia, 1934
Technical drawing on blueprint (photostat)
São Paulo Municipal Public Archives – ARQUIP

p. 188
Façade design of the Lyra Philharmonic Society building on Rua São Joaquim
J. Diez & Companhia, 1934
Technical drawing on blueprint (photostat)
São Paulo Municipal Public Archives – ARQUIP

p. 188
Raffle ticket for the construction of the building on Rua São Joaquim
Lyra Philharmonic Society, 1925
Paper

p. 189
Postcard featuring an illustration of the building façade on Rua São Joaquim
Unknown authorship, 1934 (original)
Photographic reproduction

p. 189
Postcard
W. Richter, 1934 (original)
Paper
The postcard, written in German, bears the following message:
São Paulo, April 22, 1934
Today we held the ceremony to lay the cornerstone of our association's new headquarters, as shown in this postcard. It was a beautiful and moving celebration.
From: W. Richter, São Paulo
To: Heini Richter, Lenaustrasse 32, Frankfurt Main, Germany

p. 190
Membership directory
Lyra Philharmonic Society, 1898
Paper, leather cover, sewn binding

p. 190
Bowling alley renovation project
Uldico Edled LTDA, 1930s
Paper

p. 191
Interior view of the building on Rua São Joaquim
Unknown authorship, 1940s
Photograph

p. 191
Membership card
Lyra Philharmonic Society, 1941
Paper with typed information, ink signature, and glued photograph

p. 192
Group at a Carnival party at the Rua São Joaquim address
Unknown authorship, 1940s
Photograph

p. 192
Choir and orchestra
Unknown authorship, 1940s
Photograph

p. 193
Symbolic key of the building on Rua São Joaquim
Unknown authorship, 1940s
Wood and fabric

p. 193
Lyra Philharmonic Society directors with banner
The Bernardo, 20th century (1901–2000)
Photograph

p. 194-195
Banner of the Lyra Philharmonic Society
Unknown authorship, 1905
Embroidered fabric

p. 196
German song collection
Ludwig Erk | Eslin, Berlin, 1884
Paper, fabric

p. 196
German songbook for schools
W. Hermann, F. Wagner, and H. Fischer, Berlin, 1928
Paper

p. 197
Flowers and Pearls – A Women's Choir
Germann Gesenius, 1892
Paper, sewn binding

p. 198
Lyre sculpture
Unknown authorship, 20th century (1901–2000)
Wood, formica

p. 198
Donation jar with lid
Unknown authorship, Undated
Metal

p. 199
Stein produced for the Beer Festival (Bierfest)
Unknown authorship, 20th century (1901–2000)
Glazed ceramic

p. 199
Stein produced for the Festa Junina (Traditional June Festival)
Unknown authorship, 20th century (1901–2000)
Glazed ceramic

p. 200
Bell
Unknown authorship, 20th century (1901–2000)
Metal

p. 200
Sculpture
Louis Domenech, 20th century (1901–2000)
Bronze

p. 201
Conductor's baton
Unknown authorship, Undated
Metal, wood

p. 201
Briefcase
Unknown authorship, 20th century (1901–2000)
Leather, metal

p. 203
Façade of the Church of Our Lady of Peace
José Rosael, 2026
Digital photograph
Museu Paulista da USP collection

p. 204
Preliminary design for the Italian church – Our Lady of Peace
Unknown authorship, 1938
Postcard
This preliminary design was never built.

p. 204
Design for the Church of Our Lady of Peace
Hugo Zanella, 1938–1940
Paper

p. 205
Mensagemiro da Paz Newspaper, No. 1 & No. 8 – announcement of fundraising for the construction of the Church of Our Lady of Peace
Alexandre A. Marchetti Zioni, May 1940 / October 1939
Paper
Photographic reproduction
The *Mensagemiro da Paz* newspaper was first published by the Scalabrinian missionaries in 1939, as a continuation of the periodical La Fiamma, which was in circulation from 1931 to 1935. It was the official communication vehicle used to promote fundraising campaigns for the construction of the church. The newspaper aimed to strengthen ties with the immigrant community, particularly Italians. At certain times, it was published in both Portuguese and Italian.

p. 205
Hall where the Church of Our Lady of Peace was located
Unknown authorship, 1930s
Photographic reproduction

p. 206
Laying of the Cornerstone of the Church of Our Lady of Peace
J. Pesce & Co., October 20, 1940
Photographic reproduction

p. 206
Laying of the cornerstone of the Church of Our Lady of Peace
J. Pesce & Cia, October 20, 1940
Photograph

p. 207
Inauguration of the Church of Our Lady of Peace
J. Pesce & Cia, August 30, 1942
Photograph

p. 207
Mensagemiro da Paz Newspaper
Alexandre A. Marchetti Zioni, May 1965
Paper
Photographic reproduction
The cover is illustrated with reproductions of sculptures by Galileo Emendabili located inside the church

p. 208
Candlestick
Galileo Emendabili, 1940s
Silver
This candlestick is part of a set of silver religious objects designed by the sculptor Galileo Emendabili for the Church of Our Lady of Peace. He also created the Obelisk and Mausoleum to the Constitutionalist Soldier of the 1932 Revolution in Parque Ibirapuera.

p. 209
Saint Anne Teacher
Fulvio Pennacchi, 20th century (1901–2000)
Ceramic

p. 210
Baptism of Japanese immigrants
Unknown authorship, 1940s
Photograph

p. 210
Attendees leaving the Italian Mass
Unknown authorship, 1940s
Photograph

p. 210
Italian family with a priest
Unknown authorship, 1956
Photograph

p. 211
Travessia Journal, no.1
Center for Migration Studies, 1988
Paper
Travessia is a journal specializing in migration and asylum, but it also covers human rights, public policy, and other topics. It has been published by the Center for Migration Studies since 1988 and was created to foster dialogue between the academic community and the general public. The first issue focused on temporary and internal migration in Brazil. The journal has become one of the leading resources in the field. The articles are published in Portuguese, Spanish, French, Italian, and English.

p. 211
Choir
Unknown authorship, 1954
Photograph

p. 212
Photograph of the Migrant House
José Rosael, 2026
Digital photograph
Museu Paulista da USP collection

p. 212
Priests holding a sign that reads “Without documents, I don't exist”
Unknown authorship, 1992
Photograph

p. 213
Sewing machine
Vigorelli
20th century (1901–2000)
Wood, metal
This sewing machine was used in the 1970s, a period when the Migrant House provided shelter to Brazilians from the Northeast region. At that time, the center offered workshops and dressmaking courses, as well as typing and cooking activities. The courses were designed to promote migrant autonomy, helping them enter the job market and integrate into society.

p.213
Prayer for migrants
Unknown authorship, 2013
Paper, plastic, fabric

p. 214
Celebration of Our Lady of Urkupiña (Bolivia) at the Church of Our Lady of Peace
Unknown authorship, 1989
Paper

p. 214
Invitation to the celebration of Our Lady of Copacabana, patron saint of Bolivia, at the Church of Our Lady of Peace
Unknown authorship, 2022
Paper

p. 215
Jacket worn at a Bolivian community festival
Unknown authorship, 2010s
Fabric, embroidery

p. 216
Invitation to a wedding held at the Church of Our Lady of Peace
Unknown authorship, 2018
Paper

p. 216
Invitation to a wedding of Bolivian immigrants, held at the Church of Our Lady of Peace
Unknown authorship, 2016
Paper

p. 217
Invitation to a wedding of Bolivian immigrants, held at the Church of Our Lady of Peace
Unknown authorship, 2018
MDF

p. 217
Invitation to a wedding of Bolivian immigrants, held at the Church of Our Lady of Peace
Unknown authorship, 2018
MDF, plastic

p. 218
Side altar of the Church of Our Lady of Peace
José Rosael, 2026
Digital photograph
Museu Paulista da USP collection
The Church of Our Lady of Peace has small side altars along the nave. These spaces are adorned with images of patron saints from various Latin American countries. The church holds a Mass in Spanish on the fourth Saturday of each month, attended by Spanish-speaking immigrants.

p. 219
Italian Mass
José Rosael, 2026
Digital photograph
Museu Paulista da USP collection
The Church of Our Lady of Peace holds a Mass in Italian on Sundays. It is an opportunity for the Italian community in São Paulo to gather and socialize.

p. 219
Haitian Mass
José Rosael, 2026
Digital photograph
Museu Paulista da USP collection
The Church of Our Lady of Peace holds a Mass in French on the second Sunday of every month. It is an opportunity for the Haitian community to gather and socialize. At certain points during the service, Creole, the language spoken in Haiti, is also used.

p. 222
São Paulo – Church of Our Lady of Remedies
Unknown authorship, 20th century (1901–2000)
Museu Paulista da USP collection

p. 223
View of Praça Dr. João Mendes and the façade of the Church of Our Lady of Remedies
Unknown authorship
20th century (1901–2000)
Museu Paulista da USP collection

p. 224
Caryatid – figure from the former Church of Our Lady of Remedies
Unknown authorship, 18th century (1701–1800)
Carved wood
Museu Paulista da USP collection
A caryatid is a sculpted female figure that serves as an architectural support. It replaces a column or pillar to support a structure above its head. This caryatid was part of an altarpiece above the altar of the former Church of Remedies.

p. 225
Caryatid – figure from the former Church of Our Lady of Remedies
Unknown authorship, 18th century (1701–1800)
Carved wood
Museu Paulista da USP collection

p. 226
Cartouche of the Church of Our Lady of Remedies
Unknown authorship, Undated
Wood
Museu Paulista da USP collection

The cartouche is an architectural decorative element. This one was part of an altarpiece above the altar of the former Church of Remedies and is decorated with the monogram of the Virgin Mary.

p. 227
Façade tile from the former Church of Remedies
Unknown authorship, 19th century (1801–1900)
Ceramic
Museu Paulista da USP collection

p. 229
Façade of Hakka Plaza, home to the Taipei Cultural Center, on Rua São Joaquim
José Rosael, 2026
Digital photograph
Museu Paulista da USP collection

p. 230
A Buddhist monk blessing the construction of the Hakka Plaza building, which houses the Taipei Cultural Center and a Buddhist temple
Unknown authorship, 2002
Photograph
Photographic reproduction

p. 230
Opening of the Taipei Cultural Center
Unknown authorship, 2005
Photograph
Photographic reproduction

p. 230
Ceremony marking the construction of the Hakka Plaza building, which houses the Taipei Cultural Cente
Unknown authorship, 2002
Photograph
Photographic reproduction

p. 231
Advertisement for Taiwanese stores in Liberdade
Unknown authorship, Undated
Paper
Photographic reproduction of a page from a 1979 newsletter of the Chinese Social Center (TAIWAN)

p. 231
Advertisements for Taiwanese stores in Liberdade
Unknown authorship
Paper
Photographic reproduction of a page from the *Nan Mei* newspaper, August 9, 1983

p. 232
Love for the Homeland
Chen Yan Shen, 2004
Acrylic on canvas

p. 233
Spring Lotus
Liao Shin Ping, Undated
Watercolor on paper

p. 234
Inauguration of the Chinese Social Center (TAIWAN), on Rua Conselheiro Furtado
Unknown authorship, 1963
Photograph

p. 234
Façade of the Chinese Social Center (TAIWAN), on Rua Conselheiro Furtado
José Rosael, 2026
Digital photograph
Museu Paulista da USP collection

p. 234
Chinese Social Center Newsletter No. 1
Chinese Social Center (TAIWAN). 1963
Paper

p. 235
Future building of the Chinese Social Center (TAIWAN)
Unknown authorship, 1962
Photograph

p. 235
Inauguration of the Chinese Social Center (TAIWAN), on Rua Conselheiro Furtado
Unknown authorship, 1963
Photograph

p. 235
Inauguration of the Chinese Social Center (TAIWAN), on Rua Conselheiro Furtado
Unknown authorship, 1963
Photograph

p. 236
News about the new building of the Chinese Social Center (TAIWAN)
Unknown authorship, 1962
Paper

p. 237
Newsletter of the Chinese Social Center of São Paulo
Chinese Social Center (TAIWAN), 1979
Paper

p. 237
Membership Card of the Chinese Social Center of São Paulo
Chinese Social Center (TAIWAN), 1957
Paper

p. 238
Families on a ship bound for Brazil
Unknown authorship, 1963
Photograph

p. 238
Nan Mei Newspaper
Liang Kuo-Tung, August 9, 1983
Print
Nan Mei was a newspaper published in Mandarin that began circulation in 1976. Its offices were located on Rua Barão de Iguape, in the Liberdade neighborhood.

p. 239
Wang Tse Yi's Certificate of crossing the Equator
Unknown authorship, 1957
Paper

p. 240
Abacus
Unknown authorship, Undated
Wood
The abacus is a traditional tool for mathematical calculations

p. 241
Film Projector from the Chinese Social Center (TAIWAN)
Copal Thoshida Sekonic, 20th Century (1901–2000)
Plastic, metal

p. 242-243
Dragon heads from a Buddhist temple
Unknown authorship, Undated
Wood

p. 245
Façade of the Busshinji Temple
José Rosael, 2026
Digital photograph
Museu Paulista da USP collection

p. 246
Altar of the Busshinji Temple
José Rosael, 2026
Digital photograph
Museu Paulista da USP collection

p. 247
Altar of the Busshinji Temple
José Rosael, 2026
Digital photograph
Museu Paulista da USP collection

p. 248
Meditation mat and cushions
Unknown authorship. Undated
Straw and fabric

p. 249
Bell
Unknown authorship, Undated
Metal, wood, rope

p. 250
Taiko
Unknown authorship, Undated
Leather, wood, metal

p. 250
Meditation sound instrument
Unknown authorship, Undated
Metal, string

p. 251
Buddha Sculpture
Unknown authorship, Undated
Ceramic

p. 251
Buddha Sculpture
Unknown authorship, Undated
Ceramic

p. 253
Façade of the Jean-Jacques Dessalines Occupation
José Rosael, 2026
Digital photograph
Museu Paulista da USP collection

p. 254
Room partition panels
José Rosael, 2026
Digital photograph
Museu Paulista da USP collection

p. 254
Communal kitchen
José Rosael, 2026
Digital photograph
Museu Paulista da USP collection

p. 254
Common area
José Rosael, 2026
Digital photograph
Museu Paulista da USP collection

p. 255
Collection of drawings by children from the Jean-Jacques Dessalines Occupation depicting residents
2025
Paper

p. 256
Immigrants' Occupation banner
Movement for Struggle in Neighborhoods, Villages, and Favelas – MLB, 2021
Canvas

p. 257
Set of fabric scraps
Unknown authorship, 2026
Cotton, synthetic fabric

p. 257
Industrial iron
Unknown authorship, Undated
Metal, plastic
The Jean-Jacques Dessalines Occupation offered sewing classes for women involved in social movements. There were also workshops in partnership with Madrinha Eunice's Samba Project. The space also featured a sewing studio, which was a source of income for a Haitian woman living in the occupation.

p. 259
Plaque installed on the façade of Portugal House
José Rosael, 2026
Digital photograph
Museu Paulista da USP collection
The plaque is part of the São Paulo City Hall's Inventory of São Paulo Memory program, which features places of significance to the city's social segments and processes. In this case, the plaque helps to reactivate the memory of institutions no longer in existence.

p. 260
Map of Black Social Life in Liberdade in the post-abolition era
ANGANA – Center for Research and Heritage Education in Black Communities of São Paulo, 2026
The Map of Black Social Life in Liberdade in the post-abolition era is the result of eight years of research into Black history and ancestry conducted by ANGANA. It was organized by Marcelo Vitale T. da Silva and Thais Fernanda A. Avelar. The cartography was created by Jamille Santos Conceição.

p. 261
Front page of the A Voz da Raça Newspaper, Issue No. 1
A Voz da Raça newspaper, 1933
Printed paper
Brazilian Digital Newspaper Archive – National Library
Photographic reproduction

A Voz da Raça was published by the Brazilian Black Front at its address on Avenida Liberdade. Like other Black periodicals of the time, the newspaper highlighted issues related to the Black population that were not covered by the mainstream press. *A Voz da Raça* was published from 1933 until 1937, when the Brazilian Black Front was dissolved by the Estado Novo regime.

p. 261
Front page of the A Voz da Raça Newspaper, No. 2
A Voz da Raça newspaper, 1933
Printed paper
Brazilian Digital Newspaper Archive – National Library
Photographic reproduction

p. 262
Advertisement for a dressmaker at the Brazilian Black Front address, No. 16
A Voz da Raça newspaper, 1933
Printed paper
Brazilian Digital Newspaper Archive – National Library
Photographic reproduction

p. 262
Announcement of the newspaper's first anniversary celebration, to be held in the Lega Lombarda hall
A Voz da Raça newspaper, March 17, 1934
Printed copy
Brazilian Digital Newspaper Archive – National Library
Photographic reproduction
Black-owned newspapers faced financial, structural, and distribution difficulties. The solutions they found involved extending the time between issues and holding fundraising events. Lega Lombarda was one of the institutions that gave rise to the Liga Itálica, located in Liberdade and now defunct.

p. 262
Advertisement for Free Medical Care: A Voz da Raça No. 51
A Voz da Raça newspaper, 1936
Printed paper
Brazilian Digital Newspaper Archive – National Library
Photographic reproduction

p. 263
Notices A Voz da Raça No. 2, p. 2, Intellectual Department
A Voz da Raça newspaper, 1933
Printed paper
Brazilian Digital Newspaper Archive – National Library
Photographic reproduction

p. 263
Advertisement for hairdresser at the Brazilian Black Front address, No. 16
A Voz da Raça newspaper, 1933
Printed paper
Brazilian Digital Newspaper Archive – National Library
Photographic reproduction

p. 263
Notices A Voz da Raça No. 2, p. 2, Department of Sewing and Voter Registration
A Voz da Raça newspaper, 1933
Printed paper
Brazilian Digital Newspaper Archive – National Library
Photographic reproduction

A Voz da Raça reported on the activities of the departments run by the Brazilian Black Front, such as the Sewing and Music departments. The newspaper also published advertisements for services offered at its headquarters, such as voter registration and hair styling, or at partner institutions, such as medical care.

p. 263
Notices A Voz da Raça No. 2, p. 2, Music Department
A Voz da Raça newspaper, 1933
Printed paper
Brazilian Digital Newspaper Archive – National Library
Photographic reproduction

p. 264
Children at the Brazilian Black Front school
Unknown authorship, 1930s
Photograph
Márcio Barbosa's personal collection
Photographic reproduction

p. 265
The Brazilian Black Front Delegation Band
Wessel, 1933–1937
Postcard
National Library Foundation – Brazil
Photographic reproduction

p. 265
Group in front of the Black Brazilian Front offices
Wessel, 1933–1937
Postcard
National Library Foundation – Brazil
Photographic reproduction

p. 266
Justiniano Costa during a speech at the Brazilian Black Front
Unknown authorship, 1930s
Photograph
Márcio Barbosa's personal collection
Photographic reproduction

p. 266
Rosas Negras Group
Unknown authorship, 1930s
Photograph
Márcio Barbosa's personal collection
Photographic reproduction

p. 267
Anniversary of the founding of the Brazilian Black Front – view of the public in attendance
Arthur Ramos, September 16, 1935
Photograph
National Library Foundation – Brazil
Photographic reproduction

p. 267
Anniversary of the founding of the Brazilian Black Front – view of the table presiding over the proceedings
Arthur Ramos, September 16, 1935
Photograph
National Library Foundation – Brazil
Photographic reproduction

p. 268
Article: “Enlistment in the Black Front”
Correio de São Paulo newspaper, February 17, 1933
Printed paper
Brazilian Digital Newspaper Archive – National Library
Photographic reproduction

p. 269
Article: “The May 13 Celebrations in São Paulo”
Diário Nacional newspaper, May 14, 1932
Printed copy
Brazilian Digital Newspaper Archive – National Library
Photographic reproduction

p. 271
Façade of the former building of the Liga Itálica, on Praça Almeida Junior
José Rosael, 2026
Digital photograph
Museu Paulista da USP collection

p. 273
Façades of the Church of the Holy Cross of the Hanged and the building that housed the Santa Rita Candle Factory
José Rosael, 2026
Digital photograph
Museu Paulista da USP collection

p. 274
Praça da Liberdade
Ivo Justino, 1959
Photograph
Museu da Cidade de São Paulo collection
Photographic reproduction
The image depicts the construction of the current Church of the Holy Cross of the Hanged

p. 274
Church of the Holy Cross of the Hanged, with the former Santa Rita Candle Factory next to it
Márcia Inês Alves, 1986
Photograph
Museu da Cidade de São Paulo collection
Photographic reproduction

p. 275
Prayer beads at the Santa Rita Candle Shop
Joana Vieira Tuttoilmondo, 2004
Photograph
Museu da Cidade de São Paulo collection
Photographic reproduction

p. 275
Canopy of the Church of the Holy Cross of the Hanged
José Rosael, 2026
Digital photograph
Museu Paulista da USP collection

p. 275
Sale of herbs at the entrance to the Church of the Holy Cross of the Hanged
José Rosael, 2026
Digital photograph
Museu Paulista da USP collection

p. 275
Plaque on the façade of the former Santa Rita Candle Factory
José Rosael, 2026
Digital photograph
Museu Paulista da USP collection

p. 275
Cross from the High Altar of the Church of the Holy Cross of the Hanged
José Rosael, 2026
Digital photograph
Museu Paulista da USP collection

p. 278
Plan of the Imperial City of São Paulo
Unknown author, 1775
Ink and watercolor drawing on Canson laid paper
Cartographic collection of the Arquivo Histórico do Exército/Museu Militar Conde de Linhares
The reproduction highlights the location of the pillory and the square where it stood, identified as No. 16 in the map's original key.

p. 279
Church of Our Lady of Remedies and the Prison courtyard (1862)
Militão Augusto de Azevedo, 1862
Photograph with a flexible negative
Museu Paulista da USP collection
Reproduction
The enlarged image features the Largo do Pelourinho in the background, in the center of the frame.

p. 279
Rua da Liberdade
Benedito Junqueira Duarte, 1941
Photograph
Museu da Cidade de São Paulo collection
Reproduction
A view of Largo Sete de Setembro, formerly known as Largo do Pelourinho.

p. 279
Plaque from the “Inventário Memória Paulistana” program identifying the site of the former Largo do Pelourinho, now Praça Sete de Setembro
José Rosael, 2026
Digital photograph
Museu Paulista da USP collection

p. 280
Houses on Rua Conde de Sarzedas
José Rosael, 2026
Museu Paulista da USP collection
The photograph captures the houses located on the corner of Rua Conde de Sarzedas and Rua Tomás de Lima, formerly known as Rua Bonita. These buildings are among the few remaining from the period when the area was home to a large Japanese and Japanese-Brazilian community. They lived and worked there as small merchants and artisans, often on the same lot: living quarters at the front, workspace at the rear, or vice versa. Most of those buildings no longer exist.

p. 281
Map of the area around Rua Conde de Sarzedas from the 1910s to 1940
Tomoo Handa, 20th Century (1901-2000)
Drawing on paper
Museu Histórico da Imigração Japonesa no Brasil collection
Photographic reproduction
Tomoo Handa (1906–1996) was a Japanese painter and memoirist who lived in Brazil. He specialized in painting rural landscapes and portraits. In his book *Memoirs of a Japanese Immigrant in Brazil*, he included this drawing of Rua Conde de Sarzedas and its surroundings in Liberdade, the first area where the Japanese community settled in São Paulo. Most of the houses and businesses he drew no longer exist.

p. 282
Cover of Volume XLI of the Manuals of Brazilian Legislation, containing decree-laws on foreigners in Brazil
Edições e Publicações Brasil, São Paulo, 1938
Museu Histórico da Imigração Japonesa no Brasil collection
Photographic reproduction

p. 283
Covers of files on the surveillance and targeting of Japanese residents in Liberdade
Secret Service – Superintendence of Surveillance and Social Services
1944
Typed document with handwritten notes
Arquivo Público do Estado de São Paulo collection
The handwritten notes reveal the recurring pattern of targeting the Japanese: “The matter has already been investigated, and the results (...) were reported to the (...) Specialized Vice Unit. “In addition to reporting the matter to the Vice Unit, I suggest periodic surveillance of the building in question.”

p. 284
Detail of the facade of the former headquarters of the Lyra Philharmonic Society on Rua São Joaquim
José Rosael, 2026
Digital photograph
Museu Paulista da USP collection

p. 285
Records of the order to dissolve and suspend operations of the Lyra Society in the minutes book
Henrique Frank, 1942
Handwritten note on paper
Sociedade Filarmônica Lyra collection
Photographic reproduction
The minutes book contains information about the Brazilian government's surveillance and targeting of Germans during World War II. In 1942, there are records of meetings being monitored by authorities linked to the Political and Social Order Division. The suspension of the society's operations and the order for its dissolution, published in the Diário Oficial, were also documented. In the following years, the book records attempts to regain possession of the headquarters through the Brazilian courts.

p. 286
Order of dissolution of the Lyra Philharmonic Society
Diário Oficial do Estado de São Paulo, October 10, 1942
Paper
Reproduction

p. 286
Receipt for the handover of the keys to the property on Rua São Joaquim
May 25, 1944
Legião Brasileira de Assistência
Typed document with ink signature
Sociedade Filarmônica Lyra collection
Photographic reproduction

p. 287
Draft Law 4320/2012
Federal Deputy Ricardo Izar, 2012
Reproduced from the Chamber of Deputies website
The proposal is for the federal government to remove the building from the federal government's assets and return it to the Lyra Philharmonic Society.

p. 288
Largo dos Remédios, 1862
Benedito Calixto, 1918
Oil on canvas
Museu Paulista da USP collection
This painting was based on a photograph from 1862 taken by Militão Augusto de Azevedo (1837–1905), who documented the city's transformation by photograph, but omitted the pillory, which was located nearby and accessible via the path visible in the center of the image. Benedito Calixto created this painting many years later for a project by the Museu do Ipiranga aimed at portraying the past of the city of São Paulo in a peaceful manner, concealing any signs of violence or social tension.

p. 289
Commemorative postcard marking the 250th anniversary of the Church of Our Lady of Remedies – Stronghold of Abolitionism, front and back
R. Adamo and H. Valente / São Paulo Municipal Department of Culture, 1975
Paper

p. 290
Poster commemorating the 250th anniversary of the Church of Our Lady of Remedies – A Stronghold of the Abolitionist Movement
R. Adamo and H. Valente / São Paulo Municipal Department of Culture, 1975
Paper

p. 291
Church of Remedies under demolition – Side altar, door, and pulpit on the right
João Alberto José Robbe, December 19, 1942
Glass plate photograph
Museu Paulista da USP collection
Photographic reproduction

p. 291
Church of Remedies under demolition – front and right side
João Alberto José Robbe
December 19, 1942
Photograph
Museu Paulista da USP collection
Photographic reproduction

p. 292
Rua Galvão Bueno
Maria Luíza Martinelli
1975
Photograph
Museu da Cidade de São Paulo photographic collection
Reproduction

p. 293
Avenida Liberdade
Waldemir Gomes de Lima, 1976
Photograph
Museu da Cidade de São Paulo photographic collection
Reproduction

p. 294
Rua Galvão Bueno, in the Japanese neighborhood
Gráficos Brunner Ltda, 1978
Accordion book
Museu Paulista da USP collection

p. 294
Rua Galvão Bueno – Asian Quarter
Brascard Edições de Postais Ltda, 1990s
Accordion book
Museu Paulista da USP collection

p. 295
Daibutsudo store logo
Unknown authorship, Undated
Paper
Museu Paulista da USP collection

p. 295
Minikimono store logo
Unknown authorship, Undated
Paper
Museu Paulista da USP collection

p. 296
Event for promoting the Kimono
Edson Komiya | Fundação Kyoto do Japão, October 4, 1995
Photograph
Museu Histórico da Imigração Japonesa no Brasil collection
Photographic reproduction

p. 296
Nebuta Festival
Unknown authorship, 1980s
Museu Histórico da Imigração Japonesa no Brasil collection
Photographic reproduction

p. 296
Event for promoting the Kimono
Edson Komiya | Fundação Kyoto do Japão, October 5, 1995
Museu Histórico da Imigração Japonesa no Brasil collection
Photographic reproduction

p. 297
Japanese garden on Rua Galvão Bueno
José Rosael, 2026
Digital photograph
Museu Paulista da USP collection

p. 298
Guide to São Paulo's Asian Quarter
Associação Comercial da Liberdade, 1983
Museu Histórico da Imigração Japonesa no Brasil collection
Photographic reproduction

p. 299
Article: “China Is Here (at Conselheiro Furtado)”
Nikkey newspaper, January 5, 2000
Printed paper
Photographic reproduction

p. 300
Street sign bearing the name of Praça África-Japão Liberdade
José Rosael, 2026
Digital photograph
Museu Paulista da USP collection

p. 301
A sculpture depicting Madrinha Eunice, created by Lídia Lisboa, installed in the square in 2022
José Rosael, 2026
Digital photograph
Museu Paulista da USP collection

p. 301
Article: “What Does Liberdade Mean for the Memory of Black People in São Paulo?”
Giovanna Costanti | *Carta Capital*, September 2, 2018
Digital edition of *Carta Capital* magazine

p. 302
Law No. 17,954 of May 31, 2023
Councilors Paulo Reis and Luana Alves
2023
Municipal Chamber of São Paulo

p. 303
News of the renaming of Largo da Forca to Praça da Liberdade, Correio Paulistano newspaper November 3, 1858
Printed paper
Hemeroteca Digital Brasileira – Biblioteca Nacional
Photographic reproduction

p. 303
Article: “New Name for ‘Praça Liberdade-Japão’ Criticized by Nikkei and Defended by Issei”
São Paulo-Shimbun newspaper, August 3, 2018
Photographic reproduction of printed newsprint
Museu Histórico da Imigração Japonesa collection

p. 304
Panel on the Cemetery of the Afflicted on Rua Galvão Bueno
José Rosael, 2026
Digital photography
Museu Paulista da USP collection

p. 305
Video-entrevista com Paulo Zanettini
Paulo Zanetinni is an archaeologist specialized in Brazilian archaeological sites. He has led numerous excavations at sites in the city of São Paulo and throughout Brazil, such as Serra da Barriga, which was home to the Palmares quilombo. His doctoral thesis was on the houses of the bandeiristas. Prof. Margarida Andreatta, an archaeologist at the Museu Paulista da USP, was the research supervisor. Zanetinni is the archaeologist in charge of the excavation at the former site of the Aflitos Cemetery, which includes the remaining chapel and the surrounding grounds.

p. 306-311
Photographs of the exhibition Liberdade: A Plural Neighborhood
Helio Nobre, 2026
Digital photograph
Museu Paulista da USP collection

FICHA TÉCNICA

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO

Aluisio Augusto Cotrim Segurado
Reitor

Liedi Légi Bariani Bernucci
Vice-Reitora

Edmilson Dias de Freitas
Chefe de Gabinete

Gustavo Orlando Fudaba Curcio
Coordenador-Executivo do Gabinete do Reitor

MUSEU PAULISTA DA UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO

Paulo César Garcez Marins
Diretor

Maria Aparecida de Menezes Borrego
Vice-Diretora

Airton Bispo dos Santos
Alcimar Jorge Ambrosio
Dorival Pegoraro Júnior
Isabela Ribeiro de Arruda
Luciano Antonio Beraldo
Mariana Gomes Ferrari
Regina Célia da Costa
Shirley Ribeiro da Silva

Estagiária
Rafaela Aquino Freitas

DIVISÃO DE ACERVO E CURADORIA
Docentes
Aline Montenegro Magalhães (Chefia)
Ana Paula Nascimento
David William Aparecido Ribeiro
Francisco de Carvalho Dias de Andrade
Solange Ferraz de Lima
Vânia Carneiro de Carvalho
Cecília Helena Lorenzini de Salles
Oliveira (sênior)

Equipe Técnica
José Paulo Herreira Bueno
Lucila Gutierrez Pessoa
Virginia de Carvalho Ferraz

Seção Técnico-Científica de Conservação de Acervo
Cibele Monteiro da Silva (Supervisão)
Fabiola Margoth Zambrano Figueroa de Miranda
Flávia Andréa Machado Urzua
Ina Hergert
Izabel Oliveira Ramos
Joselito Soares de Paiva
Marco Antonio Lustosa
Tatiana Alckmin Herrmann de Oliveira
Vera de Oliveira

Seção Técnico-Científica de Educação, Museografia e Ação Cultural
Denise Cristina Carminatti Peixoto (Supervisão)
Larissa Maria de Oliveira
Michelli Cristine Scapol Monteiro
Nicole Palucci Marziale
Roberta Assadourian Santana

Estagiárias
Ana Carolina Grangeiro Queiroz
Beatriz Pina

Bolsistas
Felipe Cintra Nogueira Maciel
Gabriel Mattos Rodrigues
Isabela Ivanov Bruno
Joana Christine Gallo
Yuri Marchiori Krivtsoff
Ricardo Pagio Betini
Sanderson Matheus Santos de Oliveira
Vitória Zandonadi e Santos
Vitor Cruz Santos

Seção Técnico-Científica de Documentação e Gestão de Acervo
Lis Athayde Sayão (Supervisão)
Alice Aparecida Labarca Puellas
Angela Maria Gianeze Ribeiro
Anna Laura Canuto Rocha de Andrade
Carolina Paiva Zanesi Gomes
Ricardo da Mata Barbosa
Tatiana Vasconcelos dos Santos

Serviço de Apoio Acadêmico
Estelamar Maniga Paulo (Chefia)
Marcia Regina Pires Ribeiro
Sônia Regina Barbosa

Serviço de Arquivo Institucional e Tratamento Digital
Thiago Malakowsky da Silva (Chefia)
Ernandes Evaristo Lopes
Helio Nobre
José Rosael da Silva

DIVISÃO TÉCNICO-ADMINISTRATIVA
Carina Farias dos Santos (Chefia)

Estagiária
Letícia Rosa Andrade da Silva

Seção de Contratos
Matheus de Moraes Araújo (Chefia)
Anderson Soares
Debora Lopes Barbosa

Serviço de Gestão Financeira
Claudia Fernanda David Toledo (Supervisão)
João Ataíde Batista
Manuel Rodrigues de Figueiredo Filho
Maria da Glória Cruz dos Santos
Thiago de Freitas Toniolo

Serviço de Gestão e Infraestrutura
Elaine Silva de Brito (Supervisão)
Abiude Ferreira da Silva
Clayton Antônio Euzébio
Eloisa Floriano de Toledo

Maria José da Silva Lopes
Maria Lilian de Rosa Paiva
Robson do Nascimento
Sidnei de Sousa Silva
Solange Elisabete dos Santos
Rosana Riccio dos Santos

SERVIÇO TÉCNICO DE BIBLIOTECA E DOCUMENTAÇÃO
Hálda Cristina Rocha Fernandes (Chefia)
Alzira Nóbrega de Barros
José Renato Margarido Galvão
Simone do Carmo Rossi Kruth

Estagiária
Gabriela Galdino

Voluntária
Giovanna Liberal

MUSEU REPUBLICANO “CONVENÇÃO DE ITU”
Francisco de Carvalho Dias de Andrade (Supervisão)
Adilson Fernando Pedroso
Aline Antunes Zanatta
Anderson Issao Tanaka
Anicleide Zequini
Athaide Cruz

Benedito Aparecido Fernandes
Bianca Benedeti Mazini
Cilas Soares de Souza
Cristiano Monteiro
Edson Luis Nizzola
Flavio Xavier dos Anjos
Genival Francisco de Oliveira
Giovanna Fulan Augusto Balsan
Marcos Antonio Steiner
Maria Cristina Pelisam Nizzola
Paulo Fernando Zacharias
Paulo Roberto dos Santos
Priscila Nery
Rosana Gimenes Aguilera
Tomas Adamavicius

SUPERINTENDÊNCIA DE PREVENÇÃO E PROTEÇÃO UNIVERSITÁRIA
Marcelo Íscaro
Sidnei Alves Bastos
Reginaldo da Silva
Wildson Renato Menes

Equipes Terceirizadas (Na abertura da exposição)
Viva Segurança e Serviços
Eridã Maria dos Santos (Encarregada)
Aleksandro Rodrigues da Silva
Andreia Alves da Silva
Andreia de Sales de Moura
Cícera Ferreira da Silva
Edilma Reis dos Santos
Elen Vitória dos Santos Procopio
Erica Alvino Ferreira
Evanildo da Silva Santos
Irene Fernandes (Líder)
Jenifer Dandara da Silva Lourenço
Lourival Melo da Silva
Luciana Araujo Monteiro

Lucineia Magalhães Rodrigues
Marcos Vinicius dos Santos Batista
Maria D'Ajuda de Oliveira Vieira
Maria de Fátima dos Santos Silva
Regina Soares Perez (Líder)
Rosane Ferreira da Silva

Albatroz Segurança e Vigilância
Adriano Carvalho de Maria
Adriano Gizzi
Ailton Gomes
Alacir Correia Rocha
Alessandra Santos Silva
Alessandro Cesar dos Santos
Alessandro Oliveira Américo
Alexandre José Oliveira
Amanda de Oliveira
Amon Marques Silva
Ana Maria Carvalho Moreira
Ana Paula Borrego
Anderson de Lima Silva
Andreia de Medeiros
Ângelo Aparecido
Aparecida Maria Batista
Arlem Ribeiro de Freitas
Arnaldo Conceição Silva
Aroldo Castro Rufino
Cesar Alexandre de Oliveira
Cinthia Valota
Claudiano Mendes
Cristiane Fernanda Rodrigues
Dagmar Alves Silva
Daniel Barnabé
Danubio dos Santos
Dilmar Araujo Silva
Doniete Teixeira
Douglas Santiago
Edclécio Pontes
Edezio Santos
Edmar da Silva Pacheco
Edmilson Silva
Ednaldo Amaro Silva
Eduardo Batista Ribeiro
Edvaldo Nery
Eliane Simões de Araújo
Elisangela Jesus Galindo
Elvis Alves Nascimento
Emerson dos Santos
Fabio Marques
Felipe dos Santos Carvalho
Flávio Cavalcante
Flávio Souza Braga
Genivaldo Pereira dos Santos
Gildásio Santos
Gilvan Francisco dos Santos
Gilvan Pedro de Jesus
Gustavo Julio de Jesus
Hamilton da Silva
Helio da Silva
Isaque Nascimento Hipólito
Ivaldo Viana
Jair Alves de Souza
Jhanata Alves
Jonas Alves Silva
Jonas Reis
José Augusto Oliveira
José Edson Ribeiro

José Raimundo Oliveira
José Serafim Neto
Josemeire Oliveira
Julio Silva
Leandro Delinardo
Leandro Fernandes Hauman
Lenildo da Silva Lima
Luan Santos França
Luciana Maciel Cordeiro
Luciano Reis Souza
Luis de Souza Lima
Luiz Carlos Peniche
Mailson Leite Souza
Márcio Moreno
Márcio Emiliano
Márcio Silva Gonçalves
Marco Antônio da Silva
Marcos Antônio Soares
Marcos Tadeu Rocha
Maria Aparecida Almeida
Maria José da Silva
Milene Baranauskas
Nelson Molina
Nemésio Soledade
Nivea Aparecida Carvalho Santos
Pessio de Brito
Peterson Milanez
Roberto Simplicio
Rodrigo Alves
Rodrigo Dias
Sabrina Sales
Sandro Martins da Silva
Selma Maria de Souza
Thaiara Batista
Thiago Wilson de Moraes
Tiago Gonçalves da Silva
Valdean Barbosa
Vinicius da Silva
Vitor Reis da Silva
Wagner Cavalcante
Zenon Pereira

Total Service Prevenção e Combate a Incêndio
Eliano Santos da Silva
Elioaquim Wesley de Souza Silva
Felipe da Silva Bispo
Joalissa Lucia de Souza
Juan de Almeida Silva
Lucasa da Silva Oliveira
Marcos Antonio Souza do Nascimento
Maria Aparecida Ferreira da Silva
Marília Timóteo Alves
Otavio Rafael Caldana
Rodrigo das Graças Andrade
Ruan Lima Ribeiro

Fever
Brena Maria Renovato Sandoval (Supervisão)
Sheyla Roberta de Souza (Supervisão)
Agnes Costa Nunes
Ayrton de Oliveira Senos
Derick Dias Siqueira da Silva
Isabelly da Silva Miguel
Maria Tatiane Silva
Matias Abiel Barriento Segovia
Rogério Costa Goulart

FUNDAÇÃO DE APOIO AO MUSEU PAULISTA
Diretor-Geral
Mário Henrique Costa Mazzilli

Diretor Administrativo-Financeiro
Rogério Effori

Diretor de Comunicação e Relações Institucionais
Gustavo Carbonaro

Conselho Curador
Paulo César Garcez Marins (Presidente)
Maria Aparecida de Menezes Borrego (Vice-Presidente)
Ana Paula Fava
Beatriz Mugayar Kühl
Eduardo Saron
Luiz Deoclecio Massaro Galina
Marcelo Mattos Araujo
Renata Vieira Motta
Rosaria Ono

Conselho Fiscal
Antonio Vargas de Oliveira Figueira
Reinaldo Guerreiro
Sergio Massao Miyazaki

Equipe
Adnam Marques Batista Junior
Amanda Patricia dos Santos Marques Gadelha
Ana Clara Rodrigues
Ana Paula Dias
André de Oliveira
Bárbara Carvalho Ferreira
Brian Alves Celestino
Bruna D'Arc Silva
Bruna Moraes Silva
Bruna Thomas
Carlos Guedes da Silva
Clebison Santos Gomes
Cesar Augusto Carvalho
Cristiane Batista Santana
David Lucas de Oliveira Costa
Eduardo Luiz dos Santos
Ender José Contreras Rodriguez
Fábio Alessandro Soggi
Fabricio Augusto Pessoa
Fernanda Evelyn Vilaça do Santos
Gabriel Henrique Furlanetto
Geisa Rodrigues
Georgia de Freitas Lemes
Glimaldo Batista dos Santos
Isadora Maria Lopes Peli
Juliana Monteiro
Leandro dos Santos Souza Filho
Letícia Dellova
Lilian Hirata
Marcelo Argôlo
Maria Luiza Nogueira Pegorelli
Matheus Benevides Batista
Paulo Marcelo M. Jarbas de Souza
Pedro Custódio
Rafael Teixeira
Sarah Coutinho Silva

Sidney Alves Damaceno
Silvano dos Santos Vieira
Sofia Gonçalves
Suzy da Silva Santos
Vinícius de Assis
Wladimir Araujo Guimarães

Educadores
Laura Stocco Felício (Supervisão)
Guilherme Trevisan dos Santos
James W Ramos Junior
Marina Amaral Gouveia
Michele Pires Nascimento
Murilo Giannini Nogueira Pires
Natálya da Silva Gino
Thomas Félix Sousa Nizio
Vinícius Borges Caetano

Assistentes de Educação
Ana Carolina Apolinário
Julia Felix Piconi

Produção de Eventos
Sammara Oliveira
Matheus Flores
Ingriddy Moreira

Assessoria Contábil
Planned Soluções Empresariais
Adelmo Nunes Pereira
Bárbara Brito
Cleber Ribeiro
Diego dos Santos
Edson Mendes
Eliete Engracia da Silva
Giovanna Fernandes Tomaz
Larissa Matias
Luciene Oliveira D’Alexandre
Matheus Martins
Pamela Almeida Santos
Thais Silva
Thiago Ramalho

Assessoria Jurídica
CQS|FV Advogados
Aline Freitas
Amanda Mendonça
Ana Beatriz Orlando
Fábio Cesnik
Fernando Quintino
Flávia Manso
Izadora Verri
José Maurício Fittipaldi
Kátia Catalano
Leticia Agati
Marcela Lupoli
Marina Bressan
Priscila Beltrame

Comunicação
Conteúdo
Carla Gil
Claudio Sá
Daniel Casanova
Gabriela de Almeida Ho
Roberta Montanari
Rony Alves Silva
Suane Monteiro Padilha
Vanessa Egues Costa

Victoria Louise
Wagner Francischi Nunes

Gestão das Leis de Incentivo
Animus Consultoria
Elvis Santana
Fábio Cesnik
José Maurício Fittipaldi
Michelle Ferraresso
Nataly Aquino

EXPOSIÇÃO

“LIBERDADE: BAIRRO PLURAL”

Curadores
Paulo César Garcez Marins
Mônica Raísa Schpun (EHESS, Paris)

Curadores-adjuntos
Aline Montenegro Magalhães
David William Aparecido Ribeiro
Francisco de Carvalho Dias de Andrade

Assistente de curadoria
Sofia Gonçalves

Maquete topográfica audiovisual
Francisco de Carvalho Dias de Andrade (Coordenação curatorial)
Estúdio Laborg
Charles de Oliveira (Coordenação audiovisual)
Alexandre Gonçalves (Cartografia)

Vídeo entrevista Paulo Zanettini
Estúdio Laborg (Produção)
Renato Stockler (Direção e montagem)

Projeto expográfico
Giancarlo Latorraca (Coordenação)
Ana Paula Gallarraga de Nogueira
Daniela Cunha (Colaboração)

Produção executiva
Cristiane Batista Santana (Coordenação)
Érica de Oliveira Nascimento
Maria Carolina Queiroz de Oliveira

Assistente de museografia e montagem
Georgia de Freitas Lemes
Larissa Maria de Oliveira

Execução da expografia
Catanduva Cenografia
Mercio Dias (Coordenação)
Sueli Moreno do Nascimento Dias (Coordenação)
Valdecir de Matos Brito (Supervisão)
Bruno Amarantes Abreu de Lima
Cícero Bibiano da Silva Junior
Douglas Aparecido da Silva
Douglas Borges da Silva
Douglas Jonas dos Santos
Francinaldo de Almeida Barboza
Hermes Henrique da Paixão Moraes
José Carlos Cunha
Lucio Antonio Costa
Rodrigo Alessandro Batista
Vagner Evangelista dos Santos

Comunicação visual
Ana Heloisa Santiago (Coordenação)
Luís Henrique Souza
Meire Assami Yamauchi

Execução de comunicação visual
Acciart
Eric Acciarito (Gerente)
Dourival Gonçalves dos Santos
Exedito Ramalho do Nascimento Junior
Fabio Eizo Wada
Henrique da Silva Marques Dias
Herbert Barbosa Luna
Marcos Antônio Nascimento Santos
Petterson Wilher Silva Ribeiro
Ramon José Henriques da Silva
Valdemar Dias de Araujo

Coordenação editorial
Gian Carlo Rufatto

Revisão de textos
Alyne Azuma

Tradução
Philip Somervell

Licenciamento de imagens
Camila Nader Martins

Fotografias e edição de imagens
Helio Nobre
José Rosael da Silva

Gerenciamento fotográfico e de imagens
Thiago Malakowsky da Silva
Ernandes Evaristo Lopes

Conservação e montagem
Cristiane Landi (Coordenação)
Gilseane Chaves Silva
Giulia Alcântara Cavalcante
Valerie Midoki Koga Takeda

Conservação e tratamento de acervos
Ateliê de Conservação e Restauro de Papel
Margot Crescenti
Priscila Alegre
Shirlei Guerini

Restauro do estandarte da Sociedade Filarmônica Lyra
Teresa Cristina Toledo de Paula (Coordenação)
Adriana Miyatake Yokoyama

Apoio técnico de conservação
Cibele Monteiro da Silva
Fabiola Margoth Zambrano
Figueroa de Miranda
Flávia Andréa Machado Urzua
Ina Hegert
Tatiana Herrmann

Estagiárias
Laura Basílio Yamashita
Mariana Pasetto Corrêa

Montagem fina de acervos
Manuseio Montagem e Produção Cultural
Ana Julia Rodrigues de Souza
Caroline de Moura Souza
Claudia Regina da Silva
Davi Rodrigo da Silva
Eduardo Tadeu da Silva
João Pedro Lozer Vidotto
José Conrado Correa Junior
Juliano David
Lucca Kerhart Butolo
Mário Bibiano da Silva
Mathias Zanquetin Bibiano Cruz da Silva
Rafael Campos Torres Silva
Rafael Viana Lumazini
Rene Alfredo Garrido Rodriguez

Consultoria de climatização
Hypocaustum
Bruno Fedeli

Apoio técnico de climatização
ClimaHelp
Fabrício Pessoa
Pedro Custódio
Leandro Souza

Transporte de acervos
Millenium Transportes
Andrews Eleuterio da Silva
Felipe dos Santos
Gustavo Silva Leão
Adenilson Martins
André Macedo
Benito da Silva Santos
Carlos Alberto de Oliveira
Cícero Emanuel Cavalcante Silva
Cícero Roberto da Silva
Daniel dos Santos Borges
Douglas Alessandro Silva e Silva
Ednaldo Nascimento dos Santos
Edson Francisco de Jesus
Eduardo do Gonzaga Lima
Geraldo Felix da Silva
Gleydson Prado da Rocha
Isailson de Souza Machado
Jailson Nogueira da Silva
Jefferson Araújo de Miranda
Jivanildo da Silva Machado
João Batista de Rezende Salles
José Edmario dos Santos Evangelista
José Joaquim de Sousa Filho
Júlio Barbosa de Oliveira
Lucio Pereira dos Santos
Marcos Paulo Ferreira da Silva
Ocílio Leite de Almeida
Ozorio Bragança Rangel Junior
Paulo Cesar Tomaz Ferreira
Paulo Roberto Nunes Ourique
Ricardo Patresy Bartolomeu de Barros
Roberto Oliveira de Souza
Ronaldo Moreira Magalhães
Sidney Simois de Paula
Valdigerran Pereira de Sousa
Valdir Oliveira da Conceição
Victor Pereira Alves
Wagner de Oliveira da Conceição
Wilson Silva dos Santos

Apoio a transporte de acervos
Lis Athayde Sayão (Supervisão)
Alice Aparecida Labarca Puelles
Angela Maria Gianeze Ribeiro
Carolina Paiva Zanesi Gomes

Projeto luminotécnico
Fernanda Carvalho Lighting Design
Fernanda Carvalho
Emilia Ramos
Luana Alves
Felipe Dans
Murillo Alves

Instalação de luz
Marcel Alani (Coordenação)
André de Oliveira Mutton
Jéssica Estrela
Kuka Batista
Matheus Ferreira
Nicholas Matheus Silva dos Santos Martins
Tais Alencar

Locação de equipamento audiovisual
Maxi Audiovisual
Beatriz Custódio
Beatriz Silva Santa Bárbara
Kamila Faustino
Weder da Silva Carneiro

Projeto de acessibilidade
Denise Cristina Carminatti Peixoto (Coordenação)
Nicole Palucci Marziale
Larissa Maria de Oliveira (Colaboração)

Projeto de educação
Denise Cristina Carminatti Peixoto (Coordenação)
Nicole Palucci Marziale
Fernanda Araújo Vieira
Thomas Félix Sousa Nizio

Produção de objetos multissensoriais
Célia Santiago
Clélia Lemos
Helaine Malca

Inclua-me Arte e Cultura para Todos
Marina Baffini de Castro (Coordenação)
Danielle Eugênio
Kleber E.C.
Roseli Garcia
Tiago Birolini

Sinalização visual e tátil
Casa do Braille Sinalização Visual e Tátil LTDA

Luiz Herzog (Coordenação)
Marcelo Rampazzi (Coordenação)
Miquéias Silva de Barros
Ricardo Pontes
Raphael Bottareli
Efeito Visual Estúdio Serigráfico
Marcos Camargo
Peterson Alves
Reinaldo Araújo
Renata Pacheco
Ricardo Dourado

Seal Acessibilidade
Cassiano Gimenez de Oliveira (Coordenação)
Luiz Tiago da Silva
Thais Cristina Cinotti Silva

Acessibilidade comunicacional e audiovisual
Igualde Comunicação de Acessibilidade
Mauricio Santana (Direção Geral)
Murillo Kraus Santana (Direção de Projetos)
Leo Rossi (Direção de Acessibilidade e Narração de Audiodescrição)
Amanda Cappia (Roteiro de Audiodescrição)
Andrey Batista (Coordenação e Consultoria de Libras)
César Medeiros (Produção)
Fernanda Kraus (Roteiro de LSE)
Guilherme Santos (Gravação e Edição de Libras)
Julee Terra (Coordenação e Revisão de LSE)
Lara Souto (Consultoria de Audiodescrição)
Marcos Paulera (Gravação e Edição de Audiodescrição)
Patrick Henrique Appugliese (Intérprete de Libras)
Rebecca Gomes (Gravação e Edição de Libras)
Thiago Barros (Coordenação e Direção de Audiodescrição)
Yu Ohtsuki (Produção)

Orientadores de público (da exposição)
Percebe – Pesquisa, consultoria e treinamento educacional
Maria Paula Correia e Djana Contier (Coordenação)
Graziele Scalfi (Pesquisa)
Théo Kiyoyuki Yano (Supervisão)
Amanda Spirandelli dos Santos
Emanoelle Navarro
Fernanda Lustosa
Gabriel Paulo Cabral Oliveira
Karolina Reis dos Santos
Ligia Balestra Vasconcelos
Luiz Gregório Gutierrez de Camargo
Marina Machado Brotero
Marcus Vinicius Barbosa Batista
Mariana Nonato Granero
Mathews Araujo Guimarães
Sophia Barros Costa

Apoio técnico equipe de orientadores de público
Ana Carolina Apolinário

Produção de eventos e ações culturais
Roberta Assadourian Santana (Coordenação)
Sammara Oliveira
Ingriddy Moreira
Matheus Flores

CATÁLOGO - EXPOSIÇÃO - LIBERDADE: BAIRRO PLURAL	
Organização Paulo César Garcez Marins Mônica Raísa Schpun	Revisão de textos Alyne Azuma
Produção editorial Cristiane Batista Santana (Coordenação) Erica de Oliveira Nascimento Maria Carolina Queiroz de Oliveira Sofia Gonçalves	Tradução Philip Somervell
Projeto gráfico Ana Heloisa Santiago	Fotografias, edição e tratamento de imagens da exposição Helio Nobre José Rosael da Silva
Composição Ana Heloisa Santiago Italo Massaru Felipe Ximenes	Gerenciamento fotográfico de imagens da exposição Thiago Malakowsky da Silva Ernandes Evaristo Lopes
Textos Paulo César Garcez Marins Mônica Raísa Schpun Aline Montenegro Magalhães David William Aparecido Ribeiro Francisco de Carvalho Dias de Andrade	Tratamento de imagens do catálogo Tamires Mazzo
Coordenação editorial Gian Carlo Rufatto	Licenciamento de imagens Camila Nader Martins
	Tiragem 1.500 exemplares
	Impressão <i>Ipsís</i>
CDD 307	
Bibliotecário responsável: Hálida Fernandes	
CRB-8/756	

ANGANA – Núcleo de Pesquisa e Educação Patrimonial em Territórios Negros de São Paulo Arquivo Histórico do Exército/ Museu Militar Conde de Linhares Arquivo Público do Estado de São Paulo Associação Okinawa Kenjin do Brasil Biblioteca Nacional Carta Capital Casa de Portugal de São Paulo Catedral Metodista de São Paulo Centro Cultural de Taipei Centro de Estudos da Cultura da Guiné Cúria Metropolitana de São Paulo Exército de Salvação Jornal São Paulo-Shimbun ISP – Primeira Igreja Presbiteriana de Formosa (Taiwan) de São Paulo MASP – Museu de Arte de São Paulo Assis Chateaubriand Museu da Cidade de São Paulo Museu Histórico da Imigração Japonesa no Brasil Museu de Arte Sacra de São Paulo Ocupação Jean Jacques Dessalines (MLB) Paróquia da Catedral Ortodoxa São Nicolau Paróquia Nossa Senhora do Líbano, Eparquia Maronita do Brasil Paróquia Nossa Senhora dos Remédios Pia Sociedade dos Missionários de São Carlos/ Missão Paz Sociedade Filarmônica Lyra Templo Busshinji Paulo Zanettini
Todos os esforços foram feitos para reconhecer os direitos morais, autorais e de imagem nesta exposição. Agradecemos qualquer informação relativa à autoria, titularidade e/ou a outros dados que estejam incompletos e nos comprometemos a incluí-los.
Índice remissivo:
As imagens das páginas 56, 91, 142, 200 (imagem 2), 227, 230 e 288 são de autoria de José Rosael.
As imagens das páginas 67, 77, 78, 79, 80, 81, 82, 83, 90, 98, 99, 104, 105, 109, 111, 112, 113, 114, 115, 118, 120, 121, 122, 123, 126, 127, 128, 129, 130, 131, 132, 133, 134, 135, 136, 137, 138, 144, 148, 149, 150, 151, 152, 153, 154, 155, 156, 157, 158, 159, 160, 168, 169, 170, 171, 172, 173, 174, 175, 176, 177, 182, 183, 184, 185, 188 (imagem 3), 189, 190, 191, 192, 193, 194, 195, 196, 197, 198, 199, 200, 201, 204, 206 (imagem 2), 207 (imagem 3), 208, 209, 210, 211, 212 (imagem 2), 213, 214, 215, 216, 217, 224, 225, 226, 231, 232, 233, 234 (imagens 1 e 3), 235, 236, 237, 238, 239, 240, 241, 242, 243, 248, 249, 250, 251, 255, 256, 257, 289, 290, 294 e 295 são de autoria de Helio Nobre.



MANTENEDOR



PATROCÍNIO MASTER



PATROCÍNIO OURO



PATROCÍNIO PRATA



EMPRESAS PARCEIRAS



PARCERIA DE MÍDIA



REALIZAÇÃO



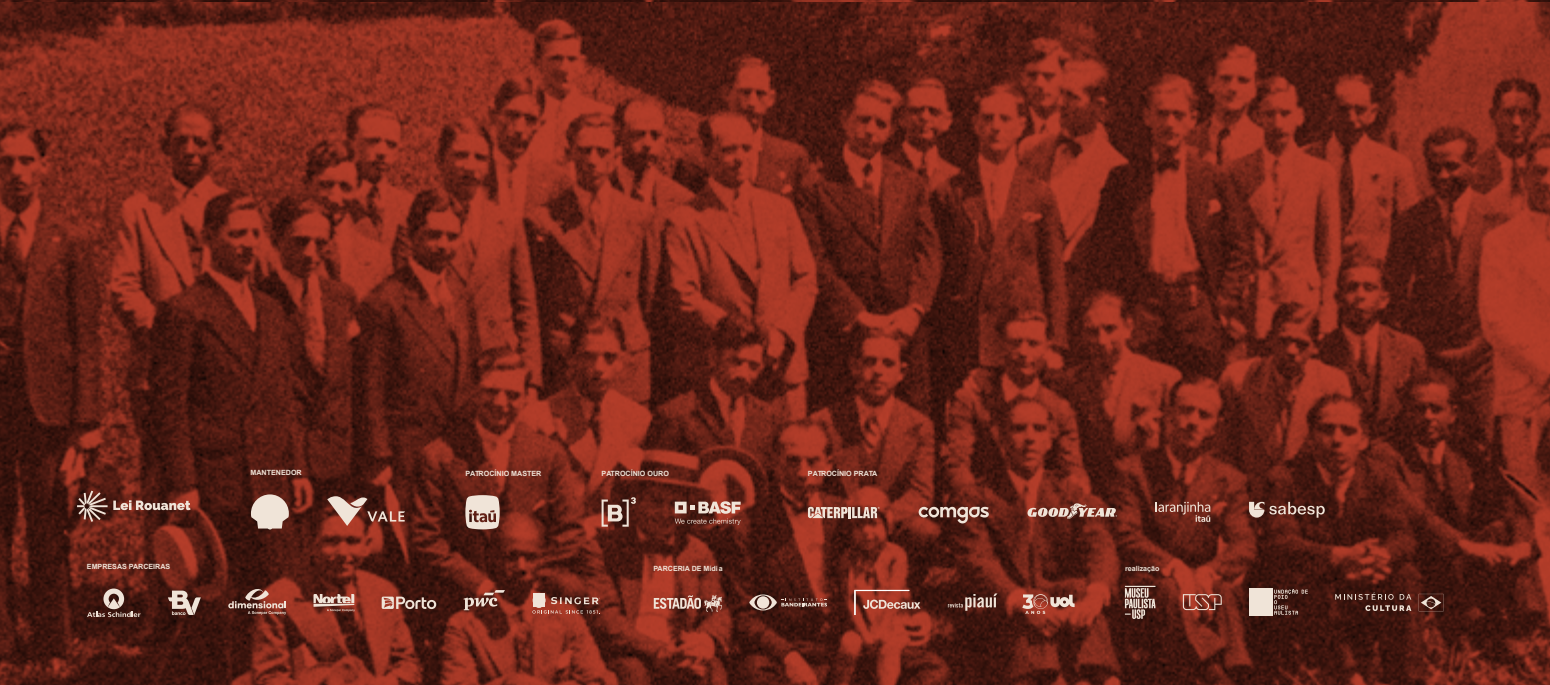
FUNDACÃO DE
APOIO
AO
MUSEU
PAULISTA

MUSEU
PAULISTA
- USP

ISBN 978-65-984479-4-6



ISBN 978-85-89364-22-5



Lei Rouanet

MANTENEDOR



VALE

PATROCÍNIO MASTER



PATROCÍNIO OURO



BASF
We create chemistry

PATROCÍNIO PRATA

CATERPILLAR

comgos

GOODYEAR

Iaranjinha
Itaú

sabesp

EMPRESAS PARCEIRAS



dimensional

Nortel

Porto

pwc

SINGER
ORIGINAL SINCE 1851

PARCERIA DE MÍDIA

ESTADÃO



JCDecaux

piatui

30vol

realização

MUSEU
PAULISTA
- USP

USP

GOVERNO DO
ESTADO DE
SÃO PAULO

MINISTÉRIO DA
CULTURA

